



Sacerdote e vítima

A SANTA MISSA NA HISTÓRIA E NA MÍSTICA

OU

INFORMAÇÕES E EXPLICAÇÕES DA ORIGEM,
DESENVOLVIMENTO E FIXAÇÃO DEFINITIVA
E UNIVERSAL DOS RITOS, CEREMÔNIAS,
ORAÇÕES, TEXTOS BÍBLICOS E ECLESIASTI-
COS DA SANTA MISSA, ACOMPANHADOS
DE PIEDOSAS CONSIDERAÇÕES E BREVES
SÚPLICAS, PRÓPRIAS PARA DESPERTAR IN-
TERESSE E ASSISTIR COM FRUTO
O SANTO SACRIFÍCIO DIVINO

POR

LIDVINO SANTINI S. J.



EDITORA VOZES LTDA.
PETRÓPOLIS — EST DO RIO

Preâmbulo

Copiosa e vasta é hoje a literatura sobre a história e a explicação da Liturgia.

Os ardentes desejos do Pai da Cristandade, Pio X, de ver renovado o antigo zelo e fervor pela Liturgia, encontraram eco em numerosos filhos que, sobretudo na Europa, se entregaram de corpo e alma ao estudo da história da Liturgia.

Os primorosos resultados não se fizeram esperar: fala em seu favor o conhecido movimento litúrgico que avassala os melhores espíritos do Velho Mundo, e que, graças a Deus, está repercutindo no Novo Mundo.

* * *

Pondo em prática o princípio que é necessário malhar enquanto o ferro estiver quente, descarregamos também a nossa martelada, cuidando preencher assim uma lacuna na nossa literatura sobre a Liturgia.

Damos ao público este volume de maior fôlego, no qual se apresenta, esplanada e desenvolve, a santa Missa. Vem nele descrito todo o grandioso complexo de cerimônias e orações que se baseiam em dados históricos e dogmáticos.

Visando, antes de tudo, proporcionar aos leitores um perfeito apanhado da doutrina dogmática sobre o sacerdócio de Cristo e seu sacrifício, bem como dar uma exposição dos dados históricos, concernentes às rubricas e cerimônias litúrgicas em

linguagem facil, fluente e desimpedida, resolvemos exonerá-lo dessa bagagem de citações que mais se prestam para ostentar erudição do que tornar amena a leitura.

O que fizemos foi ir às fontes puras e genuinas; e nelas haurimos e assimilamos, com toda a ingenuidade de quem coloca plena confiança nos esforçados exploradores da história da Liturgia, o que nos pareceu necessário, bom e util ao escopo a que se destina a obra, e, assim assimilado, reproduzimos tudo a nosso modo e segundo o plano preconcebido.

* * *

Facilitou-nos muito na confecção desta obra o esplêndido trabalho do Padre Beneditino Eugênio Vandeur, intitulado "A Santa Missa". E' obra que se recomenda. Para prova, basta referir que inaugurou em 1924 a sua sétima (7ª) edição francesa com uma tiragem que perfez os 45.000 exemplares, e foi traduzido em quasi todas as línguas européas, logrando ver duas, tres e mais edições em algumas delas.

Mas, quando não satisfizesse isto, basta, para apreciá-la, o eloquente testemunho do Santo Padre Pio X, que ao autor assim escreve por seu Secretário: "Apresenta-lhe o Sumo Pontífice as suas felicitações por haver prestado com dedicação e zelo o seu concurso neste campo, afim de tornar a excelência da s. Missa sempre mais conhecida e apreciada mediante a explicação histórica e mística de suas sublimes orações e comoventes cerimônias. Contribuirá por certo muitíssimo para que os sacerdotes celebrem com maior fervor os inefaveis mistérios dos nossos Altares e para que os fiéis deles participem com maior abundância de bens e a eles assistam com maior fé". (R. Card. Merry del Val. Do Vaticano, em 5 de novembro de 1912).

O Autor

INTROIBO AD ALTARE DEI

Entrarei ao Altar de Deus. Um dia, como um cervo acossado por matilhas, debatia-se Daví com mil inimigos, assim externos como internos, para livrar-se deles e levar vida mais tranquila. Mas só depois de longo, penoso e renhido combate, quando forças humanas já não lhe podiam valer, é que chamou por socorro do Alto: "Julgai-me, ó Deus, e separai a minha causa da gente ímpia; livrai-me do homem injusto e enganador!"

Foi, então, que, talvez arrebatado em êxtase, como o profeta Jeremias, entrou a contemplar os povos da terra, ascendendo ao monte Sião para lá celebrar a nova aliança; e os ouvia aclamar triunfalmente, lá do alto, aplaudindo aos que vinham carregados dos bens do Senhor, como trigo, vinho novo... e os via como em um jardim irrigado e florido, sem nunca elanguescer e entristecer-se: fortalecia-os o Senhor e lhes mudava o pesar em alegria. E o Senhor repetia: "Saturá-los-ei de graças; inebriarei as almas dos meus sacerdotes, e o meu povo usará à fartura dos meus bens" (Jr 31, 12-15).

Foi, então, repito, que Daví resolveu entrar ao altar do Senhor, erguido no monte Sião. — Introibo ad altare Dei.

* * *

O que Daví queria, e em êxtase via, não lhe foi possível obter. Qual Moisés, viu e suspirou pela terra em que corre leite e mel, viu e suspirou

pelo altar, em que se sacrifica o Cordeiro immaculado, mas, como Moisés, morreu sem entrar na terra prometida.

“Introibo ad altare Dei! — Sim, entrarei ao altar de Deus entrarei senão eu, ao menos, em um dos meus descendentes!

E a profecia se realizou. O Filho da Casa de Daví, Jesus Cristo, entrou ao altar de Deus, levantado no monte Calvário, levantado no monte Sião, que se multiplicou tantas vezes quantas são as igrejas do Senhor no mundo universo.

Mais. Daví entrou ao altar de Deus pelos sacerdotes, legítimos representantes de Jesus Cristo.

Daví encontrou seu socorro entrando em espírito ao altar de Deus.

Ah! Sacerdotes, ah! fiéis da nova aliança, que crime o nosso de aproveitarmos tão pouco de tão imenso tesouro de graças e bens espirituais, que nos aguardam junto ao altar!

Entremos ao altar de Deus; subamos, sacerdotes e fiéis, a este monte Sião e ingressemos no templo do Senhor, bem junto do altar do Calvário, onde possamos depor o nosso pão e vinho em sacrifício ao Senhor; e veremos renovada a nossa mocidade: do altar, toda a nossa força; do altar, toda a nossa alegria; do altar, todo o bem temporal, corporal, espiritual e eterno!

* * *

Subí, ó sacerdotes, a esta montanha do Senhor, do Deus vivo! Correi, povos, à fonte da Vida eterna!

Andam cruelmente atormentadas as nossas almas, como a de Daví! Devoram-nas fauces hiantes de feras esfaimadas! Sede devoradora mata-nos as almas, “animæ vestras sitiunt vehementer” (Ec 51, 32).

Ora, não é a Eucaristia Sacrifício e Sacramento? E não haveríamos de encontrar nela o que en-

controu Davi? Não haveríamos de encontrar nela o remédio prometido por Aquele que disse: "Eu sou o pão da vida; quem vem a mim não terá jamais fome; e quem crê em mim não terá jamais sede"? (Jo 6, 35). "Vinde, comei o meu pão, bebei o vinho, que vos hei preparado!" (Pv 9, 5). A minha Carne, dada por vós, o meu Sangue, derramado por vós, no dia da paixão e morte, e que agora o altar vos dispensa em lembrança, em realidade e em efeitos da minha imolação, vos é penhor de salvação e glória.

Sacerdotes e fiéis! ah! soubéssemos o que temos na santa Missa! Toma e lê este livro, e o saberemos, para o nosso maior proveito.

Deus, nosso Senhor e a Virgem Medianeira de todas as graças nos sejam propícios!

O SUMO SACERDOTE

Da leitura da epístola de S. Paulo aos hebreus colhe-se que o sacerdote ou o pontífice é aquele que é chamado por Deus, e escolhido dentre os homens, para ser deputado a ofertar sacrificio pelos homens e a dispensar outros mistérios divinos (Hb 5, 1).

E este homem, eleito dentre os homens por Deus, é, segundo a mesma epístola, o próprio Jesus Cristo. Sim. Cristo homem foi constituído por Deus, no mais rigoroso sentido da palavra, Sumo Sacerdote ou Sumo Pontífice na Igreja! E os Concílios Efesino e Tridentino, interpretando a carta do Apóstolo sob a direção do Espírito Santo, consignam que Cristo é o Pontífice e o Apóstolo dos homens, e que se ofereceu por eles a si mesmo a Deus Padre, sobre o altar da cruz, expiando-lhes os pecados e redimindo-os da morte eterna.

Cristo se ofereceu a si mesmo em sacrificio, é sacrificador e sacrificado.

Cristo, portanto, é sacrificador; é sacerdote; que quer dizer pessoa sagrada, que oferece a Deus coisas sagradas, como dádivas e sacrificios.

Cristo é sacerdote na plena acepção da palavra, pois nele divisamos os tres requisitos que S. Paulo aponta para todo sacerdote.

Para alguém ser sacerdote do Altíssimo deve ser chamado por Deus dentre os homens; deve ser deputado a desempenhar os ofícios e as cerimônias

que visam relacionar os homens com Deus e que traduzem a estrita dependência daqueles deste; deve, finalmente, oferecer a Deus os dons e sacrifícios, que os homens lhe atribuem em satisfação dos seus pecados (Hb 5, 1).

Ora, Cristo, como da mesma epístola se colhe, é verdadeiro homem descendente da estirpe de Adão; e é o chamado ao sacerdócio por Deus: "Assim também Cristo não se glorificou a si mesmo, a fim de se tornar Pontífice (Sacerdote), mas (foi glorificado por) aquele que lhe disse: "Tu és meu Filho, eu hoje te gerei" (Hb 5, 5).

Desta forma realiza-se em Cristo o primeiro requisito para que se lhe atribua a dignidade sacerdotal: **E' homem eleito por Deus dentre os demais homens.**

O segundo requisito não falha também, não. Em Cristo temos aquele **mediador**, qual há de ser o sacerdote, entre Deus e os homens, que deve reconciliar os filhos rebeldes com o Pai. Dí-lo expressamente o Apóstolo na mesma epístola, com as palavras: "E tornou-se a causa da salvação eterna para todos os que lhe obedecem" (Hb 5, 9).

O terceiro requisito para que alguém seja sacerdote é poder ofertar a Deus dádivas e sacrifícios em nome do povo, e em satisfação das culpas e penas. Mas isto temos em Cristo segundo as palavras de S. Paulo: "Cristo se ofereceu a si mesmo (em sacrifício) para apagar os pecados de muitos" (Hb 9, 28).

Cristo, portanto, é Sacerdote. E' mais: é **Sumo Sacerdote.**

Quão bem desenvolve e demonstra S. Paulo esta verdade!

Na mesma carta aos hebreus apresenta Melquisedec como o perfeito protótipo do sacerdócio de

Cristo. Diz simplesmente que Cristo é Sacerdote segundo a ordem de Melquisedec (Hb 5, 6; Sl 109, 4).

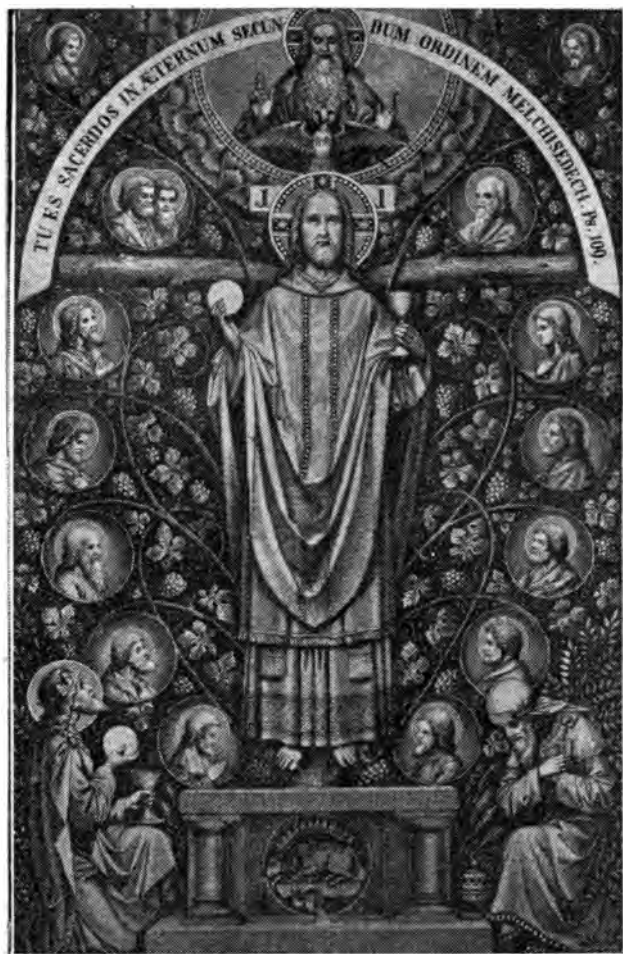
Mas quem era Melquisedec?

Era rei de Salém, sacerdote de Deus Altíssimo, que saiu ao encontro de Abraão, quando este voltava de destroçar os reis, e o abençoou. Por isso Abraão deu-lhe o dízimo de todos os despojos...

Daquí se colhe quão grande deve ter sido ele para até o Patriarca Abraão lhe dar os dízimos dos melhores bens. E certamente os que dentre os filhos de Daví recebem o sacerdócio têm o dever, conforme a lei, de receber os dízimos do povo, i. é, de seus irmãos, posto que também eles sejam oriundos do sangue de Abraão (Hb 7, 1, 2, 4, 5).

Do dito avalia s. Paulo a grandeza do sacerdócio de Cristo e a sua superioridade ao sacerdócio de Arão; por isso argumenta assim: — Os sacerdotes levíticos recebem os dízimos de seus próprios irmãos, porquanto descendentes dum e mesmo sangue, sangue de Abraão; o sacerdote Melquisedec, ao contrário, recebe-os de Abraão mesmo, pai de Israel. Mas isto proclama bem alto que Abraão se declarava inferior a Melquisedec; pois foi quem recebeu a benção; e quem “é inferior recebe a benção do superior” (Hb 7, 7). Fato este digno de especial consideração; pois Abraão era o depositário das promessas divinas, por vocação particular de Deus, distinguido dentre os demais homens, acumulado de bens e favores excepcionais e abençoado por Deus mesmo.

Sabia-o Abraão. Nenhum mortal lhe era superior; nenhum outro povo fora contemplado por Deus como o que dele haveria de nascer. Se, portanto, Abraão deu dízimos e pediu a benção de Melquisedec, fê-lo só porque viu em Melquisedec, por especial inspiração divina, o Sacerdote que havia de vir: o Sumo Sacerdote, Jesus Cristo.



O Sumo Sacerdote

Não é difícil ver nisso a grande dignidade do sacerdote Melquisedec ou antes do que ele representava, a saber, de Jesus Cristo. E, assim, como Abraão contemplara a Melquisedec superior a si em dignidade sacerdotal, assim seus descendentes, que compunham o sacerdócio levítico, o contemplaram superior a si mesmos; porquanto o próprio Daví pagou os dízimos a Melquisedec na pessoa de Abraão.

Sobreleva-se ainda esta dignidade do sacerdócio de Melquisedec, se se contempla a imperfeição do sacerdócio levítico. Muito bem o nota S. Paulo, que assim observa: "Se a perfeição tivesse podido ser realizada pelo sacerdócio levítico... que necessidade havia de que surgisse depois outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedec e não segundo a ordem de Arão? Pois, mudado o sacerdócio, é necessário que mude também a lei" (Hb 7, 11, 12).

Querendo Deus acabar de vez com a figura para passar ao figurado, mostrou aos homens que a figura do sacerdote do Novo Testamento já não seria Arão e seus descendentes, (pois que era a casta sacerdotal não em figura, mas em realidade) e sim Melquisedec.

E quão sábia e engenhosamente ordenou Deus isto!

O sacerdote da Nova Lei não podia deixar de ser um único; pois um único seria o sacrifício.

Ora, qual a figura, afora a de Melquisedec, que preenche os dois requisitos?

Melquisedec é a única, de todas as figuras de sacerdotes da Lei Antiga, que se amolda perfeitamente assim ao sacerdote como ao sacrifício da Nova Lei.

Um único foi Melquisedec, um único foi o sacrifício por ele oferecido a Deus: Um único foi

Cristo, um único foi o sacrifício por ele oferecido a Deus Pai.

Sim, Melquisedec foi o protótipo único de Cristo sacerdote; porque para Deus não pode haver mais que um sacerdote que faz juramento de o ser por todo o sempre. Fê-lo Cristo, não já Arão e seus sucessores, como no-lo diz S. Paulo: "Cristo foi declarado sacerdote por juramento divino. E por isso mesmo, Jesus se tornou o fiador duma aliança melhor (Hb 7, 20, 21, 22). Os outros foram feitos sacerdotes em grande número, porque a morte não lhes permitia durar sempre; mas este, porque permanece para sempre, tem um sacerdócio que não passa (Hb 7, 23 ss). Cristo, portanto, é o único sacerdote da Nova Lei, e isto segundo a ordem de Melquisedec.

Mas não é só o único sacerdote, é também o único **sacrifício** da nova Aliança; e isto outra vez segundo a ordem de Melquisedec e não de Arão; porque, no dizer de S. Paulo, a santidade e excelência do sacrifício de Cristo é tanta que Cristo não precisa como os sacerdotes levíticos de oferecer sacrifícios todos os dias. Um único sacrifício de Cristo satisfez a Deus pelos pecados, não só de um povo, digamos judaico, mas de todos os povos; não só pelos pecados de todos os povos dos tempos passados ou presentes, mas também dos tempos futuros, até à consumação dos séculos. E' que Cristo oferecendo a Deus o grande sacrifício não precisava oferecer antes um outro por seus próprios pecados, como os sacerdotes de Arão, pois que era imaculado, segregado dos pecadores.

Tambem nisso é Cristo sacerdote segundo a ordem de Melquisedec, pois, como este, também Cristo ofereceu um único sacrifício.

Por todos estes motivos é Cristo chamado por S. Paulo de Sumo Pontífice da Nova Aliança, o Sacerdote por excelência.

* * *

Cristo é, segundo a ordem de Melquisedec, o sacerdote por excelência, o Sumo Sacerdote, Superior a todos os sacerdotes da Lei Antiga; mas é também, segundo a ordem de Melquisedec, o sacerdote Rei; porque Melquisedec é o tipo de Cristo-Rei.

Rei foi Melquisedec, além de sacerdote. Rei é Cristo, além de sacerdote. Mas, como Melquisedec não foi rei qualquer, assim o não é Cristo". Malkizedek significa "rei de justiça" (Hb 7, 2). Ora, Cristo fora anunciado desde séculos como o "Pai da Justiça". Foi de Cristo, o prometido Messias, que Jeremias disse: "Aquele tempo farei brotar a Davi um renovo de justiça, que fará juízo e justiça na terra" (Jr 33, 15).

A figura de Melquisedec, rei de Salém, não falha no figurado, Jesus Cristo, Rei de Salém, i. é, da paz.

Quem melhor que Cristo merece o título de Rei da paz? Já Isaias o anunciou sob este nome: "O Príncipe da paz" (Is 9, 5).

Sim, ninguém sabe e pode dar ao mundo a paz que dá Cristo. Ele dá a paz, não como a dá o mundo (Jo 14, 27). Dá a paz que o mundo ignora: a paz da alma, dos corações. Onde Cristo domina só pode dominar a paz; pois Cristo e paz são termos idênticos. Ele mesmo será a paz" (Mq 5, 5).

Melquisedec é ainda a figura fiel de Cristo quanto à sua origem. Melquisedec aparece na Sagrada Escritura "sem pai, sem mãe, sem genealogia, sem princípio de dias, sem fim de vida e tornou-se as-

sim semelhante ao Filho de Deus” (Hb 7, 3), “que é sem pai aquí na terra, como homem, e sem mãe lá no céu, como Deus”, no dizer de S. Crisóstomo.

* * *

Diz-se ainda Cristo, Sacerdote segundo a ordem de Melquisedec, porque, como este ofereceu a Deus o sacrifício de pão e vinho, assim Cristo oferece a Deus a si mesmo em sacrifício sob as espécies de pão e vinho.

* * *

Há em Cristo-Sacerdote, finalmente, mais uma nota que não se pode aquí passar em silêncio. Ele é Sacerdote “in æternum”; e isto outra vez, segundo a ordem de Melquisedec, como consta das palavras reveladas: “Tu és Sacerdote por toda a eternidade segundo a ordem de Melquisedec” (Sl 109, 4); e S. Paulo confirma isto mesmo, dizendo: “Este (Cristo) permanece para sempre, tem um sacerdócio que não passa” (Hb 7, 24).

O sacerdócio de Cristo teve princípio, mas não terá fim. Cristo foi feito Sacerdote no tempo, e já no primeiro instante de sua concepção; e exerceu o sacerdócio mediante a natureza humana, em virtude da união hipostática; e continua a exercê-lo no céu; sentado à direita do Pai, intercedendo por nós; e na terra sobre os nossos altares, oferecendo-se a si mesmo como sacerdote e sacrifício, como sacrificante e sacrificado na pessoa de seus vigários visíveis, os sacerdotes católicos.

Cristo, portanto, é o Sacerdote principal; melhor, é o único Sacerdote da Nova Aliança, cuja duração é eterna, infinita. Exerceu na cruz o ofício de sacerdote de modo visível e foi nela a vítima cruenta; nos nossos dias continua a exercer in-

visivelmente, o mesmo ofício e a sacrificar-se, incruentamente, nos nossos altares. Para ser de algum modo visível, fá-lo mediante homens, que investem de seu poder sacerdotal, dizendo-lhes: "Fazei isto em memória de mim".

Daquí provém toda a dignidade do sacerdócio na Igreja Católica. Daquí o apelar-se o sacerdote católico de "alter Christus" — outro Cristo. — Daquí o atribuir-se ao sacerdote católico o que se atribue a Cristo, dizendo dele: "Tu es sacerdos in æternum secundum ordinem Melchisedech" (Sl 109, 4).

E isto tudo se diz do sacerdote católico, porque não é mero instrumento nas mãos de Cristo, como o é a pena com que escrevo, mas é algo mais.

Explico-me: O instrumento não merece louvor, honra e glória; pois quem tal tributaria a uma pena, embora concorra para produzir obra prima de literatura? E' que a pena age segundo for movida pelo escritor, como causa sua principal; e tanto faz quanto direta e imediatamente é movida; nada mais e nada menos.

Não assim o sacerdote: é algo mais nas mãos de Cristo. O sacerdote é mais que instrumento, é mais que mera causa instrumental: é **causa ministerial**. A causa ministerial consiste em que ela **subministra** e **prepara** tudo o que o agente deve ter ou é conveniente que tenha para poder agir; porque assim o reclama, quer a disposição intrínseca da coisa, quer a disposição extrínseca e positiva do mandante.

A causa ministerial, portanto, deve ser dotada de inteligência e vontade; pode, por conseguinte, frustrar, até certo ponto, os intentos do que dela pretende valer-se, não mesmo excluído o próprio Deus. Pode tornar-se conseguintemente desmere-

cedora ou merecedora das suas obras, porque delas responsável.

Daquí a dignidade suma e a responsabilidade tremenda do sacerdote, vigário de Cristo.

Não é um mero instrumento nas mãos de Cristo-Sacerdote; mas é um meio ministerial. Deu-se a Jesus livremente de corpo e alma para, por seu meio, exercer as funções sacerdotais e perpetuar em sua pessoa o sacerdócio visível cá no mundo.

Cristo-Sacerdote veria irremediavelmente frustrada a sua obra de redenção, no dia em que já não contasse com um homem-sacerdote; não porque não lhe fosse possível uma nova ordem de coisas na grande e maravilhosa economia da redenção do género humano, mas porque a suave providência divina assim dispôs.

Cristo, o Sumo Sacerdote, o Sacerdote principal, continuará a exercer seus atos sacerdotais na terra só na pessoa de seus vigários visíveis: os sacerdotes católicos legítimos.

Deus, na sua infinita Providência, vigiará e fará com que seu divino Filho possa encontrar sempre, até à consumação dos séculos, homens dignos e fiéis que se prestem com júbilo e alvoroço como suas **causas ministeriais**, para que possa dispensar, por intermédio deles, os frutos inestimáveis do sacrifício da cruz, renovado de modo incruento no santo Sacrifício da Missa.

* * *

O' grande Pontífice! O' Sumo Sacerdote, Jesus Cristo, é então verdade que pusestes nestas criaturas, que se dizem homens, os vossos complacentes olhares?

"Ecce ancilla Domini fiat mihi secundum verbum tuum". Como a Virgem Maria, dado o seu con-

sentimento, se tornou corredentora do gênero humano, assim estas criaturas dão o seu consentimento, e tornam-se sacerdotes vossos; antes tornam-se um outro vós, um “outro Cristo” — Alter Christus. — Cala-te, língua! Pára, pena! porque é mais imponente o silêncio e mais significativa a carta em branco!

TU ES SACERDOS IN "ÆTERNUM"

1. O grande passo para o sacerdócio. — 2. Alter Christus. — 3. O sacrifício. — 4. O sacrifício da nova aliança. — 5. O santo sacrifício da missa. — 6. A eucaristia-sacramento.

1. O grande passo para o sacerdócio

O grande passo. Muitos e importantes passos tem dado o sacerdote: passos para Deus.

O primeiro transportou-o para além do abismo, que separa o homem não batizado de Deus: foi transformado em templo do Espírito Santo; tornou-se criatura grata a Deus, porque a ele consagrada e por ele santificada: sobre ele pousaram os olhos divinos com agrado e complacência...

* * *

E os dias e os anos se sucediam rápidos. Deus olhava-o com agrado. Dois corações se amavam: Jesus e ele se uniram. Jesus deu-se todo a ele na sagrada comunhão. Foi o segundo importante passo para Deus.

Não já pelos padrinhos; mas por si mesmo renunciou no dia da primeira comunhão ao demônio, às suas honras, pompas e glórias. Rejubilaram os céus...

* * *

E os dias e os anos se sucediam ainda mais rápidos. Deus usava de deferências amorosas para com ele. Abria-lhe com carinho a estrada dos seus

passos. Mandava seu anjo para apartar do caminho as pedras que o podiam fazer tropeçar e lhe maguar os pés.

Mandava sua Mãe para lhe estender a mão nos dias de trevas: houve um tempo de trevas no caminho do Senhor e de luzes no caminho de Lúcifer. Foi o tempo em que se lhe abriam os olhos;... E a Estrela do Mar foi o seu farol norteador. Em dias de fraqueza, mandava seu Filho para alimentá-lo do Pão dos fortes. Deus pôs seus olhos amorosos nele...

* * *

Saiu forte da luta. Por que se não abalançaria a um novo importante passo para Deus? Fê-lo. União mais íntima não perfazem os laços do amor, do que a que criou uma alma com Deus, pela emissão dos santos votos.

Desta vez não só renunciou ao demônio e suas obras, como fez no batismo e na primeira santa comunhão; renunciou, outrossim, ao mundo e à carne, com o deslumbrante cortejo de bens e gozos legítimos que o mundo pode oferecer.

Deus o amou, e ele amou a Deus.

Jesus amou-o, e ele amou a Jesus.

A Virgem amou-o, e ele amou a Virgem.

A Côrte celeste amou-o, e ele amou a Côrte celeste...

* * *

Tres grandes e importantes passos esses que deu! Tres grandes venturas, na verdade!

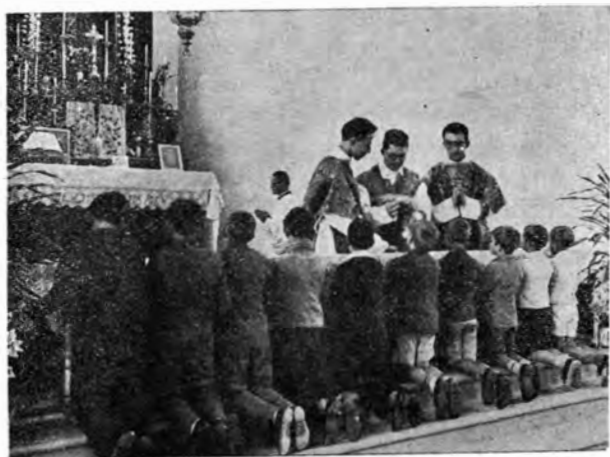
Mas o quarto, "O Grande Passo", vence em importância e em ventura os tres.

Com o primeiro travou relações de amizade com Deus; com o segundo estreitou as relações de amizade a ponto de familiarizar-se com Deus; com o terceiro, enfim, passou da familiaridade à conso-

ciabilidade. Celebrou núpcias divinas. Esposou o Esposo divino. E seria possível um quarto passo para Deus neste mundo?

Poder-se-ia idear um consórcio mais íntimo com Deus do que o de esposos?

Deus o pode! E Deus ideou-o. O consórcio que une o sacerdote a Deus é tal qual jamais criatura alguma houvera sonhado.



“A primeira santa Comunhão”

E ele deu o passo, o quarto grande passo; o passo que o elevou tão perto de Deus, que, por pouco, não se tornou um outro Deus.

E' Sacerdote do Altíssimo, Ministro de Deus, Levita do Senhor, um “Alter Christus” — um outro Cristo — o Ungido do Senhor.

Eis o grande passo!

* * *

Ele o confidente íntimo de Deus! Ele chamado por Deus não servo, mas amigo! “Já não vos digo servos, mas amigos” (Jo 15, 15).

Todo o poder lhe foi dado no céu e na terra. O que ele ligar na terra será ligado no céu; o que desligar na terra será desligado no céu.

Jesus seu amigo! Ele é um outro Cristo; Cristo é um outro ele.

Identificam-se os seus ideais, as aspirações e os seus poderes sobre Deus Padre e sobre os homens, seus irmãos. Manda a Deus que desça sobre o altar do Sacrifício; e Deus, obedecendo, desce.

* * *

Oh! o grande passo! O' passo venturoso!

Já está dado. O carater sacerdotal está indelevelmente impresso em sua alma!

“Tu es Sacerdos in æternum”.

Passo, em verdade, grande e de grandes responsabilidades!

Mas “alea jacta est” — o dado está lançado. — Já não há recuar. E por que haveria de recuar? Amedrontam-no acaso as responsabilidades? Assoberbam-no as dificuldades? E' -lhe nimiamente pesada a cruz?

Mas não se tem assentado à direita de Jesus, só quando se persuadiu que poderia e saberia beber do cálice por que bebeu Jesus?

E não se persuadiu disso só confiado naquele que sabe e pode e quer confortá-lo? Tudo pode naquele que o conforta!

2. Alter Christus

Um outro Cristo! Um outro Ungido do Senhor! Um outro Eleito de Deus — Já não vos direi servos, mas amigos meus! — Um outro Mediador, enfim, entre Deus e o homem! — E' a escada de Jacó, por que descem e sobem os anjos da graça divina!

Chama-se Sacerdote do Altíssimo! — Tu es sacerdos in æternum! — E' quem dispensa as coisas sagradas; quem se apresenta como intermediário entre Deus e os homens: entre Deus, de quem recebe, e os homens, a quem distribue; entre Deus, a quem oferece as dádivas, e os homens, que o incumbem da tarefa de as dispensar a eles.

Chama-se um outro Cristo; porque é em terra um seu verdadeiro substituto. Substitue a Cristo como verdadeiro Mediador.

Se S. Paulo diz que há um único e verdadeiro Mediador que é Cristo, o qual se entregou a si mesmo à morte para resgatar o gênero humano e satisfazer ao Pai pelos homens, diz com isso que Cristo é, outrossim, o único Sacerdote. E único Sacerdote ele é na verdade! Mas, doutro lado, ensina a fé que, como Ministro do altar, é o padre verdadeiramente mediador, verdadeiramente sacerdote. Como se entenderá isto? Do modo mais simples. Considerado como pessoa privada, não é senão um homem como os mais; mas, como Ministro de Deus, representa Jesus Cristo mesmo, de quem recebe todo o poder, autoridade e eficácia de sua mediação.

Duplo poder lhe é conferido: um que exerce sobre o Corpo e Sangue de Jesus Cristo; outro que exerce sobre o seu corpo místico, que é a Igreja ou a reunião dos fiéis. O primeiro torna-o um sacrificador; o segundo, um padre, um doutor, um médico, um juiz. Mas tudo isto, todas estas funções exerce-as só em nome de Cristo.

Cristo, pois, é o único Mediador entre Deus e os homens; e se a fé diz que o padre o é também, só o é porque Cristo está nele. Eis por que é um — alter Christus! — um outro Cristo no pleno rigor da palavra!

* * *

Agora, sim, nos damos conta da solenidade das cerimônias litúrgicas com que o Pontífice do Senhor consagrou Sacerdote ao néo-presbítero!

Escolheu ele a hora mais solene; a do santo Sacrifício da Missa. Antes de o ordenar, interrogou a todos os presentes, mais uma vez, depois de o haver feito já antes com extremo cuidado, se eles o consideravam digno, tanto quanto o possa ser uma criatura, para receber a ordem sacerdotal.

Não havendo quem se lhe opunha, o Consagrante dirige-se ao Consagrando. Lembra-lhe, com força e unção, a grandeza dos deveres, de que o sacerdote assume a responsabilidade. Invoca a adorável Trindade, Maria, Mãe de Deus, os Apóstolos, os Mártires, os Confessores, as Virgens, toda a Côrte celeste, para que lhe venham em auxílio, dizendo: "Senhor, dignai-vos abençoar, santificar e consagrar o vosso eleito!"

Avança o consagrando para o altar. O bispo, em silêncio, põe-lhe sobre a cabeça as mãos. Fazem depois o mesmo os sacerdotes presentes ao ato, um após outro. Por fim, todos, a uma, estendem sobre ele a mão direita. Momento solene! Momento em que se imprime na alma do novel levita o carater indelevel de sacerdote; é a graça sacramental, que o bispo lhe obtém pela recitação das palavras do Sacramento da Ordem! E' agora que o Espírito do Senhor vem repousar sobre sua cabeça. Afigura-se-lhe, então, que se abrem os céus, como outrora se abriram sobre as águas do Jordão, e que ouve a voz do Pai a dar testemunho deste seu novo Cristo: "Este é meu filho amado, em quem pus as minhas complacências". E, de feito, Jesus é quem neste momento renasceu nele! Apraz a Cristo perpetuar sua estadia entre os homens, nascendo sempre de novo em cada néo-sacerdote.

Sente-se o recém-ordenado sacerdote do Altíssimo — Tu es sacerdos in æternum — Por tal o reconhece o Consagrante; passa por isso a revesti-lo dos hábitos sacerdotais: cruza-lhe a estola por sobre o peito, símbolo comovente da cruz que pesou nos ombros do Sacerdote eterno, Jesus Cristo, no dia do seu sacrifício; põe-lhe a cásula, símbolo do amor; unge-lhe as palmas das mãos com o óleo dos catecúmenos, em forma transversal, do polegar de uma mão ao índice da outra, dizendo: “Senhor, dignai-Vos consagrar e santificar estas mãos com a unção e com a nossa bênção, para que tudo quanto elas abençoarem seja abençoado, e tudo quanto consagrarem seja consagrado e santificado em nome de N. S. J. C.”.

Passa, em seguida, a entregar-lhe os instrumentos. Faz-lhe tocar o cálice que contém água e vinho, e a patena com a hóstia, dizendo: “Recebe o poder de oferecer o sacrifício a Deus; e de celebrar a Missa pelos vivos e defuntos, em nome do Senhor”.

E passa imediatamente, acompanhando o bispo, a celebrar a sua primeira santa Missa. Comunga, pela primeira vez, sob as duas espécies sacramentais. Depois disso, impõe-lhe o consagrante novamente as mãos na cabeça, dizendo: “Recebe o Espírito Santo: a quem perdoares os pecados, ser-lhes-ão perdoados; a quem os retiveres, ser-lhes-ão retidos”. Poder inaudito! E sente objetar-lhe, como outrora Jesus foi aparteado pelos escribas: “Mas quem pode perdoar os pecados, senão Deus?” (Mc 2. 7). De pleno acordo! E’ preciso ser Deus para poder absolver um pecador; mas por isso mesmo é chamado na Sagrada Escritura: “Vós sois deuses”.

E' o próprio Deus que assim apelida aos Levitas da Antiga Lei, em vista do poder extraordinário de que foram revestidos.

Na verdade, é um Deus quanto ao poder de perdoar os pecados ou de os reter; porque está nele o poder de Jesus, o poder de Deus. — E' um outro Cristo. — E' o depositário do divino poder, mediador entre Deus e os homens, imagem visível do Grande Pastor de ovelhas.

* * *

Oh! não fora a graça da fé, meu Deus, nunca acreditaria em tal! Não fora a graça do vosso amor, nunca homem algum se abalancara a tanto! O sacerdote um outro Cristo?! Um Deus! Compreendo que vós, Jesus, mandeis ao homem que seja perfeito como vosso Pai no céu é perfeito; mandais que aprenda de vós a humildade e vos imite em tudo, porque sois o Deus feito homem e o néo-presbítero, um homem feito Deus: — Alter Christus!

3. O sacrificio

E' chegado o momento soleníssimo, em que o néo-sacerdote sobe ao altar para oferecer o sacrossanto sacrificio da cruz.

Que é um sacrificio? O sacrificio verdadeiro e propriamente dito, segundo no-lo define o próprio Espirito Santo por boca de Moisés e S. Paulo, é a oblação de coisa sensível com a sua destruição quer parcial, quer total, quer seja física (como se dá com o holocausto) quer mística, (como se dá com a libação e efusão de vinho ou água) efetuada por um ministro legítimo e feita só a Deus, com o fim de manifestar os sentimentos internos, com que o homem deve reconhecer o seu supremo domínio. Desde que há memória do homem decaído, não faltaram sacrificios entre os povos.

Passando pelos mais, limito-me a apontar o de Melquisedec, narrado nas Escrituras, e que tem, por isso mesmo, o testemunho infalível do Espírito Santo, e que é muito próprio para o nosso caso.

Melquisedec ofereceu a Deus o sacrifício de pão e vinho, símbolo perfeitíssimo do sacrifício da Nova Aliança, em que o pão, pelo poder das palavras da consagração, se transubstancia em Corpo de Cristo, e o vinho em Sangue de Cristo. Recordo ainda o sacrifício da lei mosaica, que é considerado debaixo de quatro pontos de vista, devido aos quatro diversos fins: O sacrifício **latrêutico**, que visa direta e exclusivamente, segundo a intenção do sacrificante, o fim de reconhecer por ele o supremo e inalienável domínio de Deus sobre tudo o que existe. Por isso, neste sacrifício há destruição total da oferta ou vítima, há destruição física; e é por isso dito **holocausto**. — O sacrifício **eucarístico**, que visa diretamente o fim de render graças a Deus pelos favores e benefícios outorgados; e chama-se "**hóstia pacífica**". — O **impetratório**, que visa a obtenção de novas graças e novos benefícios. — O **propiciatório** que visa aplacar a Deus, e por isso é chamado também **satisfatório**, cujo escopo é oferecer a Deus vítimas em expiação dos pecados, em satisfação das penas devidas pelos pecados, e chama-se "**hóstia pro delicto**" e "**hostia pro peccatis**".

Do dito se colhe que o sacrifício tem como fim reconhecer a perfeição infinita do Ser Divino e do seu soberano domínio sobre quanto veio à existência por seu infinito poder. O reconhecimento do Ser perfeitíssimo, que é Deus, é uma **Eucaristia** ou agradecimento no pleno rigor da significação do termo; ela abrange em sua verdadeira aceção as idéas da **adoração**, em virtude da qual o homem se aniquila na presença da divina Majestade; da **gratidão**, que leva o homem a exaltar os benefícios

recebidos de Deus; da **impetração**, que induz o homem a implorar as graças de que necessita; da **expição**, que faz com que se obtenha a supressão da justa ira do Senhor, prestes a fulminar sobre o homem o seu tremendo castigo.

Estes são e devem ser os quatro fins que visa todo e qualquer sacrifício que se oferece à Divindade, os quais se podem reunir em um único, que é o de **unir intimamente o homem a Deus**; e chama-se a **Eucaristia-Sacrifício**.

4. O sacrifício da Nova Aliança

Exposta a noção geral do sacrifício, qual é entendido por todas as religiões verdadeiras e falsas, releva acentuar mais a significação do sacrifício da Nova Lei, o sacrifício da religião revelada, o sacrifício da religião cristã, o único aceitavel a Deus, sendo o único prescrito por ele próprio. Abrogando Deus a religião mosaica, aboliu o sacrifício que nela fora ordenado; e, fundando uma religião diversa da de Moisés, estabeleceu um sacrifício diferente do de Moisés.

Cristo, o Filho de Deus, veio ao mundo para fazer a vontade do Pai, que o enviou. E Cristo executou a vontade do Pai. Depois de haver aperfeiçoado a lei de Moisés e modificado a religião judaica, instituiu um sacrifício digno da lei e da religião divinamente acabadas: é o sacrifício de um homem-Deus.

A natureza humana, unida hipostaticamente à Pessoa divina, isto é, ao Verbo, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, não pratica ação que não se deva atribuir à Pessoa; ora, em Jesus há uma única Pessoa, e esta é divina; Jesus é Deus, e o que Deus faz é ato de valor infinito e, se bem que o sacrifício seja da natureza humana, todavia o

sacrifício de Jesus é ação que se deve atribuir à Pessoa divina, ao Verbo; mas a ação do Verbo é infinita, logo, infinito é o sacrifício; logo, o sacrifício do homem-Deus é de valor infinito. Portanto, de todos os sacrifícios é o sacrifício de Cristo, o Homem-Deus, que de um modo mais perfeito preenche os quatro fins acima expostos; porque, considerada a dignidade da vítima imolada em holo-



Passaram-se os tempos de fazer a Iª Comunhão em avançada idade como estas moças

causto, que vítima houve jamais ou haverá que supere em dignidade ou excelência a Vítima divina, Jesus Cristo? O sacrifício de Cristo, embora um único, valeu infinitamente mais do que os milhões e bilhões de vítimas puramente humanas ou irracionais de todos os tempos.

Esta é a verdade que a Igreja definiu nos Concílios Efesino e Tridentino, quando disse que Cris-

to se ofereceu a Deus Padre sobre o altar da cruz, para lá efetuar a nossa eterna redenção.

Sim, a morte de Cristo sobre a cruz foi um verdadeiro sacrifício. Em Cristo temos o sacerdote constituído por Deus desde toda a eternidade e por isso legítimo. Em Cristo temos a vítima sensível, verdadeira e realmente imolada na cruz. Temos, portanto, os dois requisitos essenciais para todo sacrifício: o **sacerdote** e a **vítima**. (N. B. Não é requisito essencial que seja o sacerdote quem mate a vítima, mas sim quem a ofereça). Em Cristo temos outrossim perfeitamente verificados os quatro fins do sacrifício: Cristo por sua morte na cruz reconhece o supremo domínio de Deus, aplaca a divina Majestade, expia as penas dos pecados, impetra novas bençãos do alto e rende graças a Deus pelos benefícios já recebidos.

5. O Santo Sacrifício da Missa

Enquanto houver homens sobre a terra é mister que haja sacrifícios; e isto por força dos fins que visa todo sacrifício: o reconhecimento da soberania absoluta de Deus, o rendimento de graças ao Senhor pelos benefícios recebidos, a impetração de novos favores divinos e o aplacamento da ira divina, ofendida pelos pecados, e a satisfação das penas merecidas.

Ora, que outro sacrifício poderia ser mais grato a Deus e preencher de modo mais perfeito a finalidade do sacrifício do que o sacrifício do Homem-Deus?

Eis aquí por que, fundando Cristo sua religião sobre a terra, lhe deu um novo sacrifício, que é a continuação do sacrifício oferecido outrora, cruentamente, sobre o Calvário: o sacrifício da Missa!

O sacrifício da Missa é um verdadeiro sacrifício; porque é, primeiro, um ato **público** efetuado segundo um **rito** determinado e por **ministros** para isso especialmente deputedos. Este rito e estes ministros foram instituidos por Deus mesmo, que aboliu o rito e os mistérios da Lei Antiga. Por isso, de todos os sacrifícios, é o da santa Missa o único aceitavel a Deus, porquanto é ele a renovação e a aplicação daquelle do Calvário, do qual tem a plena efficácia.

E', em segundo lugar, verdadeiro sacrifício, porque se oferece na Missa uma coisa **sensível**, que é o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, debaixo das espécies de pão e vinho, o mesmo Corpo e o mesmo Sangue que um dia ficou imolado no alto do Calvário, oferecido pelo próprio Sumo Sacerdote, Jesus Cristo. Se há uma diferença entre os dois, esta consiste em que o Sacrifício do Calvário foi cruento; em que no Calvário Cristo se ofereceu pessoalmente sem ministros, enquanto nos nossos altares se oferece mediante o ministério dos Sacerdotes; em que no Calvário o sacrifício nos mereceu a **redenção**, e nos nossos altares, a **aplicação** dos frutos dela.

Portanto, não há motivo algum para negar que o Sacrifício da Missa seja verdadeiro sacrifício: temos nela o **Sacerdote** e temos a **Vítima**.

6. A Eucaristia — Sacramento

O que fica dito a respeito do sacrifício seria incompleto se passássemos em silêncio um elemento, não digo essencial, mas integral de todo o sacrifício: A Eucaristia-Sacramento.

Parece provado que a todos os sacrifícios, assim pagãos como judaicos, estava anexa a idéa de que, para ser completo o sacrifício, era mister unir-se

à divindade com a participação efetiva e real das vítimas: isto é, com a comunhão, como diríamos hoje, em que se come da vítima.

Fosse como fosse a idéa dos pagãos e judeus a respeito da comunhão, o certo é que o sacrifício da Missa, não só é Eucaristia-Sacrifício, senão também Eucaristia-Sacramento. Sim, no sacrifício da Missa a criatura não só se dá inteiramente a Deus em holocausto, mas é por Deus convidada a assentar-se à sua mesa celeste, sobre a qual ele oferece a comer e a beber aquela mesma vítima, a carne e o sangue preciosíssimos de Jesus.

O' alimento divinizado pela consagração! Alimento divino! O Corpo e o Sangue unidos à alma e à divindade de nosso Senhor Jesus Cristo! Alimento único; pois só ele tem a virtude de operar a fusão de Deus com o homem, união que proporciona à criatura bens inúmeros, que a transforma e a torna sempre mais semelhante ao seu Criador.

Que realidade consoladora! Pela Eucaristia-Sacramento ou pela comunhão que devo fazer, sempre que celebro, uno-me de modo admirável a Deus; nutro-me com a substância divina; sou de certa maneira divinizado; preparo-me insensivelmente para a páscoa da vida eterna.

* * *

Quer-me agora parecer que não é necessário insistir ainda no valor do santo sacrifício da Missa. E' mais que evidente. Aquí temos um Deus que se imola, um Deus que é imolado. Que cúmulo de mistérios!

Entretanto, importa lembrar que o sacrifício da Missa é de valor infinito, para que ninguém se excuse de não ter encontrado o suficiente para si. E' um mar inexaurível de graças e benefícios. Só quem bebe deste mar agrada a Deus; só quem as-

siste à santa Missa presta a Deus o sacrifício por ele aceito. Afora o sacrifício da Missa, nenhum outro pode ser agradável a Deus e proveitoso ao homem e tão proveitoso, que os santos do céu participam da sua glória, as almas do purgatório e os vivos da terra gozam superabundantemente dos seus benefícios. E' que o sacrifício da Missa constitue o único holocausto verdadeiramente digno do Senhor, em que se sacrifica o Cristo sempre vivo para interceder em nosso favor. Aquí, como sobre a cruz, o Cristo se constituiu o vínculo vivo que nos une a Deus.

No santo sacrifício da Missa temos o ato em volta do qual gravita e dele se irradia o próprio sacrifício da Redenção. Sim, na santa Missa, aquele mesmo sacrifício, oferecido um dia sobre o Calvário, assume a condição como de coisa que ocupa a circunferência, como de um satélite gravitando em volta do sol, como de uma fonte viva que deságua no oceano. A santa Missa é o centro, é o sol e é o oceano onde se concentra o próprio sacrifício do Calvário, ou melhor, a santa Missa torna continuamente presente o sacrifício do Calvário que é eterno, e ao mesmo tempo perpetuado no tempo, no céu perante Deus e na terra entre os homens; é o mistério da consumação de todos os designios de Deus, realizado um dia e renovado por todos os séculos até ao fim do mundo.

* * *

E' tendo presente o exposto que o sacerdote deve oferecer o tremendo ato religioso. Oxalá se aproximasse sempre para o futuro da ara sagrada do Senhor com estas disposições de alma que o dominam ao presente!

Quem dera, pudesse comunicar e, comunicadas, conservar estas mesmas santas e invejáveis disposições nas almas de todos os assistentes ao santo e inefável sacrifício da Missa! Quisera, sim, que todos os cristãos se persuadissem de vez por todas ser o santo sacrifício da Missa o ato de religião mais necessário!

PARAMENTANDO-SE

1. O amicto. — 2. A alva. — 3. O cingulo. — 4. O manípulo. — 5. A estola. — 6. A casula. — 7. A dalmática.

O sacerdote é no altar o substituto e representante de Jesus Cristo. Para apresentar-se dignamente diante de Deus Padre, e da Côrte celeste, deve trazer na alma o ornamento das virtudes daquelle que representa.

O sacerdote deverá apresentar-se diante do Pai celeste como um outro Jacó diante de Isaac, vestido das vestes de Esaú, o primogênito. Exultará Deus por aquella fragrância que se desprenderá do coração de seu Filho primogênito e unigênito, oculta debaixo das vestes deste sacerdote. Manda a Igreja, qual outra Rebeca, vestir o sacerdote de vestes não suas, como para atrair sobre si, por esta piedosa fraude, a complacência divina, e tornar o sacrificio incruento da santa Missa aceito a Deus Padre.

Quão pequeno e ao mesmo tempo quão grande é o sacerdote; nada em si, tudo em Jesus! Nisto pensando, vai se paramentando; e a cada paramento que enverga novas idéas lhe occorrem. Ouçamo-lo!

1. O amicto

A primeira peça, que o sacerdote veste, é o amicto. Beija-o; lança-o aos ombros, descansa-o por um momento na cabeça; fixa-o em volta do pesco-



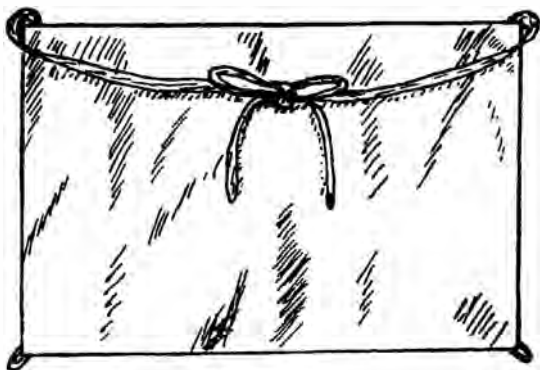
"Vai-se paramentando"

ço; deixa-lhe as extremidades caírem pelas espá-
duas, e segura-as em seguida com duas longas
fitas, em volta dos rins, enquanto diz: "Ponde-me

na cabeça, Senhor, o elmo da salvação para que repila os assaltos do demônio”.

* * *

O amicto é de origem muito antiga, comum aos clérigos e leigos. Estes, porém, o abandonaram, e Roma o adotou. Era então o amicto desdobrado não por baixo, mas por cima da alva, como peça litúr-



1. O amicto

gica, e prescreve seu uso a partir do século XI. Ainda o prescreve o rito ambrosiano.

Cinge-se com o amicto o pescoço, para significar, segundo Amalário, a moderação que se deve ter no uso da voz, visto que esta se localiza na garganta: “Collum undique cingimus, quia vox in collo est”. Esta é de fato a idéia que expressa ainda hoje o bispo, quando, na ordenação do subdiácono, diz, impondo-lhe o amicto: “Recebe o amicto, símbolo da moderação na voz”.

Se perguntamos por que descansa o amicto por um momento na cabeça, respondemos que foi uso

já antes do século XI cobrir primeiro a cabeça, da qual se tirava só depois de se terem envergado todos os mais paramentos, que o amicto devia cobrir. Posto que fosse isto de direito exclusivo dos papas a partir do século XII até XVI, estava em uso também entre os simples sacerdotes de alguns lugares, que se cobriam com ele a cabeça durante certa parte da Missa. Deste uso originou-se o sentido místico dado ao amicto. Chamaram-no de — “galea salutis” — elmo da salvação.

* * *

Belo sentido místico tem ele! Bem necessário é ao sacerdote este elmo da salvação. Agarre-se ele a este símbolo da verdadeira esperança cristã!

Elmo de aço, capacete inamolgável, quanto é necessário ao ministro e batalhador da causa de Deus! E' justamente contra o sacerdote que o demônio arma e assesta de preferência sua formidável bateria para arrancar-lhe da alma a paz, e do coração a coragem. Protege-o, ó — “galea salutis”.

2. A alva

Vestido o amicto, enverga a **alva**, veste talar qual fora prescrita por Deus aos sacerdotes descendentes de Arão. E' geralmente tecida de linho. Conforma-se assim melhor com as vestes que S. João viu em sua visão e descreve: “E foi-lhe dado vestir-se de finíssimo linho, resplandecente e branco” (Ap 19, 8). A alva representa, no seu lavor como na sua brancura, a justiça e a inocência conquistadas mediante as tribulações padecidas em união com Cristo: “E este linho fino são as virtudes dos Santos” (Ap 19, 8). “Esses lavaram seus vestidos e os embranqueceram no sangue do Cordeiro” (Ap 7, 14).

Os Ministros da Igreja primitiva andavam sempre vestidos com esta alva, tambem fora das funções litúrgicas. Os neófitos e os néo-batizados vestiam-na na oitava da pascoela e a depunham no sábado seguinte, que por isso se chamava "in albis", donde vem o nome da veste: "alva".

* * *



2. A alva

Veste veneranda, o sacerdote te compreende! E' com júbilo que reza, vestindo-te: "Lavai-me, Senhor, e purificai-me o coração, para que, lavado no sangue do Cordeiro, mereça o gozo das eternas alegrias".

E' o emblema da inocência; símbolo do homem vencedor das paixões desregradas, digno, em sua inocência, que se apresente ante a pureza infinita!

Diz o Senhor: “Quem for vencedor, será vestido de alvas vestes; não serei eu quem lhe apagará o nome do Livro da vida; confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos”.

* * *

3. O cingulo

Pega depois do **cingulo**, corda de certo comprimento que serve para estreitar a alva em volta dos flancos assim que a sua amplitude não impeça no desempenho das suas funções religiosas.

O cingulo é de origem muito antiga, e com ele se cingiam, então, todos que gozavam ou queriam gozar do bom nome e da boa reputação, pois simbolizava o recato, a continência, a probidade; é por isso prescrito já no primeiro “Ordo Romanus”, como peça que deve fazer parte das vestes eclesiásticas.

E cingindo-se os rins com este cingulo, reza: “Cingí-me, Senhor, com o cingulo da pureza, e extingui em mim as chamas da volúpia, para que reine em mim a virtude da continência e da castidade”.



3. O cingulo

Cingulo, cinge os rins dos sacerdotes, para que tenham sempre presente a necessidade da mortificação, que lhes assegura e garante a inocência da vida! Sem se mortificar não são e não podem ser Ministros do Crucificado, porque quem quer ser de Cristo crucifica a carne com seus vícios e concupiscências.

4. O manípulo

Enfia, ao depois, no braço esquerdo o manípulo. Sua origem além de remotíssima é interessante. Usavam-no os Cônsules Romanos por ocasião da inauguração dos jogos no circo. Depois que o cristianismo entrou em Roma, e criou nela raízes, as estátuas e monumentos cristãos que simbolizavam o Salvador e a Virgem SS., eram distinguidas das mais pelo manípulo. Logo vê-se nele um sinal de respeito todo peculiar prestado a Jesus e a Maria.



4. O manípulo

As personagens distintas, em ocasiões de darem ou receberem presentes, levavam o manípulo ricamente trabalhado. As estátuas ou imagens destes personagens são representadas com o manípulo sobre o braço esquerdo. No primeiro "Ordo Romanus", é prescrito como insignia de autoridade: tem-no o

subdiácono desdobrado sobre o braço direito na ocasião de dirigir a "Schola Cantorum".

De Moléon (1718) aventou a idéa de que o manípulo teria servido de lenço para enxugar o suor: daí o nome "sudarium". Dele se serviam os rapazes que, na abadia de Cluni, cantavam no coro; como também, durante o mesmo ofício, dele usavam os rapazes de S. João de Lyon. Estes seguravam-no entre os dedos da mão esquerda.

Isto parece sugerir a idéa de que a finalidade do manípulo fora sempre qual é hoje a dos nossos lenços. Mas, por serem estes casos esporádicos, parece ser mais aceitavel a idéa de que os manípulos, em sua origem, eram verdadeiros distintivos de nobreza e autoridade, sendo que consta, com toda a certeza, que eram levados pelos clérigos "in sacris", e só durante a Missa, desde o século X.

Entretanto, assim uma como outra idéa pode ser interpretada pela oração que a Igreja põe na boca do sacerdote ao introduzir-lhe no braço o manípulo: "Possa eu tornar-me digno, Senhor, de carregar o manípulo das lágrimas e da dor, para que receba na glória o prêmio de minhas fadigas".

* * *

Manípulo, em ti vêem os sacerdotes um símbolo do zelo que os deve assinalar. Relembra-lhes, sempre que se encaminham ao altar, a resolução tomada no dia de sua ordenação, a de se entregarem e imolarem em prol das almas! Relembra-lhes a autoridade e o poder, que lhes foram conferidos, i. é, de renovar o sacrifício do Calvário. Este reclama deles, todas as manhãs, a abnegação do zelo sacerdotal.

5. A estola

Depois do manípulo vem a vez de pendurar ao pescoço, peito abaixo, e cruzar sobre o mesmo a estola. Interessante a sua origem! As pessoas de posição e abastadas usavam originariamente um rico tecido de linho pendente do pescoço para com ele enxugar o rosto. Deste pano, chamado **orarium** (do latim, **os** = boca, rosto), usavam mais tarde os que falavam em público; por isso tornou-se ele, aos poucos, nas igrejas, o ornamento dos bispos, dos padres e dos diáconos; daí quererem alguns derivar a origem do "orarium", de "orator" = pregador; daí o costume de subirem, ainda hoje,



5. A estola OS pregadores ao púlpito com a estola.

E' certo que primitivamente caía a estola direito por trás e pela frente. Passou-se depois a

cruzá-la sobre o peito e até a firmá-la cruzada de baixo do braço esquerdo.

A Igreja conserva ainda hoje tres modos de levar a estola. O bispo observa o primeiro, o sacerdote o segundo e o diácono o terceiro.

* *

Pelo que representas e simbolizas, ó estola, te vestem os sacerdotes com amor, enquanto formulam a súplica: "Restituí-me, Senhor, a estola da immortalidade, que perdi com a prevaricação do primeiro pai; e, posto que indigno de me aproximar do vosso santo ministério, mereça gozar das eternas delícias". E's o símbolo da immortalidade! Recordas a glória e a sublimidade dos Mistérios que estão por encetar-se. Mistérios sagrados e divinos que transportam os sacerdotes à glória da majestade de Deus, que os levam ao Sacerdote Eterno, Jesus Cristo!

Mantém-nos, estola, durante todo o tempo da celebração, nestas alturas, sem o que, não poderemos participar condignamente do sacrificio eterno, do único e immortal Sacerdote, segundo a ordem de Melquisedec!

6. A casula

Vem a vez de envergar a **casula** (casa pequena, chamada pelos gregos de "planeta") peça não fixa, mas movel. A casula primitiva assemelhava-se bastante a uma pequena casa, em que parecia estar encerrado o sacerdote. A sua forma redonda permitia o giro facil em redor do pescoço.

E' a antiga "pænula" derivado de "pannus", vestimenta de uso universal, vestida em toda parte e por todos.

Pelo fim do século IV tornou-se mais o hábito próprio e quotidiano dos senadores; e aos poucos

passou a ser veste exclusiva dos sacerdotes ou ministros do culto divino.

Sto. Ambrósio é representado em um mosaico do século V vestido da "pænula", mosaico que se encontra na capela de São Sático em Milão.

Para ter livres as mãos, o sacerdote recolhia a casula dos braços aos ombros; na elevação o diácono soerguia-a por detrás, para que o celebrante fosse mais desimpedido em seus movimentos, ato este, ainda hoje em uso, posto que de nenhuma finalidade prática.



6. A casula

Desde o século XV foi-se-lhe cortando parte do que cobria os braços, assim que veio tomando imperceptivelmente a forma atual que muito pouco se assemelha àquela primitiva. Só a "gótica" lembra mais de perto o que fora a casula primitiva.

Os diáconos e subdiáconos, hoje, como então, só podem envergar a casula em determinadas missas, por exemplo, nas do advento e da quaresma.

Como outrora, os diáconos e subdiáconos, quando em serviço mais direto entre o povo, assim hoje

o padre que quer, tira a casula quando prega, para que, segundo o dito antigo: "succintus et expeditus sine multa veste" possa fazer seus movimentos.

Seja dito de passagem que tambem os acólitos vestiam antigamente a casula. Com estes conhecimentos, os sacerdotes compreendem melhor a significação da prece que a Igreja aconselha rezar, enquanto envergam a casula: "Senhor, Vós que disestes: — O meu jugo é suave e o meu fardo leve, — fazei com que eu o possa carregar afim de obter a vossa graça!"

* * *

Casula, os sacerdotes te invocam como o símbolo da caridade, emblema do amor de Deus e do próximo! Imolando eles a Vítima divina, esforçar-seão no futuro, mais do que no passado, por tornarem-se santos, afim de tornar santos os outros.

A santidade é o fruto da caridade; mas a caridade é cumprimento dos preceitos divinos; e estes são o jugo e o fardo que se propõem carregar, quando envergam a casula!

* * *

Paramentam-se agora o diácono, o subdiácono e os acólitos.

O diácono e o subdiácono são ministros, servos, ajudantes que servem o sacerdote no altar.

O diaconato e o subdiaconato são as duas Ordens chamadas **Maiores** para se distinguirem das **Menores**, que são o ostiariato, leitorato, exorcistato e acolitato.

O diaconato foi considerado desde o princípio como ordem maior, não assim o subdiaconato, que recebeu foros de ordem maior só no século XIII, debaixo do imortal papa Inocência III. São, porém, ambas, ordens muito antigas; delas falam os Padres e lhes exalçam a dignidade, sem todavia especificá-las pelo seu valor intrínseco.

O officio próprio do diácono é cantar o santo Evangelho e servir o sacerdote no altar. Antigamente, quando os sacerdotes eram pouco numerosos, incumbiam-se os diáconos de outras funções mais importantes, hoje reservadas ao sacerdote: eles batizavam, distribuíam a santa comunhão, o que se lhes concede ainda hoje em certos casos raros.

O subdiaconato canta a Epístola e serve directamente ao diácono, indirectamente ao sacerdote, no que se refere ao santo Sacrifício. São estes dois ministros do Sacerdote, em virtude do seu officio, revestidos de dignidade extraordinária. E' a eles que se permite de chegar mais perto do santo dos Santos; são os que representam no altar os fiéis e respondem em nome deles.

* * *

Como disse, paramentam-se: o diácono leva manipulo, mas só durante a santa Missa e no officio da sexta feira santa e sábado santo; põe estola, que, ao invés do sacerdote, cruza, não sobre o peito, mas sob o braço direito. Em vez de casula enverga dalmática. Dos mesmos paramentos se veste o subdiácono.

7. A dalmática

A **dalmática** é, com poucas variantes, a tunicela dos antigos romanos, veste comprida, de mangas, antes estreitas que largas, que se sobrepunha à alva; mas não logrou generalizar-se na liturgia.

A dalmática, originária da Dalmácia (donde lhe vem o nome) entrou em uso litúrgico já no século II do cristianismo. Era mais comprida que a tunicela e muito ampla. As mangas mais largas, porém fechadas, como as da tunicela. Mais tarde se abriram as mangas da dalmática e da tunicela. Eram

mangas curtas; pois não ultrapassavam os cotovelos.

Vestia-se então a dalmática por sobre a tunice-la, como hoje ainda o faz o bispo ao celebrar pontificalmente. Até os imperadores envergavam este hábito. Como paramento sagrado a dalmática foi primeiramente reservada aos bispos. S. Silvestre, no século IV, a concedeu também aos diáconos; e



7. A dalmática

não tardou que se tornasse paramento exclusivo deles. Chama-se na liturgia a veste da justiça — “dalmatica justitiæ”.

8. A sobrepeliz

Estes rapazes, vestidos de **batina** e **sobrepeliz**, são os ajudantes da Missa ou acólitos. A dignidade e a honra destes se colhe do ofício que exercem.

Os acólitos são anjos, se o sacerdote é Cristo. Devem servir ao celebrante, como os anjos servem a Deus.



8. A sobrepeliz

Os acólitos são indispensáveis na celebração da santa Missa. O sacerdote que celebre sem ajudante, fora do caso de séria necessidade, peca gravemente.



9. A capa de asperges

O acólito deverá ser clérigo. Em sua origem o acolitante era o diácono. Só por falta de diáconos

é que passou a qualquer clérigo este ofício e na falta deste a qualquer leigo.

Está claro que só a uma pessoa do sexo masculino é permitido ajudar o celebrante no altar.

Uma senhora, em caso de urgente necessidade, poderá, quando muito, responder ao celebrante as



10. O barrete

O barrete estava em uso já no século XII; sua forma atual é do século XVI.

orações, mas atrás da mesa da comunhão; não lhe sendo nunca permitido servir o celebrante no altar. E' prescrito um acólito nas missas simples, dois nas solenes.

Homens de pouca fé são os que se negam a ajudar à santa Missa.

AS CORES DOS PARAMENTOS, ETC.

1. O branco. — 2. O encarnado. — 3. O verde. —
4. O roxo. — 5. O preto. — 6. O róseo.

1. O branco

Os paramentos que ostentam côr branca revelam dia de festa e júbilo.

E' sempre o fundo dos paramentos que diz se um paramento é branco, encarnado, verde, roxo, preto ou róseo, e não a corda da cruz da casula, e é o fundo que se apresenta com relevos artísticos trabalhados em ouro, pedraria e prata.

Entre as cores é o branco a expressão da alegria da inocência, da glória angélica, do triunfo dos Santos, da dignidade e da vitória do Salvador.

Por isso os paramentos de côr branca são usados na Igreja romana nas festas de nosso Senhor Jesus Cristo: Natal, Epifania, Ascensão, Corpo de Deus, festas do Sagrado Coração de Jesus; nas festas de nossa Senhora, de Todos os Santos, Pontífices, Doutores, Confessores e Virgens, numa palavra, nas festas dos santos e santas que não foram mártires.

2. O encarnado ou vermelho

A Igreja romana prescreve, além dos paramentos brancos, os encarnados, os verdes, os roxos, e os pretos. Entende-se aquí por paramentos a casula, a estola e o manípulo.

Os paramentos **encarnados** ou **vermelhos** são usados nas festas do Espírito Santo, da Cruz, e dos santos Mártires.

Quão bem quadra o encarnado nestas missas! Simboliza, em seu esplendor, o fogo, e em sua côr, o sangue: o fogo da caridade pura e santa, o fogo que teve o poder de levar os que o sentiam crepitar estuante, no peito, a dar a vida e o sangue por Deus.

3. O verde

Os paramentos **verdes** são usados nas funções religiosas das Têmporas, que significam na liturgia mística a peregrinação rumo do céu, i. é, no tempo que segue à Epifania e Pentecostes.

Em verdade, muito bem sabe a Igreja interpretar os pensamentos mais sublimes por meio dos mais simples sinais e símbolos! Manda ao sacerdote que use dos paramentos verdes nestes dias para ficar com o sentir do povo cristão, que vê no verde a côr da primavera e o símbolo da esperança, dando-lhe ocasião de suspirar pela eterna primavera como peregrinos que têm postos os olhos só na Cidade Eterna, com a firme esperança de lá chegar.

4. O roxo

Os paramentos **roxos** ou **violáceos** são usados durante o Advento, Septuagésima, Quaresma, Têmpora, Vigílias, Rogações e as tres solenes bênçãos litúrgicas do ano, i. é, das velas, das cinzas e das palmas.

Tambem aquí está a côr maravilhosamente escolhida. E' a côr da penitência; e os dias em que ela é usada são de penitência. E' a côr, cujos reflexos ora claros, ora escuros fascinam a vista, considerada na antiguidade como a côr significati-

va do poder régio, da soberania, das altas dignidades, das riquezas.

A Igreja, longe de abolir este simbolismo, ampliou-o, modificando-lhe o aspeto e aplicando-o à penitência, à oração em meio da aflicção e da humilhação. E não é precisamente isto que nos enriquece, eleva e dignifica? Não é a penitência, a oração e a humilhação que nos tornam gratos a Deus e nos conquistam a sua graça?

5. O preto

O preto está em perfeito antagonismo com o branco. Se esta côr é o símbolo da alegria, aquela é o símbolo da tristeza.

A côr preta recorda tristeza, designa luto, lembra a morte.

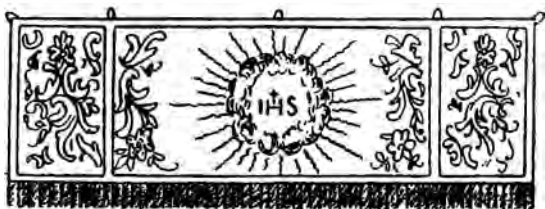
A Igreja veste luto na comemoração da morte de Jesus e de seus filhos. Chora-lhes a morte como Esposa que é de Jesus e como Mãe que é dos cristãos. Lá está ela vestida de preto no altar e na sepultura a interceder e a sacrificar pelos filhos bem amados.

6. O róseo

Os paramentos róseos foram introduzidos nas igrejas ricas e são usados só duas vezes ao ano: no terceiro Domingo do Advento, chamado "Gaudete" e no quarto da Quaresma chamado, "Lætare". A origem desta cor litúrgica vem disso: no domingo, "Lætare", o Papa benzia a rosa que soia enviar, ora a um, ora a outro dos príncipes cristãos.

Só mais tarde é que esta côr ficou introduzida no domingo "Gaudete" que apresenta algumas analogias litúrgicas com o domingo "Lætare".

Estas são as côres dos paramentos na Igreja romana, que não reconhece nenhuma outra mais.



O frontal (antependium)

A Sagrada Congregação dos Ritos reprovou o uso de paramentos de diversas côres, em que já não se possa discernir a côr dominante do fundo.



O conopéu (véu do tabernáculo)

Proibiu outrossim a côr amarela e azul. Tolera o tecido de ouro puro, que, segundo o uso romano, pode substituir o branco, o róseo e o verde; e da mesma forma tolera o tecido de prata, que pode servir para o branco.

NB. A uniformidade exige que todas as mais peças, como o frontal, o conopéu, etc., sejam sempre da côr da casula, excetuado o conopéu, que nunca deve ser de côr preta.

COISAS DO CULTO DIVINO

1. A Casa de Deus. — 2. Na Casa de Deus. — 3. A pia da água benta. — 4. A aspersão — caldeirinha com o hissope. — 5. O canto-chão ou gregoriano (cantoria). — 6. O incenso (naveta). — 7. O turíbulo. — 8. O altar (fixo, movel e portátil). — 9. O tabernáculo. — 10. As toalhas. — 11. O corporal com a bursa. — 12. A pala. — 13. O purificatório. — 14. O manutérpio. — 15. O cálice com o véu. — 16. A vela com castiçal.

1. A Casa de Deus

Igreja é termo tomado da língua grega; significa assembléa, reunião de fiéis. E' neste sentido que se reza: "Creio na Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana".

Esta denominação passou das assembléas aos lugares em que se realizavam as tais reuniões. E' neste sentido que aqui tomamos a igreja: consideramos e contemplamos a Casa de Deus, este edificio, em que se reúne o povo cristão, em que se rende o culto devido a Deus; pois que nela habita Deus.

Desde os primeiros tempos de sua existência o cristianismo se empenhou seriamente em como aparelharia uma morada digna do grande Deus, que se compraz em viver entre homens.

De começo usou edificios já existentes, moradas de particulares; estas iam sendo acomodadas às necessidades do culto litúrgico; e porque, comu-

mente, de gente rica, eram essas moradas amplas e suntuosas, de forma que já no princípio do século III possuía o cristianismo edifícios esplêndidos e grandiosos, chamados "Domus Ecclesiæ", casas de reunião, com átrios e amplos abrigos.

Bem cedo se passou a cognominá-las basílicas, sendo que estas eram a parte principal dos edifícios. Passada a éra das perseguições, tornaram-se as basílicas monumentos notáveis, em que a arte atingiu o apogeu nas múltiplas manifestações do

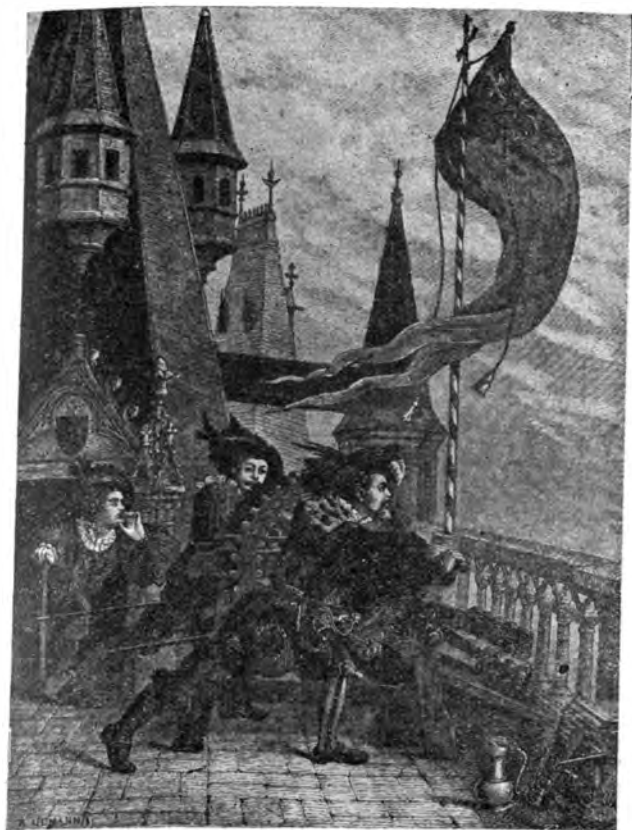


A casa de Deus

espírito humano, criando incomparáveis obras primas.

A ábside da igreja é geralmente voltada para o Oriente, donde veio Jesus Cristo e onde se acha seu glorioso sepulcro. O cruzeiro, que corre nortel-sul, simboliza a cruz, em que Cristo deu a vida.

Os sinos das igrejas, quanto se pôde averiguar, remontam ao século VI. Até esta época usavam-se as trombetas ou as matracas para convocar o povo fiel.



As matracas

A igreja é a Casa de Deus e do cristão. Nela os fiéis adoram, agradecem, expiam e imploram de Deus o quanto lhes é mister.

E' ainda, e de modo particular, a casa do Sacerdote. Nela o Sacerdote imola, perdoa, instrue, e

reza. Lugar, em verdade, santíssimo em que o Sacerdote implora e roga pelos delitos e pecados do povo!

Mas todas as prerrogativas e toda a dignidade da igreja provêm de ser ela a Casa de Deus. A liturgia ou as cerimônias religiosas que se praticam, já na construção, já na consagração ou dedicação das igrejas interpretam admiravelmente estes pensamentos.

Quando o bispo ou seu delegado coloca a primeira pedra de uma igreja e impetra sobre ela as bênçãos do Senhor, a liturgia relembra de modo especial que esta pedra é a imagem de Jesus Cristo, a pedra angular e irremovível que sustenta o edifício da grande Casa de Deus ou Família de Deus, a Igreja.

Chegado o momento da consagração do novo templo, o bispo o faz ostentando toda a riqueza e majestade dos ritos da liturgia, repassados de entusiasmo e alegria; é que se consagra a morada para o Hóspede divino dos nossos tabernáculos.

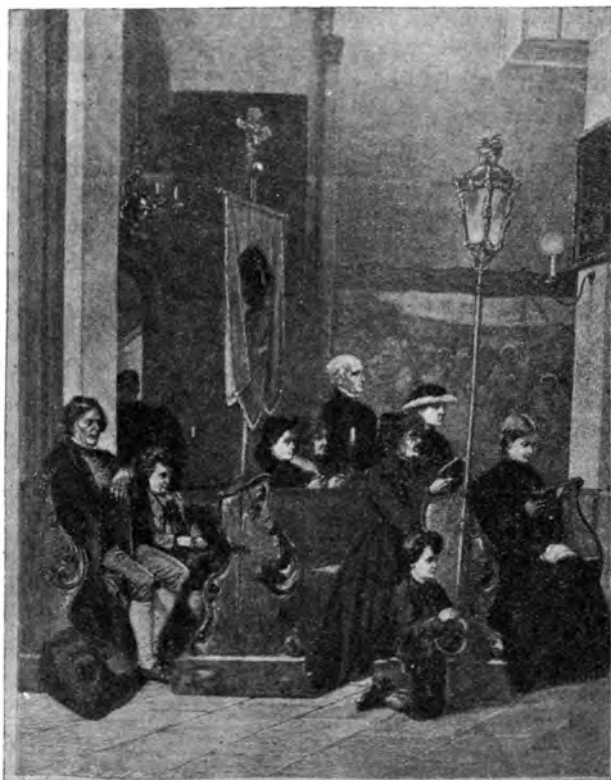
Inicia-se a consagração com longas purificações. Os muros externos são aspergidos com água benta, contornados tres vezes.

A igreja abre suas portas ao Rei da glória, ao Deus forte e onipotente. O consagrante purifica as paredes internas e externas tres vezes, bem como o soalho do templo, do norte ao sul e de leste a oeste. Introduzem-se então as relíquias dos Santos que hão de constituir a côrte do Deus dos céus. Estas passam pela porta que o bispo ungiu com o sagrado crisma; e o sepulcro do altar consagrado as recebe para sempre.

Depois, ungem-se doze colunas, caso as houver, aliás doze pontos das paredes com o óleo santo,

para simbolizar os doze Apóstolos, sustentáculos da nossa fé.

Note-se, porém, que tal consagração só se faz em igrejas de pedras ou de tijolos — as de ma-



“Na casa de Deus”

deira, ferro e outros metais só se podem benzer. Em nenhuma igreja se pode celebrar se não tiver recebido antes a benção ou a consagração.

E' desta forma que a Casa de Deus fica exorcizada, purificada e consagrada. O príncipe das trevas é dela expulso afim de deixar a nova morada ao domínio do Príncipe da Luz, Jesus Cristo. Jacó, sabendo que dormira em lugar consagrado a Deus, exclamou tremendo: "Quão terrível é este lugar! Só pode ser a casa de Deus e a porta do céu!" (Gn 28, 17).

Terrível, sim, mas só para os demônios e seus asseclas!

2. Na Casa de Deus

Sacerdotes do Senhor e fiéis, entremos neste lugar de oração, com a mente e coração puros! Aquí, melhor que alhures, recebe Deus as nossas homenagens e despacha as nossas petições! Indo para avizinhar-se do arbusto em chama, ouve Moisés a voz do Senhor, que lhe diz: "Descalça as sandálias, porque a terra que pisas é santa!" (Ex 3, 5).

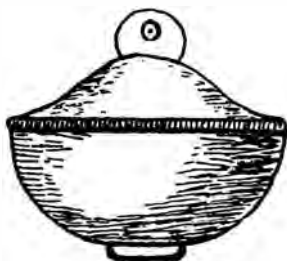
E' o mesmo Senhor que nos interpela dizendo: "Purificai o vosso coração; despí-vos do vosso amor próprio; sacudí dos pés o pó do espírito mundano; não vos deixeis atrair da curiosidade para os lugares profanos; entrai com temor e acatamento no santuário do vosso Deus; recolhei-vos, enfim, à sua presença!"

3. A pia da água benta

A água benta. A benção da água é uma cerimônia litúrgica antiquíssima. Tertuliano, no século III, fala da água santificada por meio da invocação de Deus.

A benção mais solene da água foi sempre a da fonte batismal, que se faz nas Vigílias da Páscoa e Pentecoste.

Nos primeiros séculos muitos do povo cristão levavam às suas casas um pouco de água benta, antes que fosse misturada com o sacro crisma, afim de aspergir as casas e os campos. Generalizando-se este costume, tornou-se muito cedo tão grande o número dos pretendentes desta água que, não bastando a que fora benta nas duas preditas solenidades, ordenou Carlos Magno em seus Capitulares (1), que se benzesse a água em todos os domingos do ano antes da missa.



A pia da água benta

O rito da benção da água está cheio de belos significados. O sacerdote toma sal e água, que primeiro exorciza, e, misturando-os em seguida, os benze recitando algumas orações.

Que significam estas cerimônias e matérias?

A tarefa própria do sal é preservar da corrupção; a da água, purificar. O sacerdote os exorciza, isto é, os livra de todo o contato diabólico, coisa que a Igreja faz sempre que eleva alguma criatura ao uso santo. Mistura-os o sacerdote para que esta água consagrada tenha em si a virtude que preserva da corrupção e a que purifica. Lança-lhes a benção ainda, com o sinal da cruz, que é a arma da defesa contra os inimigos da salvação e a fonte de toda a graça. Reza, enfim, implorando a virtude de poder, mediante esta água, expulsar o diabo das nossas almas, dos nossos corpos e das nossas

1) Código de leis dividido em capítulos.

casas; curar as nossas doenças e atrair sobre nós o socorro do Espírito Santo.

Possue a água benta o poder de apagar os pecados veniais de todos os que dela se servem com fé em Jesus Cristo e com arrependimento das próprias culpas.

“Lavai-me, Senhor, sempre mais das minhas iniquidades e purificai-me dos meus pecados” (Sl 50, 4).

4. A aspersão — caldeirinha com hissope

A aspersão do altar e da Casa de Deus que é prescrita para certas igrejas antes de começar a s. Missa solene, e é louvavelmente praticada nas matrizes, concorre belamente para instruir o povo fiel acerca de grande e importante verdade: é necessário que nós nos purifiquemos antes de assistir ao s. Sacrifício. São numerosíssimas as purificações prescritas na Lei antiga, aos sacerdotes e ao povo que se propõem a fazer suas oblações a Deus. E, todavia, quão inferiores são os sacrifícios de Israel aos dos cristãos! A nação alguma foi dado ter a divindade tão perto, como o nosso Deus nos é tão vizinho, exclama santo Tomaz.

Enquanto se vai procedendo à aspersão, o côro canta a antífona: “Asperges me, Domine, hyssopo, et mundabor, lavabis me et super nivem dealabor”. — Aspergi-me, Senhor, com o hissope, e serei purificado; lavai-me, Senhor, e serei mais alvo que a neve.

Asperge-se primeiramente o altar, para afugentar o espírito das trevas que se introduz em toda parte, mesmo no santuário.

A seguir, o sacerdote se asperge a si mesmo; pois, se a pureza há de ser o condão de todos, é evidente que o deve ser particularmente do sacerdote, que se propõe percorrer as filas dos fiéis, levando-lhes as graças da purificação.



A caldeirinha com o hissope

Segue a aspersão dos fiéis. E, à medida que vai desempenhando estas cerimônias, recita a meia voz, com os seus ministros, o “Miserere”, expressando os sentimentos de penitência, que o animam a ele e aos fiéis, dispondo-se assim a receber os dons divinos.

Durante o tempo Pascoal, ou melhor, desde a Páscoa a Pentecoste, o côro canta uma outra antífona, acompanhada da primeira estrofe, não já do “Miserere” mas do Salmo 117: “Confitemini Domino”: — “Vidi aquam egredientem de templo a latere dextro, alleluia! Et omnes ad quos pervenit

aqua ista salvi facti sunt et dicent: alleluia, alleluia, alleluia!" — Vi a água romper do lado direito do templo, aleluia! E salvaram-se todos os que foram aspergidos com esta água; e todos dirão: aleluia, aleluia, aleluia!

Mas por que este canto durante o tempo pascal? E' que antigamente era nos dias de Páscoa e Pentecoste que se administrava o santo sacramento do batismo aos catecúmenos. A antífona relembra os frutos salutares do sacramento da regeneração. Convida-nos a Igreja à alegria e ao recolhimento, por tão grande benefício. Entende-se, por isso que estaria fora de lugar o "Miserere", que é próprio para dias de dor e penitência.

Se tivéssemos maior fé, de certo estaríamos sempre em tempo na igreja afim de participar das graças da aspersão!

5. O canto-chão ou gregoriano

O côro canta, e canta um canto todo próprio da Santa Igreja, um canto sagrado pela elevação divina dos pensamentos e melodias.

Longe de ser inferior a qualquer outro, o **Canto Gregoriano** supera a todos pela expressão da prece, que irrompe tão intensa quão simples da alma humana que procura a Deus.

O Canto Gregoriano merece ser aquí recordado por constituir uma nota característica na santa missa solene, e nos demais officios divinos.

O nome de "cantus planus" — **canto-chão** — originou-se da sua simplicidade; assim, foi chamado a partir do século XIV, em opposição ao canto compassado e figurado que entrou a lhe fazer concorrência.

Chama-se ainda **canto pausado** por causa da sua cadência tranquila, pausada, determinada, fixa;

“cantus choralis” — **canto coral** — por ser destinado ao coro; **canto litúrgico**, por ser reservado à liturgia; **canto gregoriano**, nome mais em uso, por ter sido formado para a Igreja pelo grande papa são Gregório Magno († 604); **canto grego** ou **hebreu** o chamaríamos também por ter estado muito em uso na antiga Grécia, nas encenações das imortais tragédias de Ésquilo, Sófocles, Eurípedes e nas sinagogas judaicas.

Algo de sua história.

A Igreja respigou seus cantos do Oriente, isto é, dos gregos e dos hebreus. Foi são Gregório que se incumbiu de corpo e alma em coleccionar, aumentar, codificar o repertório musical existente. O canto-chão teve intensa repercussão e extensa difusão principalmente no império dos Francos, no reinado de Pepino e Carlos Magno. Fundaram-se desde o século IX em S. Galo e em Metz célebres escolas de canto-chão, que ombreavam com as do “Laterano” em Roma. No século XII foi fundada outra em Chartres, dirigida pelo célebre S. Fulberto. Mas quem facilitou a execução do canto-chão foi o monge Guido de Arezzo no século XI.

O canto-chão foi ensinado e praticado nas aulas durante toda a Idade Média, com tal qual interesse; mas, criada a polifonia, no século XVI, perdeu ele a sua pureza; até que o Padre Guéranger, de imorredoura memória, incitou seus monges, no século passado (XIX), a que procedessem novamente a sábias e diligentes pesquisas para reintroduzir e reintegrar o canto-chão na sua primitiva pureza. Conhecem todos as “Melodias gregorianas segundo a tradição” do Padre Pothier, publicadas em 1880, verdadeira obra prima. A edição vaticana do canto eclesiástico, publicada por Pio X, em 1907, inspirada na de Solesmes de 1885, tornou-se oficial na Igreja toda, pelo decreto de 7 de agosto de 1907.

O canto gregoriano é verdadeira oração, a oração cantada pela unidade cristã: uma voz, uma melodia, uma alma, um coração, uma única prece, poderosa como o concerto universal da Igreja inteira.

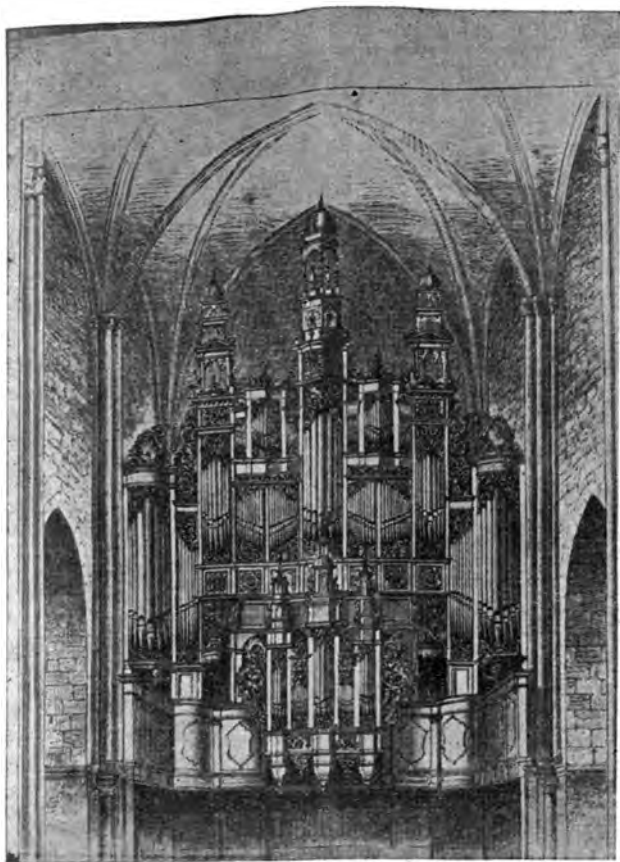
Quanta gravidade, quanta paz, quanta majestade neste canto! Que simplicidade de meios para produzir, sem rebuscá-lo, este grandioso efeito! Não há sentimento nobre da alma coletiva do povo cris-



“Dirigindo o canto-chão”

tão que o canto gregoriano não exprima com exatidão e calma divinas.

O “*Motu proprio*” do papa Pio X (22 de novembro de 1903), que regula a natureza e as condições do canto-chão, não exclue, de forma alguma, qualquer outro gênero de música religiosa. Louva antes o uso da polifonia clássica “à la” Palestrina nas grandes igrejas e catedrais. Não condena tão pouco o que a escola moderna pode contribuir em



“O órgão”

beleza e dignidade para o harmonioso conjunto, que torne o canto verdadeira prece. Importa, porém, ter sempre ante os olhos esta regra geral que expõe nestes termos: “Uma composição musical

eclesiástica é tanto mais sagrada e litúrgica, quanto mais se aproxima no movimento, na expressão e no gosto da melodia gregoriana; é tanto mais indigna da Igreja, quanto mais se aparta deste soberano modelo”.

Um sacerdote, cura de uma paróquia, não poderia imaginar o progresso que obteria na vida espiritual e religiosa de seus paroquianos, se, em suas igrejas, a oração cantada com melodias gregorianas atingisse a perfeição que se exige em sua execução. Há no canto-chão um elemento essencial e importante para reformar qualquer paróquia.

6. O incenso — Naveta

E enquanto os ouvidos se embalam e a alma se eleva às regiões superiores com as suaves melodias do canto-chão, turvam os olhos e o olfato nuvens espiraladas que ascendem do turíbulo ao alto e enchem a igreja toda.

E’ o incenso, cuja origem, símbolo e uso despertam certo interesse, como coisa inseparável em todas as solenes funções religiosas.



Naveta de incenso

O incenso é uma substância resinosa, extraída de uma planta que cresce na Palestina e na Arábia.

A língua latina tem duas palavras para indicar esta substância: a palavra “thus”, de um verbo

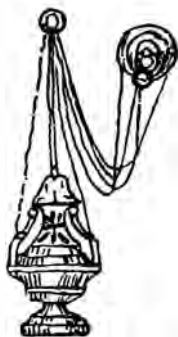
grego, que significa perfumar, e a palavra “incensum”, de um verbo latino, que quer dizer queimar, donde o termo incenso. Podemos reunir os dois significados e dizer que o incenso é um perfume destinado a se consumir em honra de Deus.

O uso do incenso era conhecido entre os Gregos e Romanos, que o ofereciam aos seus deuses. Em sinal de honra, era queimado também diante de personagens ilustres. Aos poucos foi usado outrossim para incensar os bispos, depois as pessoas em geral, por fim, os próprios objetos.

7. O turíbulo

O turíbulo é o instrumento litúrgico, em que crepita o fogo que devorará o incenso, e donde se evolará em nuvens aromáticas. Em sua origem era o turíbulo um enorme perfumador sem correntes e repleto de carvão aceso. Um mosaico de S. Vital de Ravena prova que o turíbulo já era suspenso por correntes no século VI. Era o turíbulo carregado pelos acólitos e levado “ad nares hominum” —

aos narizes dos homens — que estendiam para ele as mãos e recolhiam a si o fumo suave do incenso. Há testemunhos que de- põem ter sido o incenso usado, desde o século II, para perfumar as igrejas; e só mais tarde se passou a usá-lo para incensar as pessoas e as coisas. A “Peregrinatio Sylvias ad loca sancta” narra que na manhã do domingo, ao canto do galo, quando o bispo e os seus ministrantes entraram no santuário do “Anastásis” (Res-



O turíbulo

surreição) já alumiado por numerosíssimas lâmpadas, após a oração e a salmódia, e antes que o bispo lesse o Evangelho ao povo, eram carregados turíbulos; e a “Basílica da Ressurreição ficou cheia de um suave aroma”.

O uso do incenso na liturgia é ainda hoje muito frequente. E' usado quasi em todas as cerimônias litúrgicas: na Missa solene; durante os ofícios das Laudes e das Vésperas; nas bênçãos do Santíssimo; e, entre outras, nas grandes bênçãos litúrgicas do ano, das velas, da Purificação, das cinzas, e das palmas.

Falar-se-á em seu lugar da incensação do altar durante a missa solene.

Tambem o incenso tem o seu simbolismo. Este aroma, que a Igreja usa em todas as solenidades, deve recordar-nos continuamente que devemos ter o bom cheiro de Jesus Cristo, e rescender em todo lugar o conhecimento e o amor de nosso Deus.

Ascendamos ainda mais alto para achar um bellissimo significado do incenso! Como o discípulo predileto, em sua visão de Patmos, contemplamos no céu os turíbulo de ouro, movidos pelos Anjos, junto ao trono do Cordeiro. Estes turíbulo estavam cheios de perfumes, narra o vidente; e revela-nos tambem que eles não eram outra coisa que as orações dos Santos. O incenso, portanto, segundo são João, simboliza tambem a oração; e quando se eleva ao céu, relembra-nos como há de ser a nossa prece; isto é, pura, ardente, aromatizante com o perfume das nossas virtudes.

8. O altar (fixo, movel e portatil)

Fixam-se agora os olhares mais intensa e demoradamente no altar. Os maiores e mais vivos sentimentos despertam à sua vista.

Que é o altar? Quantas espécies há? Que representa?

O altar significa coisa alta, "alta res"; e é uma tábua soerguida um tanto acima do solo, em que se oferece o sacrificio.

A igreja devia ter o seu altar, altar sagrado por excelência, porque a vítima que nele se imola é um Deus.



“No altar do amigo das crianças”

Há duas espécies de altares: o altar fixo ou imóvel e o altar portatil ou movel. O primeiro consta de uma grande lage de pedra (geralmente de

mármore) que descansa sobre um bloco ou colunetas da mesma matéria, e forma um todo consagrado e fixo no soalho. O outro não passa de uma simples lage de pedra, assaz larga para pousarem sobre ela o cálice e a hóstia; e é engastada em uma lousa de pedra ou madeira. A pedra ou altar movel consagrado pode ser transportado de um lugar para outro sem prejuizo da consagração, o que não se dá com o altar imóvel.

Há nas igrejas geralmente mais de um altar. O altar-mor, quasi sempre fixo, é o principal; è o lugar em que se efetuam de preferênciam as sagradas cerimônias.

Os altares laterais não eram conhecidos nos primeiros séculos; principiaram a ser, quando foi introduzido o costume de rezar mais missas simultaneamente em uma e mesma igreja.

Seja qual for o material com que se constrói o complexo de peças que compõem o altar, nele não poderá faltar nunca a lousa de pedra consagrada sobre a qual possam caber pelo menos a hóstia e o cálice.

Sobre o altar está colocada a cruz com a imagem de Jesus Cristo Crucificado, afim de recordar ao celebrante e aos fiéis a paixão de Jesus Cristo, que o sacrificio renova misticamente.

Não podem faltar duas velas acesas, uma à direita, outra à esquerda do Crucifixo, em sinal da honra e veneração que se deve tributar à adoravel Vítima.

São regularmente tres os degraus no altar-mor, e simbolizam as virtudes teologais da fé, esperança e caridade que conduzem a Jesus Cristo.

De fato, o altar representa Jesus Cristo; e disso adverte o bispo aos subdiáconos no dia da sua ordenação. O rito da consagração dos altares é co-movente: são mais de duzentos sinais da cruz que

se fazem sobre o altar durante as cerimônias de sua consagração, o que bem deve lembrar o pensamento predominante do sacrifício da cruz.

O altar é de pedra, ao menos a parte que deve receber a hóstia e o cálice; ora, a pedra é uma figura de Jesus Cristo, “pedra angular” (Ef 2, 20) da Igreja como o chama são Paulo. Cinco cruzes estão gravadas nesta pedra e figuram as cinco chagas do Salvador.

E’ ela purificada por numerosas bençãos, porquanto simboliza aquele Pontífice eterno, **santo, inocente, imaculado**, de quem fala o Apóstolo.

Passa ainda por diversas unções executadas com o óleo dos Catecúmenos e do Sagrado Crisma. Constitue o emblema daquele de quem está escrito: “O espírito do Senhor descansa sobre mim; por isso ele me ungiu” (Lc 4, 18).

No sepulcro desta pedra jazem algumas relíquias de Santos, devendo ser, ao menos uma delas, de um mártir, para assim relembrar o piedoso costume dos primeiros séculos em que se celebravam os santos mistérios sobre o sepulcro dos mártires.

O altar representa, portanto, Jesus Cristo; é a figura de Deus que reside no meio de seu povo.

9. O tabernáculo

Releva fixar a atenção no **tabernáculo**, que ocupa o centro do altar e é encimado de uma cupolazinha ou baldaquim. Encontra-se quasi só no altar-mor. Sua finalidade, desde os tempos mais remotos, é guardar as sagradas hóstias e partículas das mesmas. O baldaquim é absolutamente necessário para que se possa expôr o Santíssimo no ostensório.

O tabernáculo deve ser no interior revestido ou de ouro ou de seda branca, e no exterior, ao menos a parte da frente, de um véu chamado “conopeu”.

Sobre o tabernáculo não deve haver nada, afora o crucifixo. Assim o tabernáculo como o baldaquim devem ser de obra prima, tanto quanto possível. Em alguns lugares são riquíssimos e de execução artística. Neste sentido a Igreja não poupou nunca dinheiro ou tempo.

O altar há de ser exornado de forma que mereça, tanto quanto a matéria o possa, servir de morada de Deus tres vezes santo.

Concorrem de modo especial a santificar o altar as reliquias dos Santos que, em arcas preciosas, ficam expostas sobre ele. E' este costume muito antigo e muito digno e justo, porque digno e justo é que no momento do sacrificio do augusto e soberano Senhor, Cabeça dos fiéis, os Santos, como membros desse Corpo, estejam presentes e se associem à glória do supremo ato da Religião cristã.

Ordena, porém, a Igreja que, mesmo assim, se devem afastar do altar todas as reliquias e relicários durante a santa missa, que se celebra no tempo do advento e da quaresma, bem como durante o officio de réquiem e a exposição do SS. Sacramento.

10. As toalhas

O que prende a atenção sobre o altar são as tres toalhas de linho ou cânhamo alvíssimo. Uma dessas se estende por sobre a ara sagrada de forma a encobrir quasi inteiramente o altar dos lados e da frente. Duas outras que se occultam aos olhares cobrem a mesa do altar e devem cobrir ao menos a pedra sagrada. O sacerdote que celebra sem estas tres toalhas peca gravemente, como tambem se admite outras de pano que não sejam linho ou cânhamo. Sua finalidade é óbvia: pode succeder que se entorne o santíssimo Sangue e então uma

única toalha não bastaria para o recolher. O uso da toalha remonta ao menos ao século IV: isto se pode provar historicamente.

11. O corporal com a bursa

Quero aqui antecipar a referência a outros panos, que, por rigor da ordem proposta neste trabalho, deveriam ser mencionados quando ocorressem no ato da celebração da missa. Faço-o para não distrair então a atenção, que reclamam coisas mais sublimes.

Assim, pois, importa saber que, afora as toalhas, que cobrem o altar, são usados, durante o santo sacrifício da Missa, o corporal, a pala, o purificador e o manutégio.



O corporal com a bursa

O corporal é um pano de linho do formato de grande lenço, que o sacerdote estende sobre o altar e em que se faz a consagração das sagradas espécies. E' com muita razão que assim se chama: devido ao seu contato imediato com o adorável Corpo de Cristo. Que antigamente era ele muito mais amplo, é evidente: nele se depositavam os pães e o vinho dos fiéis para serem consagrados. Daquí a opinião que nos primeiros tempos se prestava o corporal para um e mesmo fim com a toalha; ou melhor: que o corporal e a toalha fossem uma e a mesma coisa. A isto nos induz, outrossim, o fato de que então se cobria a mesa do altar para o sacrifício e era descoberta logo depois de acabado.

E quem não vê reproduzido este antigo costume nas atuais cerimônias, com que se desnudam os altares nas quintas-feiras santas e se cobrem com a toalha no dia seguinte?

12. A pala

A **pala** tem a forma quadrada, e serve para cobrir o cálice. Primitivamente era uma única peça com o corporal, cujas extremidades, dobradas por sobre o cálice, se prestavam para cobri-lo. Tendo-se reduzido as dimensões do corporal, foi mister achar meio com que se cobrisse o cálice; daí a origem da pala.



A pala

Segundo as instruções da Sagrada Congregação dos Ritos, a parte da pala, que toca diretamente o cálice, deve ser de linho ou cânhamo; tolera-se na parte superior a seda e os recamos; mas é proibida a cor preta, mesmo qualquer emblema de morte.

13. O purificadorio



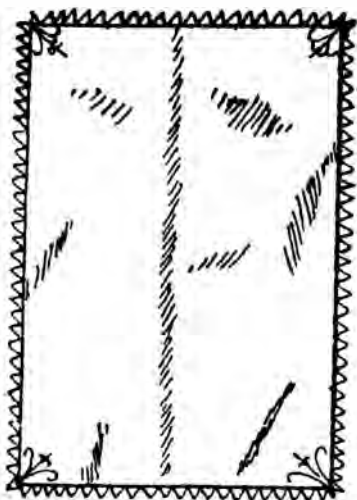
O purificadorio

O **purificadorio** é um pano, de proporções de lençozinho, que serve para enxugar o cálice. Os antigos não falam dele; só é conhecido que os monjes de Cluny abstergiam o cálice com uma toalha dependurada junto ao altar, do lado da Epístola; mas com o andar dos tempos foi substituída por um pano, que se tornou um acessório indispensável do cálice.

14. O manutérGIO

O **manutérGIO** é o paninho que o público vê facilmente, quando dele usa o celebrante para enxugar os dedos depois de lavados com a água, que o acólito sobre eles entorna na parte da missa, que se chama "Lavabo".

Assim as toalhas, como o corporal e a pala, devem ser bentas pelo próprio bispo ou por um sacerdote para isso delegado. Para o purificadorio a



O manutérGIO

benção é facultativa. Para o manutérGIO não há benção.

Assim como a nenhum leigo é permitido tocar, sem necessidade ou sem licença especial, o corporal, a pala e o purificadorio, depois de terem sido usados na santa missa, muito menos os poderão

lavar antes que o sacerdote ou o diácono e subdiácono os haja lavado primeiro.

Estas peças têm também seu simbolismo e sobretudo por serem de linho: simbolizam os lenços de linho, em que José de Arimatéa envolveu o Corpo do Senhor; e exercem realmente em cada santa missa a mesma função de receber em si o Corpo adorável de Jesus imolado sobre os nossos altares.

A alvura desses panos nos ensina que, se as nossas almas desejam receber dignamente o "Pão que faz viver eternamente" (Jo 6, 59), devem, a seu exemplo, desenrolar-se e apresentar-se imaculadas aos olhos do Cordeiro divino.

15. O cálice com o véu

Resta mencionar o cálice, por todos conhecido, de uso primordial entre todos os povos, e usado por Cristo na última ceia.



O cálice

Dos vasos sagrados do templo de Jerusalém fazem menção as Sagradas Escrituras. Também é notório o castigo fulminado aos profanadores dos vasos sagrados no banquete de Nabucodonosor.

Em que reverência se devem ter os cálices sagrados da Nova Lei, não é de difícil inteligência para os homens de fé: receptáculos são do Sangue divino, derramado em remissão dos pecados.

Ordena a Igreja que assim os cálices como os cibórios, em que se consagram e guardam as hóstias para distribuir aos fiéis, devem ser por dentro dourados. No mais, o material usado para o seu



O véu do cálice

fabrico há de ser prata, ouro ou outro que não se oxide ou absorva líquidos.

Do mesmo material deve ser a **patena**, que se destina a receber a hóstia. Simboliza o sepulcro de Cristo.

16. A vela com castiçal

Não se poderá passar em silêncio a vela na liturgia. Sua história e seu simbolismo é de real interesse.

Todas as velas que crepitam no altar ou em volta dele devem ser de cera que as abelhas fabricaram: de cera bruta, tal qual é fabricada pelas abelhas, quando houver missa de "Réquiem" e se realizarem as funções comemorativas da paixão e morte de Jesus Cristo durante a semana santa; — de cera refinada e branca para todas as demais funções litúrgicas.

Velas, portanto, feitas de qualquer outro material (estearina, sebo, etc.) são rigorosamente proibidas no altar, a não ser que devam servir para ornamentar e alumiar a igreja ou para fazer luz ao celebrante que reza a santa missa.

E' múltíplice o uso da vela nas cerimônias litúrgicas; mas limitemo-nos ao uso que dela se faz durante o santo sacrifício da missa.

O número de velas acesas no altar durante a santa missa varia, segundo varia a solenidade da

mesma. Para uma missa simples devem ser duas. E' permitida uma terceira, que se deverá acender ao "Sanctus" e apagar depois da "Communio". Seu lugar será o lado da "Epístola". Mas é uso que tende a desaparecer de todo. Para uma missa cantada ou solene, se deverão acender seis velas, tres de cada lado do tabernáculo; mas, sendo missa pontifical, isto é, em que o bispo diocesano pontifica pessoalmente, ajuntar-se-á mais uma sétima.



A vela com
castiçal

A Igreja simboliza desta forma os sete dons que o Espírito Santo dispensou no dia da consagração episcopal, àquélé que recebeu então a plenitude do sacerdócio com o poder de conferir os sete Sacramentos.

Observe-se ainda que nas Missas solenes é o diácono que canta o Evangelho do dia, e que nesta ocasião os dois acólitos empunham castiçais com velas acesas e se postam à esquerda e à direita do subdiácono, que segura o missal.

Ora, antigamente se costumava, em algumas igrejas da França, carregar nestas ocasiões um número variado de círios, segundo a solenidade da festa.

Daquí o designarem-se as tais festas: festas de tres, de cinco e de sete círios ou castiçais.

Se indagamos agora a significação da vela de cera, devemos dizer que ela simboliza Jesus Cristo,

chamado a "Luz do mundo" (Jo 8, 12); a "Luz que dissipa as trevas" (Jo 1, 5).

A vela alumia, aquece; Jesus Cristo dissipa as trevas da nossa ignorância e acende em nossos corações o verdadeiro amor.

Esta Luz eterna, que é o Verbo divino, incarnou-se um dia; e a vela recorda este mistério: "A cera, produzida pelas abelhas virgens, é o símbolo da carne de Cristo formada no seio da Virgem Maria; o pavio é o símbolo de sua alma; a chama, o de sua divindade". E' santo Anselmo que assim se exprime.

Quando, pois, vemos consumir-se sobre os nossos altares esta cera, recordemos aquele de quem ela é o símbolo. Saibamos contemplar nestes lampejos os raios daquele Jesus, cuja face resplandece nos céus como o sol em toda a sua pujança; reanimemos a nossa fé no que vem imolar-se sobre o altar da nossa terra, naquele Cordeiro sempre imolado da cidade celeste, de que é a Luz.

Esforcemp-nos por ser e por caminhar como os filhos da luz, correspondendo ao chamamento que nos dirige a vela acesa!

* * *

Grandioso e imponente aparato, na verdade! E, entretanto, o que ficou dito não passa de remotíssima preparação do que fica por dizer. Mas, posto que vaga, é já sedutora a luz da aurora; assim, posto que pouco, foi dito muito, bastante para formar uma idéa do que virá de portas a dentro deste majestoso templo da liturgia cristã.

O sacerdote ao pé do altar!... O turbilhão de idéas e de sentimentos, se não o esmagam nessa hora, é só devido à graça do Alto que o sustenta.

Pobre mortal, atende, escuta, pondera e contempla a altura a que foste elevado!

“Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”, exclama com a Virgem, Mãe de Deus!

E' um “Alter Christus” — Outro Cristo! — Não é ele, mas é Cristo que se revestiu dele. Cristo, o Supremo Sacerdote, o Sacerdote por excelência, não se dedignou de o eger entre milhões para por ele exercer o sacerdócio, oferecer ao Pai Eterno o sacrificio da Nova Aliança.

* * *

Prossigamos agora passo a passo na explanação das orações e cerimônias da santa missa!

AO PÉ DO ALTAR

A santa Missa em geral — A divisão da santa Missa

A santa Missa em geral



“A mãe na Missa Nova do filho”

Grandes preparativos, na verdade, para o ato religioso que se está para começar!

O aparato até aqui apontado e descrito visa só e unicamente a santa Missa. São preparativos remotos, sim, mas intimamente conexos com o ato central da

santa Missa. Este ato central, augusto, sublime e cheio de mistérios, é o da Consagração; ato em que o pão e o vinho se transubstanciam no Corpo e Sangue de Jesus Cristo. E' ato central em torno do qual gravitam a bem dizer os outros atos, desde os mais remotos aos mais próximos.

Descritos e explanados os atos remotos, resta descrever e explanar os próximos. Antes, porém, de entrar nos particulares, convem dar o conceito da Missa, a sua história, e suas partes principais.

* * *

Que se entende por Missa?

Se é só questão de nome, Missa é o que entre os gregos se chama "mistagogia", que quer dizer, iniciação nos mistérios de uma religião; Hierurgia, isto é, ação sagrada, santa; e liturgia, isto é, rito.

Missa é o que entre os latinos se chama sacrificio, oblação, agenda, ação por excelência, fração dos pães, oferta e comunhão.

Tudo isto significa Missa e tudo isto se qualifica pelo nome "Missa".

Mas donde veio semelhante nome a tão augusta ação, de modo a dominar todos os mais que são em si muito mais expressivos e próprios para dar-nos dela uma idéa mais exata?

Veio do fato seguinte: Os catecúmenos eram despedidos da assembléa dos fiéis antes de se iniciarem os santos mistérios. Dizia-se-lhes então: "Ite, Missa est!" — Ide-vos, é a hora de partir! — Outros diziam: — Ide-vos, estais despachados!

Não se perca pela expressão. O pensamento é assaz claro: "Missa" vem do verbo latino "mittere" que quer dizer ação de enviar, despachar, etc., donde a palavra "misso" — envio, despacho, etc.

E porque, de ordinário, seguiam à despedida dos catecúmenos os sagrados mistérios, passou-se desde

logo a denominar "Missa" o conjunto de todos esses mistérios.

A Igreja continua ainda hoje, na liturgia da Missa, a usar o "Ite, missa est", com a única diferença de que agora não já despede catecúmenos, a quem era vedado assistir ao santo sacrifício, mas fiéis que acabam de assistir a ele. O "Ite, missa est" de hoje declara que a Missa acabou, ao passo que o de outrora dizia que a Missa ia começar.

Restaria expender agora o conceito de Missa quanto à sua essência; mas bastará recordá-lo, visto não diferenciar em sua substância do que se disse acima a respeito do "Sacrifício da Nova Aliança". Sempre, pois, que ouvirmos falar de Missa, devemos, como cristãos católicos, crer o que dela diz o Concílio Tridentino contra os herejes de Lutero, Calvino, etc., quando assim a define:

"A Missa é o sacrifício da Nova Lei, em que Cristo é oferecido e incruentamente imolado, debaixo das espécies de pão e vinho, pelo ministério de um homem, em prol da Igreja, afim de reconhecer o supremo domínio de Deus e nos aplicar as satisfações (pelos pecados) e os merecimentos de sua paixão".

A santa Missa é, na verdade, como já acima dissemos, um verdadeiro sacrifício. Nada lhe falta para o conceito de sacrifício: nela encontram-se os dois elementos **essenciais** do sacrifício: a oblação e a imolação, como também o elemento **integral**: a comunhão.

Que isto seja assim, bem se vê pela definição do Concílio Tridentino, que, anatematizando os inovadores do século XVI, se exprime, a respeito, desta forma:

"Se alguém disser que na Missa não se oferece a Deus um verdadeiro e próprio sacrifício, ou que o que se oferece não é mais que o Cristo que se

nos dá a nós em alimento, seja anátema” (Sess. X, XII, can. 1).

* * *

Sabendo o que é a santa Missa, pode-se passar a ver em traços rápidos a sua história, isto é, o seu desenvolvimento quanto às preces e ritos.

Se voltarmos os olhos para a primeira santa Missa, celebrada pelo seu próprio Instituidor, Jesus Cristo, naquela memorável hora da última ceia; e se lermos o que são João Evangelista escreve sobre as cerimônias e orações, nos convenceremos facilmente de que a primeira santa Missa continha em botão o que em séculos posteriores foi desabrochando nesta formosa flor de sedutoras e impressionantes cerimônias litúrgicas e sublimes e divinas orações rituais.

A santa Missa foi sempre a mesma desde a sua origem até aos nossos tempos, se a considerarmos em sua essência; mas assumiu disposições externas diversas através dos séculos, vindo a dar nas que tem hoje.

Sendo diversos os ritos, cerimônias e composição das orações, sobretudo na Igreja Oriental e Ocidental, e sendo que a nós mais interessam as da Igreja Ocidental, a que pertencemos, nestas nos demoraremos um pouco.

* * *

A flor da liturgia da santa Missa se ostenta formosa e impressionante segundo o rito Romano, que é um dos ritos ocidentais.

(N. B. O rito Oriental tem a liturgia armênia, que supera em majestade e esplendor a liturgia romana. São dignos de nota os ritos antigos, que constituem a liturgia de são Jacó, de são Cirilo de Jerusalém, de são Basílio e de são João Crisóstomo).

Outros houve que estiveram em uso na Igreja Ocidental, como o rito galicano (a antiga liturgia da França), o rito milanês ou liturgia ambrosiana e o rito mozarábico na Espanha.

(N. B. Liturgia seguida antigamente na Espanha pelos Mozarábicos, cristãos vencidos e mesclados com mouros desde o século VIII, chamados também Mistarábicos).

Passemos a historiar a origem e a evolução do rito romano antigo, para depois entrar a estudar mais de perto o rito romano novo fixado e prescrito definitivamente para todo o Ocidente pelo Sumo Pontífice, o Papa são Pio V no século XVI.

* * *

O ceremonial litúrgico antigo era um e o mesmo para todos os celebrantes (papas, bispos e sacerdotes), existindo a única diferença de que os simples sacerdotes não podiam cantar o "Gloria in excelsis".

Segundo este ceremonial a Missa era celebrada só cantando, e por isso não podia haver numa e mesma igreja duas ou mais Missas ao mesmo tempo.

Com o decorrer dos tempos, porém, cresceu o número de sacerdotes, cresceu o número dos exigentes de Missas, cresceu o número de igrejas, capelas, santuários e altares; e para se poder satisfazer a tudo e a todos, introduziu-se no século VI a Missa lida, costume que se foi generalizando de forma que as Missas cantadas se celebravam só no altar mor ou principal, onde os diáconos e subdiáconos tinham o ensejo de desempenhar o seu officio.

Mas nem por isso foram suprimidos os elementos que constituem a Missa solene na Missa lida ou simples, com exceção de uns poucos que se referem à incensação. Assim, pelo que diz respeito às cere-

mônias rituais, encontramos realmente uma inteira redução na missa lida ou simples; mas, pelo que diz respeito às **palavras**, nela as encontramos todas. Se há nestas alguma diferença, consiste só nisso: que as palavras ou orações cantadas na Missa solene são proferidas em voz **alta** na Missa simples.

Há ainda outro importante fator que induziu a que se celebrassem Missas simples: é que até ao século V as santas Missas eram celebradas só nos domingos; na segunda metade do século quinto o papa são Leão († 460) permitiu a celebração da santa Missa também nas quartas e sextas feiras das "Quatro Têmporas"); na segunda metade do século VIII, o papa são Gregório II († 731) estendeu esta permissão para todos os dias da Quaresma, com exceção das quintas feiras.

Pouco depois passou-se a honrar de modo mais público a Virgem, Mãe de Deus, para o que se escolheu de preferência o dia de sábado; e como a santa Missa é o ato por excelência, afim de honrar e venerar a Mãe de Deus, os santos e devotos obtiveram dos Sumos Pontífices a licença de celebrar todos os sábados do ano.

Finalmente, já por um, já por outro motivo, honraram-se dentro em breve **todos** os dias da semana com a oblação do santo sacrifício.

O único dia do ano em que é vedada a celebração da santa Missa, e isto ainda hoje, é o dia da sexta-feira santa. Supre-se todavia com a Missa chamada dos **Pressantificados**. (N. B. Chama-se **Missa dos Pressantificados** a que o sacerdote oferece no altar e comunga com as espécies eucarísticas consagradas na vigília; no dia mesmo não se faz a consagração).

Não satisfeita a Igreja com esta graça, concedeu a celebração da santa Missa mesmo duas e mais

vezes **ao dia** a cada sacerdote, o que é ainda hoje permitido a alguns sacerdotes em caso de necessidade e com licença prévia do bispo, como seja o binar (dizer duas missas) em festas de guarda, na falta de sacerdotes.

Parece ter sido de uso comum no século IX e seguintes que um só mesmo sacerdote celebrasse mais Missas ao dia. Certo é que o papa são Leão (795-816) oferecia às vezes sete e mais vezes o santo sacrifício cada dia. E quem não diria provir deste tempo o costume que, a partir de 10-VIII-1915, vigora em toda a Igreja Ocidental de os padres celebrarem ainda hoje tres santas Missas na festa do santo Natal e no dia dos Finados?

* * *

Por tudo isto se entende perfeitamente a redução do aparato exterior na celebração da santa Missa; donde se originou a Missa rezada (simples), sem todavia eliminar a cantada, (solene). Diga-se desde já, que é nosso intento descrever logo abaixo a santa Missa solene, visto encontrarem-se nesta os elementos todos que estão numa Missa simples.

* * *

Este desenvolvimento tão favoravel e a gosto dos sacerdotes teve outra consequência: a de os sacerdotes poderem rezar suas Missas independentemente dos respetivos bispos, porquanto fôra primitivamente uso universal que os sacerdotes rezassem a santa Missa juntamente com o próprio bispo, ("concelebratio"), da mesma forma como hoje os néo-presbíteros, no dia da ordenação, rezam a sua primeira Missa com o bispo consagrante.

Este modo de rezar a santa Missa está ainda em prática na Igreja Oriental.

* * *

Baste o dito sobre o desenvolvimento geral da ação externa da santa Missa; porque pelo que diz respeito ao seu desenvolvimento particular assim da ação **externa** como **interna**, dir-se-á de passagem e “occasione data” logo mais, quando descrevermos a santa Missa solene segundo o novo rito romano.

Passemos agora à divisão da santa Missa.

A divisão da santa Missa

A divisão mais histórica e litúrgica da santa Missa é, segundo o atual rito romano, a que segue:

Iª parte: **A preparação para a santa Missa**, que consta das orações rezadas ao pé do altar pelo celebrante e ajudante ou acólitos.

IIª parte: **A Missa dos catecúmenos** que encerra as preces e leitura das epístolas apostólicas, etc., e que constitue a parte catequética e doutrinária; pois era nesta altura da Missa que se instruíam os catecúmenos, donde lhe vem o nome. Vai do **introito** ao **ofertório**.

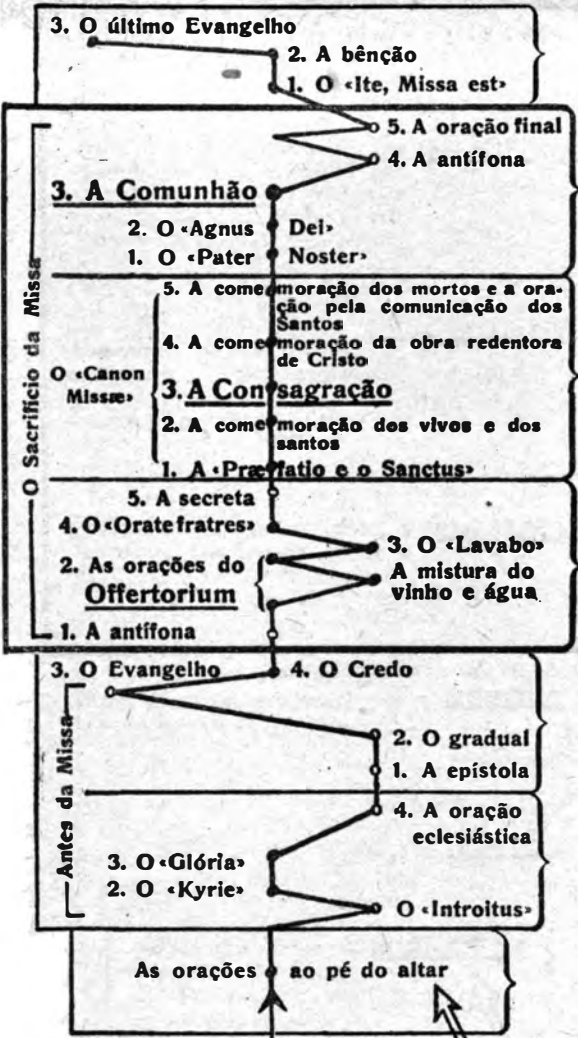
IIIª parte: **A Missa dos fiéis**, assim dita, porque a partir do ofertório ao — **Ite, Missa est** — só era permitida a assistência dos batizados.

* * *

Para melhor penetrarmos na compreensão destes augustos mistérios da santa Missa demos a seguir uma nova exposição da divisão da santa Missa, bem como seu esquema.

Parte esta divisão da estrutura **interna** e **externa** da santa Missa. Daí a origem destas partes que sintetizam o magnífico sentido das cerimônias e preces do augusto sacrifício da Nova Aliança.

Iª parte: **A oração preparatória**, que consta do salmo 42 e mais preces recitadas ao pé do altar en-



O CAMINHO DO PADRE PARA O ALTAR
(o = as partes mudáveis da missa)

EXTERNA ESTRUTURA DA S. MISSA INTERNA

VII - A despedida

PARTIMOS como filhos de Deus com Jesus e como Jesus para os nossos trabalhos.

VI - O banquete sacrificial

O PAI NOS DÁ, em troca das nossas dádivas, seu Filho na sag. comunhão; e assim se realiza o que S. Paulo ensina: „Nós estamos em Deus e Deus está em nós.“

A TERCEIRA PARTE PRINCIPAL

V - O santo sacrificio

JESUS TRANSMUDA nossas dádivas em seu divino Corpo e Sangue. Oferece-se a si mesmo conosco por nós em sacrificio a Deus Padre.

A SEGUNDA PARTE PRINCIPAL

IV - A preparação do sacrificio

EXPRESSAMOS a inteira entrega de nós mesmos a Deus, significada principalmente na oferta que fez o sacerdote do pão e vinho.

A PRIMEIRA PARTE PRINCIPAL

III - O officio divino doutrinal

OUVIMOS o que Jesus fez por nós e o que nós havemos de fazer por Ele.

II - O officio divino deprecatório

PEDIMOS as graças que Cristo nos mereceu.

I - A oração preparatória e

EXPRIMIMOS as nossas aspirações para Deus e os nossos pesares de O termos ofendido.

tre o celebrante e os acólitos. — **Examine as aspirações** da alma para Deus e seu **pesar** ou **dor** de o haver ofendido.

IIª parte: O officio divino deprecatório, que parte do introito e vai à epístola, exclusive, abrangendo por conseguinte o introito — Kyrie — glória — oração (orações) da Igreja. — Destina-se esta parte ao fim de impetrar de Deus as **graças**, que Cristo nos granjeou mediante sua vida, paixão e morte.

IIIª parte: O officio divino doutrinal, que parte da epístola e vai até ao credo, inclusive, constando por isso da epístola — gradual — verso aleluia — tracto — sequência — evangelho — credo. — **Escutamos** nesta parte a **doutrina** e os **exemplos** de Cristo: entendemos o que Jesus fez por nós e o que devemos nós fazer por Jesus.

IVª parte: A preparação do Sacrifício, que parte do ofertório e vai até à secreta, inclusive, abrangendo assim a antífona — as orações do ofertório e da mistura da água e vinho — o lavabo — orate, fratres — a oração (ou orações) da secreta. — **E'** a parte dita: a **primeira parte PRINCIPAL** da Missa. **E'** nesta que fazemos sob o símbolo do pão e vinho oferecido a Deus a nossa entrega total e incondicional à divina Majestade.

Vª parte: O santo Sacrifício, que parte do prefácio e vai até à oração pela comunhão dos santos, inclusive, compreendendo desta maneira a prefação — santo — comemoração dos vivos — consagração — comemoração da obra da redenção — comemoração dos defuntos — comunhão dos santos.

Se excluimos a prefação, podemos intitular esta parte de — **Canon** — e é a assim chamada **segunda parte PRINCIPAL** da Missa. Nesta ficam dadas as nossas ofertas (pão e vinho) no Corpo e Sangue de Jesus Cristo. — Rogamos ao Pai que se digne

de aceitar este sacrifício do Filho em **agradecimento** pelos benefícios que recebemos — em **expição** dos pecados que cometemos — em **petição** das graças que precisamos.

VIª parte: **O banquete sacrificial**, que parte do Padre nosso e vai até à oração (ou orações) depois da comunhão (“postcommunio”) inclusive, constando desta forma do Padre nosso — Agnus Dei — comunhão — antífona — “postcommunio”. Aqui se realiza o que diz são Paulo: **Nós estamos em Deus e Deus em nós**; porquanto o Pai, em troca das nossas dádivas, nos dá seu Filho Unigênito, Jesus Cristo, feito pão dos Anjos, na Sagrada Comunhão. E’ a assim chamada **terceira parte PRINCIPAL** da Missa.

VIIª parte: **A despedida**, que parte do “ite, Missa est” até ao último evangelho inclusive, donde se segue que consta do “ite, Missa est”, — placeat — benção — último evangelho. — Expressamos aqui a Deus Pai, em prova do grande benefício que recebemos em assistir à santa Missa, a nossa completa adesão ao Filho e a nossa sincera vontade de irmos aos trabalhos com Jesus e como Jesus.

Para melhor compreensão do que ficou dito nestas sete partes, apresentamos o seguinte esquema.

Como fica demonstrado pelo esquema, a santa Missa consta de partes **fixas** e **moveis** ou **mutaveis**. As partes fixas é o conjunto de fórmulas e ritos habituais da Missa, que se observam inalteravelmente em todas as Missas, e se denominam o “**Ordinário da Missa**”. As partes moveis ou mutaveis é o conjunto de fórmulas e ritos que variam segundo as espécies de Missas, e denominam-se o “**Próprio da Missa**”; porque assim as fórmulas como os ritos são apropriados aos mistérios ou às festas que se celebram.

O Ordinário da Missa, hoje em uso em todos os Missais romanos, remonta ao século XIII, estampado em Milão na edição "Princeps do Missal Romano" em 1474; e definitivamente consagrado, anunciado e preparado pelo Concílio Tridentino; e publicado finalmente pelo Papa são Pio V em 1570. Se não foram outros motivos, bastava o de ser o "Ordinário da Missa" de tão vetusta origem, para o termos na mais alta estima e veneração. Mas a isso, e a mais que isso, nos impele este "Ordinário" por ser o mais sagrado formulário de preces e ritos com que se invoca a Deus e se obriga Jesus a descer dos céus sobre os nossos altares.

Para formarmos idéa clara da santa Missa, ponderemos **a origem histórica** de cada uma das partes componentes da santa Missa e **a significação própria e figurada** de cada uma delas.

* * *

Mas para que o leitor não vá estranhando tanto aparato externo de paramentos, atavios, cerimônias e leis acerca do uso da voz na santa Missa, transcreveremos o que a respeito ensina o Concílio Tridentino na XXII sessão, capítulo V: "A natureza do homem é tal, que muito difficilmente se eleva à meditação das coisas divinas, sem a ajuda exterior que a favoreça. Por isso a santa Igreja, Mãe carinhosa, estabeleceu ritos, segundo os quais devem ser as fórmulas pronunciadas ora em voz alta, ora em voz baixa. Pelo mesmo motivo, ensinada pelos Apóstolos e pela Tradição, organizou cerimônias, bençãos misteriosas, iluminações, incensações, paramentos e muitas outras coisas desse gênero, destinadas a lembrar a majestade de tão augusto sacrificio e a incitar as mentes dos fiéis a se elevarem, por meio destes sinais exteriores da religião e devoção, à contemplação das coisas altíssimas contidas nesse sacrificio".

A estrutura interna da santa Missa

I PARTE

A ORAÇÃO PREPARATÓRIA

Expressamos as nossas aspirações para Deus e os nossos pesares de o termos ofendido.

A estrutura externa da santa Missa

I PARTE

A ORAÇÃO PREPARATÓRIA

As orações ao pé do altar

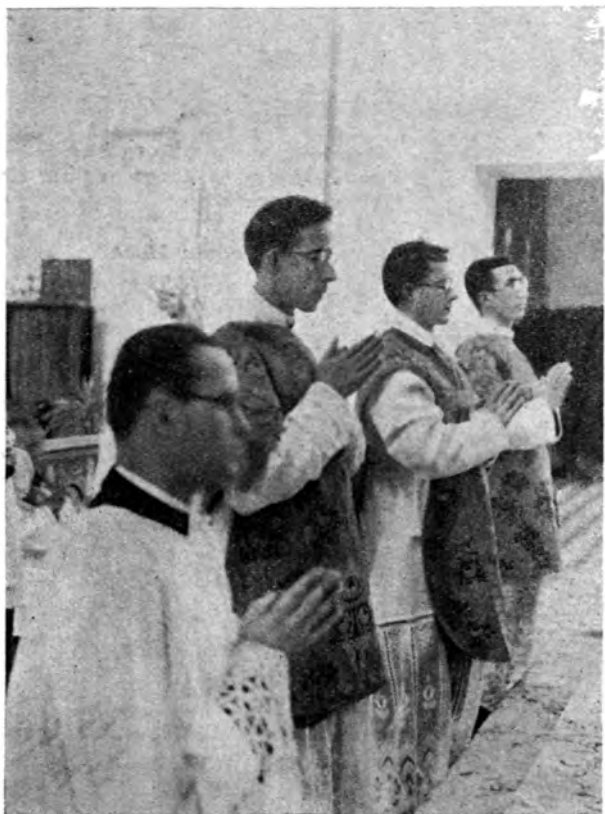
1. Idéa geral. — 2. O sinal da cruz. — 3. O “Introibo” —
4. O “judica me, Deus”. — 5. O “gloria Patri”. — 6. O “adjutorium nostrum”. — 7. O “confiteor” do celebrante. — 8. O “misereatur”. — 9. O “confiteor” dos fiéis. — 10. O “aufer a nobis”. — 11. O “oramus te”.

1. A idéa geral

As orações ao pé do altar tais quais se encontram no nosso Missal Romano são, a partir do ano 1570, prescritas e universalmente adotadas na Igreja Ocidental.

A primeira notícia que se tem dessas orações é do século XI. Muito e muito antes estavam em uso preces preparatórias para a santa Missa, mas não eram de rigor e nem se consideravam como fazendo parte da liturgia da Missa, sendo que comumente se diziam na sacristia e como que de caminho para o altar, enquanto o coro entoava o salmo: Judica me, Deus...

Hoje o salmo e as demais orações ao pé do altar devem ser rezadas como preces litúrgicas logo que o celebrante chegar ao pé do altar sempre que a



“Ao pé do altar”

Missa for solene, aliás logo depois de ter ele posto o cálice sobre o altar e aberto o missal.



O Crux ave, spes unica

Se bem que até Paulo III (1550) estas orações não houvessem sido formuladas na forma e ordem das de hoje, expressavam todavia em sua substância o mesmo pensamento e sentimento: todas exprimiam a confiança em Deus na humilde confissão das culpas; e traduziam o arrependimento que implora misericórdia. Focalizavam-se, a bem dizer, no "Confiteor"; a este preparavam e completavam. Justamente o que se obtém com as orações hoje prescritas. Estas devem alcançar aos sacerdotes a graça da pureza, sem a qual não se pode subir o altar; e aos fiéis a graça de poder ofertar condignamente a Deus seus dons e dádivas.

2. O sinal da cruz

Principia a santa Missa. O celebrante e com ele o diácono, subdiácono, ajudantes e o grande público dos fiéis, erguem a mão direita e pronunciam, fazendo o sinal da cruz: "Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo. Amen".

(N. B. Não estranhe o leitor que, ao invés do costume geral, não transcrevamos aqui as orações em língua latina. A finalidade da presente obra dispensa esta geral rotina. Damos a tradução portuguesa em **negrito**).

O louvável e nunca assaz inculcado costume de fazer o sinal da cruz, antes de empreender qualquer obra de importância, vem dos primeiros tempos do cristianismo.

A doutrina de Cristo: "Sem mim nada podeis fazer" ou "Se Deus não edificar, debalde edificareis" criou fundas raízes nos corações dos cristãos. O fruto não podia deixar de sazonar: entenderam que se devia ter sempre e em tudo a reta intenção. E como a despertariam melhor do que recordando o glorioso mistério da santíssima Trindade?

Mas se há obra de importância, que não se deve empreender sem a reta intenção, esta é sem dúvida a santa Missa.

Pronunciando, portanto, o “Em nome do Padre...” elevamos a mente e o coração a Deus Uno e Trino e a ele invocamos. E nisto imitamos aqueles padres que não só com a mente, mas também com as palavras faziam a reta intenção, dizendo: “Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo seja este sacrifício assinalado, consagrado e bendito”.

* * *

Levantai, fiéis, os vossos corações a Deus! Inundem-se as nossas almas de amor de Deus! Uní-vos ao celebrante, uní-vos a ele, que Cristo nele dignou operar os mais estupendos prodígios.

Pelo sacerdote celebrante, quer a santíssima Trindade ser honrada, glorificada e amada! Olhai-o com os olhos da fé! Se já esqueceste que ele é o “Alter Christus”, relêde a verdade acima exposta.

Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo! Em nome do Deus tres vezes santo, avizinhasse o celebrante da ara do Senhor para receber da boca do Altíssimo o poderoso “Fiat” — faça-se. — Pronunciá-lo-á em breve! A palavra operará o mais sublime dos prodígios! Uní-vos ao celebrante, fiéis, que, embora o olheis como pecador e por isso indigno de operar a mais santa das obras, é contudo outro Cristo no poder de oferecer a Deus, infinitamente perfeito, a Vítima das vitimas, Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, o Filho de Deus, louvado e exaltado de eternidade em eternidade, para a redenção e salvação de nossas almas!

Uní-vos ao celebrante, fiéis, que, em nome da santíssima Trindade, se dispõe a ir depôr no trono de

Deus as vossas dádivas e a receber das misericordiosas mãos divinas os bens, as graças e os benefícios para distribuí-los entre vós!

* * *

Não fôra em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo, isto é, não fôra por poder, autoridade e delegação de Deus, sacerdote algum se atrevera a tanto. Só em nome de Deus, Uno e Trino, ousa ele subir os degraus do altar, apesar do pó que é.

E vós, fiéis, não queirais olhar para o “pó”, mas para aquele que tão benigna e misericordiosamente se vale do “pó”, afim de realizar tão portentosas obras, quais se operam no santo sacrifício da Missa!

* * *

Benzemo-nos, ó Deus uno e trino, com este sinal, e o fazemos ufanos e agradecidos sem sombra de respeito humano! Recorda-nos este sinal aquela cruz redentora em que se consumou o sacrifício cruento de Cristo, sacrifício que estamos a assistir novamente de modo incruento sobre este altar para louvor e exaltação do Vosso “santo Nome, para proveito nosso e da santa Madre Igreja” (Secreta do 9 Dom. n. Pf.).

3. O “Introibo”

Feito o sinal da cruz com as disposições sobre-ditas, prossegue o celebrante dizendo: “Entrarei ao altar de Deus, do Deus que alegra a minha juventude”.

São palavras extraídas do salmo XLII: “Judica me Deus...” ao qual logo voltaremos.

Mas donde veio que a Liturgia põe na boca do celebrante este trecho já de começo, quando fôra

mais natural principiar o salmo e recitá-lo como vem escrito por Davi?

Veio do fato de os neófitos recitarem o trecho enquanto partiam da fonte batismal e se encaminhavam ao altar, para lá receberem a sagrada comunhão. E como todo néo-batizado renasce ou antes rejuvenesce na alma com a recepção da graça santificante, assim o sacerdote não ousará aproximar-se do altar de Deus, sem que antes haja renascido para a graça divina. E porque confiado que, pela infinita misericórdia de Deus, lhe foi já tudo perdoado, o celebrante entra jubiloso em comunicação com o Altíssimo, a cujo contato sua juventude se renova como a da águia; e sua alma transborda de júbilo. Que este seja também o sentimento dos fiéis que assistem ao santo sacrifício é evidente; pois, pelos acólitos, secundam o padre com as palavras: — “Do Deus que alegra a minha juventude”. — No mais, são eles outros tantos sacerdotes que, a seu modo, celebram o santo sacrifício com o sacerdote celebrante.

* * *

Quão miseráveis somos às vezes!

Quando devêramos rejubilar nos entristecemos. Oxalá andássemos melhor dispostos ao altar de Deus para sacrificar! São João Batista exultou nas entranhas de sua mãe, quando Jesus se lhe aproximou naquela hora solene da saudação da Virgem Maria; e nós, quantas e quantas vezes nos aproximamos do altar de Deus frios, gelados em nossos corações! Revistamo-nos de maior fé; porque o altar ao qual subimos para sacrificar a Hóstia Pacífica é o símbolo da humanidade de Cristo, e Cristo é “Deus de Deus”, feito carne, que no altar é Sacerdote e sacrifício! Unamo-nos com alvoroço a este altar divino, e façamo-lo altar nosso, onde sacrifiquemos

a nós mesmos para sairmos rejuvenescidos dessas chamadas divinas, belos em juventude e inocência!

* * *

Com ser assim, por que é que somos tão remissos em assistir à santa Missa? Por que relutamos tanto, quando se trata de nos avizinhamos do altar?

O altar é, além de símbolo de Cristo, o Cristo mesmo, pois Cristo é a “pedra” de que fala São Paulo, a “pedra angular” (1 Cr 10, 4) contra a qual se fraturam as cabeças de todos que se lhe opõem. É duro, em verdade, recalcitrar contra o estímulo ou o agulhão que fere. Quem não está por Cristo é contra Cristo: ao tal irá muito mal.

Vamos, subamos a este altar! Abracemo-nos estreitamente com ele, que o proveito será todo nosso!

* * *

Inundai-nos, Senhor, a alma da alegria divina! Seja de paz e consolação este encontro convosco. Permiti-nos que subamos a vós, Senhor, e em vós nos afogemos. Uma vez unidos a vós, Jesus, não mais vos havemos de abandonar. Uní nossas almas à vossa, Senhor, para que encontremos toda a alegria só em vós!

4. O “Judica me, Deus...”

À disposição da alma é de júbilo: aproximamos do altar de Deus.

Mas ai! A santidade do altar e dos ritos sagrados se opõe à nossa miséria moral. A gota da amargura não podia faltar à alegria: sentimo-nos pecadores, indigníssimos para sacrificar um Deus a Deus.

O sacerdote se lembra que é homem; e o sentimento da sua fraqueza e indignidade o humilha aos



“Louvo-vos, Deus, Deus meu - na harpa...”

pés de seu Deus: “Judica me, Deus...” — Julgai-me, ó Deus... — e prossegue com seus ministros a recitação deste magnífico salmo XLII, onde, como o profeta-rei, repete alternadamente o seu temor, o seu desejo, a sua confiança:

Sacerdote: “Julgai-me, ó Deus, e separai a minha causa da gente ímpia; livrai-me do homem iníquo e enganador”.

Ministro: “Porque vós, meu Deus, sois minha fortaleza. Por que me repeliste? e por que ando eu triste, quando me aflige o meu inimigo?”

S.: “Enviai vossa luz e vossa verdade, que conduzir-me-ão e introduzir-me-ão no vosso monte santo e nos vossos tabernáculos”.

M.: “E entrarei ao altar de Deus, do Deus que alegra a minha juventude”.

S.: “Ao som da cítara confessar-vos-ei, ó meu Deus! Por que te entristeces, ó minha alma? Por que me conturbas?”

M.: “Espera em Deus, porque ainda lhe cantarei, ó salvação do meu rosto e Deus meu!”

S.: “Glória ao Padre, etc.”.

M.: “Assim como era, etc.”.

E o celebrante volta a repetir a antífona: “E entrarei ao altar de Deus, etc.”.

* * *

Que oração movimentada de afetos!

Neste salmo o sacerdote e o povo derramam sua alma aos pés de Deus. Que de sentimentos encontrados! Ora se pede julgamento; ora separação dos ímpios. Confessa-se a onipotência de Deus. Confia-se no poder divino. A medo se pergunta por que Deus se aparta e deixa ao inimigo o poder de afligir. Suspira-se pela luz e verdade, que espanque as trevas do pecado e do erro, porque só assim se poderá entrar na graça de Deus. Reanima-se: e,

com santa impaciência, se rompem as peias que impedem se entre ao altar de Deus. Lá chegado, de começo acha-se o gosto. Fazem, então, vibrar as cordas da cítara. Mas sobrevem a tristeza, a melancolia e a perturbação da alma. Não se desanima; mas espera-se firmemente em Deus, que enxugará todas as lágrimas lá no céu. E por isso a Deus Padre, a Deus Filho e a Deus Espírito Santo se dá toda a glória.

* * *

Deus do céu, quão justo é nosso temor! Deus é a força e é o Juiz. Somos pecadores. Ofendemos a divina Majestade mais de uma vez. Deveras, que não nos faltam motivos de temor e confusão!

Só pode ser por nosso proveito, se nos antecipamos, confessando a nossa suma indignidade. E contudo é forte o nosso desejo de sacrificar. Entendemos que todo o bem nos nasce do sacrificio do altar: a santa Missa aplaca a divina Majestade por nós ultrajada. Só neste mar de misericórdia divina podemos afogar as montanhas de pecados que nos esmagam. Ah! desejamos, suspiramos e anelamos, apesar de tudo, subir ao altar e sacrificar!

Mas que é o que nos impele a dar este passo. E' a confiança. Como Daví titubeante a princípio, decidido e firme ao depois, penetramos no santuário do Deus tres vezes santo. "Ao som da cítará confessar-vos-ei".

* * *

Deus Padre, se a tanto nos abalançamos, é por bondade infinita do vosso Filho! Jesus nos escolheu para Ministros seus, Sacerdotes vossos.

Julgai-nos, Deus Eterno, mas não segundo as nossas iniquidades, e sim, segundo as vossas misericórdias e os merecimentos de vosso Filho, Jesus!

Entraremos ao vosso altar com a confiança do filho pródigo; e como ele vos diremos: "Pai, pequei contra o céu e contra vós!" Dai-nos a vossa graça, que já não queremos pertencer ao número da "gente non sancta", dessa gente que vos esquece, vos despreza e vossos preceitos espesinha; queremos antes viver com os vossos santos, longe do homem iníquo e doloso!

* * *

O' Deus, vós sois a nossa fortaleza! Combateremos ao vosso lado os inimigos. Confiamos em vós! Vós sois o nosso Deus; e a nossa sorte está em vossas mãos! Já não há por que andemos tristes, mesmo que nos aflijam os inimigos! Vós sois o nosso Deus; combatei por nós pecadores, que a vós chamamos em nossas necessidades!

5. O "Gloria Patri"

Acabado o salmo XLII exalta o celebrante a Deus uno e trino, dando-lhe toda a glória e louvor. O uso de se acrescentar no fim da récita de todos os salmos o "Glória ao Padre, etc." vem do século quarto da era cristã.

Entretanto, valha a verdade histórica, não teve a fórmula todos os elementos de que é constituído, logo de começo. O "Glória ao Padre" é de origem mais remota. O "glória ao Filho e ao Espírito Santo" foi acrescentado quando a Igreja se viu obrigada a salvaguardar, contra os arianos e pneumatômacos, a verdade dogmática de que o Filho e o Espírito Santo são iguais ao Pai, Deus como o Pai, e em tudo idênticos com o Pai.

Para, pois, conservar integro o divino mistério da santíssima Trindade, foi-se introduzindo aos poucos entre o povo fiel a bela fórmula do "Glória ao



Crecio em um só Deus, Pai, Filho, Espírito Santo...

Padre...". Por esta reconhece-se a glória intrínseca da santíssima Trindade, que constitue a sua própria vida, a vida da Trindade de Pessoas na Unidade de um só Deus. E' oração que augura a esta Trindade adoravel toda a glória extrínseca, que lembra as orações da criatura com Deus.

A Igreja, no Ocidente, ajuntou ao depois o verso que completa a prece: "Assim como era no principio, agora e sempre e por todos os séculos dos séculos. Assim seja".

E' sem dúvida para estranhar que a Igreja Oriental não haja ainda admitido esta segunda parte do "Gloria Patri".

Com tanto maior razão havemos nós de formular a prece, cheios de entusiasmo e amor.

* * *

Glória a vós Padre, Filho e Espírito Santo, a vós, Deus uno e trino, que sois a força, a sabedoria e a bondade ilimitada! Quem nos dera, puséssemos sempre e em toda a parte todo o nosso zelo e cuidado em propagar a vossa glória e em vos dar glória!

Quanto quiséramos levar a vós todas as criaturas, para que vos prestassem a glória de que sois merecedor!

* * *

Quanto a nós, declaramo-nos prontos a vos dar glória, depondo ante o vosso trono o que somos e temos. Vós sois o Criador de todas as coisas e o Governador e o Conservador de tudo. Que muito, se exigís das criaturas que vos glorifiquem? Não exigís senão o vosso absoluto, inalienavel e divino direito.

Por isso, eis-nos a contribuir para a vossa glória tanto quanto está em nós! Para isso queremos oferecer o mais augusto dos sacrificios, certos de

que só assim vos glorificaremos com o nosso nada; certos também de que só assim vos é grato o sacrifício de nós mesmos e nos é a nós proveitoso por nos dispensar bens e graças.

* * *

Quanta alegria, Senhor! Vós nos sois motivo de gozo e júbilo! Eis que a criatura miserável, um verdadeiro nada, se transforma hoje em valor e poder só por vos retribuir a glória que vos é devida!

Eia, Senhor, coroaí-nos por isso, como o prometestes, que queremos agora e sempre reconhecer-vos como o Rei Soberano e Deus. Assim seja, porque, desde toda a eternidade, mesmo quando todos os seres criados só existiam na vossa mente, vós recebieis a glória que é vossa!

6. O "Adjutorium nostrum"

Terminado o salmo "Judica me, Deus..." repetimos o sinal da cruz, pronunciando, não já as palavras de costume, mas a jaculatória: "O nosso auxílio está no nome do Senhor, que fez o céu e a terra".

Este "Adjutorium" repete-se frequentemente na Liturgia. Aparece regularmente sempre lá onde se vai dando início a uma prece ou a uma função, quer constituam uma parte integral em si mesmas, quer parcial de outras preces ou funções.

Aquí, portanto, averigua-se o fato de que o "Adjutorium" é fórmula de introdução a um rito, que é, segundo parece, o "Confiteor". E, na verdade, o "Confiteor" é um rito ou oração, que não se pode eficazmente recitar sem o auxílio da graça divina, donde a aspiração do "Adjutorium".

Por isso devemos dizer que o “Adjutorium” é realmente uma prece ou uma jaculatória, que, entretanto, vem sendo corroborada com o sinal da cruz que a acompanha, para com maior eficácia introduzir ao “Confiteor” e realçar ao mesmo tempo a suma importância deste; pois, como já fica dito, sempre se faz o sinal da cruz ao começo de uma nova ação.

* ' * *

Importantíssimo, em verdade, é o ato que o celebrante se propõe efetuar. Sim, como poderia rezar devidamente e com fruto o “Confiteor” sem o auxílio da graça daquele, que fez o céu e a terra? Quem poderia jamais excitar em si atos de dor e contrição dos pecados cometidos sem a ajuda da graça de Deus? Mas, se é isto mesmo o que se pretende fazer ao pronunciar o “Confiteor”, com muita razão, manda a Igreja que o celebrante reze o “Adjutorium” nesta parte da liturgia em todas as santas Missas. Pode-se omitir o “Judica me, Deus...”, como se dá nas Missas dos defuntos e da Paixão, mas nunca poderá cair fora a récita do “Adjutorium”.

* * *

Realmente admirável! Torna-se aqui a nomear o nome de Deus, do Deus que tudo criou. Portanto do Deus uno e trino, porque toda operação divina que produz algo fora de si é obra das Tres Pessoas.

Estamos para despertar dor e compunção em nossos corações pelos nossos pecados; importa por isso que concentremos bem a nossa mente na majestade e grandeza da santíssima Trindade.

E quem nos deu a conhecer tão sublime mistério, senão Jesus? A SS. Trindade é nosso auxílio por mercê de Jesus. Eis por que se diz: “O nosso auxílio está no nome do Senhor”.

“O nome do Senhor!” Nome em verdade poderoso, a que se dobra todo joelho dos que estão no céu, na terra e no inferno!

* * *

Senhor Deus, Jesus Cristo, eis por que experimentamos em nossos corações ilimitada confiança em vosso nome. Jesus, o vosso nome seja a nossa ajuda! Em vosso nome nos abalançamos a sacrificar-vos, porque em vosso nome nos serão perdoados os pecados! Eia, extirpai de vez os nossos defeitos! Que há que não possamos esperar de vós que criastes céu e terra?

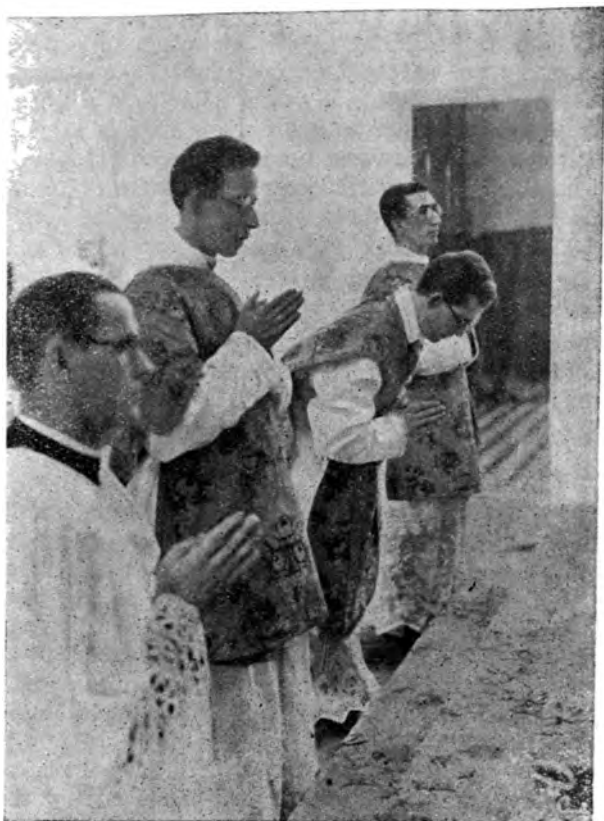
Confiamos em vosso poder!

O' Padre, Filho e Espírito Santo, eis-nos prostrados aos vossos pés! Estendei o vosso manto de proteção sobre nós! Abismai-nos em vós e sere-mos seguros do nosso triunfo.

7. O “Confiteor” do celebrante

E' o momento de o padre mostrar a sua humildade. Entendeu que seria grande afronta apresentar-se como santificador da Vítima divina, sem se confessar réu de lesa-majestade. Curva-se, por isso, de frente quasi em terra, e diz: “Eu, pecador, me confesso a Deus todo-poderoso, à bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado são Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado são João Batista, aos santos apóstolos são Pedro e são Paulo, a todos os santos e a vós, irmãos, que pequei muitas vezes por pensamentos, palavras e obras: por minha culpa, por minha culpa, por minha máxima culpa! (bate tres vezes no peito). Portanto, rogo à bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado são Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado são João Batista, aos santos apóstolos são Pedro e

são Paulo, a todos os santos e a vós, irmãos, que rogueis por mim a Deus, nosso Senhor”.



O “Confiteor do celebrante”

Conforme foi dito em traços gerais sobre todas as orações que pertencem à parte da “Preparação da santa Missa”, o “Confiteor” era até ao século XII

muito variado em sua fórmula e composição. Basta dizer que cada igreja, quando não cada celebrante, tinha o seu "Confiteor" especial. No antigo Pontifical de Paris se lê: O bispo dirá o "Confiteor" — *secundum consuetudinem suam*.

Contudo foi prevalecendo pouco a pouco a fórmula atual, principalmente devido à influência dos Cluniacenses, Dominicanos, Cartuxos e Carmelitas, que adotaram a seguinte fórmula abreviada do "Confiteor": "Eu peccador confesso a Deus e a todos os seus santos; e a vós, padre, (aquí é recitado pelo ajudante de Missa), que pequei em pensamentos, palavras e obras, por minha culpa; rogo-vos, orai por mim".

Os Dominicanos ajuntaram ainda o nome da bem-aventurada Virgem Maria; e só aos poucos se foram intercalando outros nomes dos santos que hoje figuram no "Confiteor". Outros nomes de santos, eliminados do "Confiteor", eram ordinariamente os dos santos cujas relíquias se achavam no altar, em que era rezada a Missa. Este particular mostra a grande veneração em que eram tidas nos primeiros séculos as relíquias dos santos.

Por estas variações passou o nosso "Confiteor" até ao século XVI, em que são Pio V o prescreveu para toda a Igreja Latina.

* * *

Quão bem se distinguem no "Confiteor" as suas duas notas características: a confissão e a súplica! A confissão das culpas, com que se exprime a dor de haver ofendido a Deus. A súplica do perdão, que instantemente se pede.

E' esta a hora mais solene da vida e a de maior responsabilidade. Ai de nós, se sacrificássemos em pecado! Subscreveríamos a própria condenação. E' ponderando esta verdade que não hesitamos em

preferir declarar-nos pecadores perante toda a côrte celeste e todos os co-irmãos na terra, a ostentar-nos inocentes.

* * *

Eu, pecador, confesso... , que pequei por minha culpa, por minha culpa, por minha máxima culpa.

Confessamos, não o negamos, confessamos que pecamos. Por isso curvamo-nos profundamente para a terra. Reputamo-nos só dignos da terra, de que somos feitos, e a que somos condenados por nossos pecados.

E' justo por isso que cada um diga: "Confesso meus pecados diante de Deus, todo poderoso, o único que me pode punir e perdoar; confesso-os diante da Virgem Imaculada, a única preservada da mancha do pecado, assim original como pessoal, e que se diz o refúgio dos pecadores; confesso-os diante do arcanjo são Miguel, o primeiro dos crentes, que vibrou a flamejante espada e precipitou em fuga desabalada legiões infernais; confesso-os diante de são João Batista, o maior dos homens gerados por mulher, o maior dos inocentes e o maior dos batalhadores da verdade e da virtude; confesso-os diante dos Príncipes dos apóstolos, modelos consumados de toda a confissão, modelos incomparáveis de humanidade e dedicação à causa de Jesus. "Senhor, disse Pedro, tu conheces tudo; tu sabes que eu te amo" (Jo 21, 17); "Quem és tu, Senhor? disse Paulo, e que queres tu que eu faça?" (At 9, 5); confesso-os diante dos santos de Deus, que já derramaram suas lágrimas de dor com grande proveito de suas almas e que se prestam lá do céu a socorrer os pecadores arrependidos; confesso-os, finalmente, diante desses meus co-irmãos, testemunhas das minhas ofensas, como também do meu arrependimento!

* * *

Ne excitis me Totum, sed excitate me



Rara, quia amaritudine . . . Ruth 1. 20.



Et Reverent cum sancto pariter Israel



Stetit magno et lacebant . . . i. Ruth. 3. 20.

“Rogo portanto à bem-aventurada Virgem...”

Eis-me, Pai de minha alma, pecador arrependido a vossos pés! Oh! quantas e quantas vezes me atendestes, perdoando-me sempre prontamente! Conduzí-me agora ao vosso altar, já que me renovastes prístina juventude!

Graças também por me haverdes dado um coração contrito e humilhado! Sem um tal coração, nunca teria podido bater tres vezes no peito e dizer: “pequei por minha culpa, por minha culpa, por minha máxima culpa”.

Dou graças a vós, Deus uno e trino; a vós, Virgem das virgens, e a vós, santos de Deus, porque me destes ou alcançastes a vontade de me arrepender dos pecados!

Por isso vos rogo de novo, sêde-me misericordioso! Contemplai-me com benevolência nesta hora solene, para que, purgado com as vossas lágrimas e com as minhas, possa oferecer condignamente o sacrifício puro e ilibado, o único em que o Pai põe todas as suas complacências!

8. O “Misereatur”

Depois que o povo fiel ouviu a confissão que o celebrante fez dos próprios pecados e presenciou o seu arrependimento, parece tomar-se de verdadeira compaixão, e por boca dos acólitos prorrompe nesta súplica: “Compaдеça-se de nós o Deus onipotente e, perdoados os nossos pecados, nos conduza à vida eterna”. Agradecido responde o sacerdote: “Assim seja!”

E’ só então que se põe direito, como quem levou até aquí um grande fardo de que ficou afinal descarregado.

9. O “Confiteor” dos fiéis

Os fiéis, vencidos por sua vez do bom exemplo do celebrante; e entendendo que são a seu modo



O “Confiteor dos fiéis”

cocelbrantes, curvam-se profundamente e recitam o “Confiteor” para, por seu turno, comparecerem

tambem puros aos olhos daquele que é a pureza, e que não tardará a sacrificar-se sobre o altar.

O “Confiteor” dos fiéis é o mesmo que o do celebrante, com a única diferença de que chegados às palavras: ...“a todos os santos”, confirmam dirigindo-se ao celebrante: ... “e a vós, padre”, como o celebrante dissera: “e a vós, irmãos”.

Daquí se vê que os fiéis devem ter as mesmíssimas disposições de alma que o celebrante. Este, depois que os fiéis terminaram o “Confiteor”, roga por eles dizendo: “Compadeça-se de vós o Deus onipotente e, perdoados os vossos pecados, vos conduza à vida eterna”.

A isso respondem eles aliviados: — “Assim seja”. — E aprumam o corpo novamente.

Benzem-se então celebrante e fiéis como a relembrar a santíssima Trindade, que é invocada pelo padre, que reza assim:

“Indulgência, absolvição e remissão dos nossos pecados conceda o Senhor onipotente e misericordioso”. A que respondem os ministrantes: — “Assim seja”.

* * *

Note-se que no missal mozarábico as duas últimas preces: o “Misereatur” e a “Indulgentiam” são chamados: “Absolutio ad populum”, — absolvição do povo.

E é o que deve ser, porque não há de haver durante a santa Missa quem esteja na inimidade de Deus.

O “Misereatur” e o “Indulgentiam” destinam-se a reconciliar o pecador com Deus. Se houver entre nós quem esteja nas garras do pecado mortal e que esteja impossibilitado de se confessar neste momento, desperte em si sentimentos de dor e contrição perfeita com o firme propósito de declarar na pró-

xima confissão os pecados. Assim recuperará a amizade divina, e poderá participar dos inestimáveis frutos da santa Missa!

Por isto é que o celebrante se virava um tanto para o povo e pronunciava sobre ele a "Indulgentiam", para desta forma tornar mais eficaz a contrição do povo sobre seus pecados.

* * *

Que bela disposição de almas não têm o celebrante, os ministrantes e o povo! Parece até que vêm a Deus inclinar-se a eles. Daquí este assalto decisivo do celebrante e ministrantes, prorrompendo nestas breves e incisivas petições:

"S. O' Deus, convertendo-vos para nós, dar-nos-eis vida!

M. E o vosso povo se alegrará em vós.

S. Mostrai-nos, Senhor, a vossa misericórdia;

M. E dai-nos a vossa salvação;

S. Senhor, ouvi a minha oração;

M. E o meu clamor chegue a vós;

S. O Senhor seja convosco;

M. E com o vosso espírito".

* * *

"O' Deus, convertendo-vos para nós, dar-nos-eis vida!" Sim, só o vosso divino olhar perscruta os nossos corações, interpreta as nossas necessidades e lhes sabe aplicar o verdadeiro remédio! Rogamos-vos por isso que nos queirais contemplar e nos sejais propício! Vosso olhar é para os nossos compungidos corações luz, força e vida.

* * *

"E o vosso povo se alegrará em vós". E como não? Somos contemplados por olhos amorosos; e se já o encontro dos quatro olhos de duas criaturas que se amam inunda os corações de alegria

indizível, como deixaria de nos alegrar o encontro dos nossos olhos com os vossos, ó Deus de amor?

* * *

“Mostrai-nos, Senhor, a vossa misericórdia”. Pois que é a misericórdia senão um coração dado às misérias? E quanta miséria não encontrais em nossos corações quando a eles vos converteis! Ah, é tanta que nem corações parecem, senão pedras! Mas, Senhor, será que jamais desprezastes um coração contrito e humilhado? Mostrai-nos, Senhor, a vossa misericórdia!

* * *

“E dai-nos a vossa salvação”, esta salvação que Jesus Cristo, vosso Filho, nos mereceu superabundantemente — “copiosa redemptio” — (Sl 129, 7).

* * *

“Senhor, ouvi a minha oração”; esta oração que estende aos vossos pés tudo o que tenho e sou! Ouví este grito de súplica, que irrompe espontâneo do meu coração! Ouví-o sim; pois é próprio do vosso proceder não repelir os necessitados que se lançam humilhados aos vossos pés!

* * *

“E o meu clamor chegue a vós!” Senhor, já que ouvistes a súplica do celebrante e a despachastes tão liberalmente, animo-me a formular a minha! O meu clamor chegue a vós; porque ele me deve obter a graça de bem ouvir a santa Missa e de tirar dela todos os frutos da salvação.

* * *

“O Senhor seja convosco”. E por que não? Que deixastes de fazer, fiéis, para eu não vos desejar que o Senhor reine em vossos corações? Senhor, não desprezeis estas almas contritas e a vós con-

sagradas! Vinde morar com elas para que se tornem mais gratas ao vosso divino Coração durante a santa Missa!

* * *

“E com o vosso espírito”. Ouvistes, Senhor? Entende o povo fiel que, se deveis estar com ele, com muito maior razão deveis estar com o celebrante. Sim, ficai com ele, ficai com o povo fiel, ficai conosco! Não há para nós graça maior que a de estar com o Senhor. Sim, nisso está a eterna alegria no céu! Ficai com o celebrante, ficai com o povo; que então ficaremos todos convosco; e assim produziremos frutos abundantes, visto que sem vós nada podemos e tudo convosco. Ficai conosco, para que sejamos um só coração, uma só alma, para que a nossa vontade se conforme com a vossa e seja feita a vossa assim na terra como no céu! Ficai conosco, Senhor, porque se torna tarde, e o dia declina! As sombras da morte se vão estendendo negras; e depois vireis a dar-nos o que com as nossas obras merecemos. Ah! Senhor, não nos abandoneis agora que oferecemos o nosso sacrifício! Penhor seguro é que não nos abandonareis, quando oferecermos nós o nosso sacrifício na hora da morte. Assim seja!

10. O “Aufer a nobis”

Depois que o celebrante ouviu o “E com o vosso espírito” em resposta ao seu: “O Senhor seja convosco”; ergue as mãos como para procurar socorro do céu; e diz em voz clara: “Oremus” — reze-mos! — E assim dizendo se encaminha para bem perto do altar, sobe os degraus, acompanhado do diácono e subdiácono, enquanto formula esta oração: “Tirai de nós, Senhor, vos rogamos, as nossas

iniquidades, para merecermos entrar em vosso santuário com espírito puro. Por Jesus Cristo, nosso Senhor. Assim seja!

* * *



“Sobe ao altar”

Não há liturgia que não prescreva, ao sacerdote que se aproxima do altar, uma ou outra oração

inspirada na dor, humildade e fé. A modo de exemplo leia-se esta, que se encontra na liturgia oriental de são João: “Senhor, purificai-nos de toda e qualquer culpa; dai que nos aproximemos, sem mancha, do vosso santo altar, para vos oferecer o sacrificio de louvor. Tememos e trememos diante do vosso altar”.

* * *

A nossa oração “Tirai de nós...” tem sua origem nos tempos mais remotos; pois encontra-se no “Ordo Romanus”, como compendiando as orações, ditas as “longas apologias” ou “orações de desculpa”, que os celebrantes só iam fazer ao avizinhar-se do altar. — Tudo isto nos dá idéa bem exata do grande apreço, em que sempre era tido o altar, lugar do sacrificio, deste sacrificio puro, immaculado. O celebrante não será jamais bastantemente limpo de seus pecados. E’ esta a verdade que a Igreja inculca por todas as formas, ordenando esta série de preces, cada qual mais própria para despertar dor e contrição a começar do “Confiteor” até ao “Rogamo-vos, Senhor, pelos merecimentos dos vossos santos, cujas relíquias aquí estão, e de todos os santos, que vos digneis perdoar todos os meus pecados. Assim seja!”

* * *

Com que insistência pede o celebrante a Deus que lhe perdoe os pecados! Com que amor pede ao mesmo Deus que perdoe os pecados dos fiéis que assistem à santa Missa! Com que carinho e amor pede que tire as iniquidades próprias e alheias! “Tirai de nós, Senhor, vos rogamos, as nossas iniquidades, para merecermos entrar em vosso santuário com espírito puro”. Sim — com espírito puro! — Tão puro, que não fique vestígio sequer de manchas na mente, na imaginação, nos sentidos!

E nem podia ser doutra forma. O sacerdote dirige-se para dentro do "Sancta Sanctorum", para o segredo do santuário, em que conversará a sós com Deus. Ele penetra, qual outro Moisés, nas nuvens dos mistérios divinos, para lá sacrificar e rogar pelo povo. Ele se aproxima da sarça ardente para falar com Deus e trocar palavra sobre o importantíssimo negócio da salvação das almas, da exaltação da Igreja e da glória de Cristo.

E como deixaria de temer e tremer? Como deixaria de procurar a limpeza de sua alma por todos os meios?

Eis por que os rituais primitivos mandam que o celebrante se volte, chegando a este ponto, para o público, de que deve despedir-se dizendo: "Meus irmãos, rezai por mim!"

E', na verdade, uma despedida a subida ao altar. O celebrante, alheio a si, só vive e respira durante o sacrifício em Deus, longe do mundo e alheio a quanto o cerca.

* * *

E por que não vos despedís também vós, fiéis, por meia hora ao menos, de todas as criaturas, para univor-vos só a Deus?

Eia, súis! limpos estão os vossos corações! Entrai confiadamente em espírito no "Sancta Sanctorum" e rezai: rezai pelo padre que celebra, rezai por vós que participais da honra e dignidade do celebrante como coc celebrantes!

* * *

Oremos!... Deus, eis que estendo os braços como a amplexar-vos! Para vós se evola minha alma! Ajunto novamente as mãos, como quem já segura jubiloso o bem recebido: a graça santificante; e firme e esperançoso rezo: "Tirai de nós, Se-

nhor, vos rogamos, as nossas iniquidades para merecermos entrar em vosso santuário com espírito puro. Por Jesus Cristo, nosso Senhor!” Sim, por vós, Jesus, quero ser atado com os liames do amor e da reconciliação. Por vós quero ser elevado ao monte Calvário para aí ser crucificado convosco em expiação dos meus pecados!

11. O “Oramus te”

Eis o celebrante em cima do estrado do altar! Põe as palmas das mãos na orla da mesa do altar. Inclina-se sobre ele, e cola um beijo na pedra sagrada, enquanto formula a seguinte prece: “Rogamo-vos, Senhor, pelos merecimentos dos vossos santos, cujas relíquias aquí estão, e de todos os santos, que vos digneis perdoar todos os meus pecados. Assim seja”.

* * *

Beija-se o altar, quando chegado às palavras: “cujas relíquias aquí estão”. E’ cerimônia dos primeiros séculos; pois lê-se no primeiro “Ordo Romanus” do século VIII, que o papa devia beijar o altar e o Evangelho, e dava o beijo da paz a seus ministros. Ainda hoje o bispo beija o Evangelho nesta ocasião: representa ele a imagem de Cristo. Outros missais antigos dizem que o celebrante beijava o altar e fazia o sinal da cruz, e que o diácono beijava o lado esquerdo do altar.

O beijo na liturgia, já o nota são Jerônimo, é sinal de respeito. Ora, se há algo digno de respeito, então é certo que é o altar, o evangelho e os ministrantes.

O altar. Que é o altar senão a figura do Corpo de Cristo? O beijo, portanto, é dirigido a Jesus Cristo; santo Atanásio compara os que abraçam e



“Pedimo-vos, Senhor, pelos merecimentos...”

beijam o altar com respeito àquela mulher do Evangelho, que tocou com fé a veste do Senhor.

O beijo é dirigido também aos santos, cujas relíquias estão reclusas aí no altar.

O celebrante beija o altar sempre antes que se vire para o público, para indicar que ele recebe a paz de Jesus Cristo e a transmite aos fiéis. Isto de acompanhar o beijo com a oração: "Rogamos..." é de data posterior; pois é prece que só se encontra nos missais do século XI em diante.

De resto não é senão a confirmação do fato de que, desde o começo litúrgico, se sentiu sempre a necessidade de acompanhar o ato ou cerimônia com uma prece que lhe correspondesse.

* * *

Voltamos a considerar a oração: "Rogamos, Senhor..." Também aqui predomina a idéia ou antes o sentimento de dor e humildade. Fato digno de nota: por mais que o homem se arrependa dos seus pecados e se humilhe em seu nada, sempre mais se persuade que jamais o poderá fazer perfeitamente. Sempre se lhe apegam os malditos parasitas do amor próprio e da soberba; e isto mesmo em meio do mais solene dos atos divinos. Sabe-o a Igreja, como Mãe de consumada experiência; e por isso volta, no decurso dos sublimes atos litúrgicos, a pôr na boca do celebrante outras preces repassadas de dor e humildade, para que o sacrifício divino não reverta em condenação dos homens, quando devera ser para sua salvação.

* * *

Oh, não nos cansemos em pedir perdão pelos pecados! Multipliquemos os atos de dor e humildade, como multiplicamos os de orgulho e malícia! Não nos dedignemos de beijar o chão, a terra, maxime

quando tivermos a desdita de pecar! Lembremo-nos que é grande mercê que a terra nos faz, quando não se abre para nos engulir na hora em que nos surpreende pecando.

Exercitemos em nós os sentimentos de compunção, somenos agora que estamos por presenciar o mais augusto dos atos religiosos, para merecermos os frutos espirituais a ele anexos.

* * *

Santos do céu, mártires, confessores, virgens e doutores, eu vos beijo reverente as relíquias! Sirva este ato de amor e respeito para impetrar-me da bondade divina o perdão dos meus pecados!

Altar, símbolo da cruz de Cristo, em que tantas e tantas vezes o corpo, sangue, alma e divindade de Cristo pousou e pausa, tremo e temo aproximar-me de ti, tão puro, tão imaculado...! Ah, perdão... obtem-me perdão dos meus pecados!

Peço e rogo, ó Deus, o perdão dos meus pecados e dos fiéis; porque, como poderíamos do contrário sacrificar com alegria?

Eis-me, Senhor, cheio de compunção, no vosso altar, ou, melhor, junto a vós! Oh, eu sinto, sinto que a minha dor e humildade vos é aceita! Sinto o efeito da verdade: a penitência é a mãe da alegria! Enchem-se os corações de júbilo e de esperança. E' o incenso que em brancas espirais de fumo se evola aos ares; são os cânticos que ressoam pelas abobadas do templo e são as orações que sobem ao vosso trono, ó Deus!

A estrutura interna da santa Missa

II PARTE

O OFÍCIO DIVINO DEPRECATÓRIO

Pedimos as graças que Cristo nos mereceu.

A estrutura externa da santa Missa

II PARTE

O OFÍCIO DIVINO DEPRECATÓRIO

Orações com o mais

1. Idéa geral. —
2. O celebrante incensa o altar. —
3. O "Introitus". —
4. O "Kyrie eleison". —
5. O "gloria in excelsis". —
6. O "Dominus vobiscum". —
7. A "oratio" ou colecta.

1. Idéa geral

Como vem a propósito esta parte, depois de nos termos apresentado diante do altar cheios do desejo de nos unirmos a Deus e repassados de dor dos nossos pecados!

De muitas e muitas graças precisamos para chegarmos sãos e salvos à Pátria celestial. E que ocasião oportuna esta de as pedir! Façamo-lo com gosto e alegria.

2. O celebrante incensa o altar

A santa Missa que descrevemos é a cantada ou solene. Ora, o característico dessa é ser muito mais ceremoniosa e pomposa que a Missa simples ou re-

zada. A incensação do altar já é uma dessas notas características. Estamos na parte do ofício divino deprecatório. Mas que quer dizer deprecar? Quer dizer rezar, rogar, suplicar, implorar, em uma palavra: elevar a mente a Deus para lhe pedir tudo o que é decente e honesto.

E eis por que nos introduz a Igreja nesta parte deprecatória com a incensação! Que é a incensação senão o sinal sensível de como se deve rezar? O fumo branco, aromático, que em graciosas espirais ascende rápido ao alto, nos fala da oração que deve ser pura, grata, aromatizadora e singela, afim de elevar-se célere ao céu. Por tudo isto prescreve a liturgia em ocasiões solenes a cerimônia da incensação! E' mais facil imiscuir-se um quê de mundano em tão augusto sacrificio e desviar a mente de Deus nessas Missas solenes, do que nas rezadas. E para que isto não se dê, nem no celebrante e nem nos fiéis que assistem à santa Missa, acode a Igreja toda solícita com este engenhoso meio.

* * *

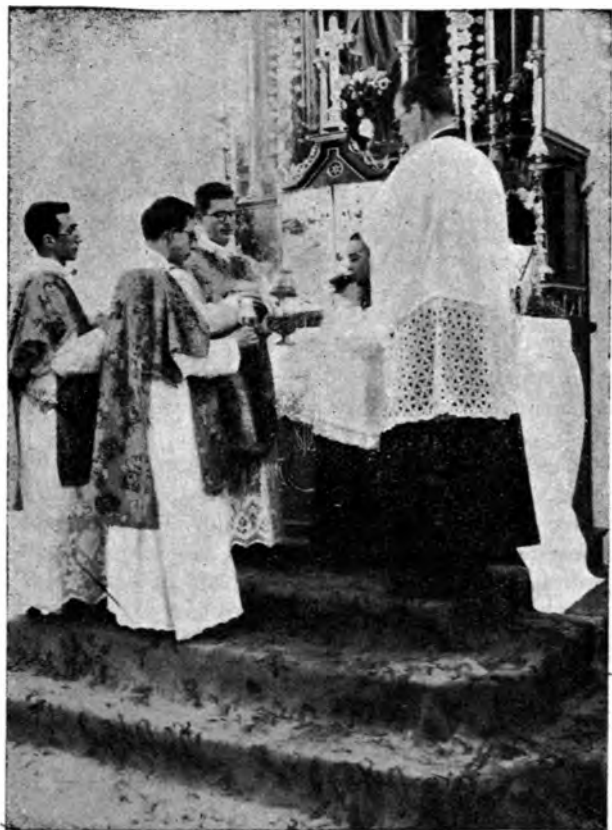
Assim, pois, que sobe ao estrado do altar, no meio reza o "Rogamo-vos, Senhor..." Volta-se em seguida o celebrante para a direita, recebe a colherinha, e o diácono lhe apresenta a naveta do incenso, dizendo: "Abençoai, reverendo Padre!"

Ajunta então o celebrante as mãos e logo lança a bênção ao incenso com estas palavras: "Abençoado sejas por Aquele em cuja honra serás queimado. Assim seja".

Feito o que, deita tres vezes incenso sobre as brasas, que estão no turíbulo, apresentado por um dos acólitos.

Toma em seguida deste, que já fumeja agradavelmente, incensa, sem oração alguma, a cruz sobre o altar, as relíquias, se as houver expostas, a

parte inferior, superior e os dois lados do altar. Primitivamente, quando ainda os altares eram do



“Deita incenso”

feitio que permitia se rezasse a Missa virado para o público (1), o celebrante só incensava a parte su-

(1) Os altares eram então simples mesas.

perior do altar; passando em seguida o turíbulo ao diácono, que procedia à incensação das outras partes do altar, contornando-o todo.

E' esta a primeira incensação que se faz durante a santa Missa; a segunda faz-se no "Offertorium", a que voltaremos em seu lugar. Omite-se esta primeira incensação nas Missas dos defuntos.

Os Gregos são mais pródigos que os Latinos na incensação do altar, porque fazem-na durante quasi toda a santa Missa.

Se se indagar a origem destas incensações, parece devermos buscá-la nas cerimônias e nos ritos solenes usados na consagração dos altares, como acima fica dito (2); porque aquí se prescreve a incensação quasi contínua dos altares, que se consagram, por causa da veneração que se lhes deve, sendo eles o santuário, o objeto de veneração toda especial.

Observa-se que, enquanto o celebrante incensa o altar, o diácono e o subdiácono lhe seguram a casula pela orla. Esta rubrica, que não tem hoje razão de ser, era antigamente necessária; pois, como atrás se disse, as casulas eram de feitio a cobrir os braços e assim a embaraçar o celebrante na incensação, pelo que este recolhia para cima dos ombros a parte da casula que lhe cobria os braços, no que era ajudado pelos ministrantes, que, por seu turno, se encarregavam de a segurar durante a incensação.

Terminada a incensação do altar, o diácono incensa o celebrante; e segue o "Introitus".

* * *

Cerimônias estas grandemente significativas! Mas há nelas umas rubricas que merecem a nossa especial atenção.

(2) vide: incenso e naveta, pág. 70.

O diácono que apresenta o incenso ao celebrante beija primeiro a colherinha e depois a mão do padre, com as palavras: "Abençoai, reverendo Padre".

Oh, sim, abençoai, reverendo Padre, porque vós sois Pai, sois sacerdote; e o sacerdote é o pai que dá aos fiéis a vida sobrenatural, e os gera para a vida eterna!

Abençoai este incenso, com esta mão, que beijo igualmente!

* * *

Aprendamos, fiéis, deste beijo e destas palavras, a reverenciar no padre a Cristo, a reverenciar os objetos sagrados a Deus. Fá-lo o diácono em todas as funções religiosas. Sempre que deva depositar nas mãos do sacerdote um objeto, beija primeiro este e depois a mão; e sempre que das mãos do sacerdote recebe um objeto, beija primeiro a mão e depois o objeto; e isto tudo em sinal de profundo respeito para com a pessoa daquele que representa Cristo, e para com o instrumento que serve no santo sacrifício.

Façamo-lo igualmente sempre que nos é dado encontrar ou um sacerdote ou um objeto sagrado ou reservado ao culto, para assim mostrar por fora o que nos anda por dentro em verdade e sinceridade; e o fruto da benção do sacerdote não poderá faltar!

* * *

O' Deus, espero na força da benção sacerdotal; porque sei que sois vós quem por ele me abençoais. Dá-lo a entender o padre, quando, a pedido do diácono, benze o incenso: ele pousa a mão esquerda sobre o altar, como a dizer: em nome de Cristo, e ergue a direita com que benze o incenso. Sim, esta rubrica me dá a entender que o padre

benze só em vosso nome e que a vossa benção desce do trono em que residís.

Espero na eficácia da incensação; porque, como o celebrante, eu beijo em espírito o altar, qual outra Madalena, que beija os pés de vosso Filho Jesus; e, como o celebrante, incenso o altar, qual outra Madalena que entorna o frasco de perfumes nos pés do Salvador.

Oh, que este beijo do amor e que este incenso da oração me mereçam os vossos olhares de bondade e misericórdia!

3. O "Introitus"

Pronto com as cerimônias e rubricas da incensação, volta-se o padre para o missal, benze-se e reza o "Introitus", que consta de um texto da Sagrada Escritura e que varia segundo os tempos do



Missal

ano eclesiástico ou segundo o carater da missa, celebrada em determinados dias, para comemorar determinados mistérios divinos ou festas de santos.

Este texto chama-se **antífona**, porque precedia e ainda precede o salmo, que antigamente era cantado todo ou em parte, segundo o celebrante tardava ou se apressava a sair da sacristia para o altar. (N. B. Recordo o que disse atrás: nos primeiros dez séculos, mais ou menos, as orações preparatórias eram recitadas na sacristia).

No "Introitus", portanto, reza o celebrante primeiro a antífona, depois o primeiro verso de um salmo, que também sempre varia, por fim o "Gloria Patri". Isto sempre e em todas as Missas, com ex-

ção das Missas dos defuntos, onde a antífona é invariavelmente o "Requiem æternam" e o salmo sempre o 64, versículos 2 e 3. Cai também de todo o "Gloria Patri", que é substituído pelo "Requiem æternam", que equivale à repetição da antífona; porque, — note-se ainda esta propriedade no "Introitus", — acabada a antífona, o verso do salmo e o "Gloria Patri", repete-se a antífona.

* * *

Conforme fica explicado, o celebrante só subia ao altar e principiava a santa Missa com as orações sobreditas; daqui o dizer-se que a Missa, propriamente dita, principia ainda hoje com o "Introitus".

Nos primeiros séculos cantavam-se estas orações nas Missas solenes. O salmo, de que hoje só se canta ou reza o primeiro verso, era então cantado todo pelo coro ou rezado pelo celebrante em Missas simples.



Estante

Por ser o "Introitus", como já a palavra o diz, entrada, ingresso à santa Missa, o sinal da cruz

não podia faltar; porque, como já acima fica apontado, nunca se começa uma ação importante sem que lhe preceda o símbolo da Redenção. Isto foi e é uso na Igreja; e posto que hoje não tenha a santa Missa a aparência de só principiar pelo "Introitus", isso não obstante, conserva a Liturgia ao menos o sinal da cruz exterior. Hoje o celebrante benze-se ao começar o "Introitus", mas não formula as palavras. Belo exemplo de respeito às santas tradições!

* * *

Oxalá que fossem melhor ponderadas as orações do "Introitus", assim pelo celebrante como pelos fiéis; porque tiraríamos delas muito maior fruto, assistindo à santa Missa melhormente informados sobre o seu sentido!

E' no "Introitus" que se anuncia e comenta brevemente o mistério ou a festa solenizada pelo santo sacrifício. Toda a significação real da mística da festa em questão vem expressa na antífona, e no texto salmódico do "Introitus". Sirva de exemplo o "Introitus" que a Liturgia oferece para a festa do Sagrado Coração de Jesus. Antífona: "Os pensamentos do seu Coração subsistem de geração em geração para livrar da morte as suas almas e para as nutrir na fome" (Sl 32, 11 e 19). Verso salmódico: "Exultai, ó justos, no Senhor, aos retos de coração fica bem louvá-lo" (Sl *ibid.*, 1).

* * *

Por que não damos expansão aos sentimentos que vêm expressos nestas orações? E' a Igreja que o pede e o manda. Se não fosse este o fim, que razão haveria para repelir a antífona? Sei muito bem que não é, às vezes, possível penetrar e ver num relance de olhos a significação relativa de certos "Introitus"; isto é, o nexó íntimo que eles têm com a festividade da Missa; entretanto, quer me parecer que são precisamente estes "Introitus" os de significação mais bela, mais sublime e mais divina.

Tentemos uma que outra vez estudar-lhes o sentido literal e próprio e depois o figurado e metafórico, e não tardaremos a achar-lhes o místico, que nos levará às regiões superiores.

Estaria fora do plano deste trabalho e da sua finalidade, quiséssemos desenvolver, explanar, argumentar sobre todos os "Introitus" variadíssimos e numerosíssimos, que no decorrer do Ano Ecle-

siástico figuram na santa Missa. Entretanto, é certo que se faria grande obra meritória e de grande proveito aos sacerdotes e fiéis, se se compilassem os "Introitus" e se desenvolvessem em forma de meditação.

Contentemo-nos por ora com sugerir este plano. Para todo celebrante é dado aqui mais uma vez o conselho: — Medita o "Introitus!"

* * *

Senhor Deus, que nada fazeis sem fim certo e racional, dai que sempre iniciemos o santo Sacrifício do vosso divino Filho, com devoção e atenção como quem sabe o que quer! Dai, se possível for, que antes de rezarmos a santa Missa leiamos atentamente a antífona e possivelmente o salmo todo, para que nos capacitemos sobre o sentido da festa e sua importância!

E vós, santos todos, máxime vós, Virgem das virgens, sugerí-nos a feliz idéa de abrir o missal pela manhã, e com ela a força de meditar por alguns minutos as palavras do "Introitus" da Missa do dia!

E quando a nossa pouca iniciativa, para não dizer preguiça, ou a falta de tempo nos veda o cumprimento do bom propósito, ah, então, ajudai-nos que ao menos na ocasião da Missa leiamos o "Introitus" como merece e a Igreja manda! Assim seja.

4. O "Kyrie eleison"

O "Kyrie" é a invocação que segue depois do "Introitus".

Repetida a antífona do "Introitus", dirige-se o padre com o diácono e subdiácono, que se vêm postar respetivamente à direita e esquerda dele, ao meio do altar; e com as mãos juntas profere, alternando com os ministrantes, a invocação:

S. "Kyrie eleison
M. Kyrie eleison
S. Kyrie eleison
M. Christe eleison
S. Christe eleison
M. Christe eleison
S. Kyrie eleison
M. Kyrie eleison
S. Kyrie eleison".

* * *

"Kyrie eleison" são palavras gregas que significam — Senhor, tende piedade de nós.

Quem rezou ladainhas de nossa Senhora, dos santos, etc., haverá notado que todas principiam com o "Kyrie eleison". — Senhor, tende piedade de nós. — Ora, parece de todo admissivel que estas invocações tenham sua origem nos primeiros séculos do cristianismo, tanto mais que é invocação comum na Sagrada Escritura.

Depois de haver repetido o "Kyrie" com a dita alternção, continuava-se com as invocações, que ainda hoje se encontram na ladainha de todos os santos.

No decorrer dos tempos sofreu a santa Missa tambem nesta parte a sua modificação. Passou a figurar de preferênça o "Introitus"; e desapareceu a ladainha da qual se conservou só o "Kyrie".

Mas em todas as dioceses houve prescrição desde logo sobre o número de vezes que se devia repetir o "Kyrie" e sobre o lugar da Missa em que se devia dizer; pois é certo que no tempo de são Gregório Magno, século VI, o rito romano ordenava se cantasse o "Kyrie eleison" alternado com o "Christe eleison" até a um sinal dado pelo bispo celebrante; é outrossim certo que ainda hoje em Milão, onde se obedece ao rito ambrosiano, o celebrante

fórmula o “Kyrie” tres vezes depois do santo Evangelho e tres depois da ablução. Foi só no século XI que se generalizou no rito romano o uso de recitar o “Kyrie” tantas vezes e no lugar da Missa hoje em vigor, isto é, tres “Kyrie” dirigidos a Deus Padre, tres “Christe” a Deus Filho e tres “Kyrie” a Deus Espírito Santo, logo depois do “Introitus”.

* * *

Quanto seria para desejar que fosse proferido o “Kyrie” com aquela devoção e fervor que a sua significação merece! Não é verdade que deveria ser outras tantas setas de amor a atravessar o Coração divino? Jesus não resistiu a este grito, que miseraveis maltrapilhos e doentes soltavam desde os becos das ruas à sua passagem. E’ que Deus não despreza um coração contrito, humilhado e amoroso.

Importa, pois, muito que se recite o “Kyrie” afim de incitar nos corações e nas mentes a verdade de que somos uns miseraveis que necessitamos do auxílio divino.

Façamo-lo, sim, com fé como os necessitados do Evangelho! — Senhor, tende piedade de nós!

* * *

Qual fosse o entusiasmo de alguns pelo “Kyrie” na Idade Média, bem se nota nos variados “Kyrie” intercalados de palavras e idéas que desenvolvem a aspiração.

Sirva de exemplo um desses “Kyrie” que se encontram em um Missal impresso em 1531, e que se acha no mosteiro beneditino de S. Martinho, da diocese de Sião. Dou somente a tradução:

“Senhor, Deus tres vezes amante das Virgens, ornamento de Maria, tende piedade”.

“Senhor, que criastes a illustre Maria da régia estirpe, tende piedade”.

“Senhor, que acolheis as dignas preces que ela vos dirige em prol do mundo, tende piedade”.

“Cristo, Deus gerado do Pai, homem nascido da Mãe Maria, tende piedade”.

“Cristo, dado ao mundo pelas entranhas da beata Virgem Maria, tende piedade”.

“Cristo, recebendo os louvores que tributamos à imaculada Maria, tende piedade”.

“Senhor, Espírito Santo, que com a sombra da vossa virtude cobristes o seio de Maria, tende piedade”.

“Senhor, que transformastes em cela nupcial o seio da Virgem para o Cristo, tende piedade”.

“Senhor, que sois o Espírito que elevastes Maria acima dos céus, dai-nos que, mediante vosso poder, lá a sigamos; Espírito divino, tende piedade”.

Belo exemplo da devoção e piedade cristã daqueles tempos! E porque somos nós tão frios? Será que esmoreceu a fé em nossos corações?

* * *

Deus Padre, Filho e Espírito Santo, tende piedade de mim!

Como me envergonham a vossa grandeza, bondade e misericórdia para comigo, quando sou tão mesquinho para convosco!

Senhor, tende piedade de mim! Tende piedade de mim, porque sou filho e vós, Pai meu! Tende piedade de mim, Filho eterno, porque como vós, Jesus, sou filho de tão grande Pai! Tende piedade de mim, de minha alma, Espírito divino, porque ela é vossa esposa! Santo Deus, uno e trino, tende piedade de mim, tende piedade de mim!

O' Deus de misericórdia e de toda bondade, Pai, Filho, Espírito Santo, em vossos braços me lanço todo neste momento; entrego-me todo ao vosso misterioso e triunfante influxo; transformem-me

em outro homem os santos mistérios que estou por realizar e assistir!

Deus imenso, redimi-me novamente sobre este vosso altar em que deponho, com o coração cheio de confiança, toda a minha miséria, porque estou seguro da vossa proteção. "Kyrie eleison".

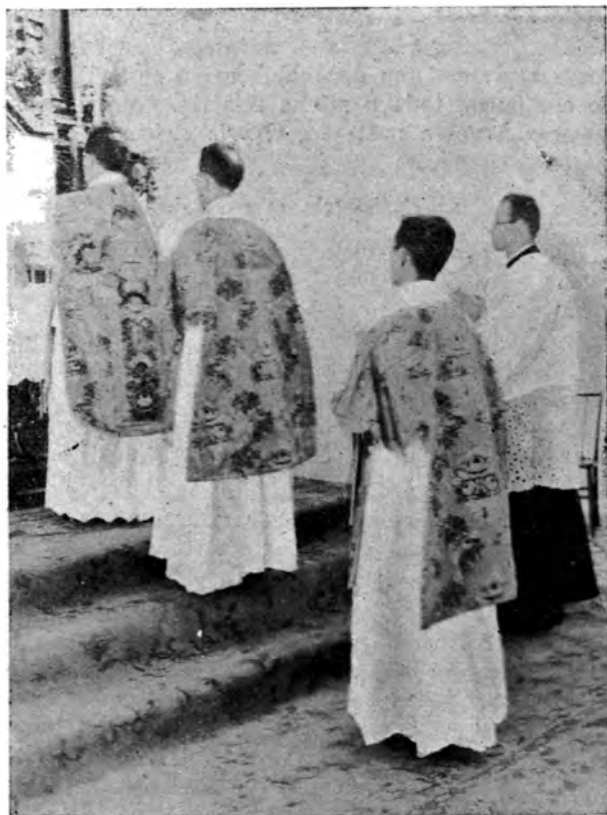
5. O "Gloria in excelsis"

Não se perca de vista que descrevemos a Missa solene ou cantada. Ora bem, o "Kyrie" é cantado pelo coro e recitado pelo celebrante. Termina o canto do "Kyrie". O celebrante, aí mesmo no meio do altar, estende e eleva as mãos ao céu, cantando o "Gloria in excelsis Deo". Passa a recitá-lo, todo, conjuntamente com o diácono e subdiácono, enquanto o coro canta: "E paz na terra aos homens de boa vontade".

Louvamo-vos, bendizemo-vos, adoramo-vos, glorificamo-vos, graças vos damos por vossa imensa glória, Senhor Deus, Rei do céu, Deus Pai onipotente.

Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito, Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho do Pai, vós que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós. Vós que tirais os pecados do mundo, aceitai a nossa prece. Vós que estais sentado à direita de Deus Padre, tende piedade de nós, porque vós sois o único santo, o único Senhor, o único Altíssimo, ó Jesus Cristo, conjuntamente com o Espírito Santo, na glória de Deus Padre. Assim seja".

Porque o coro precisa mais tempo para acabar o "Glória", o celebrante com os ministrantes se assentam. Se o povo fiel não os imita é que não existe o costume; não lhe é entretanto vedado fazer o mesmo sentando-se e levantando-se com o celebrante e ministrantes.



"Eleva as mãos... Glória"

Enquanto o coro canta e o celebrante descansa quanto ao corpo, não nos é lícito descansar e ficar inativos quanto ao espírito.

*** * ***

O "Gloria in excelsis" é tão venerando por sua antiguidade como o "Kyrie". Já se encontram sinais dele no II século.

A Igreja acolheu em sua Liturgia toda palavra vinda do céu. Como se esqueceria destas que os anjos cantaram na memorável e jubilosa noite em que o Filho de Deus se fez homem, aparecendo como tenro menino entre os homens?

E a Igreja, como depositária e intérprete da doutrina celestial, foi aos poucos ajuntando ao "Glória" outras aspirações em honra de Deus Padre e das duas outras Pessoas divinas. Várias e diversas foram as circunstâncias que a incitaram a isso, sendo a mais poderosa a luta renhida travada contra os herejes dos primeiros cinco séculos. Ora foram os agnósticos, já os docetas ou fantasiastas, já os arianos, depois os nestorianos, vieram apolinaristas e depois tantos outros e outros que, ou negavam a divindade de Jesus Cristo, e, se admitiam a esta, negavam-lhe a humanidade; ou negavam a personalidade e a natureza divina do Espírito Santo.

A Igreja, sempre zelosíssima pela defesa da causa de Deus e da verdade revelada, reivindicou a Jesus e ao Espírito Santo os atributos a que têm jus como Deus, entoando-lhes com entusiasmo no "Gloria in excelsis".

Depois de reconhecer o direito que Deus tem à glória sobre criaturas, os exalta cantando com os anjos: "Glória a Deus no mais alto dos céus, e paz na terra aos homens de boa vontade", e ajuntando mais o seguinte verso: "Louvamo-vos...", dirige-se diretamente, no terceiro verso, a Deus Filho, em que faz salientar a divindade e a humanidade de Jesus: "Senhor Jesus Cristo, Filho unigê-

nito, Senhor Deus, Cordeiro de Deus... , e pelo fim do verso o Espírito Santo aparece como idêntico ao Filho segundo a natureza divina.

* * *

Apreciada a interessante origem do "Glória", apreciemos a sua dignidade e majestade divina.

A Igreja teve sempre em tão alto apreço o "Glória" que no começo só era permitido cantá-lo no Natal, e isso à meia noite, na chamada "Missa de galo". Foi só no século V, que o papa Símaco concedeu aos bispos, e só a eles, o privilégio de cantar o "Glória" também nos domingos e nas festas dos santos mártires, e estendeu-o aos sacerdotes que o podiam recitar, e não cantar, no domingo da Ressurreição. Ficou a lei de Símaco em vigor até ao século XI, em que os celebrantes de missas, bispos ou não, houveram de acomodar-se a novas determinações ainda hoje vigentes.

O "Glória", portanto, é desde então recitado por todos os que celebram a santa Missa, também quando cantado pelo coro, e em quasi todos os dias do ano, tirando-se os dias em que o carater da Missa não é compatível com o "Gloria in excelsis". Assim, por exemplo, cai o "Glória" nas Missas rezadas com paramentos pretos e roxos, logo nas Missas de defuntos, de advento, da setuagésima até Páscoa e do "Proprium de Tempore".

(N. B. Distingue-se na liturgia o "Proprium de Tempore" e o "Proprium Sanctorum". Por "Proprium de Tempore", como já o dizem os termos, se entende o tempo do ano litúrgico, que são como que as estações da religião; porque assim como o corpo para bem crescer tem as estações do ano solar — primavera, verão, outono e inverno — assim a alma para bem crescer na graça e virtude, tem suas estações que são o Advento, Quaresma e o

tempo que segue o Pentecoste. Essas estações litúrgicas, se nos permitem a designação, sofrem alterações, isto é, não caem sempre na mesma época, visto que têm por base o dia da Páscoa da Ressurreição, que varia cada ano.

Todas estas estações da vida da alma produzem os respectivos frutos, visto que cada qual tem suas



“Assentam-se”

propriedades específicas: outros são os ofícios e missas nas diversas estações, isto é, no Advento, na Quaresma e no tempo depois do Pentecoste. Mas nem por isso é vedado intercalar outros e diversos ofícios e missas nestas tres estações; antes, muito pelo contrário, prescreve-os a Igreja. Daquí os ofícios e missas que são do “Próprium Sanctorum”, isto é, que se dizem em honra de Maria SS. e dos santos.

Nestas santas Missas cai fora o "Gloria in excelsis" para indicar o espírito de penitência e de tristeza que deve acompanhar estes dias.

Como se pode colher da nota, as tres estações do Ano Litúrgico, apesar do seu carater dominante de tristeza ou alegria, vêm intermeadas de outras festas com outros ofícios e santas Missas; e é o que recebe o nome de "Proprium Sanctorum".

Nestes ofícios e missas figura comumente o "Gloria in excelsis". Não se pode, porém, prefixar aqui de modo especial as Missas que levam e as que não levam o "Glória"; bastará, por isso, dizer para a orientação do celebrante, que se diz o "Glória" na Missa, sempre que no Breviário Romano se recita o "Te Deum" nas Matinas. Diz-se outrossim na quinta-feira santa e no sábado santo, devendo à solenidade destes dois dias.

Para que o povo saiba se vai ser rezado ou não o "Gloria in excelsis" olhe para as cores dos paramentos. Vendo o padre de cápsula preta, ou roxa, já sabe que na santa Missa não se reza o "Gloria in excelsis".

Há, porém, as assim chamadas Missas votivas, que são as que os celebrantes podem escolher para si "ad libitum" em um que outro dia da semana. Nessas há ou não há "Gloria in excelsis" conforme as indicações do "Diritorium".

Mas sempre há invariavelmente "Gloria in excelsis" nas Missas votivas de nossa Senhora, no sábado, na dos anjos e na Missa votiva solene, que se celebra por causa de uma necessidade premente, a que concorre ou se supõe concorrer grande número de fiéis.

* * *

Quem, depois destas considerações, deixaria de estimar e apreciar todas as rubricas que acompanham a recitação do "Gloria in excelsis"? Quem



O "Gloria in excelsis" dos anjos

não seguiria com interesse e devoção os movimentos das mãos e cabeça do celebrante, que reza o "Gloria in excelsis?"

O celebrante, ao iniciar a récita do "Gloria in excelsis", estende as mãos e as levanta ao alto para em seguida as ajuntar e prosseguir de mãos postas a récita do "hino angélico". (N. B. Assim chamado, por ser o primeiro verso do "Glória" dos anjos).

E' este um movimento que ele executa sempre que queira testemunhar seu amor para com as coisas celestes ou impetrar graças com maior insistência. E que outro meio mais eficaz para obter graças abundantes do que o louvor e a glorifica o da pessoa de quem se esperam as merc es? E não é um hino de louvor e glorifica o a Deus o "Gloria in excelsis?"

Está, portanto, muito em seu lugar a rubrica apontada. Há, porém, outras no "Gloria in excelsis" dignas de nota; é a leve inclina o de cabeça que o celebrante faz ao pronunciar a palavra "Deo"; (... in excelsis Deo). Faz-se isto em sinal de respeito ao santo nome de Deus. Esta mesma rubrica observa o celebrante quando pronuncia "Adoramo-vos, — graças vos damos, — aceitai a nossa prece", — porque estas expressões resumem os principais fins do sacrifício. Com o "Adoramo-vos" exprime-se o primeiro fim do sacrifício que é o "latr utico": reconhecimento do supremo domínio de Deus, — com o "Graças vos damos" exprime-se o segundo, que é o "eucarístico": — agradecimento pelos benefícios recebidos. — Com o "Aceitai a nossa prece" exprime-se o terceiro, que é o "impetratório"; — peti o de novos benefícios.

E com que rubrica exprime o celebrante o quarto fim do sacrifício, que é o "propiciatório e satisfatório?" Creio não andarmos enganados, se dizemos que o exprime com o sinal da cruz que faz ao terminar o "Gloria in excelsis", pronunciando os nomes da santíssima Trindade. Não foi acaso do

alto da cruz que Jesus Cristo nos obteve a graça de reconciliarmo-nos com Deus, satisfazendo pelos nossos pecados como "hostia pro delicto et pro peccatis?"

* * *

Hino magnífico de agradecimento e de súplica!

O Padre eterno é nele agradecido por Jesus Cristo do modo mais digno e sublime; é nele rogado pelo seu próprio Filho.

Há no "Gloria in excelsis" um agradecimento e uma súplica: dois elementos que constituem a finalidade da santa Missa.

"Graças vos damos por causa da vossa grande glória!" Sim, rendamos graças a Deus por esta sua glória, que consiste na criação, encarnação, redenção e santificação das criaturas. Demos-lhe este ato de agradecimento sempre, máxime na santa Missa. Rendamos-lhe sobretudo graças por aquela sua glória, intrínseca, que é a própria divina essência enquanto encerra a perfeição infinita, eterna e incriada de um Deus, a qual será também o objeto da nossa glória!

Agradeçamos-lhe por esta sua glória, que será agradecer-lhe de antemão as delícias imortais, impercíveis, de que participaremos um dia quando de posse da visão beatífica! Mas agradeçamos-lhe principalmente no mistério sacrossanto do sacrifício do Calvário renovado incruentamente sobre o altar!

"Aceitai a nossa prece!" Sim, rezemos a Deus Padre mediante o Filho. Jesus é sacerdote e vítima na santa Missa, onde aparece visível na pessoa do celebrante. Mas se Jesus agradece, se Jesus supplica ao Pai por nós, que haverá que não possamos esperar? Ah, se os fiéis ponderassem melhor esta circunstância, muito mais zelosos seriam na frequência assídua da santa Missa! Mostrar-se-iam

de muito melhor vontade para aproveitarem da santa Missa! Aos homens de boa vontade dá Deus por Jesus a sua paz, a paz que na inolvidavel noite de Natal mandou anunciar pelos anjos.

Quão bem quadra aqui no princípio da santa Missa o "Gloria in excelsis!" E' que este é o momento para dispor Deus a que receba os nossos agradecimentos e sejam bem despachadas as nossas súplicas.

A santíssima Trindade é agradecida e invocada.

* * *

Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade! Glória a Deus uno e trino. Glória a vós, Padre, a vós, Filho, e a vós, Espírito Santo!

Somos de boa vontade. Acreditamos nas verdades reveladas por vós. Cremos em vós, Deus Padre, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Mas uma especial protestação de fé fazemos a vós, Deus Filho, em reparação dos agravos recebidos pelos que vos negam a divindade! Sois Deus, sois Jesus, quem constituiu para os cristãos o ideal supremo e o amor santo. Sois Deus perfeito, Homem perfeito; nosso Salvador e nossa única vida que conduz a Deus, vosso Pai; daqui esta nossa ardente exclamação: "Vós sois o único Altíssimo, ó Jesus Cristo!" Recebei este nosso completo ato de fé em vossa encarnação.

Hoje, Senhor, mais que nunca, nos deveis arrebatat, hoje que o mundo infiel e incrédulo está apostado a negar vossa divindade e vossa obra redentora! Ah, predei-nos com os laços do vosso amor! Para onde iríamos sem vós? Se vós tendes palavras de vida eterna. Eis por que nos animamos a opor a todas as tentações deste século, a todas as blasfêmias da impiedade, esta confissão, que só

vós sois santo, só vós Senhor, só vós o Altíssimo, Jesus Cristo, conjuntamente com o Espírito Santo, na glória do Pai!

6. O “Dominus vobiscum”

Enquanto o coro entoou o “Gloria in excelsis” e nós nos deleitamos com a meditação de tão divinas verdades, passou o tempo do repouso do corpo.

Pomo-nos de pé; abandonamos os assuntos e encaminhamo-nos para o altar. Chegado o celebrante ao meio do altar, beija-o, volta-se para o público, estende as mãos e canta: “Dominus vobiscum!” — O Senhor seja convosco!

* * *

Note-se que aquí os bispos cantariam: “Pax vobis!” — A paz seja convosco! — em vez de “Dominus vobiscum”. Até ao século IX, como acima ficou dito, era concedida a récita do “Gloria in excelsis” só aos bispos, e por isso era muito natural que a paz augurada no “Glória” pelos anjos, aos homens de boa vontade, fosse também augurada aos mesmos pelos bispos. Quando, porém, a permissão de rezar ou cantar o “Glória” se estendeu também aos sacerdotes, estes prosseguiram no seu antigo costume, dizendo o “Dominus vobiscum”. Mas assim uma como outra forma é saudação de paz. Por isso é que os ajudantes, em nome do público, respondem: “Tambem com o vosso espírito”. Esta saudação só pode ser feita, em officios divinos públicos, pelos sacerdotes e diáconos; é vedada em todos os mais.

* * *

Que espírito de respeito e caridade fraterna não revela esta saudação mútua entre o ministro de Deus e os fiéis! E’ a paz que Jesus nos trouxe;

mas a paz só pode estar nos corações em que se acha agasalhado o Senhor. E' uma chamada solícita, que o celebrante dirige ao público, para que se recolha dentro de si, para que afaste da mente



O "Dominus vobiscum"

todo pensamento, imagem e impressão que distraia durante o sacrifício da Missa.

* * *

Sim, o Senhor seja convosco e comigo! Ai de nós se assim não fôra! Que eficácia poderia ter toda a nossa prece se Jesus não estivesse conosco, antes, se Jesus não rogasse a Deus Padre por nós?

E', pois, justo que deseje o celebrante que Jesus, o Senhor, seja com os fiéis; é igualmente justo que desejem os fiéis o Senhor seja com o celebrante; e muito mais ainda com este, porque é ele o Mediador direto entre Deus e o homem.

E eis que a hora de preces e orações se vem aproximando!

* * *

Ah, Senhor, aquí venho, sacerdote vosso, indigníssimo, para dirigir-vos várias súplicas! Já me volto de braços erguidos para vós! Já estou por formular aquele eterno e invariavel "Oremus". Rogo-vos, sim, que me não abandoneis e não abandoneis a este meu povo fiel, nesta hora de rogos e súplicas!

7. A "Oratio" ou "Collecta"

Depois de haver cantado o "Dominus vobiscum", dirige-se o celebrante com os ministrantes para o lado direito do altar, chamado o da "Epístola", em oposição ao esquerdo, chamado o do "Evangelho".

Dá-se-lhe o nome de Epístola porque é naquele lado que o celebrante lê em cada missa um trecho das Epístolas dos santos apóstolos.

Antes, porém, da leitura do trecho epistolar, reza a oração ou orações, para o que admoestou os fiéis a fazê-lo no Senhor.

* * *

"Oremus" — rezemos! — E' assim que o celebrante convida o público. Rezemos! E o diácono

(ao menos nos primeiros séculos, e hoje só em certas Missas do "Proprium de Tempore") avisa os fiéis que se ajoelhem: "Flectamus genua". Feito o que, rezavam algum tempo em silêncio, levantando-se em seguida à ordem do mesmo diácono (hoje subdiácono) que assim dizia: "Levate" — levantai-vos!

Observe-se esta particularidade: Nos primeiros séculos o povo fiel rezava em pé, de braços erguidos ao céu. E esta observância foi até ordenada pelo Concílio de Nicéa, que proibiu ajoelhar-se para rezar nos domingos e nos cinquenta dias que seguem a festa da Páscoa.

Será que tem daqui sua origem o costume, ainda hoje em voga na Igreja, de rezar-se o "Anjo do Senhor" às vésperas dos domingos e nos próprios domingos em pé? Dever-se-á dizer o mesmo com respeito à oração da "Rainha do céu, alegrai-vos, aleluia", que reza de pé nos cinquenta dias subsequentes à festa do sábado santo?

Seja como for, o fato é que, se já desapareceu o costume de o povo, que assiste à santa Missa, rezar de pé e de braços erguidos, não desapareceu para o celebrante, porque este sempre que reza o faz em pé e estende e levanta os braços ao céu.

* * *

"Oremus" — rezemos! convida o celebrante ainda hoje. Mas quantos dos fiéis o acompanham? Rezemos! Antigamente declarava o celebrante o objeto ou a pessoa por quem se propunha rezar; hoje só o faz na sexta-feira santa.

Rezemos! E o celebrante reza em seguida, uma, duas, tres e mais orações segundo o carater da Missa que celebra. Denominam-se "Orações da Igreja" ou "Collectas".

O nome de "Oração da Igreja" vem do fato de ser ela a oração por excelência, a oração da grande família cristã, a oração universal, católica. Disso vê-se bem a importância litúrgica da "Collecta".

"Collecta" vem do verbo latino "colligere" — reunir. Crê-se que é mais exato se defendemos que por "colecta" se deve entender a reunião ou assembléa dos fiéis, sobre os quais se dizia a oração, donde o nome "Oratio ad collectam" — oração para os da assembléa. — Não está, porém, excluída esta outra explicação, a saber que "collecta" se entende aqui uma reunião, um resumo, um compêndio dos votos ou petições dos fiéis, recolhidos e formulados pelo celebrante em nome de todos.

* * *

A "Oratio ad collectam" devia ser, de per si, uma só. Assim tem sido durante muitos dos primeiros séculos, mas nas festas menores, isto é, nos dias em que não se celebra a memória de algum santo, e que são por isso chamados de "Féria", o número das "collectas" tornou-se variavel.

Entretanto, a verdadeira "collecta" é uma só, ainda hoje; e isto é assim nas festas principais do ano litúrgico; porque é esta a oração que por sua natureza remata o "Kyrie" e comenta o "Gloria in excelsis".

O papa e os bispos podem mandar e mandam acrescentar à "Collecta" propriamente dita outras orações especiais, que as circunstâncias exigem, e chamam-se "Imperatæ" — orações prescritas.

No Missal lemos uma coleção de 35 orações, para as diversas necessidades espirituais e temporais dos fiéis. Há orações para a família, contra os perseguidores da Igreja, contra os malfeitores, contra a carestia, o terremoto, a seca e o mau tempo;

as há ainda para salvar os animais, para impetrar o dom das lágrimas, a continência, a paciência, etc.

* * *

Simplesmente admiráveis são as "Collectas" mais antigas. De boa mente as transcreveríamos aqui se a obra o comportasse. Sirva por toda esta, do século XII, de santo Tomaz, "Collecta" ou "Oratio" do "Corpus Domini": "Deus, que nos deixastes a memória de vossa paixão debaixo do Sacramento admiravel: concedei-nos, pedimo-lo, de venerar assim os sagrados mistérios do vosso Corpo e Sangue; fazei que sintamos em nós o fruto da nossa redenção: Vós que viveis e reinais com Deus Padre em unidade com o Espírito Santo, Deus, por todos os séculos dos séculos". Assim seja! respondem os ajudantes.

Que lindeza de estrutura, que cadência harmoniosa de frase, que unção penetrante e que doutrina profunda não se nos depara nesta oração! Nela e em todas as outras "Collectas" temos a preciosa regra da fé, tão bem expressa no mote: "Lex orandi, lex credendi" — a oração é a expressão da nossa fé.

* * *

Importa muito que nos detenhamos de quando em quando a considerar sobre o modo mais digno de rezar. Na "Collecta" que acima transcrevemos, se nos deparam tres partes. Nela vemos o louvor, a petição e a súplica com que se remata a "Collecta".

Na primeira parte há o louvor de Deus, como se dá com a oração em questão; ou uma exposição breve do mistério do dia.

Na segunda parte exprime-se o voto, o desejo nascido do mesmíssimo mistério.

Na terceira parte expressa-se a súplica ou observação com que a Igreja recorre aos merecimentos de Jesus Cristo para assegurar o bom despacho. Esta parte varia algum tanto, conforme a "Collecta" fôr dirigida a Deus Padre ou a Deus Filho.

Observe-se o fato que poderia ser estranhado: a saber, que na liturgia romana não se encontra "Collecta" alguma dirigida a Deus Espírito Santo. Se perguntarem pelo motivo, devemos confessar que o ignoramos. Doutro lado, digno de nota é o fato de que quasi todas as "Collectas" antigas, cujo número ultrapassa de muito as mais recentes, são dirigidas a Deus Padre, sendo bem reduzido o número das que se dirigem a Deus Filho.

* * *

Deus, de infinita bondade; Jesus Cristo, que disestes: "Pedí e recebereis!" Espírito divino, que renovastes a face da terra; eis-me, sacerdote vosso, em ato de desempenhar o ofício de mediador entre o céu e a terra!

A "Collecta", que agora formulo, oh, não encontre fechados os vossos ouvidos, Deus de misericórdia!

Vêde o vosso sacerdote e o vosso povo fiel, que vos louva, pede e obsecra! Escutai-lhes a voz trêmula, mas repassada de fé. Escutai-lhes, sim, este "Amen!" E' ele o sinal expressivo da fé, que consagramos à vossa palavra encerrada na "Collecta". Amen — sim, assim é, cremos, Senhor, tudo isto. — E' ele o sinal do voto ou augúrio de que se cumpra o que na "Collecta" se pede. Amen — assim seja!

E' ele o sinal da aprovação, da protestação de que queremos o que na "Collecta" se implora. Amen! — Ouví-nos, Deus!

A estrutura interna da santa Missa

III PARTE

O OFÍCIO DIVINO DOUTRINAL

Ouvimos o que Jesus fez por nós e o que nós havemos de fazer por ele.

A estrutura externa da santa Missa

III PARTE

O OFÍCIO DIVINO DOUTRINAL

Orações com o mais

1. Idéa geral. — 2. A “epístola”. — 3. O “gradualis”; o “versus allelula”; o “tractus”; e a “sequentia”. — 4. O “evangelium”. — 5. O “credo”.

1. Idéa geral

Depois de havermos dirigido a Deus tantos louvores, tantas preces e tantas obsecrações pelo “Ofício divino deprecatório”, podemos prosseguir na explanação da IIIª parte da santa Missa, certos de que os nossos votos foram deferidos pelo bom Deus.

2. A “Epístola”

Terminada a “Collec’ ”, o celebrante pousa as mãos no missal, em ato de quem toma um livro aberto, e lê um trecho das “Epístolas” dos apósto-

los ou um que outro trecho dos profetas do Antigo Testamento, segundo está indicado no Missal.

O que a Igreja quer, com estes trechos sagrados, é ensinar aos fiéis as verdades religiosas e morais, para que não arrefeça neles o ardor da oração; porque só se ama, pede e quer o que se conhece.

Nas Epístolas está a palavra revelada, a doutrina divina, da qual o divino Mestre disse que não passará, mesmo quando passar o mundo. Ela é o pão, o alimento das nossas almas. Ai de nós, se nos privamos deste sustento! Morreríamos à míngua.

* * *

A origem da leitura dos textos divinos remonta aos primeiros séculos; e é uma imitação do que se fazia nas sinagogas entre os judeus, onde eram lidos e comentados aos sábados pelos doutores da lei os livros inspirados.

Embora antigamente, além da leitura dos livros santos, se lessem as cartas dos bispos, chamadas "irenique", isto é, cartas de paz, que se destinavam a fomentar a união entre os bispados, e se lessem os atos dos mártires em suas respectivas festas, contudo a leitura mais frequente sempre foi a das Epístolas de são Paulo, o apóstolo, donde o chamar-se a "Epístola" de "Apostolus".

A "Epístola" compreendia sempre diversas leituras. Este uso continua ainda hoje nas Missas das "Quatuor Tempora" e nas da "Quaresma", em que as leituras são ordinariamente duas, sendo a primeira extraída dos "Profetas", a segunda, das "cartas dos apóstolos".

Nas "Férias" da Quaresma, em que há somente uma "lectio" — leitura — esta é extraída excepcionalmente não das cartas dos apóstolos, mas dos trechos dos profetas; e de tal modo escolhidos que

se relacionam intimamente com o santo Evangelho que lhe seguirá.

A partir do século VI, há só uma leitura na "Epístola", afora as exceções sobreditas; mas o rito Ambrosiano tem duas, e duas também o rito armênio.

Ao fiel devoto não terá escapado o fato de que, mal o celebrante acabou de cantar a "Collecta", o



"O celebrante lê, o subdiácono canta a Epístola"

subdiácono, posto atrás do padre, cantou a "Epístola".

Importa saber que assim o "lugar" como o "leitor" eram outros antigamente.

O lugar era como que um palco, colocado à entrada do coro, lá mais ou menos onde hoje se põe o púlpito. Cabiam nele umas sete pessoas. Duas até tres estantes se prestavam para receber os livros em que se lia. Uma para a "Epístola", outra

para as leituras dos "Profetas" e uma terceira para o "Evangelho".

Se indagamos agora pelo leitor legítimo da "Epístola" devemos dizer que primitivamente era aquele que recebera para isto a Ordem do Leitorato; mas pouco a pouco passou este ofício ao subdiácono, assim que a partir do século IX é ele que o exerce em toda parte.

Ignora-se o motivo e as circunstâncias desta determinação. O certo é que o subdiácono não recebia na ordenação, como hoje, a "Epístola", senão a principiar do século XII, ao passo que a recebia o leitor, como é o caso ainda em nossos dias.

* * *

Note-se aquí um costume antigo já abolido em parte. Era uso geral que assim celebrante, como ajudantes e povo se assentavam durante o canto da Epístola; coisa que hoje só se observa na Missa pontifical.

Observe-se ainda que na Missa pontifical o subdiácono canta a "Epístola" só depois de o bispo a ter lido para si e em voz baixa, mas na Missa so-lene, o celebrante lê a "Epístola" no mesmo tempo em que o subdiácono a canta.

Na liturgia dominicana reina ainda hoje o costume de o celebrante se assentar durante o canto da "Epístola", que ele acompanha em voz baixa.

* * *

Seguindo atentamente as cerimônias neste particular, observamos que o subdiácono se encaminha, logo que acabou a leitura, para o celebrante, ajoelha-se a seus pés com o livro fechado nas mãos, beija-lhe as mãos e recebe a benção.

* * *

Que preciosas lições nos dá a Igreja em todas estas cerimônias!

Quão alta estima nos incute na alma pela palavra revelada!

Como nos convida por todos os modos a conhecê-la, amá-la e recebê-la com aquele ímpeto próprio de almas famintas e extenuadas, que têm posta toda a esperança de chegarem sãs e salvas ao fim bem-aventurado desta penosa peregrinação!

* * *

Ah, imploremos também nós do Senhor a benção celeste que nos ajude a assimilar a verdade eterna e nela viver! Dignai-vos, Senhor, abençoar as nossas mentes, os nossos corações e os nossos sentidos para que, como um todo harmônico, concorram na eficácia da vossa palavra!

E não nos envergonhemos de beijar a mão do celebrante, que é mão sagrada, mão abençoadora, mão que apara e suspende o raio da justa ira de Deus! Prestemos em espírito ao menos este ato de humildade! Fá-lo o subdiácono com esta humilde disposição de alma, pronto mesmo a beijar a mão daquele que poderia puni-lo pela eventual possibilidade de faltas em que houvesse incorrido na leitura da "Epístola".

E quem não vê que é esta a melhor disposição de merecer dons e graças que Deus nos quer prodigalizar por sua palavra?

* * *

Por tudo isto, Deus tres vezes santo, graças, graças mil! Unimo-nos à vossa santa Igreja; e vos dizemos: "Deo gratias!" — graças a vós, Deus! — Graças vos damos como sói dar-vos o vosso glorioso apóstolo, são Paulo em todas as suas cartas!

Sim, que outro afeto poderíamos incitar em nosso espírito, ó Deus de bondade, a vós mais grato,

do que o "Deo gratias?" Que outra palavra pronunciaríamos nossos lábios ou escreveriam nossas penas, a vós mais grata, do que o "Deo gratias?" Palavra alguma é mais grata para se sentir, mais linda para se dizer, mais elevada para se entender e mais frutuosa para se praticar do que o "Deo gratias!" E nós vos agradecemos pelas palavras que vos dignastes revelar-nos! Assim seja!

3. O "Gradualis" e o "Versus alleluia", o "Tractus" e a "Sequentia"

Mal o celebrante termina a "Epístola" ou a "Lectio", passa a rezar o "Gradualis" — o "Versus alleluia" — e o "Tractus", que são uns fragmentos litúrgicos, extraídos dos salmos ou dos Livros proféticos.

Dissemos "fragmentos litúrgicos", porque antigamente se recitava ou cantava o trecho todo dos profetas, bem como todo o salmo. A prova disso é que ainda hoje se canta o salmo **inteiro** nas Missas da primeira domingo da Quaresma, na domingo das Palmas e na sexta-feira santa.

Note-se, entretanto, que não há Missa em que se recitem as tres partes invariavelmente. Ao contrário, ora é o "Gradualis" que falta, ora o "Versus alleluia" e ora o "Tractus".

Saiba-se por isso que no tempo pascoal, a principiar do sábado "in albis", o "Gradualis" é substituído por um "Versus alleluia"; e que o "Versus alleluia" cai durante a Quaresma, nas Missas de defuntos e nos tempos de penitência; e que o "Tractus" não se diz senão no tempo da Quaresma, nos tempos de penitência e em Missas de defuntos, em substituição ao "Versus alleluia", como vem indicado em todas as Missas.

Se já o "Gradualis", o "Versus alleluia" e o "Tractus" passaram por estas transformações, não é de admirar que pelas mesmas passasse a "Sequentia".

A "Sequentia" em sua origem não era senão uma série de notas cantadas pelo coro, depois do "Alleluia", que vieram a transformar-se em notas com textos ou em poesias ou em prosa e por fim em peças teatrais, verdadeiros dramas que se representavam nesta parte da Missa, os quais se tornaram célebres na Idade Média e que houveram de ser proibidos por degenerarem em abusos.

Com a reforma do Missal Romano, sob Pio V, conservaram-se só as seguintes "Sequentiæ": A "Victimæ Paschali", na Páscoa; o "Veni, Sancte Spiritus", no Pentecoste; o "Lauda Sion", no dia do Corpo de Deus; o "Dies iræ" nas Missas de defuntos; o "Stabat Mater" no dia da festa de nossa Senhora das Dores; e mais umas "Sequentiæ" peculiares, que as diversas Ordens podem cantar em suas festas principais.

* * *

Mais umas referências particulares a cada um dos quatro títulos.

Perguntando primeiro pelo nome "Gradualis", entendemos que deve vir de "gradus". E' desse substantivo que tira a sua origem. O diácono recitava ou cantava o salmo, sobre um dos degraus do púlpito, e por isso o salmo tomou o nome de "Gradualis"; mas seu nome primitivo é "Psalmus responsorius", assim batizado, porque se dizia como "responsorium" depois da "Epístola", ou cantava-se como tal, isto é, os cantores o executavam primeiro a sós e depois o coro respondia. Quem cantava o "Gradualis" era o diácono; e porque para isto se

requeria bela voz e conhecimento perfeito da arte musical, ninguém chegava a diácono sem possuir esses dois requisitos.

* * *

Passando a estudar o "Alleluia", que significa "Louvai o Senhor", e que equivale ao conhecido "Deo gratias", devemos dizer que o "Alleluia" é palavra hebraica que traduz alegria e que exprime como que um brado de júbilo; palavra que precede ou remata um verso desses salmos aleluiáticos de que acima falamos; palavra com que os cristãos expressavam os arroubos de alegria que lhes inundava os corações, palavra que, no dizer de são João Evangelista no seu Apocalipse, é o canto de júbilo dos santos; e porque a Páscoa é o tempo da alegria, entoa-se ele hoje na Igreja de Cristo, como outrora nas sinagogas judaicas, indo nisso a expressão da alegria pelo triunfo de Cristo sobre a morte.

E' este "Alleluia" tão antigo como a Igreja; encontra-se em todas as liturgias; mas seu uso era muito mais moderado então que nos séculos posteriores.

Afirma Sozómeno que, em Roma, no século V se entoava o "Alleluia" só no dia da Páscoa. Mas não tardou que seu uso se estendesse já no século VI por todo o tempo Pascoal. Ampliou-o um século depois o papa são Gregório Magno, que o mandou cantar em todos os domingos e dias festivos do ano. Hoje a liberdade de o entoar ou recitar é maior; mas por ser um canto de júbilo, cai fora na Quaresma, nos funerais e nos dias de penitência, porque são dias de tristeza e dor.

Em compensação é hoje duplicado o "Alleluia" no tempo pascoal, durante o qual desaparece o "Gradualis" para ser substituído pelo "Alleluia". Há

então dois versos aleluiáticos tomados muitas vezes fora do Saltério e mesmo da Escritura.

O encanto do "Alleluia" está no "Jubilus Jubilatio" ou cântico, seguido de neumas, (N. B. Melodia curta que no canto-chão se vocaliza em palavras ou sobre a última sílaba da última palavra; por outra, são grupos de notas destacadas), que o prolongam com a explosão de sentimentos grandiosos, quais nunca os poderiam exprimir as palavras. A semana da Páscoa, fiel à antiga tradição do "Gradualis" e do "Alleluia", não introduz o grande "Alleluia" senão no sábado "in albis". Conserva ao contrário o "Alleluia" no tempo do "Advento", apesar de ser de penitência; e isto sem dúvida porque só no século VIII foi considerado como tempo de penitência.

* * *

Resta um rápido estudo do "Tractus".

O "Tractus", como a palavra diz, deve tomar sua origem, não já, como à primeira vista parece, do fato de ser o verso arrancado de um salmo; mas, sim, do fato de o salmo ter sido primitivamente cantado por um único homem, sem a intercalação do responsório ou da antifona, coisa excepcional para aqueles tempos em que já existia um "Tractus" cantado por todo o povo ou pelo coro.

Este "Tractus" distingue-se do outro pelo nome, sendo que este é chamado "Tractus directus in directum", aquele outro "directanee".

Há entre eles mais a diferença de melodia; e não podia ser doutra forma, visto que o "directanee" era cantado por um só e o "directus in directum" por muitos do povo. Daquí o ser este de melodia simples, popular, com ritmo facil.

A Igreja conserva na liturgia da Missa trechos de um e de outro, para se entoarem nos dias de penitência em lugar do "Alleluia". Durante a Quares-

ma toda há um único "Tractus" para todas as segundas, quartas (excetuada a IV^a f. da Semana Santa) e sextas feiras; e este é o tirado dos salmos 102 e 78, que constitue uma oração para implorar perdão.

* * *

Do exposto se infere que a santa Missa dos primeiros séculos cristãos era muito mais demorada que hoje. A liturgia da santa Missa foi abreviada onde só era possível. Cortaram-se quasi todos os salmos e capítulos dos profetas nos "Introitus" e nos "Graduales", nos "Tractus" e nos "Psalmi Alleluiatici", assim a ficar o mero necessário que servisse de rasto aos nossos tempos para ir dar com aquele espírito de fé, de amor, de sacrifício e de piedade dos primitivos cristãos.

Que vergonha, que sejamos nós tão remissos, tão indevotos e tão pouco frequentadores da santa Missa, apesar de tão reduzida!

Não seja assim para o futuro! Não degeneremos dos nossos maiores! Não nos pareça longa demais a meia hora ou uma hora de Missa! Mesmo que não nos embale a consolação ou mesmo que nos enoje o estarmos ajoelhados ao pé do altar, perseveremos até ao fim, que a recompensa não tarda!

* * *

Quão grato, meu Deus, vos devo ser! Abriram-se-me novos horizontes sobre esta parte da Missa! Prometo pegar do Missal Romano e ler e meditar com pausa tanta beleza divina!

4. O "Evangelium"

Sendo que descrevemos a Missa solene ou cantada, estamos na altura da Missa em que todos ouvimos a leitura da "Epístola", feita pelo subdiácono;

e vimos de como este foi e se prostrou aos pés do celebrante, de quem recebeu a benção por aquela mão, que antes beijou; e vimos de como ainda passou o epistolário ao ceremoniário; e, assim livres as mãos, pegou do Missal, que transportou para o lado esquerdo do altar.

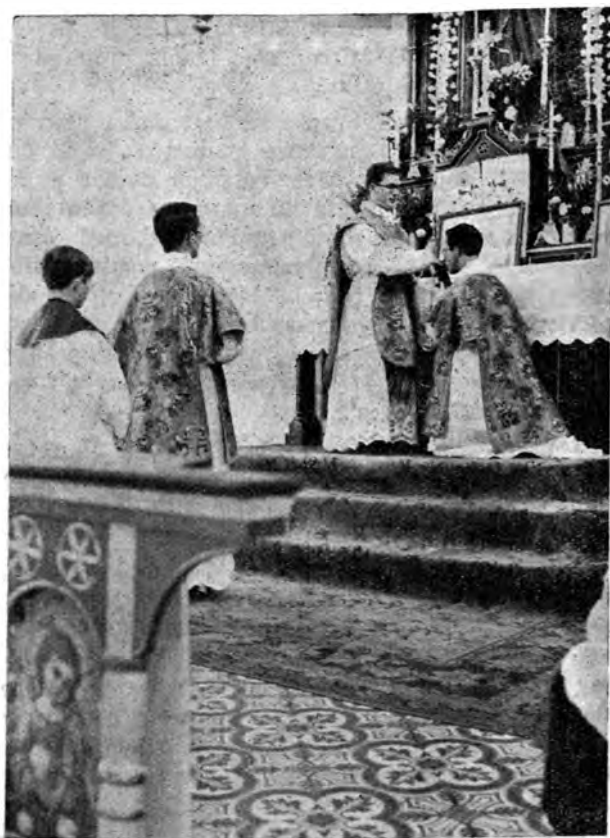
Entrementes o celebrante se encaminha para o lado do Evangelho, faz breve parada no meio do altar, onde, depois de elevar os olhos para a cruz, se inclina profundamente diante desta e reza em voz baixa a seguinte súplica: "Purificai meu coração e meus lábios, Deus onipotente, como purificastes os lábios do profeta Isaías com brasa de fogo; assim dignai-vos purificar-me com a vossa benigna misericórdia, para que possa dignamente anunciar o vosso santo Evangelho. Por Cristo, nosso Senhor. Assim seja".

"Dai-me, Senhor, a vossa benção! O Senhor esteja no meu coração e nos meus lábios para que digna e justamente anuncie o seu santo Evangelho. Assim seja".

Feita esta oração, vai ao lado esquerdo do altar, onde já o espera o Missal, do qual lê o trecho sagrado em voz baixa, depois de ter dito "O Senhor seja convosco" e feito o sinal da cruz com o polegar sobre a parte que vai lendo. Durante isto o diácono, que deixara o subdiácono a sós com o celebrante, toma do evangeliário e o depõe sobre o altar, onde espera que o celebrante termine a leitura do Evangelho.

Acabada a leitura, o celebrante, ao invés do que se costuma fazer nas Missas simples, deixa de beijar o Missal, porque isto fará logo mais, como veremos; e assim torna ao meio do altar, onde o espera o turibulário. Deita incenso sobre as brasas do turíbulo, fazendo sobre ele o sinal da cruz, di-

zendo: "Sê abençoado por aquele em cuja honra serás consumado. Assim sêja!"



"Recebe a benção e beija a mão"

Feito o que vai iniciar o evangelho oficial, porque o que o celebrante fez até aqui não passa de função particular, tanto assim que, até à Idade

Média, o sacerdote celebrante não recitava absolutamente nada do que era lido ou cantado pelos diáconos, subdiáconos, leitores e cantores.

O diácono, logo que o celebrante deitou incenso no turíbulo, ajoelha-se atrás do padre no último degrau do altar, onde recita em voz baixa aquela mesma oração, que o celebrante rezara: "Purifica-me meu coração e meus lábios..." enquanto o subdiácono com os dois acólitos, munidos de velas acesas, turibulário e ceremoniário, se dispõem em ordem, e esperam de pé, no plano ao meio do altar.

Acabada a oração, o diácono se levanta, toma o evangeliário, o livro da vida, prostra-se ante o celebrante, a quem pede a bênção dizendo: "Dai-me, Senhor, a vossa bênção". Dá-lha o padre, dizendo:

"O Senhor esteja no teu coração e nos teus lábios para que digna e competentemente anuncies o seu santo Evangelho. Em nome do Padre e do Filho † e do Espírito Santo. Assim seja!" Em seguida descansa a mão sobre o evangeliário, e o diácono a beija reverente como se fôra de Cristo; e erguendo-se desce do altar e se associa ao subdiácono e demais ajudantes.

A um sinal dado pelo ceremoniário, fazem todos juntos a genuflexão para logo se encaminharem processionalmente ao lado esquerdo do altar.

Lá chegados e dispostos, o diácono entrega o evangeliário ao subdiácono, que faz as vezes de estante, pois segura o livro aberto voltado para o diácono. Este entoa solenemente o "Dominus vobiscum" — O Senhor seja convosco; — e enquanto o côro responde: "Et cum spiritu tuo" — E com o teu espírito — o povo se levanta.

Estabelecido o silêncio, prossegue o diácono per-signando com o polegar o lugar donde tira o trecho evangélico, dizendo: "Initium (ou sequentia) sancti Evangelii secundum N..." (vem referido o

nome do evangelista). — Início (ou sequência) do santo Evangelho segundo N... — Nisto o diácono se persigna na frente; no que é imitado pelo público, que acompanha a persignação com as palavras: "Pelo sinal da santa cruz, livrai-nos, Deus, nosso Senhor, dos nossos inimigos". Acabado o canto do "Initium..." o côro responde jubiloso: "Gloria tibi, Domine", — glória a vós, Senhor!



"O diácono incensa o santo Evangelho"

Feito o que, estabelece-se, novamente por momentos, absoluto silêncio. O diácono incensa o livro sagrado como se embalsamasse a Jesus Cristo com o suave perfume. Rompe então o silêncio a voz do diácono, que canta o santo Evangelho. Findo este, os ajudantes respondem: "Laus tibi, Christe!" — Louvor a vós, ó Cristo! — enquanto o subdiácono leva o livro aberto para dá-lo a beijar ao celebrante.

Ao beijar o livro, o Padre diz: "Do Evangelho os ditos apaguem nossos delitos". Em seguida é o celebrante incensado pelo diácono.

* * *



"O subdiácono dá-o a beijar ao celebrante"

Se já é grande o respeito que devemos à "Epístola", qual não deverá ser o que devemos ao santo Evangelho?

Na "Epístola" nos fala Deus por meio de simples homens, quer profetas, quer apóstolos; no santo Evangelho é a palavra de Jesus, do Homem-Deus, que nos instrue. A leitura do santo Evangelho é uma das partes mais importantes da santa Missa. E não é isto mesmo que nos quer sugerir a Igreja com todo aquele cerimoniário que precede, acompanha e segue a leitura do texto sagrado?

E na verdade, o livro do santo Evangelho tem sido sempre objeto de devoção toda especial na li-

turgia! E' que todo cristão, desde o mais alto em saber e dignidade, até ao mais baixo, considerava-o não só como a expressão da doutrina, mas também como o símbolo de Jesus Cristo; via nele como que a custódia da palavra eterna, do Verbo do Pai, que irrompeu vivente e eficaz dos lábios do Homem-Deus.

Que admira que, no dizer de são João Crisóstomo, chegasse o respeito e a reverência dos cristãos ao exagero de quasi não ousar tocá-lo; e, se o faziam, era só com temor, inspirado por grande sentimento de piedade e reverência?

Quando por volta do século IX se compôs um "Evangelário" ou coleção de trechos evangélicos adaptados às festas litúrgicas e destinados por fim a serem lidos no santo Sacrifício, era o "Evangelário" às vezes exornado com luxo extraordinário.

Nas festas principais era deixado sobre o altar o dia todo. Os monges e os clérigos levavam-no triunfalmente em suas procissões, incensando-o continuamente durante todo o percurso.

Beijavam-no o Legado e o Bispo sempre que ingressavam em suas catedrais ou nos mosteiros.

No terceiro Concílio Ecumênico, o de Nicéa, foi colocado sobre um trono "ad hoc", conforme refere são Cirilo de Alexandria: era como o Cristo constituído Mestre e Cabeça da sessão.

O mesmo louvável costume se guardou no Concílio Vaticano. E' o livro sobre que a Igreja ordena se formulem os juramentos.

Os primeiros cristãos tinham a piedosa prática de levar pendurada ao pescoço uma cópia dele.

Os gregos sepultam ainda hoje seus sacerdotes com o Evangelho sobre o peito. E' o único de todos os livros litúrgicos que se beija, se incensa e se assinala com a cruz.

Mas se já o livro por só conter a palavra de Deus é alvo de tão seletas e subidas honras, que honra, que respeitos, que reverências, que amor e que adoração não merecerá a palavra mesma!

Tambem aqui vai a Igreja adiante com seu exemplo, ordenando que a palavra evangélica seja lida na santa Missa, não já pelos que têm Ordens Menores, como parece ter sido o caso algum tempo na antiguidade, mas pelo diácono, investido das Ordens Maiores, cuja dignidade, por isso mesmo que lia o Evangelho, era tão exaltada pelos santos Padres, que chegaram a qualificar o diaconato de "terceiro sacerdócio".

Em certas dioceses nem ao diácono se permitia a leitura da palavra sagrada durante o santo sacrifício da Missa; devia fazê-lo o sacerdote mesmo, e, quando as festas tinham o carater de excepcional solenidade, era o Bispo ou o Patriarca que devia exercer o ofício de "Leitor".

Entre os beneditinos é reservado ao Abade o cargo de "Leitor" do Evangelho nas Matinas, e fá-lo do seu sólio revestido de estola e assistido por dois acólitos.

Foi sem dúvida movidos desta geral e sincera homenagem e deferência tributada à palavra evangélica, que os imperadores medievais se empenharam tanto, como aliás soíam fazer com as demais dignidades eclesiásticas, em que a Igreja lhes concedesse o privilégio de cantar o Evangelho nas Matinas do santo Natal.

Sabe-se da História que o imperador Carlos IV usou desta licença em Basiléa, em Mogúncia e em Cambraia; bem como o imperador Sigismundo no Concílio de Constança em 1414 na presença do Papa João XXIII.

Não inferiores foram as honras tributadas ao santo Evangelho pelos que o escutavam.

O povo em peso se levanta; os monges, os sacerdotes e até os bispos descobrem a cabeça, os imperadores, os reis e suas esposas depõem as coroas; os príncipes poloneses desembainham a espada e a brandem, testemunhando assim a sua decidida dedicação pela causa do Evangelho.

Nem faltam sinais externos que revelam a alta significação do Evangelho. O diácono, por exemplo, beija a mão do sacerdote e recebe a sua benção antes de ler o Evangelho; antigamente, beijava até os pés do Bispo. E' que o sacerdote ou bispo são representantés de Jesus. Jesus mesmo é que dá a ordem ao seu ministro e que lhe abre em virtude da santa cruz o livro misterioso de sua palavra. As duas velas acesas que os ajudantes seguram nas mãos, durante o canto do Evangelho, são símbolo da fé que nos deve obrigar a guardar a palavra de Jesus, como luz a que devemos seguir; pois é luz do mundo a palavra evangélica, concentrada no Evangelho de Deus, luz que abre os olhos da verdade, que purifica e alumia. Por isso o Evangelho é cantado pelo diácono voltado para o Norte.

A sagrada escritura põe no Norte a região das trevas e a morada dos demônios; e o santo Evangelho tem o fim de espancar as trevas do erro e de precipitar com a luz da verdade o demônio da mentira para os abismos infernais. E é isto mesmo que tenciona o celebrante, quando, na leitura do Evangelho, em Missas simples, vira-se um tanto para o público.

Houve primitivamente o costume de o subdiácono, seguido do turibulário, levar o "Evangelário" a beijar aos circunstantes todos, assim clérigos, que o beijavam aberto, como leigos, que o beijavam fechado, sinal manifesto do grande respeito que tinham à palavra de Deus, que acabavam de ouvir.

* * *

E degeneraríamos nós dos nossos antepassados no respeito, amor e reverência ao santo Evangelho? Deixaríamos de beijar este livro sagrado por vergonha ou de nos persignarmos antes de lhe começar a leitura? Iriamos mesmo mais longe a ponto de desprezar a leitura da palavra divina? Que cristãos seríamos se, à hora do sermão, em que se lê o Evangelho e às vezes se explica, saíssemos da Igreja? Que amor, gratidão e reverência, enfim, mostraríamos ao santo Evangelho, se não nos dignamos gastar uns mil réis para termos em casa o livro, que é a custódia da palavra de Deus?

Ah, mundo, mundo! Ó mundo cristão, onde está o teu espírito de fé? Quem te arrancou do coração a boa semente do Semeador divino? Por que te deixas sufocar da zizânia dessa inundação de livros frívolos, insípidos, insossos e imorais? Tens dinheiro para a má semente e não o tens para a boa!? Não ouviste que os teus delitos são apagados pelas palavras evangélicas? “Do Evangelho os ditos apaguem nossos delitos?” (N. B. A leitura do santo Evangelho tem a qualidade de despertar na alma disposições de contrição e dor dos pecados).

O dia em que não te é dado ouvir da boca do sacerdote o santo Evangelho, toma tu mesmo o livro sagrado e lê o teu trecho diário! Não faltam livros de Missa. O próprio Missal saiu há pouco traduzido para o português, à venda nas boas livrarias. Nele está também o “Evangelário”. E se queres a explicação do texto evangélico, tens-na no “Novo Goffiné”, do P. Huberto Rohden, que também se encontra na Editora Vozes Ltda. Do mesmo autor e da mesma livraria podes comprar o Novo Testamento com notas elucidativas.

E não digas que te é vedada a leitura da bíblia, como por aí assoalham os protestantes! Proibida, sim, é a bíblia editada criminosamente pelos acató-

licos, quer se chamem protestantes, metodistas, quer anabatistas ou espiritas, etc.

Ah, mundo cristão, se o queres ser deveras, recebe e lê o que a tua boa mãe, a santa Igreja, te oferece como a única escolhida por Deus para guarda de sua divina palavra!

* * *

Jesus, purifica-me meu coração e meus lábios; dignai-vos purificar-me, com a vossa benigna misericórdia, para que possa digna e frutuosa ler a vossa palavra e crer em tudo o que tendes revelado e ensinado. Creio, meu Jesus, creio, sim, tudo o que me dissestes e em prova disso recitarei e cantarei o "Credo"; mas dai-me fé mais firme e ardente de amor. Assim seja!

5. O "Credo"

O diácono acabou de ler o santo Evangelho e de incensar o celebrante. Reune-se com o subdiácono



O púlpito

ao sacerdote junto à mesa do altar; os tres fazem uma leve inclinação ao crucifixo, posto no cimo do tabernáculo; descem ao primeiro degrau do altar, onde ficam ajoelhados, até que o côro acabe de cantar o "Veni, Creator Spiritus".

Invoca-se solenemente o Espírito de luz e de verdade para o pregador que se dispõe a subir o púlpito afim de dirigir a palavra aos fiéis.

Cessa o canto. Levanta-se o celebrante e ministrantes, que, feita a genuflexão a um sinal

do do ceremoniário, dirigem-se todos aos respectivos assentos, já ocupados durante o Gloria in excelsis”.

O pregador, por seu turno, ascende ao púlpito, lê o santo Evangelho e profere o sermão como de costume.

* * *



“Crelo em Deus Uno”

Acaba-se o sermão; volta ao altar o celebrante com os seus. O diácono e subdiácono postam-se aos lados do padre. Entoa este o “Credo in unum Deum”. E prossegue recitando-o, acompanhado pelo diácono e subdiácono; ao passo que ressoa o órgão e entoa o côro o canto do “Credo”: “Creio em Deus Padre todo-poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis; e em Jesus Cristo, Senhor nosso, Filho unigênito de Deus e nascido do Pai antes de todos os séculos. Deus de Deus, luz de luz, Deus verdadeiro de Deus verda-

deiro; gerado, não feito, consubstancial com o Pai, por quem todas as coisas foram feitas. O qual por nós outros homens e pela nossa salvação desceu dos céus, e incarnou, por obra do Espírito Santo; de Maria Virgem, e fez-se homem. Foi também crucificado por nós, sob o poder de Pôncio Pilatos, padeceu e foi sepultado. E ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; e subiu aos céus, onde está sentado à mão direita do Pai, donde há de vir segunda vez a julgar os vivos e os mortos; e seu reino não terá fim. Creio no Espírito Santo, Senhor e Vivificador, que procede do Pai e do Filho, que com o Pai e o Filho é juntamente adorado e conglorificado e que falou pelos profetas. Creio na Igreja, uma, santa, católica e apostólica. Reconheço que há um batismo para a remissão dos pecados; e espero a ressurreição dos mortos e a vida do futuro século. Assim seja!"

Dito o "Credo", o celebrante com os seus ministrantes torna a assentar-se, e lá fica até que o côro acaba de cantar o "Credo".

Já que temos os olhos postos no celebrante e seus ministrantes e os ouvidos atentos ao suave e entusiástico canto do "Credo", aproveitemos a ocasião para estudar-lhe as rubricas, a origem e a história.

* * *

Observamos que, em certas passagens do "Credo" cantado, distribue o ceremoniário ordens com a cabeça e mãos, fielmente obedecido pelos que o cercam. Estas cerimônias chamam-se rubricas. (N. B. **Rubricas**: do escrito rubro ou vermelho em que vêm escritas as cerimônias a guardarem-se).

Quando o côro canta o "Credo" e profere a palavra "Deum", o ceremoniário inclina a cabeça para o celebrante: é o sinal que manda tire ele o barrete, como outrossim o diácono e subdiácono, e incli-



“E se tornou homem”

nem todos a cabeça, ato que se deve efetuar também, quando se canta “Jesum Christum”, “simul

adoratur”, e “incarnatus est de Epiritu Sancto, ex Maria virgine et homo factus est”.

Durante esta última passagem os ajudantes de Missa se ajoelham; fazem-no o celebrante, o diácono e subdiácono só na Missa do Natal, onde de modo especial se comemora a encarnação do Verbo.

Estas mesmas rubricas são observadas pelo celebrante que reza o “Credo” sobre o altar; e a genuflexão na passagem do “et incarnatus...” deve ser feita em todas as Missas.

Observamos ainda que depois do canto do “et incarnatus est”, o diácono e o subdiácono e todos os mais que cercam o altar, fora o celebrante, se põem de pé, indo em seguida o diácono à credência (mesinha em que estão as galhetas e outros objetos do culto) donde tira a bolsa, que contém o corporal, e vai com ela ao altar, onde, chegado, lhe extrai o corporal sobre o qual descansará a hóstia, e o estende sobre a mesa do altar. Volta em seguida a assentar-se, no que é imitado por todos.

* * *

Antes de os vermos avizinhar-se outra vez do altar, estudemos a origem e a história do “Credo”.

A origem do “Credo” dá-no-la o nome “Símbolo dos Apóstolos”, com que também é ele chamado. O “Credo”, portanto, que não é outra coisa senão a expressão da nossa fé, o formulário que contém os principais artigos da fé, tem sua origem nos próprios apóstolos.

Se se chama “símbolo”, é porque a palavra “símbolo” expressa melhor o conceito do que o termo “Credo”; porquanto “símbolo” diz sinal, figura e esquema: os artigos da fé católica são expressos sucintamente de forma que resulta uma figura. E’ chamado “Símbolo dos Apóstolos”, porque existem

Miserunt eum in cister-



nam veterem. Gen. 37, 24.



FMIS
1882

Præparavit Dñs piscem



grandem, ut . Jon. 2, 1.



...e foi sepultado

tres outros "Símbolos": o de Nicéa (325); o de Constantinópla (381) e o de santo Atanásio.

O "Símbolo dos Apóstolos", assim chamado por remontar aos tempos apostólicos, parece todavia não se poder atribuir aos santos apóstolos de sorte que sejam eles ou seus discípulos os autores. Mas se não se pode provar que tenham sido seus autores, contudo isto nada implica para a sua autenticidade, pois é certo que tem a aprovação dos apóstolos e sobretudo de são Pedro e seus sucessores, visto que recebeu também o nome de "Símbolo Romano". Este é o "símbolo" que reza todo o povo fiel, toda a Igreja docente e discente; é o que se encontra no breviário romano; é o recitado pelos sacerdotes tres e mais vezes ao dia no Ofício divino; pelos néo-ordenandos, na ocasião de receberem o presbiterato, e pelos meninos que aprendem o catecismo.

O "Símbolo litúrgico", isto é, o recitado ou cantado na santa Missa, tal qual o escrevemos acima, não é senão uma combinação dos "Símbolos de Nicéa e Constantinópla".

E' sem dúvida o mais completo, o mais explícito, porque foi composto afim de refutar as heresias que se originaram naqueles tempos sobretudo na Igreja Oriental; e por isso é que esta Igreja passou a usar a récita ou o canto do "Credo" na santa Missa já no século V, ao passo que a Igreja Ocidental, sobretudo Roma, não o havia adotado até ao século XI. Dí-lo Bento VIII (1012-1024), que só o aceitou na liturgia da Missa por instigação do imperador Henrique II.

Mas o "Símbolo dos Apóstolos", este, sim, estava em uso em toda a Igreja; era, porém, só recitado; introduziu-se o canto do "Credo", quando, em 471, o bispo Pedro de Fulão mandou que se cantasse em Antioquia, foco dos heresiarcas, para que ouvissem

Consurgens apprehendit ambas



portas fores tum pestibus huius



Et erat jonas in ventre tribus



diebus et tribus noctibus. Jon 2

E ressuscitou ao terceiro dia.

de como os fiéis professavam alto e bom som a sua fé; e o patriarca Timóteo, pelo mesmo motivo, o mandou cantar em Constantinópla no ano 511, rompendo com a tradição que só permitia o canto do "Credo" na sexta-feira santa.

O motivo de se haver recitado só em voz baixa o "Credo", nos primeiros séculos, foi porque os catecúmenos não o deviam ainda ouvir.

Deste fato, porém, surge uma dificuldade. Como se explica que os liturgistas incluem o "Credo" na parte da Missa chamada dos catecúmenos, se a estes era vedado ouvir o "Credo?" A resposta é simples: Antes de o "Credo" ser cantado (até ao século V no Oriente e século XI no Ocidente) o "Credo" não formava realmente parte da Missa dos catecúmenos; porque, praticamente acabado o santo Evangelho e a homília ou sermão que lhe seguia, os catecúmenos se iam retirando. Durante isto o celebrante recitava o "Credo". Mas quando foi introduzido o uso do "Credo" cantado, a Igreja, já mais benigna, consentiu que os catecúmenos chamados "competentes", isto é, próximos ao batismo e iniciados na doutrina do "Credo", o escutassem. Daquí o dizer-se Missa dos catecúmenos esta primeira parte que vai do "Introitus" ao "Offertorium".

* * *

Estudada a origem e a história do "Credo", resta ouvir algo sobre o uso dele na liturgia atual. Da descrição do "Credo" acima feita, não há nada que tirar para termos o quadro perfeito do "Credo" de hoje.

As rúbricas neste particular são as mesmas que nos primeiros séculos do cristianismo. O sinal da cruz que o celebrante sói fazer ao terminar o "Credo", já estava em uso no século IV. Por esta época rematava-se o "Credo", com as palavras: "A ressurreição da carne". Dizia-se de preferência: "A

(Henoch).. non apparuit: quis



tulit eum Deus. Genes 5, 24



Ecoe currus igneus et equi



ignei dividerunt... IV. Reg. 2.11



E subiit ad cœlum

ressurreição desta carne”, e se mostrava tocando a frente com a mão. Disto veio talvez o uso do sinal da cruz.

Note-se de passagem que a Sagrada Congregação dos Ritos aboliu por decreto de 11 de dezembro de 1901 o costume de o celebrante prosseguir na celebração da santa Missa enquanto o côro canta o “Credo”.

Nem em todas as Missas se recita ou canta o “Credo”. Recita-se ou canta-se o “Credo” nos domingos do ano, em todas as festas mais solenes (Dedicação de uma Igreja, orago da Igreja ou capela e comemoração de uma relíquia insigne do santo, em cuja honra se celebra a festa).

O motivo de nesses dias se recitar ou cantar o “Credo” é o grande concurso do povo fiel; pois é conveniente que na hora em que todos os fiéis se reúnem corporalmente, se reúnam também espiritualmente pela mesma fé, professando-a em voz uníssona com a entoação do “Credo”.

Recita-se ainda ou se canta o “Credo” também nas festas do Senhor, porque nos trouxe e ensinou a fé, nas da Virgem Mãe de Jesus, modelo de fé viva; nas dos anjos, recordados pela palavra “invisibilium” — dos seres “invisíveis”; — nas dos apóstolos, primeiros mestres da fé revelada; nas dos doutores, expositores e defensores acérrimos da fé; na de santa Maria Madalena, a apóstola dos apóstolos e a primeira, depois da Virgem, que acreditou na ressurreição de Cristo. Não há “Credo” nas Missas de defuntos, nas das férias, etc.

* * *

Que há de mais verdadeiro do que a fé? Que há de mais racional do que crer em Deus?

Poderia racionalmente a criatura negar fé a Deus, seu Criador?



E no Espírito Santo Senhor e vivificador.

Se já a vida com relação aos homens que nos cercam nos impõe uma contínua fé, não no-la deveria impôr Deus em quem vivemos?

Não pode o homem que tem por princípio só crer o que mesmo vê, sente e entende, ser tido pelos outros como homem normal, pois a prática lhe desmente de contínuo o princípio. A vida de todo homem é vida de fé. O homem que não acreditasse nos outros, tornaria impossível a sua vida neste mundo. Mas muito mais impossível tornaria a sua vida no outro mundo. O incrédulo está morto para Deus.

* * *

Por que somos às vezes tão recalcitrantes e remissos em crer tudo o que o "Símbolo dos Apóstolos" ou o "Símbolo Litúrgico" nos manda crer? Por que não pronunciamos todos os dias o nosso "Creio em Deus Padre..."? Cuidamos acaso passar impunes dessa nossa pouca fé em Deus? Se não fôra outro fim que o de rezar o "Creio em Deus Padre", seria o bastante para não deixar de frequentar, sempre que fosse possível, a santa Missa.

* * *

Deus, sinto que me domina, mercê da vossa graça, o espírito de fé! Minha alma está aberta para abraçar todas as verdades concernentes ao sacrifício eucarístico! Meu coração se dobra, bem como a minha inteligência e vontade, à vossa doutrina e autoridade! Graças a vós, Deus Trindade!

A estrutura interna da santa Missa

IV PARTE

A PREPARAÇÃO DO SACRIFÍCIO

A primeira parte principal

Expressamos a inteira entrega de nós mesmos a Deus, significada principalmente na oferta que faz o sacerdote do pão e vinho.

A estrutura externa da santa Missa

IV PARTE

A PREPARAÇÃO DO SACRIFÍCIO

A primeira parte principal

As orações com o mais

1. Idéa geral. — 2. O "offertorium". — 3. A oração da oferta do pão. — 4. A oração da benção da água. — 5. A oração da oferta do vinho. — 6. A incensação do altar. — 7. O "lavabo". — 8. O "súscipe, sancta Trinitas". — 9. O "orate fratres. — 10. A "secreta".

1. Idéa geral

Antes de entrarmos a dissertar sobre esta parte da santa Missa, ponhamos o celebrante e seus ministrantes nos respectivos lugares.

O órgão e as melodiosas vozes do côro, que fizeram ressoar as eternas verdades do "Credo", silenciaram.

Ergueram-se dos assentos os Ministros do culto e prosseguem jubilosos na realização dos atos litúrgicos.

O celebrante, chegado ao meio do altar, beija a este, volta-se para o público e com voz clara e firme canta o já conhecido "Dominus vobiscum" e recebe em resposta o "Et cum spiritu tuo" cantado pelo côro,

* * *

Iniciou-se a assim chamada **Missa dos fiéis**, em oposição à Missa dos catecúmenos, que acabamos de ver. Esta Missa dos fiéis é também chamada "**Missa dos Sacramentos**", porque é nesta parte da Missa (aquí "**parte**" significa a segunda parte, segundo a nossa primeira divisão da Missa: Vide pág. 92), que se realizam os santos mistérios.

E' propriamente aquí que começa o verdadeiro sacrifício da santa Missa. Esta 2ª parte é dividida em tres partes principais: a primeira parte principal consiste na oblação da Vítima a sacrificar-se, constituindo a **segunda principal** a Consagração com a comunhão, em que se efetua a imolação e a destruição da Vítima; e a **terceira principal** é constituída pela ação de graças, que se faz a Deus depois da sagrada comunhão.

Fiéis, porém, e consequentes com a nossa divisão, prosseguimos a chamar a primeira parte principal de IV parte, para não criar confusão; e assim continuaremos a intitular as outras de V, VI parte (às II e III principais).

Removida toda confusão a esse respeito, entremos a estudar a IV parte da santa Missa.

2. O "Offertorium"

Depois de havermos visto como as tres primeiras partes da santa Missa se consubstanciam em **louvre, prece, instrução e atos de fé**, onde o homem

todo se humilha, se ilumina, se alegra e se eleva às regiões do sobrenatural, do puro, do belo e da verdade; depois, digo, de havermos visto como as tres partes da santa Missa nos ensinam a grandeza, a majestade e a divindade de Deus e de sua palavra revelada e de sua obra redentora, sentimo-nos invadidos de um não sei quê de sobrenatural e de divino, de um quê misterioso e indeciso, que por pouco não paráramos aquí com o culto divino, com o sacrifício incruento do Homem-Deus.

E' grandioso, esmagador e terrível o que a fé nos diz do sacrifício da Missa. Todo este pomposo aparato, que deixamos descrito atrás, é a fala mais eloquente da sublimidade e divindade do sacrifício da nova aliança. A Igreja, inspirada, ensinada e dirigida pelo Espírito Santo, compreendeu-o; e, toda solícita, envidou todos os meios da ciência, arte e autoridade para, de longe ao menos, traduzir a grandiosa idéa do santo sacrifício da Missa em atos, preces e cerimônias externas.

* * *

†

Para formarmos, porém, idéa mais clara e nítida de tudo o que nos resta por dizer, resumamos.

O que ficou dito até aquí, resume-se no texto da Sagrada Escritura: "Qui (Jesus) pridie quam pateretur". Jesus Cristo, à véspera de sua paixão e morte, à véspera da consumação do sacrifício cruento no altar da cruz, recorda, torna palpável aos apóstolos o sacrifício incruento, a santa Missa, naquela hora memorável, em que ele a instituiu: na última ceia. Sim, foi na véspera do grande e único sacrifício, o sacrifício efetuado uma só vez, o sacrifício cruento do Deus humanado, que Cristo instituiu o sacrifício da Missa, que é a renovação do sacrifício do Calvário!

Mas que é que tomou ele para renovar este sacrificio cruento de modo incruento? O que segue satisfará à pergunta.

* * *

Foi à véspera de sua dolorosa paixão e morte — “pateretur” — que Cristo “acceptit panem in sanctas ac venerabiles manus suas”, — tomou pão em suas santas e veneráveis mãos — ato que equivale, nesta ocasião, à **benção** que se dá à matéria do sacrificio, tal qual veremos fazer o sacerdote que celebra; “et elevatis oculis in coelum ad te Deum Patrem suum omnipotentem, tibi gratias agens, benedixit”, — e elevados os olhos ao alto para vós, Deus Padre onipotente, dando-vos graças, abençoou — ato e palavras que exprimem e manifestam a **oblação** da Vítima que se imola; “fregit, deditque discipulis suis, discens: accipite et manducate ex hoc omnes”, — partiu (o pão) e o deu aos discípulos, dizendo: tomai e comei dele todos, — atos e palavras que designam a comunhão da Vítima sacrificada.

A IV parte, de que agora tratamos, limita-se ao estudo da significação, história e apreciação que a Igreja faz do **ato** e das **palavras** de Jesus: “Acceptit panem... et hunc præclarum calicem in sanctas ac venerabiles manus suas”,... — tomou **pão**... e este **cálice** preclaro em suas santas e veneráveis mãos.

O “Offertorium”

As galhetas — As campainhas — A patena

Mal o celebrante cantou o — “Dominus vobiscum” — e virou-se para o tabernáculo, diz: “Oremus” — Rezemos — sem, porém, fazer ouvir oração alguma; procura concentrar-se e unir-se mais intimamente com Deus, o que era necessário depois

de tanta variedade de cenas e sensações por que passou até agora. Por isso principia a parte em que tudo é rezado em voz baixa.

Vai-se abençoar e sagrar a matéria para o sacrifício. O pão e vinho, que são ainda coisa profana, ficarão sendo sagrados. O celebrante tomará o pão e o vinho em suas mãos que se dizem santas e veneráveis, por representarem as de Cristo: Tilintam pela primeira vez as campainhas. O subdiácono já voltou da credência com o pão na patena e com o cálice que receberá o vinho; coloca tudo sobre o altar, onde esperava o diácono; este, tomando



A patena

de cima do cálice a patena com o pão, a entrega, depois de beijada, ao celebrante, cujas mãos também beija.

Durante estas funções do diácono e subdiácono, o celebrante recita em voz baixa uma antífona, que no Missal vem indicada pelo nome de "Offertorium".

Eis a antífona que ocorre na Missa em honra do Sagrado Coração de Jesus: "Meu coração só aguardou afrontas e misérias. Esperei quem se contristasse comigo, e não houve; procurei quem me consolasse, e não o encontrei". (N.



As galhetas

B. Nas Missas votivas se deverá tomar a antífona prescrita para o tempo em que tiver lugar a Missa votiva. Se esta for rezada no tempo Pascoal, se deverá tomar a antífona apontada para esse tempo. De forma que para uma e mesma Missa há e pode haver antífonas diversas).

Esta antífona, como as de cada Missa diferente, introduz o celebrante e os fiéis na idéa geral, do fim e do objeto a que **particularmente** se oferece o santo Sacrifício. Mas o fundo de todas é a idéa do ofertório. Oferece-se a Deus o que somos e temos, debaixo do símbolo do pão e vinho.

E de feito, não vai nesta antífona uma nossa oferta? A queixa amorosa de Jesus não vem de molde a incitar-nos à generosidade? E generosos nos mostraremos para com Deus prontificando-nos logo, afim de lhe depositar nas mãos os nossos serviços de consoladores do seu Coração, triturado de dor por nossos pecados.

E Jesus, recebendo a oferta, que lhe fazemos de nós mesmos, debaixo das espécies de pão e vinho, nos contempla com a sublime mercê de transubstanciá-la dentro em breve, em seu corpo e sangue, no ato da Consagração.

* * *

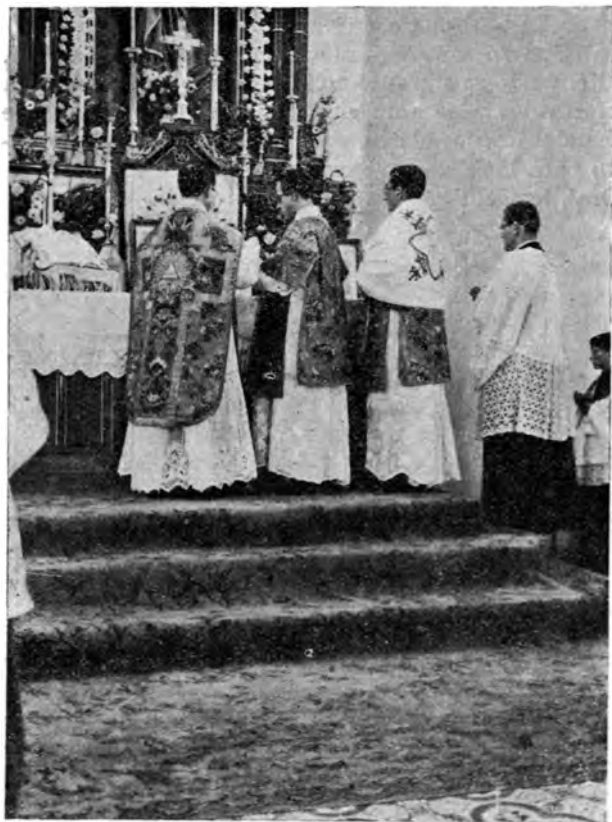
Quem faz a entrega da nossa oferta ao celebrante é o diácono, nas Missas solenes; nas simples, é o acólito. Mas tanto o diácono como o acólito fazem as vezes do povo fiel. E' portanto o povo fiel que oferece ao celebrante suas dádivas por mãos dos ajudantes para que o sacerdote as ofereça por seu turno e por força do seu poder a Deus.

Este pensamento goza aliás o apoio da história da liturgia. Nos primeiros séculos cristãos depositava o povo fiel seus pães e vinho pessoalmente no altar, neste passo da Missa.

O celebrante consagrava então o pão e o vinho que julgava necessário e devolvia o resto aos ofertantes, depois de o abençoar. Estes, em prova da caridade cristã e fraterna, distribuíam as dádivas abençoadas por entre os que nada tinham, sem excluir o próprio celebrante.

* * *

O "Offertorium" é, portanto, se o considerarmos como ato, a entrega dos pães e vinho; se o considerarmos como oração, é a antífona cantada pelo



"O povo fiel oferece as dádivas"

côro ou recitada pelo celebrante durante a cerimônia da oferta do pão e do vinho. Até ao século IV, esta oferta fazia-se em silêncio. Só no tempo de

santo Agostinho foi introduzido, em Cartago, o canto do "Offertorium". O Papa são Gregório Magno, porém, prescreveu-o para a Igreja universal, dando-lhe até a sua forma especial, que consistia de antífona e de vários versos salmódicos. A antífona se cantava antes de cada verso do salmo, alternando-se durante todo o tempo que durava a oferta dos pães e do vinho ou até que o celebrante mandava suspender, e era quando se voltava ao povo para lhe dizer que orassem: "Orate fratres!" — Orai, irmãos!



Campainhas

Quando, por motivos vários, se foi abolindo o costume dessas ofertas em massa, foi também modificado o "Offertorium". E deu-se também aqui o fenômeno que já presenciemos no "Introitus" e no "Gradualis": desapareceu o salmo e ficou só a antífona, que consta ordinariamente de verso de certo salmo ou de uma frase da Sagrada Escritura.

E é esta antífona que hoje se chama de "Offertorium". Mas, como se vê, mal mereceria o nome, não fôra a tradição que nos conservou toda a sua ampla significação e os "Offertorium" dos defuntos e da Missa da XXIII domingo depois de Pentecoste não no-la recordassem por se aproximarem mais

que os outros "Offertorium" aos "Offertorium" dos primeiros séculos.

* * *

Convém chamar aqui a atenção dos cantores para a melodia do canto gregoriano. Não é verdade, que é ela no "Offertorium" mais rica que no "Introitus" e no "Gradualis", por ser mais profunda e por exprimir de modo mais sublime o sentido místico das palavras?

Quão sábia e divinamente compreendeu o santo fundador ou introdutor do canto-chão, este passo da santa Missa!

E' no "Offertorium" que a alma deve dar o último arranco para o recolhimento em que deve estar para não ser uma afronta ao tremendo mistério que está por se renovar. Por isso, concorre poderosamente a esse fim o canto melodioso, e particularmente melodioso, que são Gregório compôs para o "Offertorium". Deveras, mais que em nenhum outro lugar, é aqui a súplica sublime e inspirada que eleva até ao sólio divino; e por isso devia ser sublime e divina a melodia que a expressasse.

* * *

Cristão, fiel, pondera séria e detidamente a importância deste "Offertorium!". E' de significação profunda e grandiosa. Profundo e grandioso é o ato da oferta. Profunda e grandiosa a significação da oferta mesma. O fiel, fazendo a Deus, no santo sacrifício da Missa, a entrega do pão e vinho, protesta solenemente a sua dependência total de Deus; reconhece-se súbdito inalienável de Deus; e confessa que tudo o que tem e de que pode dispor pertence a Deus, e por isso a ele tudo devolve.

E o fiel manifesta esta sua onímoda dependência de Deus precisamente pela oferta de pão e vinho; porque há no pão e vinho profundos misté-

rios, que Jesus Cristo quis, por seu turno, manifestar aos homens. Deb~~aixo~~ dos sinais do pão e do vinho perpetua Jesus a sua imolação e torna-se alimento divino das almas.

Escolheu Jesus justamente o pão e o vinho para dar-se-nos todo a nós em comida e bebida, acomodando-se assim ao comum sentir dos homens, que vêem no pão o símbolo da penitência e no vinho o símbolo da alegria. “Comerás o pão no suor de teu rosto!” Eis a penitência! “O vinho alegra o coração”. Eis a alegria!

Esta é a ordem natural do ser humano depois da queda de Adão: só há consolação, esperança e alegria na penitência.

* * *

Aproveita, cristão, este momento do “Offertorium!” Oferece ao celebrante o teu pão de penitência, para que Jesus Cristo to abençoe por mão do seu sacerdote! Declara-te pronto a te sacrificar de corpo e alma pela glória de Deus. Amassa teu pão quotidiano com as lágrimas da contrição, da penitência, antes de receber o pão eucarístico em teu coração; antes de assistir ao tremendo espetáculo do sacrifício incruento do Corpo e Sangue de Jesus Cristo. Fá-lo, peço-te, fá-lo de coração, que em recompensa beberás o vinho da alegria, da consolação e esperança!

* * *

Deus Padre, Deus Filho e Deus Espírito Santo, aquí venho para depor sobre o altar tudo o que sou e tenho; sacrificai-me conjuntamente com o vosso corpo. Com o vosso sacerdote ofereço-vos a dádiva de pão e vinho que em breve se transubstanciará em vós, Deus eterno! Assim seja!

3. A oração da oferta do pão

Tomou o pão... em suas santas e veneráveis mãos”.

Explanada e elucidada a cerimônia da entrega do pão e vinho do seu ponto de vista atual, histórico e significativo, resta-nos o prosseguimento da explanação, elucidação e interpretação dos ritos, cerimônias e orações que encontramos nesta IV parte da santa Missa.

O que Jesus Cristo fez na última ceia, continua a fazê-lo na pessoa do sacerdote celebrante.

Já ouvimos no “Offertorium” a alta significação do oferecimento do pão e vinho; mas torna-se-nos esta muito mais clara com a explicação das cerimônias, ritos e preces que acompanham a oferta.

* * *

Prosseguindo, pois, recorde-se que o corporal já foi estendido pelo diácono sobre o altar durante o “Credo”; que o subdiácono, revestido do humeral, levou religiosamente ao altar o pão para o sacrifício, enquanto um acólito o seguiu carregando o vinho; e que o diácono apresentou ao sacerdote a patena com a hóstia, como deputado que é do povo, afim de oferecer ao celebrante as dádivas apresentadas.

Note-se, porém, que isto tudo se dá na Missa solene; porque na simples é o próprio celebrante que estende o corporal, descobre o cálice, toma a patena com a hóstia, entorna o vinho e a gota d'água no cálice. Mas não atropelemos os ritos e rúbricas. Observemos agora o que faz o celebrante logo que recebeu das mãos do diácono a patena com a hóstia.

O padre celebrante principia aqui os ritos, que Cristo seguiu na última ceia: “Jesus tomou o pão”.

Como o divino Mestre, toma o sacerdote o pão em suas mãos, que a ordenação tornou santas e veneráveis, eleva os olhos ao alto, a Deus Padre onipotente e à cruz, que fixa uns instantes, para os pousar em seguida novamente sobre a hóstia!

Não é verdade que parece dizer a Deus: "Eis a Vítima preparada, olhai-a favoravelmente!?" E quando abaixa os olhos, não é verdade que parece dizer: "Deus, sou pecador, indigno de vos encarar"?

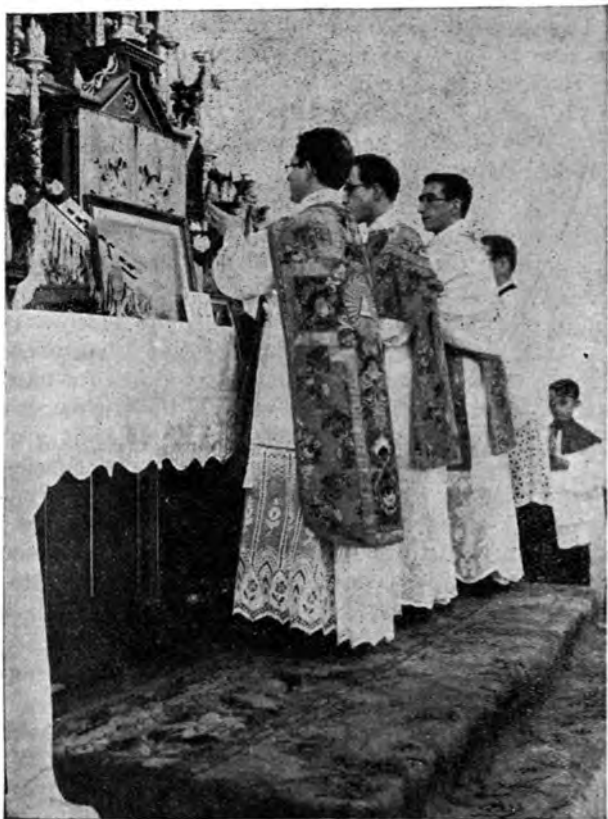
E que estes são e devem ser os sentimentos e pensamentos neste ato solene, não resta dúvida, porque é assim que ele reza, enquanto segura nos dedos das duas mãos a patena com a hóstia, que oferece: "Aceitai, Padre Santo, Deus onipotente e eterno, esta hóstia imaculada, que eu, vosso indigno servo, ofereço a vós, meu Deus vivo e verdadeiro, por meus inúmeros pecados, ofensas e negligências, e por todos os circunstantes, como também por todos os fiéis cristãos vivos e defuntos, afim de que aproveite a mim e a eles para a salvação na vida eterna. Amen".

* * *

Esta, como as demais orações, que apontamos nesta IV parte, afora a "Secreta", não eram reconhecidas, ou, melhor, não eram recitadas na Igreja Romana até ao século XI, segundo consta dos antigos "Ordines Romani", porquanto nelas não figuram.

Consta, porém, que elas estavam em uso na liturgia grega, senão em sua estrutura atual, ao menos em seu sentido, desde os tempos mais remotos; tanto assim que já pelo século XI são recitadas na França, não nesta parte da Missa, mas antes de principiar o santo Sacrifício, na ocasião em que se preparavam na mesa da sacristia o pão e vinho destinados ao Sacrifício.

E' só no século XIV que se encontram todas as orações desta IV parte.



"Oferece a hóstia a Deus"

Devido à grande semelhança que elas têm com o "Canon", do qual falaremos adiante, são chamadas também o "pequeno Canon". Por isso nos sen-

timos autorizados a cognominar esta IV parte de "Pequeno Canon".

* * *

Depois deste preâmbulo histórico, internemo-nos na grande idéa que se encerra na dita oração.

O celebrante oferece a hóstia a Deus Padre. Fá-lo por ser o Deus Padre Criador, e como tal tem o direito de exigir que as criaturas sejam tratadas e reconhecidas como suas.

(N. B. A oferta é feita de per si às tres divinas Pessoas; mas, por se atribuir de preferência ao Pai o título de "Criador", é ao Pai que se oferece a hóstia, por ser esta uma "criatura").

Que ótima ocasião de unirmo-nos ao celebrante e oferecer por meio desta hóstia tudo quanto somos e temos a Deus Pai, dispondo-o desta forma a nos dispensar mais favores e mais benefícios.

Não há modo melhor de conquistar as boas graças de Deus do que reconhecer-lhe a excelência, a supremacia e o poder de Criador, do que tributar-lhe as homenagens de criaturas, e isto durante o santo Sacrifício onde se faz em união com o seu divino Filho, Jesus, que é quem se oferece na hóstia, ao Pai!

* * *

Há na oração mais uma observação importantíssima a se fazer. Quando leio estas palavras: ... "esta hóstia imaculada"; e vejo que o celebrante a oferece ao Pai pelos pecados, ofensas, etc., e pela salvação eterna, sinto-me obrigado a perguntar se é a hóstia tal qual o celebrante oferece a Deus Padre, a imaculada e a que se atribue o poder de perdoar e ressarcir as faltas e de outorgar a vida eterna, ou é a hóstia que o celebrante já antevê transubstanciada no Corpo e Sangue de Jesus Cristo!

A resposta é evidente. Prevalece a segunda disjuntiva. Sim, o pensamento do sacerdote, neste momento, como nos subsequentes em que formula as orações do "Pequeno Canon", vai além: ele pensa na hóstia que se achará sobre o altar depois da consagração, hóstia imaculada, puríssima e a única verdadeira. O oferecimento do pão, como também do vinho, visa desde logo e necessariamente a transubstanciação desta dupla matéria no Corpo e Sangue de Jesus Cristo. Só assim é que se pode explicar por que usa a Igreja, nesta oração e nas que seguem no "Pequeno Canon", de termos que não podem convir, senão por antecipação, aos elementos primitivos do sacrifício eucarístico.

As expressões "hóstia, imaculada, cálice da salvação, santos sacrifícios, sacrifício de louvor", não se podem aplicar rigorosamente senão ao Corpo e ao Sangue de Jesus Cristo.

Elucidado o ponto, compreende-se perfeitamente o significado da oração da oferta do pão, como também compreenderemos logo mais o significado grandioso da oração da oferta do vinho.

* * *

Sim, a hóstia ofertada pelo celebrante é imaculada, é sem mancha, como a da Lei antiga; tornar-se-á a Vítima, única, imaculada e sem culpas que é Jesus Cristo; só ela pode agradar a Deus e aplacar-lhe a ira! Bem compenetrado está o celebrante da própria indignidade perante este Deus que é verdadeiramente vivo e existe debaixo das espécies. Sente o justo dever de orar primeiro para si e de suplicar para que se purifique de toda mancha; pois, se a hóstia é imaculada, só mãos imaculadas a podem tocar; segundo, sente-se obrigado a rezar por todos os presentes e por toda a Igreja: vivos e defuntos, todos participarão da virtu-

de deste sacrifício, porquanto Cristo morreu por todos: "Et pro omnibus mortuus est Christus" (2 Cor 5, 15). O fruto do sacrifício de Cristo há de ser a salvação da alma e a felicidade do céu.

* * *

Não pode deixar de se impôr tão significativa prece! Rezemo-la com o celebrante! Ofereçamos, pois, a Deus esta dádiva com o padre! Neste oferecimento está a significação da nossa assistência ao sacrifício da santa Missa... Façamo-lo, sim; e despertaremos em nós os sentimentos de humildade e confiança!

* * *

Pai, creio no grande poder desta oração na boca e coração de quem a recita em união com o vosso Filho Jesus Cristo. Cristo vos tornou atento às nossas súplicas pelos merecimentos que nos obteve na cruz. Morreu Jesus na cruz. Foi hóstia divina na cruz; e vo-lo recorda o celebrante, traçando com a patena a cruz sobre o altar, antes de depositar a hóstia no corporal. Neste sacrifício incruento vos aparece a Vítima que se sacrificara sobre a cruz no Calvário. Aceitai a oferta como vo-la oferece Jesus. Amen!

4. A oração da benção da água

Prossegue o celebrante em seus ritos e orações.

A oração da oferta do pão está terminada. Da altura dos olhos desce a patena com a hóstia à flor do corporal. Sobre este faz com a patena uma cruz; depõe a hóstia sobre o corporal, e coloca, nas Missas simples, a patena por baixo do corporal, à direita, donde só será retirada depois do "Pater noster"; nas Missas solenes, porém, é o subdiácono que recebe a patena das mãos do diácono, como logo veremos.

Enquanto formos observando e considerando o celebrante a executar as rubricas e a formular a oração da oferta do pão, teremos, sem dúvida, dado também um olhar para as cerimônias do diácono e subdiácono.

Vimos o diácono a entornar o vinho no cálice de uma galheta, que o subdiácono lhe apresentara; vimos também como o subdiácono ofereceu ao celebrante a galheta com água.

E é aqui que o sacerdote retoma a suas rubricas e orações do "Pequeno Canon".

Logo que está ao alcance da galheta oferecida, traça sobre ela uma cruz; e, enquanto o subdiácono (nas Missas simples fá-lo o próprio padre) põe no cálice umas gotas de água que se mistura com o vinho, ele recita a oração seguinte: "Deus, que maravilhosamente formastes a dignidade da natureza humana e mais prodigiosamente a reformastes, dai-nos, pelo mistério desta água e vinho, participarmos da divindade daquele que se dignou participar da nossa humanidade, Jesus Cristo, vosso Filho, nosso Senhor, que convosco vive e reina em unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amen".

* * *

O que primeiro nos prende aqui a atenção é o sinal da cruz que o celebrante traça com a dextra sobre a água, no momento em que pronuncia a oração: "Deus, que..."

Este sinal tem sua origem histórica. Fazia-se antigamente sobre o vinho e sobre a água enquanto se entornavam ambos no cálice, quasi simultaneamente; e se proferiam as palavras: "Em nome do Padre..." Isto é usado ainda hoje entre os dominicanos.

Mas com o tempo desapareceram as palavras, ficando só o sinal da cruz. Este não se faz hoje

nas Missas de defuntos, como se não fazia antigamente, e não se pronunciava a fórmula.

Há aqui mais o particular que, primitivamente, o celebrante deitava a água no cálice, formando sobre ele ao mesmo tempo o sinal, como se pode ler nos "Ordines Romani". Há mais uma rubrica a observar; e é que o diácono deita vinho e o subdiácono água. Só foi introduzido o costume de o subdiácono deitar a água e não o diácono, no século XIV. Hoje, porém, entre os cartuxos subsiste ainda o uso de só pôr a água e o vinho no cálice.

Houve tempo em que nas Igrejas de Roma era isto ofício exclusivo do celebrante.

Entre os dominicanos, que têm particularidades litúrgicas também em outros pontos, é só o subdiácono que deita o vinho e a água no cálice, porque o diácono, de pé junto ao celebrante, está ocupado em sustentar a patena com a hóstia.

Interessa-nos saber a mistura que faz da água e vinho. Consta da História que esta mistura é um dos ritos mais antigos do santo Sacrifício. Compreende-se, porque tem sua origem da primeira Missa celebrada pelo próprio Jesus Cristo na última ceia, no Cenáculo. Isto quer dizer que, como era costume entre os hebreus deitar vinho no cálice só depois de haver posto nele um pouco d'água, Jesus, que timbrava sempre e em tudo por observar o mais exatamente possível os costumes do seu povo, não se afastou deste uso e deitou no cálice água e vinho, que consagrou.

Corroborá este fato histórico o testemunho de são Justino, santo Irineu, são Cipriano e dos Concílios, máxime do Tridentino. São fidedignas estas testemunhas que referem exclusivamente o que receberam da tradição. E quando, talvez, para uns, é fato de somenos, para nós é de suma importância por haver neste rito uma significação profunda.

Escutemos o que dizem os santos Padres, e que vem comprovado pela Igreja universal:

A mistura do vinho com a água é o símbolo da união pessoal do Verbo eterno com a sua santa humanidade. O vinho representa particularmente a natureza divina e a água a natureza humana.

Ensinam ainda, e é ainda aprovado pela Igreja, que a mistura da água com o vinho simboliza a união da nossa natureza com o Filho de Deus. E quem o negará, se o próprio são João Evangelista o afirma quando diz que a água representa os povos — Aquæ, populi sunt — (Apoc 17, 15) e o vinho, Jesus Cristo?

E não é verdade que são estas justamente as duas idéas expressas na oração? Leiamo-la de novo, e disso nos convenceremos.

* * *

Ó graça! ó honra grande e extraordinária para o homem! E, posto que tamanha, vem ela simbolizada sob a mais comum das formas!

Diz-nos a água misturada com o vinho que a nossa natureza se uniu, por mercê da graça santificante, ao Filho de Deus.

União é esta que nos deifica até certo ponto; que nos torna participantes e consortes da natureza divina e herdeiros da glória de Cristo! União que nos torna membros de Jesus Cristo!

Cristo é nossa cabeça, nós, seus membros. Cristo é mais nosso que dele, até certo ponto; porque é o receptáculo das graças que são suas; mas que as recebeu do Pai para no-las reservar e as entornar sobre nós. Cristo é a videira e nós, seus ramos. E' a fonte das águas puras, que nos estancam a sede. E' a nossa cabeça, nós, seus membros. E' a Igreja, este grande corpo em que só vive aquele, no qual vive e habita a graça da cabeça, isto é, de Cristo.

* * *

Oxalá compreendêssémos cada vez mais esta nossa fusão com Cristo, que outros seriam nossos sentimentos neste rito e nesta prece! Quisera que recordássemos em todas as santas Missas que, como Cristo se torna hóstia do sacrifício, isto é, vítima, assim nós, membros dele, nos tornamos necessariamente hóstia do mesmo Sacrifício!

E que fiel não se sente arrebatado de tal honra, da honra de ser inseparavel de Cristo e de sacrificar a Deus o mesmo sacrifício, que Cristo oferece ao Pai? Ah, cristãos, não nos tornemos mais indignos do que somos, na participação de tamanha mercê! Cristo se sacrifica ao Pai, e nós nos sacrificamos a ele com Cristo. Eis o que nos ensina a mistura do vinho e água!

* * *

Meu bom Jesus, bem sei que me não é dado agradecer-vos como devia por vos terdes dignado assumir a natureza humana e me terdes tornado um vosso membro; por isso dignai-vos aceitar os insignificantes e avariados agradecimentos que vos costume dar por tudo o que tenho e sou.

Pádre eterno, graças também a vós que assim me elevastes à dignidade de filho vosso; porque o sou na verdade; Virgem santíssima, graças vos rendo também a vós, que tão heroicamente suportastes tudo para me proporcionar tão grande graça e tão grande honra!

5. A oração da oferta do vinho

Preparado o cálice da forma que ficou dito, o diácono o apresenta ao celebrante. Toma-o este com ambas as mãos, enquanto o diácono continua com a sua dextra a sustentar o cálice pela parte inferior.

Estão em posição de oferecer o cálice a Deus; e, como já vimos fazê-lo o celebrante na oferta do pão, o vemos fazê-lo aqui.



“Oferece o cálice a Deus”

Elevando o cálice à altura dos olhos e fixados estes devotamente na cruz do crucificado, formula o diácono a prece seguinte:

“Senhor, nós vos oferecemos o cálice da salvação, suplicando a vossa clemência, que ele suba com suave fragrância à presença de vossa divina Majestade para salvação nossa e de todo o mundo. Amen”.

Terminada a prece, larga o diácono o cálice, enquanto o celebrante o depõe sobre o corporal, depois de haver traçado com ele uma cruz, como fizera com a hóstia na patena.

O lugar do cálice é entre a cruz do altar e a hóstia. O diácono cobre o cálice com a pala (v. pág. 78), para impedir que nele caia qualquer sujeira; e passa em seguida a patena ao subdiácono, que a cobre com a extremidade do véu, que traz sobre os ombros. Este coloca-se aos pés dos degraus do altar atrás do celebrante; e lá fica até ao fim do “Pater Noster”, com a patena sempre envolta no véu e elevada à altura dos olhos.

* * *

Se perguntarmos à História sobre a origem da oração e das rubricas apenas mencionadas, ela nos diz que a oração tem a mesma história da oração da oferta do pão, isto é, que remonta ao século XI, pois só os Missais deste tempo a trazem.

Diz-nos a História ainda coisas interessantes a respeito da rubrica que ordena ao diácono de sustentar o cálice com a dextra no ato da oferta e de formular com o celebrante a respetiva oração.

Quanto à cerimônia ou rubrica de sustentar o cálice não tem hoje razão de ser, senão pelo motivo histórico. Explico-me: Nos primeiros séculos do cristianismo os fiéis comungavam sob as duas espécies, de pão e vinho; ora, está visto que o vinho devia ser de considerável quantidade, bem como o cálice, que o recebia, de respeitáveis dimensões, devendo por isto ser o peso calculavel. Que admira,

pois, se o celebrante requeresse um ajudante para, honesta e dignamente, oferecer e sustentar o peso do cálice, durante o tempo que durasse a prece? Hoje apesar de já não vigorar esta dificuldade, prescreve-se todavia a guarda da rubrica.

Quanto ao caso de esta oração ser recitada pelo diácono e de ele não fazer o mesmo com a oração da oferta do pão, vem do fato, igualmente histórico, de o diácono ter sido sempre considerado, de modo especial, o Ministro do cálice, visto que antigamente lhe competia a tarefa de distribuir o vinho consagrado aos fiéis. Daquí a fórmula da oferta do cálice posta no plural: "Senhor, nós vos oferecemos..." (N. B. Se até aquí exigimos fé singela dos nossos leitores sobre o que asseveramos na parte histórica, não nos podemos todavia subtrair à tentação de confirmar o dito com as palavras do maior dos diáconos, e o fazemos por isso mesmo, por ser o maior da Igreja Romana. Diz pois o glorioso diácono mártir, são Lourenço, ao papa são Sixto, no momento de ser levado ao tremendo súplicio (foi assado sobre uma grelha de ferro): "Experimentai se sou digno da escolha que fizestes de mim, para confiar-me a distribuição do sangue de nosso Senhor". (Of. de são Lourenço nas matinas).

* * *

Como já foi notado, o diácono entrega ao subdiácono a patena. Esta rubrica tem também sua história, que importa conhecer.

Do que já dissemos sobre o geral da santa Missa, conclue-se que primitivamente deveram ser o cálice e a patena objetos de uso contínuo; porquanto sobre a patena não só se consagrava e partia, mas outrossim se deixava o pão eucarístico, visto ter sido então a patena de proporções muito maiores que em tempos posteriores, porque eram verdadeiros

pãezinhos, que se consagravam, e não partículas como hoje.

Quando se começou a pôr o pão sobre o corporal, tornou-se a patena inutil, fora o momento de partir a hóstia, o que se faz depois do "Pater". E vigorando então como hoje o princípio litúrgico de não conservar ou pôr sobre o altar objetos que não entravam em uso no sacrifício da Missa e muito menos os que embaraçassem o celebrante no desempenho de seu ofício, passou a patena por supérflua e embaraçante por suas grandes dimensões. E, visto que o subdiácono não tinha ocupação desde o derramamento da água no cálice até ao "Pater", incumbiram-no de segurar a patena no modo sobre-dito, ofício que aliás primitivamente era desempenhado pelo acólito, o que deu origem à rubrica de o subdiácono envolver a patena com as extremidades do umeral; porquanto ao acólito, um mero leigo, era vedado, como o é ainda hoje, tocar nela com as mãos.

Dissemos mais acima que o subdiácono mantém a patena um tanto soerguida, à altura dos olhos; isto tem o fim de recordar aos fiéis da assembléa que a hora da comunhão está próxima, segundo se colhe de um Missal de Paris, em que se lê: "In signum instantis communionis" para indicar que a comunhão está próxima. Outro fim, e parece mais plausível, é facilitar ao subdiácono a suspensão da patena, facultando-lhe o apoio do braço direito, que a segura descansando-o com o cotovelo na mão esquerda.

Se vigora, porém, ainda hoje, o costume de deixar sobre o altar a patena, nas Missas solenes de defuntos e na sexta-feira santa, isto tem sua razão do fato; já alhures observado, de que nessas Missas se guardou o mais fielmente possível a litur-

gia primitiva, em que a patena tinha o fim que acima apontamos.

Cumpre notar aqui a particularidade da liturgia dominicana ainda em uso, de fazer-se a oferta do pão e vinho simultaneamente, isto é, em um único ato.

* * *

Relendo agora a oração: "Senhor, nós vos oferecemos o Cálice da salvação...", o que nos prende a atenção são as expressões: "Cálice da salvação — Para salvação nossa e de todo o mundo".

A primeira é bem motivada; porque a Igreja vê neste cálice, desde agora, o que daqui a pouco conterá o sangue redentor do Cristo.

A segunda não é menos justificada; porque, pelo cálice que guardará o sangue divino, rogamos ao Pai a nossa salvação e a do mundo inteiro. Este é o escopo da vida cristã: Rezar ao Pai pelo Filho, para que cheguemos todos sãos e salvos ao porto feliz da vida eterna. Mas que melhor oração que este sacrifício do sangue de Cristo nos poderá obter eficazmente esta salvação? Não é o próprio grande são Epifânio que nos apoia o asserto, quando diz que o sacrifício é a oração que gera de modo peculiar a salvação dos cristãos?

* * *

Grande e indizível deve de ser o entusiasmo da alma cheia da mais viva e pura fé! Sabe-se ela participante da oferta do vinho. Vê-se a si neste vinho em que anda de mistura aquela água; pois a água é a humanidade. Entende ser um dos inúmeros bagos de uva de que se espremeu o vinho, prestes a se transubstanciar em o corpo e sangue de Jesus Cristo.

Muda-se o vinho, misturado com água, em sangue de Cristo. Mas o sangue de Cristo é divino; di-

vina há de ser também a água que ficou arrastada pela caudalosa corrente da vida beatífica da santíssima Trindade! Ó mistério consolador e estu-
pendo!

Como não deverá ser pura esta água destinada a se transubstanciar em sangue de Deus!

De que sentimentos não deverá ser possuído todo celebrante e cristão, neste momento da oferta!

Quem melhor do que a Igreja compreendeu esta indeclinável necessidade de se oferecer a Deus com o coração contrito e humilhado?

E' ela que avisa disto ao celebrante, pondo-lhe na boca esta prece, que deve formular inclinado sobre o altar, de mãos postas e apoiadas na pedra do altar, logo que houver terminado a oração da oferta: "Com espírito de humildade e coração contrito sejamos acolhidos por vós, Senhor; e tal apareça hoje aos vossos olhos o nosso sacrifício, que seja do vosso agrado, Senhor, Deus nosso".

E aprofundando toda a significação de semelhante oferta, não ousa a Igreja apresentá-la a Deus, isso põe a Igreja nos lábios do sacerdote celebrante, logo a seguir, a oração seguinte, que até pronuncia estendendo e elevando ao alto as mãos:

"Vinde, santificador, onipotente, e eterno Deus, e abençoai este sacrifício preparado para o vosso santo nome".

* * *

Ó homem crente, crês na palavra infalível de um Deus?

Acreditas que este vinho se mudará daí a pouco em sangue de um Deus? Acreditas que neste sangue figuras tu também?

E se isto acreditas, por que não ages segundo esta tua fé?

Envergonhas-te acaso da dignidade a que foste elevado, à dignidade de participante da natureza divina?

Eia, desperta em ti atos vivos e sinceros de fé que rasga estas espécies de vinho e pão e vê por detrás delas o Cristo, o Filho de Deus vivo, real e verdadeiro!

* * *

Meu bom Jesus, prontas estão as ofertas. Já foram separadas do profano. Por vós abençoadas, só esperam ser em vós transubstanciadas. Jesus, suspiro por esta comida e bebida dos anjos. Em vós quero viver; antes, de vós quero viver. Dai-me do pão que dá a vida eterna, que dá vida ao mundo!

6. A incensação do altar

E' depois do "Vinde santificador..." que o celebrante volve sobre a direita, benze e deita incenso no turíbulo. Isto, porém, só em Missas solenes.

Ao oferecer o diácono a naveta ao celebrante, diz: "Abençoai, reverendo padre".

O sacerdote abençoa, dizendo:

"Por intercessão do bem-aventurado Miguel Arcanjo que está à dextra do altar do incenso, e de todos os seus santos, digne-se o Senhor de abençoar este incenso e de aceitá-lo em odor de suavidade. Por Jesus Cristo nosso Senhor. Assim seja!"

Enquanto o celebrante recita a sobredita oração, deita tres colherinhas de incenso nas brasas. Feito isto, o diácono passa a naveta ao ceremoniário, pega no turíbulo e o entrega ao sacerdote. Este traça com o turíbulo tres vezes o sinal da cruz sobre as ofertas ou oblações e descreve tres círculos em volta do cálice, partindo os dois primeiros da direita para a esquerda e o terceiro da esquerda para a direita. Durante esta rubrica profere a oração:

“Suba a vós, Senhor, este incenso abençoado por vós; e desça sobre nós a vossa misericórdia”.

Terminada esta incensação, passa a incensar a cruz do altar por tres vezes, enquanto pronuncia a oração do salmo 140:

“Eleve-se, Senhor, a minha supplica para a vossa presença como incenso”. Feito isto reproduz a incensação do altar, descrita acima (Vid. pág. 132) A figura dá uma idéa exata da rúbrica de incensação do altar bem como dos objetos já mencionados.

Enquanto o celebrante incensa o altar e as reliquias, se as houver, reza a continuação do salmo 140, podendo assim entreter-se com santos e salutaes pensamentos.

Eis o resto do salmo: **“Elevem-se minhas mãos a vós como um sacrificio vespertino. Ponde, Senhor, o sigilo na minha boca e a circumspecção nos meus lábios, afim de que meu coração não decline para palavras de malícia aduzindo desculpas para os meus pecados”.**

Finda esta incensação, devolve o turíbulo ao diácono, dizendo:

“O Senhor acenda em nós o fogo do seu amor e a chama da sua eterna caridade. Assim seja”.

O diácono incensa o celebrante e o subdiácono. Passa depois o turíbulo ao turibulário e é por este incensado.

* * *

Este rito de incensação é mais antigo na Igreja grega que na Romana. No século XI entretanto é ele encontrado em toda a Igreja.

Se nós nos recordamos ainda das duas precedentes incensações, isto é, da que seguiu logo terminada a I Parte da santa Missa e da que seguiu à leitura do santo Evangelho, e se as confrontarmos com esta aqui, notaremos grande differença, máxime

nas palavras que as acompanham. As primeiras mal têm um formulário. Note-se ainda que a fórmula desta incensação diverge nos diversos ritos romanos. Assim por exemplo a dos dominicanos tem apenas o "Em nome do Padre, etc".

A questão sobre se é o arcanjo são Miguel ou são Gabriel que deveria figurar na oração, ficou muito debatida no decorrer dos tempos.

A dúvida provém da incerteza acerca do nome do arcanjo, visto por são João na ilha de Patmos balouçando junto ao altar o turíbulo de ouro. Outros, apoiados pela narração bíblica de são Lucas (1, 11), preferiram são Gabriel. Qual dos dois fosse o intencionado pelo autor da prece não é fácil decidir. Parece todavia, conforme à autoridade de numerosos manuscritos e Sacramentários, dever inclinar-se mais para são Gabriel.

O grande Bossuet, que era também ótimo historiador, se obstinou em defender são Gabriel, no Missal publicado por ele. Os Missais de Paris não têm nem um e nem outro para evitar encontros. Neles se lê simplesmente: "Pela intercessão do vosso santo arcanjo, etc...."

Mas como em toda a dúvida deverá prevalecer sempre a sentença da autoridade suprema não podemos deixar de censurar a obstinação de Bossuet e a conivência dos parisienses, por se apartar da vontade da Igreja que prescreve a fórmula citada para todos, na qual se invoca são Miguel.

* * *

Observe-se ainda que a incensação das oblações em forma de cruz procede do costume que tinham antigamente algumas igrejas de as incensar pronunciando o "Em nome do Padre etc.", costume aliás ainda hoje observado pelos cartuxos.

Veja-se agora a encantadora significação das preces e do rito da incensação! De encantadora significação é a prece da benção do incenso. A mesma benção do incenso recebe em valor acompanhada da prece.

De não menor significação é a incensação das oblações! Não basta que só o altar receba os perfumes da incensação, é ainda necessário que os suaves olores penetrem os próprios dons que estão sobre o altar. Com isso se quer mostrar que a oferta deve ser impregnada da benção divina. Quer-se ainda mostrar que a incensação tem por fim despertar os sentidos para que participem dos votos da alma expressos na oração que acompanha a oblação.

Sacerdote e povo são os sacrificadores das ofertas; e por isso sacerdote e povo devem ser impregnados da benção divina, da mesma forma como o são as ofertas; daí o serem sacerdote e povo incensados.

O diácono incensa primeiro o sacerdote celebrante para atrair antes de tudo sobre ele a benção divina por ser o representante da pessoa adorável do sacerdote eterno, Jesus Cristo nosso Senhor.

Em Paris vigorava algum tempo a rubrica que prescrevia ao diácono se ajoelhar no ato de incensar o celebrante. Isto traduz inequivocamente a dignidade divina do sacerdote.

O mesmo diácono incensa o subdiácono para só então ser incensado pelo ceremoniário. E quem não vê nisto um ato de humildade?

O diácono recebe a graça só depois que a distribuiu aos dois.

Por fim o turibulário incensa todo o povo, para dar a ele também a graça da benção, que o deve tornar qual outro Cristo, rescendendo o bom odor da santidade evangélica.

* * *

Oxalá ascendessem as nossas preces ao alto, ao trono de Deus tão rápidas e perfumosas como o fumo do incenso!

Oxalá não se extinguisse jamais dos nossos corações o braseiro do amor a Jesus, onde caia o incenso das orações assim de queimar e rescender em bençãos e graças!

* * *

Espírito divino de Jesus, sumo sacerdote do Pai, pairai sobre este fogo quasi extinto do meu coração! Pairai, não; mas penetrai dentro deste meu coração sacerdotal e reacendei o fogo do vosso divino amor!

Deus, todo amor, acendei e ateai em mim o fogo do vosso infinito amor, para que o incenso da oração queime nestas brasas e suba suas fragrâncias até ao vosso trono, até ao glorioso altar da vossa Majestade!

Senhor, ponde-me nas chamas ardentes do Espírito Santo! Assim seja!

7. O "Lavabo"

Depois que o celebrante ficou incensado pelo diácono, dirige-se para os acólitos; e um deles derrama-lhe água nos dedos, outro lhe alcança o paninho, com que os enxuga. Enquanto isto se faz, recita o celebrante o salmo 25: "Lavarei as minhas mãos entre inocentes e estarei ao redor do vosso altar, Senhor. Para ouvir a voz dos vossos louvores e publicar as vossas maravilhas. Senhor, amei a beleza de vossa casa e o lugar onde habita a vossa glória. Não deixeis perder-se a minha alma com os ímpios, meu Deus, nem minha vida com os homens sanguinários. Aqueles, em cujas mãos há iniquidades e cuja dextra está cheia de subornos. Eu, po-

rém, procedi em minha inocência; salvai-me, e tende piedade de mim. O meu pé ficou firme no cami-



“Lavarei as minhas mãos”

inho reto; nas igrejas eu vos bendirei. Glória ao Pai, ao Filho...”

* * *

A origem desta cerimônia remonta aos primeiros séculos. Provém daí que primitivamente o celebrante impunha as mãos nas cabeças dos catecúmenos



“Eu procedí em minha inocência”

antes de os despedir e dos pecadores públicos antes de os absolver.

O perigo de haver com este ato contraído sujidade aconselhava a purificação das mãos antes de retomar as funções litúrgicas e manusear as oblações.

Nem está excluído que o obrigasse a esta lavagem o fato de haver recebido em suas mãos as ofertas dos fiéis e de haver manuseado o turíbulo.

Hoje o "Lavabo" tem mais um sentido simbólico, como logo se verá. O celebrante hoje não tem ocasião de se sujar durante a Missa rezada; tê-la-ia só durante a solene, em que está obrigado a manejar o turíbulo, que nem sempre aparece com o asseio devido.

Isto não obstante, a partir do século XIV, é esta rubrica rigorosamente prescrita em toda a Igreja.

* * *

Há quem queira ver nesta cerimônia só a lembrança dum antigo costume. Os primitivos fiéis só iam lavar as mãos numa fonte posta à entrada das igrejas.

Mas tem-se por mais plausível a opinião de que deste uso se originasse antes o nosso costume de fazer o sinal da cruz ao entrar na igreja, molhando os dedos com água benta.

Seja como fôr, o certo é que existia naqueles tempos, para o celebrante lavar as mãos, uma bacia de pedra, murada junto ao altar, do lado da Epístola. Logo, encontrava-se no mesmo lugar onde ainda hoje o acólito deita água nos dedos do celebrante.

* * *

Entretanto é certo que esta ablução devia ser rápida, porque o celebrante rezava só o primeiro verso do "Lavabo".

Os dominicanos, porém, receberam a prescrição de rezar os tres primeiros versos.

Mas nem em todos os lugares se recitava o salmo "Lavabo". Vigorava tambem em umas dioceses o uso da récita do salmo "Amplius lava me" (50).

No fim do "Lavabo" rezava-se o "Gloria Patri..." Cai fora este só nas Missas de "Requiem" e da Paixão, por não condizer com o luto desses dias.

* * *

Abramo-nos, sim, ao sacerdote neste momento precioso em que está para iniciar a grande ação! Recitemos com fé, humildade e contrição sincera este bellissimo salmo, esta oração tão profunda: "Lavarei as minhas mãos entre inocentes e estarei ao redor de vosso altar, Senhor!"

Parece até não exista outra prece que se compare a esta no que toca a dispor-nos para detestar sinceramente o pecado e a destruí-lo radicalmente dos nossos corações.

Proporciona aquí a Igreja ao celebrante mais uma ocasião para reconcentrar-se depois de tantas cerimônias. E' como uma etapazinha para se considerar a si mais uma vez; e para contemplar e ponderar da maneira mais viva posivel o que daí a pouco vai operar.

* * *

Sacerdote do Altíssimo, considera, sim, a tua baixeza e a tua grandeza! Humilha-te e glorifica a Deus pelo que és: nada por ti, tudo por Deus! Nada como miseravel criatura, tudo como representante do sacerdote eterno.

Ah, não te envergonhes de confessar-te culpado! Lava, lava tuas mãos publicamente, porque as manchaste já, e quanta vez! Lava-as ainda, posto que alimentes a boa fé de as teres já puras: "Lavarei as minhas mãos entre inocentes!"

* * *

Senhor, Jesus, vossas santas e veneráveis mãos santifiquem e purifiquem as minhas! só assim as poderei levantar a Deus Padre, e ofertar-lhe as oblações como se deve. Não sois vós a minha inocência, rei dos inocentes, a pureza dos anjos e o esplendor imaculado da face do Pai?

Ah, Jesus, deixai que me una a vós, já que sou o vosso sacerdote, para que seja um convosco, para que a minha dignidade sacerdotal seja como a vossa e para que as minhas mãos sacerdotais peguem condignamente a hóstia imaculada, que sois vós mesmo, ó Deus de pureza!

Senhor, rogo-vos instantemente que me lanceis na corrente desse vosso sangue divino que lavou o mundo inteiro e poderia lavar milhares de outros mundos de suas iniquidades, para que me purifique de todo! Nela lanceis também o povo assistente para que saia puro de seus pecados! Assim seja!

8. O "Suscipe, Sancta Trinitas"

Concentremos agora toda a nossa atenção no celebrante e abstraiamos de todos os mais que o servem no altar, porque o seu papel é, a partir deste momento até ao fim da Missa, de máxima significação.

* * *

O celebrante terminou o "Lavabo". Ei-lo que torna do lado da Epístola para o centro do altar donde só se afastará depois de ter comungado sob as duas espécies.

Os instantes que seguem são da máxima solenidade e responsabilidade.

Chegado ao meio do altar, de mãos postas e um tanto inclinado, rompe nesta súplica: "Recebei, ó Trindade santa, esta oblação, que vos oferecemos em memória da paixão, ressurreição, ascensão de

nosso Senhor, Jesus Cristo; e em honra da bem-aventurada Virgem Maria, do bem-aventurado são João Batista, dos santos apóstolos Pedro e Paulo e dos mártires, cujas relíquias estão aqui sobre o altar; e de todos os santos: para que a eles sirva de honra e a nós de salvação; que eles se dignem de interceder no céu por nós, que celebramos a memória deles na terra. Pelo mesmo Cristo, nosso Senhor. Amen”.

* * *

O que há a observar quanto à história desta oração é o seguinte: Uma alma devota a compilou para seu uso particular.

Na liturgia grega encontra-se, é verdade, mas só em substância. Aos poucos foi, porém, aceita por algumas igrejas latinas, que a recitavam, não por ser prescrita, mas por ser da moda. Assim fala o “Micrólogo” do século XI.

Entretanto parece que os dominicanos a receberam como uma oração obrigatória desde o século XIII, ao menos na França, sendo que ela é a única por eles admitida nesta parte da Missa, de que se aproveitam na ocasião da oferta do pão e vinho, que é feita simultaneamente.

Devido a essa liberdade passou a oração por alterações. Assim os franciscanos fazem nela só a menção da paixão de Cristo. Variava a oração segundo era dirigida a este ou àquele; outra era se se fazia nela menção dos doentes; outra, se dos defuntos; ainda outra, se das necessidades da Igreja, dos príncipes, dos sacerdotes, etc. Inseriam-se ainda nela os nomes dos santos, que se queriam honrar de modo especial no dia, bem como o dos mártires cujas relíquias se achavam no altar: só assim se explica aquele “istorum”, que se lê em latim e traduzimos por “dos mártires, cujas reli-

quias estão aqui sobre o altar”; porquanto a isso nos inclina o fato de ser este “istorum” substituído aliás em outras preces por N. N., como se vê no “Te igitur”, do canon.

Quando, finalmente, a Igreja resolveu introduzir a oração no Missal Romano, acabou toda e qualquer alteração, o que se deu sob são Pio V, no século XVI.

* * *

Estudando a significação da oração, convencemo-nos desde logo que compendia todas as orações da oferta, acima ponderadas. E, de feito, por esta oração é-nos claro o fim a que se dirige a oblação, a natureza do sacrifício, a porção de que deve partilhar o céu, bem como os socorros que a Igreja pode e deve esperar, neste vale de lágrimas, dos mesmos bem-aventurados da Igreja triunfante.

Por isso se justifica o uso litúrgico dos dominicanos que absolvem esta IV parte da Missa com esta única oração. “A oferta é dirigida a Deus uno e trino, oferta que não é senão o próprio Filho de Deus, sacerdote e vítima”. Roga-se a Deus que se digne aceitar a oferta por ser digna dele, sendo Jesus mesmo, que aplacou a justiça divina mediante sua paixão e morte na cruz”. “Roga-se-lhe que nos aplique as graças que Jesus nos mereceu”. “Roga-se-lhe enfim que nos preste ouvido benigno em vista dos merecimentos da Virgem, sua Mãe, e dos santos, seus irmãos, assim confessores como mártires”. Apelar para os merecimentos dos santos é recomendação poderosa aos olhos de Deus, porque quem com isto fica glorificado e honrado é o próprio Jesus, seu divino Filho, de quem todos os santos receberam o que são e o que gozam na bem-aventurança celeste.

* * *

Outro seria nosso proceder para com o augusto sacrificio da Missa se nos dominasse mais fortemente a fé.

Creemos, sim, que tudo se nos deriva dos merecimentos de Cristo; mas é este crer mais teorético que práctico.

Aprofundássemos a verdade de que o que somos na ordem sobrenatural o somos por mercê de Jesus e a recordássemos mais a miude, outro seria o nosso proceder, outra a nossa devoção, outro o nosso aproveitamento espiritual.

Não há negar que é verdade que ultrapassa não só a capacidade de comprehensão do entendimento humano, mas tambem do angélico; isto não obstante, não nos damos por dispensados de lhe assimilar mais e mais a sua significação.

Ofertamos à SS. Trindade Jesus, com o coração cheio de fé, esperança e amor, rezando a bela prece: "Recebei, ó Trindade santa..."

9. O "Orate, fratres"

Do dito anteriormente se colhe que o celebrante está sumamente compenetrado da grandeza divina do que vai dentro em breve realizar.

Eis por que, depois de beijar o altar, ao fim da oração precedente, se volta para o povo, estende e ajunta as mãos, pedindo em voz meio alta: "Orate, fratres", — orai, irmãos, — e prossegue a meia voz "para que o meu e o vosso sacrificio se torne aceitavel a Deus Padre onipotente".

Pede o concurso de orações dos da assembléa, porque se aproxima a hora em que a ação se vai tornando sempre mais solene e responsavel; e o sacerdote sente a necessidade de apoio dos irmãos na fé para que o sacrificio se torne mais agradavel ao Senhor e não diminua nos frutos por sua culpa.

E os fiéis, acudindo pressurosos, rezam pela boca do acólito, nas missas simples; do diácono e subdiácono nas missas solenes: "Aceite o Senhor o sa-



O "Orai, Irmãos"

crifício de tuas mãos para louvor e glória de seu nome, e também para nossa utilidade e a de toda a sua Igreja santa".

*

A história desta fórmula.

O celebrante só ia anunciar aos fiéis da assembleia que era necessário recolher-se, observar o mais rigoroso silêncio e preparar-se mais uma vez com toda a seriedade, porque não tardariam a transubstanciar-se os pães e o vinho no corpo e sangue de Jesus Cristo e consumir assim mais uma vez, se bem que de modo incruento, o sacrifício do Calvário.

E' este aviso de importância, por ser a última vez que o celebrante se dirigirá ao público antes que consume o santo sacrifício.

Parece até uma despedida. E como não, se vai penetrar na "Sancta Sanctorum", no "Santo dos santos", para onde não o podem acompanhar os fiéis?

Antigamente dizia-se somente: "Orai", ou "Orai por mim". Disto dão testemunho os dominicanos, os mais fiéis intérpretes da liturgia antiga. Eles ainda hoje só dizem: "Orai, irmãos".

Mas com isto não está dito que a fórmula é de origem romana, muito pelo contrário, porque se tem como certo que em Roma se dizia: "Oremus".

Encontra-se todavia no Missal romano do século XI.

O motivo de o sacerdote rezar a fórmula em voz baixa, parece ser duplo: Antigamente o cântico cantava o resto da prece depois de o Padre ter dito: "Orate, fratres". Depois é o fato de ter sido o resto da fórmula introduzido na liturgia pouco a pouco e como a medo, disputando sua existência de preferência às outras fórmulas. Haja vista a que se encontra no Missal de Utrecht: "Rezai, meus irmãos e irmãs, por mim que sou pecador, a Deus nosso Senhor".

* * *

A história da **resposta** ao "Orate, fratres", é mais ou menos a mesma que a deste.

Parece poder sustentar-se como coisa certa que até ao século XIII não existia universalmente, aliás os dominicanos, fiéis à tradição litúrgica, no-la teriam transmitido.

Admite-se como certo que a fórmula da resposta, usada em Roma, remonta ao século XIII.

E', pois, provavel que o povo rezasse originariamente em silêncio e sob o influxo da própria inspiração.

Devido à falta de uma fórmula litúrgica prescrita, foram aos poucos introduzidas e admitidas definitivamente as que pareciam mais próprias. Daquí esta variedade de fórmulas nas várias Igrejas. Tornou-se célebre a que se tirou do salmo 19: "Que Deus te envie socorro desde o seu santuário e a sua assistência desde Sião; que se recorde do teu sacrificio e torne perfeito o teu holocausto".

Da mesma celebridade gozou a que se tirou do Ev. de são Lucas (1, 35): "O Espírito Santo descerá sobre ti; e a virtude do Altíssimo te obumbrará".

Atualmente diz o celebrante em resposta dada pelo povo, respetivamente pelo ajudante: "Amen", e passa a rezar a "Secreta".

* * *

Do dito depreende-se o grande zelo e a sincera devoção dos primitivos católicos e sacerdotes.

Como se empenhavam para encontrar a fórmula que mais real e verdadeiramente expressasse o conceito do mistério ou do ato litúrgico que se ia realizar!

Meu caro cristão, não terás por que te envergonhes se te comparas com esses primeiros cristãos? Quão longe estás de teres a compreensão da santa

Missa qual a tinham aqueles! Quão frio, quão indiferente, quão distraído assistes ao divino Sacrifício! Onde o teu interesse para unires tua prece com a do celebrante ou para rezares por ele, que tanto disso necessita, em vista do seu árduo dever? Quão surdo te mostras a seu apelo de rezares: "Orai, irmãos".

* * *

Não seja assim para o futuro! Se não rezaste até hoje na parte da Missa, como era mister, repara a perda com o redobro de orações e de fervor. Se te surpreende distraído, ou falando, ou brincando, o celebrante, que te incita a orar, sacode de ti a distração, repele o brinquedo, refreia a língua, para ao menos agora concentrar-te nos divinos mistérios, entreter-te com o Menino Jesus, que não tardará a vir, falar e agradecer com língua e coração os favores do teu Senhor, prestes a se imolar por ti!

Reza para que o sacrifício se torne grato a Deus, grato neste sentido, que dele tires o fruto, que podes e deves esperar.

* * *

Deus, eis-me prostrado aos pés deste altar! Anuindo ao pedido do vosso sacerdote, rogo-vos, Senhor, que não rejeiteis o sacrifício que vos é oferecido por mãos deste sacerdote! Redunde ele em louvor e glória vossa. Exalte ele vosso nome! A vossa santa Igreja tire frutos de bens celestiais para si e para seus fiéis!

Sêde, Senhor, pródigo! Não olheis para as nossas iniquidades, mas para os merecimentos de vosso Filho. Assim seja!

10. A "Secreta"

O celebrante rezou a Deus que se dignasse receber a oferta. No mesmo sentido rezou o acólito, respetivamente o povo.

Depois de haver esperado que o acólito terminasse sua oração, concordou com ela o celebrante, dizendo: "Amen" — Assim seja.

Dito isto em voz baixa, estende as mãos, e recita a oração ou as orações chamadas "Secretas", que variam consoante as exigências litúrgicas. A esse respeito existe grande semelhança com o "Offertorium" e com o "Introitus".

Mas por nos ser impossível reproduzir aqui todas as orações, demos um exemplar delas, que extraímos da Missa em honra do Sagrado Coração de Jesus. Soa assim:

"Considerai, Senhor, nós vos suplicamos, a caridade inefável do Coração do vosso amado Filho, afim de que a nossa oferenda vos agrade e nos purifique dos nossos pecados. Pelo mesmo Jesus Cristo nosso Senhor".

* * *

Descendo à história da "Secreta" devemos admitir, segundo a transmissão dos antigos Sacramentários, que ela se chamava primitivamente "Oratio super oblata" — oração feita sobre as oblações. — E isto com muito acerto, porque se pronuncia sobre o pão e o vinho, que foram oferecidos. Eis por que se lê em alguns Missais antigos a rubrica que prescrevia ao celebrante a imposição das mãos sobre as oblações enquanto proferia a oração!

Quanto ao ter prevalecido o nome de "Secreta", é questão muito debatida entre os investigadores da história litúrgica.

Querem uns, e apoiados em sólido argumento, que o nome "Secreta" proceda do verbo latino "secernere", que tem o particípio "secretum" e significa separar. Esta interpretação parece mais plausível que a que dão outros que querem se derive do motivo de a oração ser recitada à meia voz, segundo se prescrevia na Igreja Romana.

Uns e outros baseiam-se em dados positivos.

Os que propugnam “Secreta” do “secretum” têm por si o fato histórico de que a “Secreta” era chamada também “Oratio plebis”, isto é, a oração que se diz quando fica na igreja só o povo fiel, o povo santo, como o apelida o canon — *sed et plebs tua sancta*. Mas o ficar na igreja só o povo santo, supõe a separação de outro não santo. E’ portanto muito provavel que a oração recitada depois da separação dos catecúmenos recebesse por isso mesmo o nome de “Secreta”.

Corroboram ainda este asserto, referindo o fato analógico, a saber, que, assim como se chamou “Collecta” da palavra “colligendo” — reunindo — a oração que se diz no princípio, quando o povo estava reunido; assim se chamou “Secreta” da palavra “secernendo” — separando — a que se dizia quando os fiéis eram separados dos que não podiam assistir ao Sacrificio.

Os partidários desta explicação tornam-se irreductiveis com a alegação desse outro fato, a saber, que nenhum Missal antigo, isto é, antes do século IX, precreve a récita da “Secreta” em voz baixa; antes pelo contrário há-os tais que prescrevem a recitação em voz alta e inteligivel, como consequência natural do “Oremus” dito no princípio do “Offertorium”.

Em abono desta explicação acode o fato de que antes do século XI não se proferiam as demais orações do “Pequeno Canon”, mas passava-se logo do “Offertorium” para a “Secreta”.

No mais consta que o Rito Ambrosiano prescreve se recite ainda hoje a “Secreta” em voz alta.

Outros liturgistas admitem a derivação da “Secreta” da palavra “secernendo”; mas applicam-na, não ao fato da separação do povo fiel dos catecúmenos, mas ao da separação do pão e vinho, se-

paração que se fazia da abundante oferta apresentada pelos fiéis dos primeiros séculos, como atrás ficou dito.

Apesar de argumentos tão sólidos em prol dos primeiros, prevaleceu o costume de se denominar esta oração "Secreta" por ser rezada em voz baixa como o prescreve a Igreja Romana; prescrição que data do século IX; e prescrição tão severa que o "Pequeno Canon" foi antigamente chamado de "Canon Secreto". — Roma locuta, causa finita!

* * *

A "Secreta" constitue com a "Collecta", de que já falamos, e com a "Post Communio", de que trataremos logo mais, a principal das orações da Missa.

Tome-se, para averiguar, o dito dum Missal e leiam-se todas as "Secretas" que se acham na parte intitulada "Proprium de Tempore", e não tardaremos a convencer-nos de que é assim mesmo: São de tão alta significação, de tão seleta disposição e de tão sublimes pensamentos que não podem deixar de impressionar e prender a alma e o coração, o que só se dá por serem o que são.

Deveram as "Secretas" exigir as mesmas rubricas que as "Collectas", isto é, deviam ser rezadas da mesma maneira que estas: O povo rezava algum tanto em silêncio, depois o celebrante falava em voz alta em nome de todos. Mas aos poucos admittiram-se entre o "Offertorium" e a "Secreta" outras orações, como acabamos de explicar; e com isto não podia deixar de se dar o que se deu. Já dissemos: Veio ordem de cima de se recitar a "Secreta" em voz baixa. O "Oremus" que figura no começo da "Collecta" já não tem razão de ser no começo da "Secreta", porque o "Orate, fratres" faz-lhe as vezes.

* * *

E' necessário chamar aquí a atenção para uma opinião falsa: cuidam alguns que aquele: "Per omnia sæcula sæculorum", que o celebrante pronuncia em voz alta no fim da "Secreta", pertença ao "Præfatio". E' engano. Não passa de mera conclusão da "Secreta".

Mas por que se eleva a voz justamente ao proferir esta conclusão? Porque o celebrante deve exigir do povo que responda: "Amen". Mas este não o fará sem que o celebrante se faça ouvir.

Hoje é só o acólito que responde este "Amen"; mas até ao século XIII era do dever do subdiácono; e nos primeiros séculos respondia o povo em peso, e com tal entusiasmo o faziam, que são Jerônimo escreve: "Este (Amen) ressoava em todas as igrejas como trovão".

Felizes tempos aqueles, em que os fiéis tomavam parte mais ativa e direta no santo Sacrifício! E' o povo cristão que aprova o que está feito, preparado e dito! O povo em massa une-se a Cristo e transforma-se com ele em hóstia; e assim se oferece com Cristo a Deus Padre sobre o altar do sacrificio.

Poderá haver entre as criaturas hóstia que mais agrade a Deus do que o próprio homem que se lhe oferece espontaneamente em holocausto?

* * *

Oh, quão bem preparado está o povo fiel que assim se entrega ao seu Deus e Senhor! Como deixaria de sentir os influxos salutaes da graça divina? Cristão, aproxima-se a hora da consumação do sacrificio de tuas ofertas! A hora é sublimemente solene. A Igreja a interpreta por sua liturgia sóbria e devota! Deixa-te impressionar pelas cerimônias e palavras que constituem a V Parte da santa Missa, a maior e a mais importante!

Eia, separa-te já de tudo que te prende a coisas ilícitas e pecaminosas e une-te, o mais estreitamente possível, ao teu Jesus, para te sacrificares com ele ao Pai, em expiação de teus pecados!

* * *

Atrevo-me, meu Jesus, a solicitar-vos a vossa união neste holocausto divino. Atrevo-me, porque sei que sois vós que o quereis e o mandais! Sou cristão; mas ser cristão quer dizer partilhar de vós, que sois o Cristo. Não rezastes ao Pai que nos unisse assim a vós, “ut omnes unum sint”? (Jo 17, 21).

Ó Jesus, dai aos que vós reunistes como trigo e como vinho em um só corpo, que sejamos sempre unidos em um só espírito!

Oxalá que se torne esta união fonte de paz perene em vossa santa Igreja!

Senhor, nós vos glorificamos nesta união convosco e vos rogamos: “Dai que caminhemos sempre no caminho reto, neste que nos conduz aos eternos tabernáculos de vossa glória, “locum habitationis gloriæ tuæ”, — ao lugar da morada de vossa glória!

A estrutura interna da santa Missa

V PARTE

O SANTO SACRIFÍCIO

A segunda parte principal

Jesus muda nossas dádivas em seu divino corpo e sangue. Oferece-se a si mesmo conosco e por nós em sacrifício a Deus Padre.

A estrutura externa da santa Missa

V PARTE

O SANTO SACRIFÍCIO

A segunda parte principal

Orações com o mais

1. Idéa geral. — 2. A “præfatio” e o “sanctus”. — 3. O “canon Missæ”. — 4. Do “canon Missæ” em geral. — 5. Do “canon Missæ” em particular: (1ª oração do canon): “A vós, portanto”. — (2ª oração do canon): “Lembrai-vos, Senhor”. — (3ª oração do canon): “Em união veneramos”. — (4ª oração do canon): “Por isso pedimo-vos, Senhor”. — (5ª oração do canon): “A qual oblação vos pedimos”. — (6ª oração do canon). — 6. Consagração. — 7. Depois de Elevação: — (1ª oração do canon): “Por esta razão, Senhor”. — (2ª oração do canon): “Sobre isto dignai-vos”. — (3ª oração do canon): “Súpllices vos rogamos”. — (4ª oração do canon): “Lembrai-vos também, Senhor”. — (5ª oração do canon): “Tambem a nós, pecadores”. — (6ª oração do canon): “Por ele, Senhor”.

1. Idéa geral

Entramos na parte mais essencial da santa Missa. “Vamos assistir ao grandioso milagre de ver transubstanciados o pão e vinho em o corpo e sangue de Cristo”. Vamos participar com Cristo da honra de ofertar a Deus Padre um sacrificio digno dele.

Vimos e estudamos a alta significação do “Tomou, em suas santas e veneraveis mãos, o pão e o vinho”. Passemos a ver e estudar a significação ainda mais sublime e divina do “Et elevatis oculis in cœlum ad Deum Patrem suum omnipotentem, tibi gratias agens benedixit...” — E tendo elevado os olhos ao céu, a vós, ó Deus, seu Pai todo-poderoso, dando-vos graças, benzeu-o”...

Esta é a operação atribuida a Jesus, o sumo sacerdote, quando celebrou com seus discípulos a última ceia. Embater-nos-emos nesta Parte da santa Missa com muitos mistérios. E' que abrange tudo que transcende o entendimento humano.

Devido à importância deste ato sublime de transubstanciação, se antepõe a oração denominada: “Præfatio”, que significa preâmbulo, introdução.

Neste sobressai a nota característica de solenidade, qual convém a tão augusto mistério. Por isso é que se exprime na “Præfatio” o louvor que Jesus, e nós com ele, tributamos a Deus para a sua maior glória. E' a glória, que incessantemente lhe procuramos, repetindo a obra da Redenção.

Nem mesmo se sabe em quem redundam mais esta glória; se no Filho, se no Pai! Da nossa parte queremos na “Præfatio” recordar ao Filho e ao Pai que se dignem comunicar a nós os frutos da redenção, que está prestes a se renovar sobre o altar.

Por ser mais avisado aprontar e discriminar os frutos e graças especiais que queremos obter, fá-lo a Igreja na "Præfatio". Por isso há diversas fórmulas de "Præfatio".

2. A "Præfatio" e o "Sanctus"

Deixamos dito que, terminada a "Secreta", rompe o celebrante em alta voz ou canta (se é Missa solene): "Per omnia sæcula sæculorum" — por todos os séculos dos séculos. O ajudante, antigamente o povo, hoje o côro nas Missas cantadas, responde: "Amen". Exprime-se com este "Amen" a adesão ao que o celebrante propôs na "Secreta".

Isto feito, prossegue o sacerdote cantando: "Dominus vobiscum", — o Senhor seja convosco. — Enquanto isto, tem as palmas das mãos postas no altar. Eleva-as estendidas à altura dos ombros, de forma que as palmas fiquem a se olhar, quando diz: "Elevai os corações!" Descreve um arco à altura dos olhos com as mãos que une uma à outra, ao mesmo tempo que faz a inclinação com a cabeça, quando prossegue: "Demos graças ao Senhor, nosso Deus!" Desune logo as mãos, conservando-as levantadas até ao fim da "Præfatio". Terminada esta, as compõe de novo e um tanto inclinado diz: "Santo..." E quando pronuncia: "Bendito o que vem..." benze-se.

* * *

Eis na íntegra uma das muitas "Præfationes!" E' a que se chama "comum", e soa assim:

S. "O Senhor seja convosco.

M. E com o teu espírito.

S. Ao alto os corações.

M. Assim os temos para o Senhor.

S. Demos graças ao Senhor, nosso Deus.

M. E' digno e justo.

S. E' verdadeiramente digno e justo, equitativo e salutar que sempre e em toda parte vos rendamos graças, ó Senhor santo, Pai onipotente, Deus eterno, por Jesus Cristo, nosso Senhor. E' por meio dele que os anjos louvam a vossa majestade, que as dominações adoram, e tremem as Potestades. Os céus, as virtudes dos céus, e os bem-aventurados serafins vos celebram em transportes de uníssona alegria. Ordenai, vo-lo pedimos instantemente, que nos permitam unir às suas, também as nossas vozes, para cantar-vos, em confissão súplice: "Santo, santo, santo é o Senhor Deus dos exércitos. Os céus e a terra estão cheios da vossa glória. Hosana nas alturas. Bendito seja o que vem em nome do Senhor. Hosana nas alturas".

A história da "Præfatio"

A "Præfatio" — preâmbulo, é uma introdução solene à parte mais santa da Missa, àquela chamada em grego "Canon" — regra da consagração; por isso esta "Præfatio" fazia parte antigamente deste "Canon".

O Sacramentário de Gelásio pôs antes da "Præfatio" este título: "Incipit canon actionis". Mas consta que já bem cedo foi destacada do "Canon". Di-lo o primeiro "Ordo Romanus", que é do século VIII. Isso não obstante, voltou a Igreja a colocá-la no "Canon" já por respeito à história da liturgia, já por sua íntima conexão com o que se lê no "Canon".

Mas nem sempre foi esta oração conhecida com o nome de "Præfatio". — S. Cipriano, fim do século III, a qualifica de "Sursum corda". O antigo rito galicano a chama de "contestação" ou "imolação". O missal mozarábico, de "ilação", que significa "oblação".

Parece todavia que estas denominações só queiram expressar em sentido mais lato a ação total do sacrificio. Prevaleceu na Igreja Romana o de "Præfatio", bem que durante algum tempo era chamada tambem de "oração".

* * *

O que fosse a "Præfatio" em sua origem di-lo Fortescue: Era uma longa oração. Compunha-se da enumeração de todos os benefícios, que Deus outorgou no Antigo Testamento ao povo escolhido e de todos os benefícios da criação, por que o homem deve agradecer. Terminava a citação dos benefícios com o passo de Isaiás, onde a recordação dos anjos conduz ao "Sanctus" (Is 6, 3). Que esta é a verdade colhe-se do que ainda hoje existe: Nos ritos orientais a "Præfatio" é assaz longa e contém alusões semelhantes. Prova-o ainda uma que outra expressão, que a Igreja conservou nas suas "Præfationes" abreviadas. São compreensíveis admitido o fato. Sirva de exemplo o "et ideo" que se lê em muitas "Præfationes". Mal conservaria um significado, não fôra o fato que foi provocado pela enumeração dos benefícios indicados acima.

* * *

Existiram e existem muitas espécies de "Præfationes". Afora a Igreja grega e armênia, que tinham uma única, contava a Igreja latina uma para cada festa do ano eclesiástico.

Orçaram nos primeiros séculos ao respeitavel número de 267 (duzentos e sessenta e sete). Isto dá o "Sacramentário" atribuido ao papa são Leão Magno.

Mas crê-se um número muito superior, porque neste "Sacramentário" faltam todas as Missas a partir de janeiro até abril, as quais é de supor tivessem suas "Præfationes" especiais. — O "Sacra-

mentário" gelasiano, porém, conta só 56 "Præfationes"; e muito menos tem o gregoriano, que por sinal só traz dez.

Com a reforma do Missal, operada sob o papa Pio V, aceitaram-se onze, sendo dez do gregoriano.

E' sabido que algumas Órdens religiosas mais beneméritas receberam o privilégio de terem a "Præfatio" em honra dos respectivos santos fundadores.

Como já de há muito a possuíam, por privilégio, algumas dioceses, a "Præfatio" própria para os defuntos foi estendida pelo papa Bento XV a toda a Igreja, e ele mesmo deu mais uma nova "Præfatio" em honra de são José.

O que se manteve invariavel no decurso dos séculos, e a despeito de tantas alterações, foi o diálogo entre o celebrante e o povo, e o "Trissagion" ou o "Sanctus" repetido tres vezes no fim.

Fez a Igreja ainda algumas concessões a diversas dioceses que receberam "Præfationes" particulares em honra de todos os santos, de são João Baptista e para o tempo do advento.

Em 1925 Pio XI deu uma nova "Præfatio" em honra de Cristo Rei, e outra em 1928 em honra do Sagrado Coração de Jesus.

* * *

Como são distribuidas as "Præfationes" em vigor? Em todos os dias e festas, que não têm uma "Præfatio" própria, recita-se a "Communis", transcrita em vernáculo, acima.

Têm próprias as festas de natal, epifania, quaresma, paixão ou santa cruz, páscoa, ascensão, Cristo Rei, Sagrado Coração de Jesus, pentecoste ou Espírito Santo, santíssima Trindade, anunciação e mais festas de Maria Virgem, são José e os san-

tos apóstolos. Repetem-se estas “Præfationes” nas oitavas das respectivas festas.

Observe-se que a “Præfatio” da santíssima Trindade se recita ou canta em todos os domingos, dia que lhe é particularmente consagrado.

* * *

Uns esclarecimentos sobre algumas expressões da “Præfatio”. Ao dizer o celebrante “Dominus vobiscum” não se volta para o público, como já ficou dito, porque ao dizer o “Orate, fratres”, se despediu do povo.

Antigamente era o celebrante oculto aos olhos do público por uma cortina, logo antes da “Præfatio”. O virar-se então não teria tido sentido algum.

Não se pode provar ter existido tal costume no Ocidente; por isso não teria sido talvez este o motivo de aqui não se voltar o celebrante para o povo ao dizer o “Dominus vobiscum”. Certo é, porém, que existiu no Oriente, tanto assim, que ainda continua entre os armênios, russos, coptos e outros orientais.

A expressão: “Sursum corda” — ao alto os corações, levantai os corações — é de origem remotíssima. Já são Cipriano discorre a seu respeito no fim do III século, e santo Agostinho faz sobre isso lindas considerações.

A frase: “Demos graças ao Senhor nosso Deus”, figura nos livros litúrgicos das primeiras igrejas fundadas em Jerusalém, em Antioquia e na África.

A exclamação: “E’ digno e justo...”, é das eras cristãs mais remotas; foi tomada das assembléas senatoriais de Roma. O “Sanctus” remonta à antiguidade cristã. Dele nos dão notícia são Cirilo de Jerusalém (347-398), a liturgia das Constituições Apostólicas, o Concílio de Vaison, que ordena se recite em todas as Missas, os antigos Capitu-

lãres (789) que mandam o sacerdote unir-se aos santos, anjos e povo de Deus para que todos unidos entoem o "Sanctus" a uma voz.

O "Benedictus" é, quanto parece, de origem posterior ao "Sanctus", no que toca à sua introdução na liturgia, mas é o que foi cantado na entrada triunfal de Cristo em Jerusalém. Nas Missas cantadas, entoa-se o "Benedictus" só depois da "Elevação" por ordem da Sagrada Congregação dos Ritos, baixada a 14 de janeiro de 1921.

O "Hosannah" é um brado de fé e amor, com que se confessa a encarnação e a redenção; e significa "salvai-nos, rogamo-vos". Salvai-nos, Deus, pelos merecimentos de Jesus!

* * *

E' digno e justo, equitativo e salutar agradecer a Deus sempre e em todo lugar! Nenhum agradecimento é mais digno de Deus Padre do que o que lhe é dado pelo Filho, Jesus Cristo.

Jesus Cristo é nosso "Cabeça", nosso mediador soberano, o chefe dos exércitos celestes. Nele, segundo a expressão paulina, foram criados os anjos; conosco formam eles o corpo inteiro e perfeito de sua Igreja; dele, como de sua cabeça, deriva toda a santidade e glória de que gozam.

Neste momento solene, eles unem-se a nós afim de cantar a misericórdia do Cordeiro, que vem mais uma vez tirar os pecados do mundo. Com eles prorompemos com temor e tremor no "Sanctus".

* * *

Momento soleníssimo da santa Missa!

Já não vemos um homem no altar, mas Cristo, o Homem-Deus que avança para o Pai, com a majestade e poder do seu pontificado eterno! Cristo

aquí está como a Cabeça do corpó místico da Igreja! Aquí está como Senhor do céu, do purgatório e da terra! Do alto da ara sagrada faz ouvir sua augusta e divina voz que é a voz do louvor, da súplica emitida em prol da sua Igreja Militante, que quer ver gloriosa, sem mancha, sem defeitos, santa e irrepreensível, e da Igreja Padecente, que quer livrar de suas dores!

* * *

Oh, fôra eu cristão, fôra sacerdote às direitas, acabaria comigo de decidir-me a levantar o coração para o alto, a deixar a terra, suas pompas e glórias afim de voar para Deus!

Ao alto os corações! E' Cristo que chama, que interpela, como sacerdote, como sacrificador e como vítima!

Ao alto os corações! E por que? Por que não preferir as regiões etéreas aos lamaçais mefíticos da terra?

Ao alto os corações! Porque há tanto para contemplar em Jesus Cristo, o eterno e sumo sacerdote! Há tanto para aprender de Jesus pregado no ignominioso madeiro da cruz! Há tanto para por ele pedir ao Pai!

Criaturas todas, vinde louvar, glorificar e agradecer ao vosso Criador por este bem infinito qual é a redenção do gênero humano pelo sacrifício da cruz! Entoai os louvores e as glórias e as perfeições do eterno!

* * *

Atraí-me, Jesus, atraí-me a vós! Sinto a necessidade de ser atraído por vós. Pela força do Pai, pela virtude do Espírito Santo arrastai-me para vós! Arrastai-me para vós por meio da revelação de vossas verdades e do poder fascinante das mesmas!

Atraí a vós minha vontade sincera e pregai-a nessa mesma cruz em que estais; prendei-a por estas correntes de vossas abençoadas dores!

Quanto almejo, Senhor, morrer a mim mesmo para só viver em vós e por vós! Quanto desejo, Jesus, me obtenhais a grande graça de desejar derramar até à última gota do sangue deste meu coração para, aliviado, poder evoluar ao vosso!

Sursum corda! — ao alto os corações! — Jesus, me chamais: “Segue-me, alma piedosa, segue-me! Não recalcitres por mais tempo; já venho de braços abertos a teu encontro! O sacrifício do Calvário vai ser renovado!”

Sigo-vos, Jesus!

3. O “Canon Missæ”

Antes de nos determos, como até agora fizemos, com a consideração e explanação das partes de que é composto o “Canon Missæ”, achamos mais bem aconselhado darmos um conspecto geral e comum das mesmas.

Este nosso proceder não só será de indeclinavel necessidade para os que são leigos no assunto, mas também de grande vantagem aos que estão com ele familiarizados.

Interessantíssimo é o estudo da origem, formação e redação definitiva do “Canon Missæ”; mas está claro que não poderemos dar aquí o resultado deste amplo estudo, com todas as suas particularidades; porque isto nos levaria demasiadamente longe, o que ficaria fora do nosso programa.

Contentando-nos com o essencial deste assunto, o suficiente para nos dispormos de maneira a tirarmos abundante fruto para as nossas almas, prossigamos, sem mais, com a obra.

* * *

Acabada a “Prefatio” — o celebrante estende, levanta um tanto e compõe as mãos, ao mesmo tempo ergue ao céu os olhos, que logo abaixa; e, inclinándose profundamente diante do altar, poussa as mãos juntas sobre ele, e diz: “A vós, portanto, Pai clementíssimo, súplices rogamos e pedimos por Jesus Cristo, vosso Filho, nosso Senhor, (oscula o altar e chega as mãos postas ao peito, e diz): que acei-



“A última ceia: primeira santa Missa”

teis e abençoeis, (traça tres sinais da cruz sobre a hóstia e o cálice simultaneamente, dizendo): estes † dons, estas † dádivas, estes † santos sacrificios ilibados, (de mãos estendidas prossegue): primeiramente os que vos oferecemos pela vossa santa Igreja católica, para que vos digneis guardá-la e conservá-la em paz e união, governando-a por todo o mundo, juntamente com o vosso servo e nosso Papa N. e com o nosso Prelado N. e com todos os cultivadores orthodoxos da fé católica e apostólica”.

A comemoração dos vivos

Lembrai-vos, Senhor, dos vossos servos e servas N. N. (Põe as mãos; ora algum momento por aqueles por quem quer rezar: depois com as mãos estendidas prossegue): e de todos os presentes dos quais conheceis a fé e a piedade e pelos quais vos oferecemos ou eles mesmos vos oferecem este sacrificio de louvor por si e por todos os seus, pela redenção das suas almas, pela esperança da sua saúde e conservação, e vos fazem seus votos como ao Deus eterno, vivo e verdadeiro.

Na parte inferior da ação

Nós, que participamos de uma e mesma comunhão e honramos a memória primeiramente da gloriosa sempre Virgem, Mãe de Deus, nosso Senhor Jesus Cristo, e a dos vossos bem-aventurados apóstolos e mártires: Pedro e Paulo, André e João, Tomé e Tiago, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Simão e Tadeu, Lino, Cleto, Clemente, Xisto, Cornélio, Cipriano, Lourenço, Crisógono, João e Paulo, Cosme e Damião, e de todos os vossos santos; pedimos que, pelos merecimentos e rogos dos mesmos nos concedais a graça que em tudo sejamos fortalecidos com o auxílio de vossa proteção (Ajunta as mãos). Pelo mesmo Cristo, nosso Senhor. Amen". (De mãos espalmadas sobre as oblações, diz):

"Portanto, nós vos suplicamos, Senhor, que recebais favoravelmente de vosso humilde servo esta oferta, que é também de toda a vossa família; que passemos os dias de nossa existência em paz convosco; e fazei que fiquemos livres da eterna condenação e sejamos contados no número dos vossos eleitos (ajunta as mãos). Por Cristo, nosso Senhor. Amen".



“Isto é o meu corpo”

“Seja esta oblação, nós vo-lo pedimos, ó Deus, em tudo (faz tres vezes o sinal da cruz sobre as oblações) bem † dita, aco † lhida, apro † vada, racional é agradável, (faz uma vez o sinal da cruz sobre a hóstia) afim de que se converta para nosso bem, no † Corpo, (e uma vez sobre o cálice) e no † Sangue do vosso diletíssimo Filho (ajunta as mãos) Jesus Cristo, nosso Senhor.

A consagração

“Na véspera da sua paixão, (toma nas mãos a hóstia) tomou (Jesus) o pão nas suas santas e veneráveis mãos, (levanta os olhos ao céu) e, depois de ter erguido os olhos ao céu, a vós, ó Deus, seu Pai onipotente (inclina a cabeça), dando-vos graças (faz uma vez o sinal da cruz sobre a hóstia) ben † zeu-o, partiu-o, deu-o aos seus discípulos, dizendo: “Tomai e comei todos dele. Segurando com ambas as mãos a hóstia entre os índices e polegares, o sacerdote se inclina e pronuncia as palavras da consagração em voz baixa, distintamente e com atenção sobre a hóstia grande e simultaneamente sobre todas as que devem ser consagradas e que se acham sobre o Corporal, “. . . **Porque ISTO E’ O MEU CORPO**”. Imediatamente depois de haver pronunciado estas palavras, põe o joelho direito em terra em ato de adoração. Levanta-se, ostenta a hóstia grande ao povo, depõe-na sobre o Corporal, e a adora novamente ajoelhando-se como da primeira vez. Descobrindo então o cálice, diz: “Do mesmo modo depois de ter ceado, (toma em ambas as mãos o cálice) tomando também este preclaro cálice nas suas santas e veneráveis mãos (inclina a cabeça), dando-vos igualmente graças (segurando o cálice com a mão esquerda, faz com a direita o sinal da cruz sobre ele) ben † zeu-o e deu-o aos seus discípulos, dicen-

do: "Tomai e bebei todos dele; (pronuncia as palavras da consagração sobre o cálice com atenção, ininterruptamente e em voz baixa, conservando-o



"Ostenta a hóstia"

um pouco elevado) porque este é o cálice do meu sangue, do novo e eterno Testamento: Mistério de fé, que será derramado por vós e por muitos para

remissão dos pecados. (Ditas estas palavras depõe o cálice sobre o corporal, dizendo ainda em voz baixa): Todas as vezes que fizerdes estas coisas, fa-



“Ostenta o cálice”

zei-as em memória de mim” (Dobra o joelho direito e adora; ergue-se, ostenta o cálice ao povo,

depõe-no, cobre-o, dobra novamente o joelho em ato de adoração. Depois com as mãos livres diz):

“Por esta razão, Senhor, nós, que somos os vossos servos e juntamente vosso povo santo, lembrados não só da bem-aventurada paixão do mesmo Jesus Cristo, vosso Filho, nosso Senhor, mas também da sua ressurreição e de sua gloriosa ascensão aos céus, oferecemos à vossa preclara Majestade os vossos próprios dons e dádivas (compõe as mãos e faz tres vezes o sinal da cruz sobre a hóstia e o cálice, dizendo): a hóstia pura, a hóstia santa, a hóstia imaculada (faz uma vez o sinal da cruz sobre a hóstia, dizendo): o Pão † santo da vida eterna, (e uma vez sobre o cálice, dizendo): e o cálice † da salvação perpétua”. Distendidas as mãos, prossegue:

“Dignai-vos lançar um olhar propício e sereno sobre estas ofertas e recebei-as como vos dignastes receber as do vosso filho, o justo Abel, e o sacrificio do nosso patriarca Abraão, como também o que vos ofereceu o sumo sacerdote Melquisedec, (porquanto se trata de um) sacrificio, santo, de uma hóstia imaculada. (Inclinado profundamente, de mãos juntas e postas no altar, acrescenta):

“Humildemente vos suplicamos, Deus onipotente, mandai levar estas ofertas pelas mãos do vosso santo anjo ao vosso sublime altar, à presença de vossa divina Majestade, para que todos, (beija o altar) os que participamos deste altar, recebendo (ajunta as mãos, e faz uma vez o sinal da cruz sobre a hóstia e uma sobre o cálice) o sacrossanto cor † po e o san † gue de vosso Filho, (persignasse a si mesmo, dizendo): sejamos cheios de toda a benção celeste e graça (junta as mãos). Pelo mesmo Cristo, nosso Senhor. Amen”.

Comemoração dos mortos



Lembrai-vos, Senhor, dos vossos servos...

“Lembrai-vos, Senhor, também dos vossos servos e servas N. N., que nos precederam com o sinal da fé e agora descansam no sono da paz”. (Junta as mãos, reza alguns instantes pelos defuntos por quem quer orar; depois, distendidas as mãos, prossegue): “A estes, Senhor, e a todos que descansam em Jesus Cristo, concedei-lhes, vo-lo pedimos, o lugar de refrigério, de luz e de paz. (Junta as mãos e inclina a cabeça, dizendo): Pelo mesmo Cristo, nosso Senhor. Amen”. (Percute o peito com a dextra, e, elevada algum tanto a voz, diz):

“Também a nós, pecadores, (distendidas as mãos como antes, prossegue em voz baixa): vossos servos, que esperamos na multidão das vossas misericórdias, dignai-vos dar-nos alguma parte (na herança celestial) e unir-nos com vossos santos apóstolos e mártires: com João, Estevão, Matias, Barnabé, Inácio, Alexandre, Marcelino, Pedro, Felicidade, Perpétua, Águeda, Lúcia, Inez, Cecília, Anastásia e com todos os vossos santos: em cuja companhia, vos pedimos, nos queirais admitir, não olhando para os nossos merecimentos, mas segundo a

vossa misericórdia. (Junta as mãos). Por Cristo, nosso Senhor”.

“Por quem, Senhor, produzís sempre todos estes bens, (faz tres vezes o sinal da cruz sobre a hóstia e cálice, dizendo): e os santi † ficais, vivi † ficais, aben † çoais e no-los concedeis. (Descobre o cálice, ajoelha, toma a hóstia entre o polegar e o índice da mão direita, e, segurando com a esquerda o cálice, faz tres vezes o sinal da cruz com a hóstia de uma a outra borda da boca do cálice, dizendo): Por e†le, com e†le, e ne†le, (com a mesma hóstia faz duas vezes o sinal da cruz entre si e o cálice, dizendo): a vós, ó Deus, Padre † onipotente, na unidade do Espírito † Santo, (elevando um pouco o cálice com a hóstia, diz): seja dada toda honra e glória. (Repõe a hóstia, sobre o cálice com a pala, ajoelha, e levanta-se. Com isto acaba o “Canon Missæ”. Paremos aquí uns instantes e apreciemos os dados históricos desta parte maravilhosa da santa Missa.

4. Do “Canon Missæ” em geral

“Canon” é palavra grega que quer dizer: regra, norma.

O “Canon”, portanto, é uma fórmula elaborada segundo uma regra, que, por seu conceito, significa medida constante e invariavel, consoante à qual se deve agir e proceder em determinadas ações.

E’ o que exprime a palavra — “Canon” nesta V Parte da Missa. Há aquí uma fórmula de orações e um ceremoniário de rubricas, que são invariaveis na consagração das espécies do pão e vinho.

Há no mais, em outras partes da santa Missa, orações e ceremoniários que, por serem invariaveis, podiam se chamar “canones”, e temos até ouvido

de como realmente os antigos chamaram por isso de "Pequeno Canon" a IV Parte da Missa.

O nome de "Canon", porém, foi consagrado, na liturgia romana, desde os tempos mais remotos, só a esta V Parte da santa Missa. Será que, por ser a "Præfatio" variavel, não figure ela no "Canon?" Por certo que sim. Posteriormente tomou a Igreja a significação dos termos com maior rigor; porquanto é certo que primeiramente formava a "Præfatio" parte do "Canon", como no-lo provam diversos tipos de "Cânones antigos", cuja citação dispensamos, porque nos levaria muito longe.

Devido à variedade de orações é que também acabou de figurar na VI Parte o nome de "Canon Communions", que assim o chamavam os antigos para diferenciá-lo do "Canon Consecrationis".

Mas parece que os primeiros cristãos atendiam menos aos nomes que à substância das coisas. O que queriam era exprimir o mais brevemente possível a significação das preces e dos atos.

Eis, por que encontramos o nosso "Canon" expresso pela palavra: "oração por excelência", "Ação" ou "Mistério da santíssima ação". Procede esta expressão da latina: "agere causam" — defender uma causa. E quão bela e significativa é esta aqui! De feito, que outra coisa faz o sacerdote, senão defender na pessoa de Cristo a causa da Igreja universal perante Deus Padre?

Encontramos ainda os nomes de "Secreta da Missa" — "Agenda" — "Legitimum" — "Régula" — "Anáfora", palavra grega que significa "oferta".

* * *

O "Canon" atual é tal qual existiu no começo do século VII. Foi o papa são Gregório que lhe deu a última de-mão. Disso dá testemunho o "Liber Pontificalis" do princípio do século VII, que fala

do "Canon" como coisa já fixa e determinada no teor em que o temos ainda hoje.

As palavras que Jesus pronunciou na última ceia constituíram sempre a parte essencial do "Canon". Mas para lhes dar o destaque merecido e digno do que elas significam, organizaram-se ritos e elaboraram-se preces que as acompanhassem; o que se fez, no dizer de Duchesne, debaixo da influência particularíssima do Espírito Santo.

Não entraremos aqui na questão da origem histórica destas preces, fá-lo-emos quando as estudarmos isoladamente e em particular.

* * *

O que agora nos interessa é a questão sobre se estas preces do "Canon" foram proferidas em voz baixa como hoje ou em voz alta.

A história não deu ainda a sua palavra decisiva a respeito. A partir do século V, durante o papado de Inocêncio I (401-417), tem-se deste Papa o decreto que ordena a récita em voz baixa.

E como, contra esta determinação, se insurgiu em 565 o imperador Justiniano, concluímos que a récita em voz alta deve ter estado em uso. Prescreveu Justiniano aos bispos e sacerdotes de fazer a divina oblação (Canon) de modo que se pudessem fazer ouvir do povo fiel (em voz alta).

O que se pode averiguar, entretanto, é que, no século IX, em todo o Ocidente, se lia o "Canon" em voz baixa.

O Concílio Tridentino prescreve na Igreja romana a récita do "Canon" em voz baixa, punindo de excomunhão todo o que tentar afirmar ou proceder em contrário.

Os liturgistas acharam um motivo para justificar esta rigorosa medida: é, dizem, o temor que as palavras de tão augusto mistério descaiam no

menosrezo, ou que o povo cristão não lhes guarde, com o tempo, o respeito que merecem.

Mas parece antes mais um resultado das circunstâncias; porque é sabido que, chegado o celebrante ao "Sanctus", entretinha-se o povo ainda com outras orações e dilatava-se depois ainda com o canto do "Sanctus"; pelo que o celebrante prosseguia em voz baixa no "Canon". Assim foi ao menos no Ocidente; e é o que parece justificar o motivo por que se introduziu a récita do "Canon" em voz baixa. Para envolver em um ambiente mais religioso ainda o grande Mistério, introduziu-se o costume de encobrir o celebrante aos olhos da assembléa com grandes cortinas, ao entrar ele nesta parte da santa Missa. A récita do "Canon" em voz baixa tinha por isso razão de ser. Fez-se mais: Encimouse o altar com um grande baldaquim ou docel.

Recorda isto a "Sancta Sanctorum" de Moisés, cujo ingresso era só permitido ao sumo sacerdote. Jesus é o sumo sacerdote verdadeiro e real. Jesus é quem penetra agora na sua "Sancta Sanctorum" representado no celebrante e vai postar-se atrás do véu, onde falará a sós face a face com o Pai. Eis mais um motivo de se rezar o "Canon" em voz baixa!

* * *

Efetuar-se-á dentro em breve o sublime mistério. Eis por isso o ceremoniário que se deve observar no "Canon!" Ergue o celebrante as mãos e os olhos para Deus Padre, a quem se dirige durante todo o curso do "Canon". Abaixa-os, inclinando-se e tomando a posição de quem supplica, a isso impellido pela palavra: "súplices". Beija o altar, afim de saudá-lo, no começo da principal ação da Missa; pois o altar é o Cristo; e é um novo sinal de respeito e amor dado pela última vez, antes que a pedra

consagrada se torne a ara de Jesus Cristo, da vítima divina.

Vai iniciar o "Canon", que é a grande súplica. Postá-se de braços abertos para assim representar Jesus Cristo que se oferece em sacrifício estendido sobre a cruz.

* * *

Uma palavra sobre a cruz que se acha no Missal nesta parte da Missa. No começo do "Canon", ocupa a cruz uma página inteira do Missal. A origem desta cruz é digna de nota.

No princípio foi o T maiúsculo com que se inicia a primeira oração do "Canon" exornado. Te igitur... o T representa uma cruz. Parece que a de Cristo tinha a forma de um "tau" grego = T. Aos poucos os enfeites deste T se mudaram em minia-turas, e se pôs no T a imagem do crucificado.

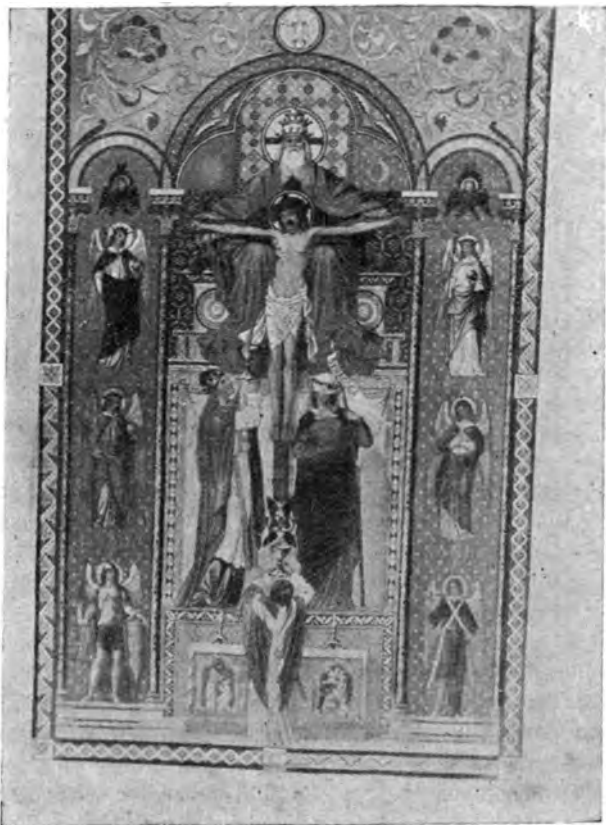
Depois passou-se a desenhar a cena da crucifi-xão; e como para isso se requeria maior espaço, e a imagem do crucificado devesse sobressair às mais, urgiu a necessidade de isolar o T pondo-o em uma única página, do que resultou o bellissimo quadro que figura nos nossos Missais.

* * *

Creemos que nos será de grande proveito, se dermos um rascunho histórico das orações do "Canon", em conjunto, antes de descermos a particularizar uma por uma.

Já dissemos que o "Canon" primitivo era uma única oração que principiava da "Præfatio" e terminava no "Pater". Mas, quando se intercalou o "Sanctus" ou antes foi posto o "Sanctus" no fim da "Præfatio", a divisão do "Canon" primitivo não podia deixar de perturbar a unidade do "Canon" ou "oração Eucarística".

O "Sanctus", portanto, tem toda a culpa de se haver separado a "Præfatio" do "Canon", porquanto ficou desde logo manifesto que, se o "Sanctus"



"Sem sangue não pode haver redenção"

quadra perfeitamente no fim da "Præfatio", já não quadra como: "Qui pridie quam pateretur", "que devia seguir logo depois da "Præfatio".

Foi, pois, mister tolher este abrupto, preenchendo a lacuna de forma a estabelecer uma ponte que levasse naturalmente à narração da ceia do Senhor, já que o "Sanctus" devia subsistir na íntegra e no lugar em que foi posto.

Deste fenômeno é que provém o fato de existirem "pontes", isto é, ligações de preces que partem ora do tema da "Præfatio", ora do tema do "Sanctus".

A liturgia galicana, desenvolvendo ou formando esta ponte saindo do "Sanctus", no-la apresenta assim constituída: "Sanctus, Sanctus, Sanctus, etc. Vere Sanctus, vere benedictus Dominus noster Jesus Christus, qui venit de cælis ut conservaretur in terris, hostia effectus ut nos faceret sacerdotes, ipse qui pridie quam pateretur accepit, etc. — Na véspera de sua paixão Jesus tomou, etc..." A Igreja, porém, edificou esta "ponte" compondo as orações seguintes, que nascem mais da "Præfatio" do que do "Sanctus". Assim é que reza, dizendo na primeira oração:

"A vós, portanto, Pai clementíssimo, súplices rogamos, etc."

Note-se o "portanto" que se liga à súplica feita na "Præfatio" com a qual se pede a Deus licença de unirmo-nos ao câro dos anjos para louvar e "pedir".

E como se já Deus deferisse o pedido, prorrompe a Igreja na prece, **pedindo**. E pede que aceite os dons, que oferece pelos seus filhos em geral.

Na segunda oração: **"Lembraí-vos, Senhor, etc."** especifica mais os indivíduos por quem pede. — Na terceira: **"Nós, que participamos, etc."**, propõe os merecimentos de Cristo e seus santos para inclinar a Deus a querer ouvir o que pedimos. — Na quarta: **"Portanto nós vos suplicamos, Senhor, etc."**, pede paz no tempo e na eternidade, em vista da

oferta feita com humildade. — Na quinta: “Seja esta oblação, etc.”, roga que Deus abençoe a oferta, para que se converta no corpo e sangue de Cristo.

Com esta construiu-se a ponte da “Præfatio” para o ato ESSENCIAL da Missa, a CONSAGRAÇÃO; pois temos a transição natural da “Præfatio”, e mesmo do “Sanctus” para a narração da ceia, que segue: “Na véspera da sua paixão, etc.”.

Mas se de um lado temos a transição natural da “Præfatio” para a narração da ceia, bem como uma ótima relação das preces com a mesma, doutro lado são orações que mais se enquadrariam na “Oferta”.

Entretanto, por causa desta necessidade de achar uma “ponte” para a narração da ceia, e tendo-se realmente achado depois da quinta oração, originou-se a necessidade de pospôr a “comemoração dos defuntos” à narração da ceia e às preces subsequentes; porque parece fora de dúvida que a “comemoração dos defuntos” fazia-se imediatamente depois da dos vivos, como dá muito bem a entender aquele advérbio “tambem” na oração: “Lembraivos **tambem**, Senhor, etc.”.

E de fato, consideradas as orações que seguem depois da “Consagração”, não tem aquele “tambem” razão de ser. No que segue nada se encontra que o possa justificar; observação que, aliás, já foi feita, na época do papa Inocêncio I.

* * *

Encerrando este estudo geral sobre o “Canon Missæ”, ouçamos o que a seu respeito escreve Gihr:

A origem do “Canon”, a sua **antiguidade** veneranda e o seu uso, fazem dele uma arca santa, veneranda e inviolavel! Se jamais uma prece da Igreja foi composta debaixo da inspiração do Espírito Santo, certamente foram estas do “Canon”. E’ re-

passado de espírito de fé, perfumado de piedade, cheio de força e de ação. Sua linguagem simples revela o caráter da fé viva e o sabor da sobrenaturalidade bíblica; comove ao que atentamente o pronuncia, da mesma forma como aquele misterioso sombreamento das basílicas da cidade eterna impressiona a alma do visitante. "Grande honra é poder repetir sobre o altar as mesmas palavras proferidas por tantos sacerdotes fervorosos e santos no decurso de quasi vinte séculos em toda a Igreja". "Estas orações do "Canon" já foram consagradas na era dos mártires e nas capelas funerárias das catacumbas.

Quanta elevação e quanta doçura não se encontram nestes pensamentos!"

* * *

Que cristão haverá que não se entusiasme de ser o herdeiro de tão sublime e imortal prece? Que cristão deixará de a rezar com amor, fé e gratidão? Que sacerdote deixará de a formular com os mais vivos sentimentos de fé, amor, júbilo e gratidão?

Reconheçamos e agradeçamos de corpo e alma os benefícios recebidos! Mas onde ou por que maneira poderemos externar estes sentimentos com maior valor e eficácia? No "Canon" recitado durante a santa Missa.

Imitemos nisso Jesus Cristo, que celebrou a única e verdadeira Páscoa, a Páscoa da nossa redenção, com júbilo. "Desideria desideravi hoc Pascha manducare vobiscum".

E' digno e justo louvar-vos, cantar-vos, glorificar-vos, ó Pai incriado do Unigênito Jesus Cristo! Louvamo-vos, Deus inefavel, incompreensível. Louvamo-vos, que sois conhecido do Filho, o Unigênito, que tendes falado por ele, que fostes interpre-

tado por ele. Louvamo-vos, a vós que conheceis o Filho é que revelais aos santos a sua glória, a vós que sois conhecido do vosso Verbo gerado, manifestado e visto dos santos. Louvamo-vos, Pai invisível, Rei da immortalidade. Sois a fonte da vida, a fonte da luz, a fonte de toda a graça e de toda a verdade; amigo dos homens, amigo dos pobres; propício a todos, que atraís todos a vós com a vinda do vosso amantíssimo Filho. Rogamo-vos por isso que vos digneis tornar-nos homens que de vós vivam. Dai-nos o Espírito da luz, afim de que possamos conhecer a vós, verdade eterna, e aquele que enviastes, Jesus Cristo! Dai-nos o Espírito Santo para que possamos repetir e narrar os mistérios inefáveis da vossa grandeza.

Aclamam-vos miríades de anjos, arcanjos, tronos, dominações, principados. As potestades, formando vossa coroa, e os serafins. Aceitai as nossas aclamações como aceitais as deles! Com eles clamamos:

Santo, santo, santo, o Senhor Deus, Sabaoth! Cheios estão os céus e a terra da vossa glória! Amen.

5. "Canon Missæ" em particular

Explanado o caminho, enveredemos agora no "Canon Missæ" e estudemo-lo nas suas particularidades, como o temos prometido.

(N. B. — Não há para que tornemos a escrever o texto das orações e rubricas do "Canon Missæ" já que estão escritas na íntegra, mais acima (págs. 250 a 259).

A 1ª ORAÇÃO DO "CANON":

"A vós, portanto, Pai clementíssimo..."

E' mais que provavel ser esta oração um resumo das petições que ainda hoje se fazem depois do "Offertorium" na sexta-feira santa, onde se pede

pela santa Igreja, pelo papa, pelos bispos, sacerdotes e mais clérigos, pelo imperador, pelos catecúmenos, pelos herejes, cismáticos e pagãos. Que não figure ela hoje logo depois do "Offertorium", mas só depois da "Præfatio", é um fato cuja causa nos é inteiramente desconhecida.

* * *

Sondando os motivos de o celebrante fazer tres vezes o sinal da cruz sobre as oblações, encontraremos diversos.

Dizem alguns liturgistas, baseados nos escritos do "Ordinário dos Cartuxos", nos de são Vicente de Metz e no Missal da Abadia de santo Arnolfo, que aqueles tres sinais da cruz, feitos sobre as oblações ao se pronunciarem as palavras: "dons, dádivas, sacrificios", se originaram do fato de que antigamente havia tres grupos de oblações sobre o altar, sendo um aquele de que comungava o celebrante; e dois outros, que ladeavam o primeiro, de que comungavam os fiéis; sobre cada um deles se fazia o sinal da cruz.

Dizem outros que os tres sinais da cruz são feitos para honrar o mistério da santíssima Trindade.

Ambas as explicações são plausíveis; e uma não exclue a outra, porque o fato em que se baseia a primeira é histórico e o fato em que se baseia a segunda é místico.

Corroborá, porém, a primeira o seguinte costume:

Existia primitivamente a rubrica que ordenava aos cardiais de lerem a santa Missa simultaneamente com o papa; e como cada qual segurasse as oblações num pano com as próprias mãos, devia o papa benzê-las depois de haver benzido as suas. Mas esta benção devia ser dupla, porque tais cardiais estavam postados à direita e à esquerda do altar.

* * *

Mas dirá alguém: "Por que essa qualificação das oblações em dons, dádivas e sacrifícios?" Respondem os liturgistas: são chamadas "dons", porque ofertadas voluntariamente; "dádivas", porque se prestam a agradecer ou a impetrar novos favores; "sacrifícios", enfim, porque serão dentro em breve consagradas pelo poder da palavra do sacerdote; mas em substância dizem todos tres nomes uma e a mesma coisa.

* * *

Indagando, por fim, o por que das súplicas dirigidas a Deus por Cristo em favor da Igreja católica, do Pontífice reinante, dos bispos e dos demais cultivadores da fé católica e apostólica, achamos que isto se faz por motivos superiores. Na verdade a Igreja, espalhada por sobre a terra, tem já de per si o direito de receber as graças da santa Missa; e é certo que ela recebe uma parte dos frutos de todos os sacrifícios que se fazem no mundo inteiro, cujo número se eleva a umas 300.000 Missas diárias.

Mas quem é a Igreja? Somos nós, os fiéis que a constituimos; portanto, todos os que estamos em graça santificante participamos destas 300.000 Missas celebradas todos os dias no orbe inteiro.

Pede-se nesta oração especialmente pelo Pontífice reinante, o que é uso muito antigo e prescrito, sob pena de pecado grave, já no século V e confirmado constantemente pelos Concílios com o mesmo rigor. O próprio Pontífice celebrante se sujeita a esta ordem; devendo por isso, chegado a esta parte, rezar: "junto comigo, vosso servo indigno..."

Pede-se pelo bispo diocesano. Como o Sumo Pontífice é o centro da unidade de todas as Igrejas, assim o bispo é o centro da unidade de toda circunscrição, cuja grei lhe é confiada pelo papa.

Convém, portanto, que se ore também por ele. Celebrando; o bispo reza para si com as mesmas palavras que usa o papa.

Pede-se, finalmente, por fórmula comum, pelos fiéis cultivadores da verdadeira fé para melhor especificar a idéa que já está incluída na "Igreja", como dissemos.

Por motivos diversos, máxime, por esta geral apostasia dos príncipes católicos do século XVI, caíram os nomes dos reis e imperadores com a reforma do Missal de são Pio V; assim que só se podem introduzir por um especial indulto apostólico.

Só os dominicanos, que conservam quasi todos os usos antigos, continuam a designar o nome do rei ou imperador ou presidente, por quem querem rezar.

Por especial indulto apostólico são citados os nomes do rei, na Bélgica, e do presidente, na Áustria.

Não é, porém, vedado que o celebrante reze durante a santa Missa pelos chefes da nação, sobretudo hoje, em que a maior parte dos Estados parecem enxotar a Deus para além das fronteiras.

No mais, quem não vê que o respeito à autoridade temporal, que procede de Deus, e o amor filial que lhe devemos, é o respeito e o amor da pátria terrena?

* * *

Haverá acaso ocasião mais própria e mais oportuna para sermos por Deus atendidos? Não se pede tudo isto a Deus por meio do Filho, Jesus Cristo, na ocasião em que está prestes a se imolar por nós, pelos fiéis e mesmo pelos infiéis? E o que se pede, não é coisa santa, não é a paz, a paz que Cristo veio trazer à terra? E não são as Missas quotidianamente tão numerosas? Pensamos jamais no decurso do dia ou da noite em nos unir a todos os sacerdotes do mundo para oferecer a Deus as nos-

sas adorações, os nossos agradecimentos, as nossas petições e nossa propiciação, quando o poderíamos fazer a cada instante do dia? Não é nisso que mais se deve acentuar essa "comunhão dos santos?" Oh! quão pouco pensamos neste universal e constante tesouro, que Deus nos concedeu! Quer-me parecer que, se há uma grande devoção, é a grande devoção da liturgia: orar pela santa Igreja!

E' a devoção das almas nobres e grandes, das que sabem deixar de lado seus pequenos interesses quotidianos; das que, antes de tudo, sabem pensar, ver e ter cuidado da Igreja de Cristo, desta esposa imaculada e sem rugas, que a querem ver bela da beleza de Deus, poderosa em sua ação e vitoriosa em suas eternas lutas.

Oh! despertemos, dilatemos a nossa devoção, a nossa piedade; sejamos almas nobres e dignas, que procuram antes de tudo a glória de Deus e de Cristo na Igreja!

Oh! peçamos, hoje principalmente, a paz, a paz para a Igreja, porque ela abrange e encerra em si todos os mais bens, aquela paz que guarda, une e dirige as almas ao porto da salvação, debaixo da proteção do Pastor supremo, o Vigário de Jesus Cristo, pai da grande família de Deus!

Peçamos ainda por este Pai comum da Igreja, que é o papa, para que Deus o guarde, o guie e o ilumine sempre e em tudo; porque para todo católico romano não há melhor devoção, depois da que tem pela Igreja, o corpo místico de Jesus, do que a devoção ao romano Pontífice!

* * *

Eia, alma minha, dá folga e expansão à tua piedade; sê nobre, sê voltada para o alto; procura a glorificação do teu Deus, a honra do teu Salvador, e isso de preferência a tudo o mais!

Não és por ventura a filha da Igreja? E não vai nisso teu renome? Oh! pensa nela, vive nela e sofre por ela! Acha-se ela em dificuldades? Ah, então sacrifica-te por ela; que não existe maior façanha do que o sacrificar-se com o sacrifício de Jesus Cristo, nosso divino Redentor!

A 2ª ORAÇÃO DO "CANON":

**"Lembrai-vos, Senhor, dos vossos servos
e servas N. N...."**

Na 1ª oração pede-se a Deus que aplique os frutos da Missa à Igreja assim "docente" como "discipulante", isto é, à Igreja que ensina e à que aprende; por outra, à Igreja considerada em sua hierarquia e em seus fiéis, mas tudo isto em geral. O que nesta 2ª oração se pede é a aplicação dos mesmos frutos a determinadas pessoas que ainda vivem; daí o apelativo de "comemoração dos vivos".

* * *

"Lembrai-vos, Senhor, etc...." Esta prece remonta aos tempos apostólicos, assim como a primeira, em sua substância.

E' natural a passagem das petições que se faziam para a Igreja, bispos, e demais fiéis em geral, para as petições pelos fiéis presentes ao sacrifício e para os que de modo especial contratavam o celebrante a oferecer o sacrifício por eles.

Eram estes que tinham oferecido seus bens a Deus na Igreja e os apresentavam para serem consagrados.

Originando-se, pois, deste motivo a oração, convieram os pósteros em que se inscrevessem os nomes de todos os ofertantes em disticos (taboinhas de avório ou de madeira) ou em dois pergaminhos, para o diácono os ler do alto do púlpito em voz alta.

Fazia-se isto no momento do "Offertorium" antes do século V; daí por diante, realizava-se neste ponto da Missa, em que se reza o "Lembraivos, Senhor, etc...."

Más não tardou em desaparecer o costume da leitura pública e em voz alta dos nomes, para só o fazer privadamente e em voz baixa o próprio celebrante; e isto por tres motivos: por haver desaparecido o uso da entrega pública das ofertas a se consagrar; por ter sido, já desde longa data, introduzido o rito das Missas simples, em que naturalmente cada celebrante fazia a leitura dos nomes dos que ofereceram suas oblações; e por apartar de vez a ocasião do pecado da vaidade e da falta de reta intenção dos ofertantes, que, no dizer de são Jerônimo, caíam quasi todos no pecado de fazer suas ofertas só com o escopo de que seus nomes fossem pronunciados publicamente.

Se hoje existe o costume de publicar os nomes daqueles que mandam rezar a santa Missa, faz-se mais por necessidade, para que os interessados possam tomar parte na Missa, sobretudo em dias de semana.

Nesta oração "Lembraivos, Senhor" ocorrem as duas letras N. N. para significar que o celebrante deve aquí formular ou pensar os nomes daqueles por quem tenciona particularmente rezar na santa Missa. E' neste momento que o celebrante lembra a Deus determinadas pessoas, principalmente aquelas por quem celebra a santa Missa.

Na oração ocorrem estas frases: "Pelos quais vos oferecemos" ou "eles mesmos vos oferecem este sacrificio".

E' certo que até ao século X não se dizia "pelos quais vos oferecemos", tanto assim que o rigoroso Bernoldo de Constança, o autor do Micrólogo, cen-

sura a introdução desta frase, como antitradicional e antiteológica.

A tradição a ignora até ao século X e a teologia a condena pelo perigo que oferece em induzir a pensar que só os Ministros são os verdadeiros oferentes, quando a verdade é que o povo fiel oferece com eles.

Mas se, desde o século X em diante, se encontram Missais que têm as duas frases, e outros não; e se, com a reforma do Missal romano, foram consagradas definitivamente na liturgia as duas, isso foi feito por motivos a nós ignorados, mas de modo algum futeis.

O Pe. Cagin cuida haver dado um motivo, quando escreve que “pelos quais vos oferecemos” são talvez um sinal de certo tempo em que se multiplicavam as Missas de fundação. “Vel” — “ou” visa assemelhar os autores da fundação com os tradicionais “oferentes”.

* * *

Chamemos, por fim, a atenção do leitor para as expressões grandemente significativas: “este sacrificio de louvor — por si e por todos os seus — pela redenção das suas almas — pela esperança da sua saúde e conservação — e vos fazem seus votos como ao Deus eterno, vivo e verdadeiro”. “O sacrificio de louvor” está bem expresso, porque na Missa se oferece a Jesus Cristo, que é o louvor eterno do Pai. — “Por si e por todos os seus”, exprime a petição que olha para os ofertantes e os parentes, amigos e benfeitores destes. — “Pela redenção das suas almas”, traduz o fim expiatório da Missa. — “Pela esperança da sua saúde e conservação”, traduz o fim impetratório. — E vos fazem seus votos como ao “Deus eterno, vivo e verdadeiro”, traduz o fim eucarístico ou de agradecimento.

Eis como esta prece exprime à maravilha os quatro fins do santo Sacrifício: o de adoração, de agradecimento, de súplica e de expiação!

* * *

Em verdade, oração sublime, divina, que se torna ainda mais sublime e divina quando formulada por boca sacerdotal durante a santa Missa, porque é Cristo mesmo que a pronuncia!

Que abundância de frutos espirituais não nos pode advir dessas petições!

Ai, virá o dia, mas será tarde, virá o dia em que se nos tornará claro, como a luz meridiana, e muito a pesar nosso, o que nos teria valido uma única Missa escutada com maior fé e devoção!

* * *

Eia, pois, unamo-nos de modo mais íntimo ao sacerdote de Deus nesta passagem e supliquemos com ele a Deus pelos fiéis presentes em geral, por todos os que nos são caros, máxime pelos parentes próximos, amigos e inimigos.

Peçamos, pelos merecimentos de Cristo, a graça da redenção, da salvação eterna da alma, e o bem temporal do corpo para todos; mas peçamos, confiando, porque é a Deus vivo e verdadeiro a quem nos dirigimos!

A 3ª ORAÇÃO DO "CANON":

"Nós que participamos de uma mesma comunhão..."

Estamos diante de uma oração cuja origem é difícil de apontar; mas crê-se que a formulação definitiva é da lavra do papa Simaco (498-514).

O que, porém, mais importa é entender a oração, tão sublime, como adequada.

Trata-se da comunhão entre os vivos, isto é, dos filhos da Igreja militante com os da Igreja triunfante, que são os santos.

Antigamente incluíam-se aqui os da Igreja padecente, isto é, dos cristãos que estão no purgatório; porque consta que a "comemoração dos defuntos" se fazia então imediatamente depois da dos vivos.

Sente-se por aqui uma como lacuna, que será preenchida em seu lugar.

Apesar desta lacuna, o Pe. Eugênio Vandeur não hesita em exclamar: "Nada mais católico, quer dizer, universal, nada mais poderoso que uma semelhante oração!" Contudo, mais universal seria a oração se figurasse nela, como primitivamente, também a Igreja padecente.

Não deixa, no entanto, de ser a oração o que é, a oração repassada de caridade e compaixão da Igreja pelos que sofrem e se debatem nas misérias desta vida.

Invoca ela toda a côrte celeste e apresenta a Deus os seus merecimentos, que são, em última análise, os merecimentos de Cristo, certa de que será atendida.

Insta com os da Igreja triunfante para que desçam a rodear o altar e a partilhar da alegria, dos cânticos e interesses da Igreja militante, prestes a oferecer a Deus o sacrifício dos sacrifícios.

O que encerra esta invocação não é o oferecimento da santa Missa aos santos do céu, mas é a participação dela.

E assim há de ser; pois é doutrina católica, declarada no Concílio Tridentino, que, se a Igreja costuma celebrar Missas em honra e em memória dos santos, não ensina com isso que se lhe devam oferecer sacrifícios. Por isso o sacerdote não diz: "Ofereço-vos este sacrifício a vós, Pedro e Paulo",



“A Mãe da Vítima”

mas agradece a Deus de lhes ter dado vitórias, implora-lhes o patrocínio, para que se dignem interceder por nós, nos céus.

* * *

Reparemos um pouco nos santos que se invocam.

Maria santíssima ocupa o primeiro lugar, o segundo, os apóstolos, e só então vêm os mártires da Igreja primitiva e os santos de todos os séculos.

Por que esta ordem? A resposta no-la dá Honório de Autun: Maria é mãe da vítima, isto é, de Jesus Cristo, e os apóstolos são os que pregaram Jesus, até ao derramamento do próprio sangue.

Que este fosse o motivo é de crer, porque todas as liturgias comemoram a estes, mesmo quando excluem os outros.

Mas por que será que não se faz menção de nenhum confessor, mesmo do grande patriarca são José, o ilustre esposo de Maria e o grande protetor da Igreja? Porque a oração era dos primeiros séculos em que a Igreja fomentava mais, e quasi só, o culto dos mártires, sobre cujos corpos celebrava-se o santo sacrifício; e era natural que se nomeasse aquele de quem era o corpo, sobre que se dizia a Missa. Outro motivo é porque a Igreja não tinha o officio dos confessores nos primeiros séculos; só mais tarde, quando já as orações do "Canon Missæ" estavam estereotipadas, se introduziu este Officio no Ocidente.

Antigamente existia a liberdade de inserir outros nomes de mártires (cada Igreja se conformava com o elenco dos mártires, cujas relíquias eram nela veneradas), mas, desde a reforma do Missal Romano, a nenhuma Igreja e a nenhum sacerdote é permitido inserir outros nomes de santos nas orações da Missa, independentemente do Sumo Pontífice.

* * *

Quão bem nos mostra a Igreja, por esta oração, a importância de nós, os cristãos, agregarmos-nos aos santos do céu, principalmente durante a santa Missa! Eles hauriram todos os bens, que a santa

Missa encerra; e estão dispostos, mais do que nunca, a no-los proporcionar durante a santa Missa.

Sabe disso a santa Igreja; por isso dirige-se neste momento solene também aos da Igreja triunfante, certa de que suas petições terão pronto despacho. O fato de os santos se verem mencionados em um tão solene momento, os dispõe em nosso favor, melhor que qualquer exercício de piedade; pois para eles é isto a maior honra e glória que se lhes possa tributar na terra.

Ademais os santos têm de reconhecer no sacrifício da santa Missa o da cruz, de que hauriram todas as graças e a glória, e do qual promanam para nós as mesmas graças e a mesma glória.

E' aqui que os santos pregam com silêncio eloquente a verdade de que o oferecer o santo sacrifício em sua honra equivale a agradecer a Deus por os haver eleito de preferência aos mais e por haver atraído sobre nós a força e a virtude que nos ajudam a praticar a vida que eles praticaram, imitando-os assim para nos tornarmos dignos e merecedores da sua glória.

* * *

Se nós nos resolvemos devéras a honrar e a invocar os santos, façamo-lo aqui na santa Missa, porque nos será garantida a proteção de Deus, que nos é de máxima necessidade tanto para o corpo como para a alma.

* * *

Ó vós, santos do céu, arrebatá-nos aos vossos páramos divinos; submergi-nos neste mar de delícias celestiais; fazei-nos companhia sempre e em toda parte.

Oh! experimentemos este ante-goço que vos inebria na contemplação deste mesmo Cordeiro que está para comparecer imolado sobre este altar!

Santa Maria, Mãe de Deus e Mãe nossa, perpassa nossas almas este gozo celestial que inunda a vossa alma neste instante!

A vós, finalmente, santos apóstolos de Jesus, a vós, santos mártires de Cristo, testemunhas do Cordeiro imaculado, sacrificado para tirar os pecados do mundo, a vós nos unimos para agora, em espírito, entoarmos o cântico dos cânticos que não terá fim, para depois entoá-lo convosco na glória celestial! Amen.

A 4ª ORAÇÃO DO "CANON":

"Portanto nós vos suplicamos, Senhor..."

Esta e a que segue são as orações mais solenes que precedem a Consagração.

Vimos de como o celebrante convocou nas orações anteriores toda a Igreja, a militante e a triunfante, em torno do altar.

Que belo espetáculo! Que frutos não deverão produzir em nossas almas semelhantes preces! Parece até que Deus esteja mais perto do homem. Eia, recolhamo-nos e rezemos melhor!

* * *

A história desta 4ª oração.

Parece que se deve atribuí-la, como a anterior, ao papa Símaco.

Há autores que, baseados no livro "De Sacramentis", defendem que esta oração constituia com aquela uma única nos primeiros tempos.

E não é sem fundamento; porque, mesmo em textos posteriores, não se lê no fim desta a frase "Por Cristo, nosso Senhor. Amen", donde se conclue que a seguinte oração se ligava diretamente a esta.

Parece, pois, admissível e explica ótimamente esta observação o sentido das duas orações, por-

quanto ambas compreendiam toda a oferta e a apresentam pela última vez a Deus, a seus olhos misericordiosos, antes de se transubstanciar no corpo e sangue de Cristo.

Mas é explicavel tambem a separação das duas orações, porque consta historicamente que a 4ª oração passou por alterações.

As variantes eram antigamente numerosas: existiam fórmulas especiais para a terceira domingo da quaresma, para o aniversário da ordenação sacerdotal, para a dedicação de uma igreja, a consagração de uma virgem, o aniversário de um nascimento e de um matrimônio, para a Missa de um finado, etc. Mas com o tempo ficou tudo suprimido, ficando só tres fórmulas próprias: para a quinta-feira santa, o dia da páscoa e de pentecoste com as vigílias e oitavas.

Para todas as outras festas a fórmula é a que acima reproduzimos.

Em consequência destas variantes foi necessário separar a 4ª oração da 5ª, concluindo-a com o "Por Cristo, nosso Senhor. Amen".

Difícil seria a compreensão da 5ª oração para quem ignorasse o que a história nos ensina a seu respeito, e que acabamos de expor.

* * *

Há nesta oração uma rubrica que importa salientar: é a imposição das mãos do celebrante sobre as oblações, enquanto formula a oração.

Esta rubrica, que já se encontra na primeira metade do século XIV, teve aceitação universal no decurso do século XV e ficou consagrada por são Pio V, que a inseriu no seu Missal reformado. E', podemos dizê-lo, de recente data, se a compararmos com as outras.

A rubrica observada até esta data era a seguinte: O sacerdote se inclinava profundamente, en-

costava a frente no altar, enquanto proferia a oração. Indicava o profundo aniquilamento de Jesus Cristo em sua paixão.

Se vingou, porém, a nova rubrica é porque a sua significação se avanta à antiga.

E de feito, a idéa do sacrifício e as prescrições rituais da Sagrada Escritura nos descortinam mais profundo simbolismo com a rubrica da imposição das mãos. Significa que o homem pecador devia ser imolado em expiação de seus delitos, devia pôr-se a si mesmo sobre o altar; mas visto que só o Homem-Deus é a vítima capaz de aplacar a ira divina, não resta ao homem, para aplacar a Deus, outro meio que apresentar Cristo ao Pai.

E fá-lo o celebrante com a imposição das mãos belo simbolismo! Assim era também na Lei antiga. E é o que se lê na Sagrada Escritura. Estendia o sacerdote suas mãos sobre a vítima, que ele e o povo ofertavam a Deus, para com esta cerimônia indicar que pediam a Deus a graça de afastar deles os castigos devidos aos delitos e desferisse o golpe na vítima.

Debaixo da lei do novo sacerdócio, o sacerdote funcionando por si e pelos fiéis, que representa, estende as mãos sobre o cálice e a hóstia como se fôra sobre a cabeça de Cristo; e convida-nos a descarregar sobre ele as nossas culpas e a confessar que só ele nos pode merecer o perdão.

* * *

Se relermos a oração, verificaremos que volta a Igreja a salientar a doutrina católica de que o povo é concelebrante com o sacerdote. Pede-se, nesta oração, que Deus receba a oferta do seu "humilde servo", isto é, do padre e de toda a sua "família", isto é, do povo que assiste.

* * *

Há ainda a observar nesta oração a insistência da Igreja para pedir de Deus a paz: "pedimo-vos que passemos os dias da nossa existência em paz convosco".

Pediu-a já na 1ª oração e pede-a nesta novamente.

Sabe a Igreja que é difícil conservar a paz interna sem a externa; e por isto pede uma e outra, justamente neste momento litúrgico de tanta solemnidade.

* * *

A Igreja não olvida ninguém na santa Missa; não descarta interesse algum dos seus filhos. Anda toda solícita para que não se perca nem um dos filhos que Deus lhe deu!

Como ótima e carinhosíssima mãe, estende as mãos a todos os filhos, ausculta-lhes todas as necessidades e aplica-lhes logo o mais eficaz dos remédios. O escopo da nossa existência é fugir à eterna condenação e alcançar a glória e a felicidade do céu. Para isso foi-nos dado Jesus Cristo, e dele a Igreja se sabe aproveitar: Jesus Cristo expia os nossos crimes por nós (somos impotentes para fazê-lo por nós mesmos), e assim nos tolhe o maior dos empecilhos da nossa salvação, que é o pecado.

* * *

Um cristão que pondera estas coisas e não se resolve a oferecer-se em sacrifício a Deus, é cristão só de nome. O cristão que não se resolve a obedecer a Jesus, que não se determina a lhe dar nem sequer uma parte de si, um caprichozinho, uma velezadezinha, um idolozinho em sacrifício, não é cristão e não pode participar dos frutos da santa Missa.

E' triste, cristão, que, depois de impor teus pecados e delitos sobre Jesus, para que ele sofra e

morra e para que escapes ileso, são e salvo, te mostres tão duro, tão feroz, tão monstro de não só não reconhecer o favor, mas de até o conculcar aos pés, de conculcar aos pés o próprio Cristo para abraçar e amar o pecado!

A 5ª ORAÇÃO DO "CANON":

"Seja esta oblação, nós vo-lo pedimos..."

Estamos na última das cinco orações que precedem a "Consagração". Como vimos, esta oração deveu ser a continuação da precedente, e, segundo isto, dever-se-á atribuí-la também ao papa Símaco.

Estabelecido um confronto desta oração com as "Secretas", somos forçados a afirmar que esta aqui vale uma "Secreta"; pois dá às ofertas materiais a última preparação para passarem ao estado de Sacramento; compendia, a bem dizer, todas as orações precedentes da oferta; e é uma como conclusão soleníssima e uma intercessão suprema que exprime o anelo do grandioso milagre da transubstanciação e traduz o desejo de possuir os frutos que lhe são anexos.

Disso é que lhe vem toda a solenidade, donde o poder chamar-se de "Præfatio" ao ato mais importante da Missa, que é a "Consagração".

* * *

Refresquemos a memória do que deixamos compendiado no "Canon Missæ"; e veremos que as palavras "ben † dita, aco † lhida, apro † vada, Cor † po e san † gue" figuram com uma cruz. Quer dizer que o celebrante tem de traçar uma cruz com a mão direita, sempre que pronuncia estas palavras. São cinco os sinais; os tres primeiros feitos sobre o cálice e sobre a hóstia ao mesmo tempo; os dois

últimos separadamente sobre a hóstia e sobre o cálice.

Isto é assim hoje. Houve tempo em que se fazia o sinal da cruz também ao se pronunciarem as duas seguintes palavras: “racio † nal e agra † davel”.

Mas por que estes sinais?

O sinal da cruz é representação da cruz redentora. Relembra a imolação do Gólgota. O maior e o mais estupendo dos milagres.

E o ato de “Consagração” é a renovação deste ato que nos deu a graça da vida sobrenatural. Que invocação mais poderosa do que o sinal da cruz para impetrar benefícios? Não é a cruz a fonte do poder de toda a oração? Deveras, não podia a Igreja pôr neste momento na boca do celebrante melhor prece que o sinal da cruz cinco vezes repetido! A Igreja não pede nunca os grandes favores divinos senão pelos merecimentos da cruz de Cristo.

E os cinco sinais se destinam a impetrar a maior graça, o maior favor: a graça, o favor de mudar real, verdadeira e substancialmente o pão e o vinho no corpo e sangue de Jesus Cristo, por virtude das palavras do próprio Jesus Cristo, pronunciadas pela boca do seu representante, o sacerdote!

* * *

Atenda-se por fim mais a esta rubrica: Mal o celebrante acaba de traçar os sinais da cruz sobre o “cor † po e o san † gue”, abre os braços, levanta as mãos como a abraçar o diletíssimo Filho de Deus, de quem fala com o Pai; as une depois como se já o apertasse nas mãos, traduzindo deste modo o amor e a ternura que tão bem expressos vêm nesta palavra: “diletíssimo Filho”.

* * *

Maravilhosa oração! Oração digna do Espírito Santo! Oração breve como o “Fiat” de Deus; como o “Fiat” da Virgem Maria! Poderosa como o “Fiat”

da criação divina; como o “Fiat” da encarnação do Verbo! Sublime como o “haja luz”, como o “faça-se em mim segundo a vossa palavra!...”

Quem se atreverá jamais a formular semelhante oração, sem ordem divina? Quem se abalará jamais, sem ordem do alto, a dirigir a Deus a petição de que a oferta de uma migalha de pão e de umas gotas de vinho se transubstanciam em o corpo e sangue de um Deus; para nós, para nossa comida e bebida?

* * *

Ó sacerdote do Altíssimo, compenetra-te bem do que estás para fazer! O momento é solene. Vais operar o maior dos milagres, o milagre da transubstanciação!

6. A Consagração

Eis-nos chegados ao ato solene e estupendo da “Consagração”. O sacerdote, em nome de Jesus Cristo, de quem ele faz as vezes, agradeceu ao Senhor com as orações do “Canon” acima expostas, santificou as dádivas e preparou as almas. Estamos, pois, preparados para a grande visita, que a terra aguarda. Chegamos ao cume do Calvário; e diante dos nossos olhos erguer-se-á Jesus crucificado.

A consagração do pão

O sacerdote purifica, se preciso fôr, mais uma vez os dedos polegares e índices e passa a observar as rubricas prescritas para o ato, enquanto prossegue: “Na véspera da sua paixão, etc.”.

O sacerdote, portanto, toma em suas santas e veneráveis mãos o pão; levanta os olhos ao céu, para o Pai, que recebe o sacrifício; agradece, benze o pão; apoia-se com os cotovelos no altar; e então, não fazendo mais que uma e a mesma coisa com

Jesus Cristo, o Pontífice máximo da terra e dos céus, pronuncia, com a devida reverência e respeito, sobre a hóstia, as grandes e prodigiosas palavras: **"Hoc est enim Corpus meum"**. — E o milagre está realizado! **"Credo, Domine"**.

* * *

Vamos à história do texto!

Relendo o texto, repararemos, desde logo, que não foi tirado na íntegra dos Sinópticos e das Epístolas paulinas; mas que é antes uma composição de textos sagrados extraídos de vários livros sagrados e fundidos em uma redação que constitue um todo, assim em seus traços gerais, como especiais. Foi assim que no-la legou a tradição e o encontramos em todas as Liturgias, tanto da Igreja Oriental como Ocidental.

Fala-se ao Pai de Jesus Cristo, à primeira Pessoa da santíssima Trindade. Recordá-se-lhe em todos os pormenores o rito que guardou o Filho na instituição destes santos mistérios.

* * *

Não será inútil ouvir aqui o que nos diz a História a respeito da genuflexão do celebrante e da elevação da hóstia e cálice logo depois de consagrados.

Nos tempos mais remotos a Igreja Oriental fazia a elevação das santas espécies só um pouco antes da santa comunhão, afim de avisar aos da assembléa que se preparassem para ir comungar. Esta cerimônia era acompanhada das palavras: **"As coisas santas aos santos"**.

Fazia-se a elevação a esta altura da Missa, porque o altar, como o celebrante, eram na Igreja Oriental ocultos ao público desde o começo do **"Canon"**. Na Igreja Ocidental, embora não existissem as cortinas que escondiam o altar e o celebrante,

fazia-se contudo a elevação só antes da comunhão; e era feita dentro das proporções da que se faz ainda hoje, imediatamente antes do "Pater", ao proferirem-se as palavras: "toda honra e glória".

Não visava entretanto, como a da Igreja Oriental, chamar a atenção do público a que se preparasse para receber a santa comunhão, mas sim para avisar os ajudantes de prepararem o necessário para distribuição da santa comunhão.

Mas quando e donde veio que a Igreja Latina tem hoje a elevação e as mais cerimônias de que é acompanhada e que não tem a Igreja grega?

O quando e o donde do fato explica-se assim: "Alguns doutores da Universidade de Paris, diz o R. P. Thurston, S. J., e entre outros Pedro Cantor e Pedro Comestor († 1197), ensinavam que a transubstanciação do pão se opera só no tempo em que se efetua a do vinho, no momento em que se pronunciam as palavras da segunda consagração sobre o cálice.

Os adversários desta doutrina, que felizmente ficou bem cedo abandonada, principiaram, em sinal de protesto, a adorar a hóstia com uma genuflexão e a elevá-la de forma a ser vista e adorada pelo povo imediatamente depois da consagração do pão. Não se tardou a fazer o mesmo depois da consagração do vinho.

A alma deste movimento foi o bispo de Paris, Otão de Sully (1191-1208). Baixou ordens a este respeito para toda a sua diocese; e já pelos meados do século XIII foi a rubrica aceita por muitas outras dioceses, e pouco tempo depois quasi por toda a Igreja Latina.

Dão-se outras explicações, mas ou todas se reduzem à exposta ou não têm em seu favor provas assaz convincentes. Basta ainda observar a esse respeito que a genuflexão do sacerdote nesta passa-

gem da santa Missa se tornou obrigatória só em 1570, quando foi publicado, por são Pio V, o Missal reformado. Até esta data, grande parte dos sacerdotes que não seguiam as rubricas do bispo Otão, contentavam-se com uma inclinação da cabeça. A inclinação da cabeça que os fiéis continuam ainda hoje a fazer na elevação das sagradas espécies parece provir daqui.

Belo costume este, que não se deveria perder! Mas é praticado de modo errado. O Sumo Pontífice Pio X deu instruções a esse respeito, que visam proporcionar aos fiéis os frutos da elevação das espécies sagradas. S. S. Pio X concedeu aos fiéis 7 anos e 7 quarentenas de indulgência, todas as vezes que olharem devotamente a hóstia santa, dizendo: "Meu Senhor e meu Deus!" (12 de junho de 1907).

Convém, por isso, que os fiéis olhem para a hóstia e o cálice enquanto o celebrante lhos conserva à mostra; e se inclinem em sinal de reverência e adoração, só quando o padre os abaixa.

Que assim se deva proceder ensina a tradição. Do fato de no século XIII, em que teve princípio a elevação da hóstia e cálice, terem sido introduzidos o toque da sineta, a incensação e a vela acesa na ocasião da elevação da santa hóstia e cálice, deve-se concluir que os cristãos desejavam olhar para os objetos sagrados.

Assim foi que um pouco antes da consagração se acendia uma terceira vela que era colocada à esquerda do altar. Destinava-se a facilitar aos assistentes a vista das sagradas espécies.

Se hoje não existe mais este costume geral, (na França ainda existe), nos resta ao menos um traço dela, qual é o de levar velas acesas nas Missas solenes logo depois da "Præfatio" por quatro acó-

litos que ficam ajoelhados ao pé do altar, até depois da elevação das sagradas espécies.

Fazia-se então, como hoje, nas Missas solenes, a incensação das sagradas espécies. Mas ela é feita ao lado da Espístola e não na frente do altar; e isto para não ocultar as sagradas espécies à vista dos assistentes, o que vem comprovar ainda mais o fato de que nos primeiros tempos era costume olhar para elas. Tocava-se ainda a sineta, cujo fim era chamar a atenção do público para que olhasse para as sagradas espécies que iam ser mostradas. Este toque generalizou-se assim que já não se contentaram com o da sineta do altar. Requereu-se o repicar dos sinos da torre. Reclamava-o a piedade do povo e dos religiosos que queriam participar de tão estupendo milagre, mesmo nas suas habitações.

Este repique está ainda em uso nas nossas Igrejas para as Missas de preceito.

* * *

Em conclusão, há mais duas rubricas a considerar: a primeira é que o diácono ou ajudante de Missa levanta algum tanto a extremidade da casula do celebrante, na ocasião em que ele faz os movimentos da elevação das sagradas espécies e se ajoelha para assim lhe facilitar os ditos movimentos.

A cerimônia continua a ser observada também hoje, em quasi toda parte, máxime em Missas solenes; mas visto serem outras as casulas, que não embaraçam o celebrante em seus movimentos, não tem razão de ser; subsiste só em atenção ao respeito devido à tradição.

A segunda rubrica é a proibição de o celebrante desunir os dedos polegar e índice das duas mãos, depois da elevação da santa hóstia, fora o caso de dever pegar nela.

E' rúbrica muito bem justificada, porque pode dar-se o caso de se pegarem fragmentos da hóstia consagrada nos dedos; e as inconveniências seriam manifestas.

A consagração do vinho

Não há por que nos estendamos sobre o histórico da consagração do vinho e sobre as cerimônias que a acompanham. Aquí tudo se passa como na Consagração do pão. Entremos logo a dar uns esclarecimentos especiais sobre a **Consagração do vinho**.

Primeiro convém elucidar esta passagem evangélica: "o sangue que será derramado por vós e por muitos para remissão dos pecados". Trata-se aquí realmente do sangue do cordeiro imaculado, de Jesus, Filho de Deus, com que selou a nova e eterna aliança de Deus com os homens. E' o mistério da fé por excelência. E' sangue derramado por nossos pecados e por muitos.

"Por muitos" aquí significa todos. Tira-se esta conclusão, pelo confronto com outras passagens bíblicas semelhantes a esta, onde o "muitos" indica universalidade.

A fórmula da consagração acrescentam-se as palavras de Jesus: "Todas as vezes que fizerdes estas coisas fá-la-eis em memória de mim". São palavras que Cristo disse a seus apóstolos na solene hora da última ceia, e as torna a dizer dia a dia e hora por hora a seus sacerdotes. São palavras que recordam o carater comemorativo, como também atual do sacrificio da santa Missa.

Nem sempre foram recitadas neste lugar. Fez-se pelo fim do século XV; antes ou eram ditas sobre o cálice mesmo, depois das palavras da "Consagração", ou imediatamente antes ou depois da elevação: variava-se segundo as igrejas.

Finalmente, é de notar-se ainda que o uso em voga na Idade Média, de se cantar durante a elevação o "O Salutaris" ficou suprimido, e prescreve-se o mais rigoroso silêncio; quando muito são permitidos uns sons suaves do órgão, segundo se colhe do "Ceremonial dos bispos".

* * *

Com a consagração do cálice conclue-se o grande mistério. "Credo, Domine" — Creio, Senhor. "Sim, realizou-se o mistério do amor, da bondade e da sabedoria de Deus. O que está sentado à dextra do Pai veio e deixa-se manusear por mãos duma sua criatura, entrega-se em holocausto em prol dos pecadores! O que é Deus faz o papel de sumo sacerdote, serve-se dos lábios, das mãos e coração de sua criatura. O que é onipotente dá à fraqueza, ao nada da criatura, o poder de dispor da própria onipotência!

Mistério de amor! Um Deus humanado renovou o sacrifício da cruz! Jesus acaba de oferecer em holocausto sua preciosíssima vida ao Pai, em lugar da vida que os homens lhe devem, para assim dar ao mundo a vida, que o pecado arrebatou. "In finem dilexit eos" — amou-os até ao fim. Mistério de amor! Não forçado, não coagido, mas livre e espontaneamente subiu Jesus ao Calvário, outrora, e acaba de descer agora sobre este altar.

Quão errados andam todos aqueles que pensam ser o povo deicida o sacrificador! Não os que matam a vítima a se sacrificar são os sacerdotes, mas quem a oferece. E Cristo, e só Cristo, ofereceu-se ao Pai enquanto os carrascos lhe tiravam a vida; digo mal, já mesmo antes do sacrifício da cruz, Cristo se tinha sacrificado: na instituição da sagrada Eucaristia. Aquí Cristo tomou a dianteira a Judas. Aquí Cristo se sacrificou livremente e com o mesmo infinito poder e amor com que se sacrificaria

no Calvário e continua a sacrificar-se na santa Missa. Na última ceia Cristo, revestido da onipotência divina, ofereceu a Deus o sacrifício de seu corpo e sangue “segundo a ordem (rito) de Melquisedec”, isto é, debaixo das aparências de pão e vinho, por meio de um rito sacrificial, que representa diretamente o sacrifício cruento da cruz e que é reproduzido fielmente no sacrifício incruento da santa Missa.

Sim, o sacrifício da última ceia, e por conseguinte do altar, é um sacrifício verdadeiro e um conjuntamente com o da cruz; porquanto ele se sacrifica no altar precisamente mediante o ato da transubstanciação, separando, sob a “forma sacramental”, o sangue do seu corpo. Esta oblação mística, isto é, incruenta, representa o verdadeiro e real derramamento de seu sangue, efetuado sobre a cruz.

Eis aqui realizado o que ficou dito sobre o sacrifício da santa Missa no começo deste livro: Cristo é, ao mesmo tempo, sumo sacerdote e vítima! Jesus Cristo, sacerdote e vítima ao mesmo tempo, aqui se oferece a si mesmo, imolado em holocausto!

* * *

Ó banquete divino! Cruz preciosa! Altar divino! Nisto, só um único mistério, o inefável mistério do divino amor, da divina bondade, do divino poder!

Que sacrifício, alma cristã, que sacrifício! Quão importante é aprofundar-se cada vez mais nele e sondar-lhe, quanto é dado à capacidade da inteligência humana, a mais íntima significação!

* * *

Admirável, santa imolação! Adorável imolação! “Credo, Domine” — creio, Senhor. — Senhor meu, Jesus Cristo, creio que estais aqui no altar, Deus verdadeiro e homem verdadeiro, com o vosso corpo, a vossa alma e a vossa divindade! Adoro-vos

e digo-vos com o cantor dos vossos sagrados mistérios: “Ó pão, memorial da morte do Senhor! Pão vivo que dais vida ao homem, dai à minha alma que não viva senão de vós e que só em vós encontre as suas delícias! Amen”.

7. Depois da Elevação

Depois de haver considerado as cinco orações do “Canon Missæ” que precedem a Consagração, passemos a ponderar as seis que seguem a Consagração. O teor destas seis orações fica exposto acima (pág. 268 e seguintes). Se as examinarmos bem, notaremos que as cinco orações antes da Consagração se prestam admiravelmente para pedir a graça de que Deus se digne converter o pão e o vinho no corpo e sangue de Cristo; e que as seis depois da Consagração servem para agradecer esta mercê.

Desta forma empenha-se a Igreja de modo mais eficaz para tirar nesta parte da Missa o maior proveito possível para si, para os fiéis e para todos os necessitados.

A 1ª ORAÇÃO DEPOIS DA CONSAGRAÇÃO:

“Por esta razão, Senhor...”

Mas por qual razão? Pela razão de Jesus haver mandado que todas as vezes que os apóstolos celebrassem o mistério da última ceia, se recordassem de o fazer em sua memória. Por isso passa o celebrante a rememorar a paixão, a ressurreição e a ascensão de Cristo. A santa Missa é o compêndio dos mistérios da salvação do gênero humano. Nela Jesus se oferece ao Pai como a ele se ofereceu em vida na cruz e continua a oferecer-se no céu, impetrando sempre por nós.

A santa Missa é oferecida especialmente em memória da paixão de Cristo, bem como da sua ressurreição e ascensão.

* * *

Uma palavra a respeito dos epítetos que acompanham as palavras hóstia e cálice. Domingos Soto, da Ordem dos Pregadores, se exprime assim: “Antes da Consagração pede-se que a matéria do sacrifício seja bendita, aceita, aprovada; depois da Consagração esta hóstia consagrada, que é Cristo, é oferecida como uma hóstia “pura”, contrariamente aos sacrifícios dos pagãos, que eram impuros e corrompidos; como uma hóstia “santa”, em oposição às ofertas da Lei antiga, que não eram tão santas de poder santificar as almas, como o é a nossa hóstia que apaga os pecados do mundo, donde o acrescentar-se: como uma hóstia “imaculada”; porquanto Cristo foi o Cordeiro inocente, em quem jamais houve pecado, e quem tira os pecados da terra, em que consiste a santificação das almas.

Esta hóstia, portanto, é pura e purificadora, imaculada e mundificadora. As palavras que seguem: “pão santo da vida eterna e o cálice da salvação perpétua”, definem e explicam esta mesma hóstia; porquanto, assim como os sacerdotes da Lei antiga nutriam-se com o sacrifício oferecido para sustentar a sua vida temporal, assim os cristãos, comendo e bebendo desta vítima, têm penhor seguro de salvação espiritual e eterna”.

* * *

Oração realmente de sentido profundo e maravilhoso! E não é para menos! E' um Homem-Deus que se ofereceu em sacrifício a Deus; um Homem-Deus sacrificado e imolado, oferecido a Deus, justo e santo, por uma criatura rebelde e pecadora. Quão bem expressa a Igreja as palavras deste oferecimento!

Mais, o sacerdote que oferece esta vítima divina a Deus está nela pessoalmente incluído, bem como todo o povo cristão. Uma criatura pecadora a oferecer a Deus seu Criador, Jesus Cristo! Deveras, maravilhoso! A criatura recebe de Deus, e só então devolve a Deus para desta forma merecer verdadeiros dons e dádivas.

* * *

Por que é que somos tão tardos em reconhecer estas sublimes verdades? Por que é que não nos aproveitamos de tão auspiciosa ocasião, como é esta, para tomar nas mãos esta hóstia, real ou espiritualmente, e oferecê-la a Deus Padre para que a receba misericordiosamente e nos aplique as graças do sacrifício?

* * *

Ó ~~hóstia~~, tu és a pureza mesma! Desde a criação do mundo jamais foi ofertada a Deus, hóstia mais pura! Tu és a hóstia santa! Nenhuma outra houve, há e haverá que, como tu, tire os pecados do mundo, purifique as consciências e santifique as almas!

Tu és a hóstia imaculada. Em ti espelha-se a pureza do Pai, e por isso põe em ti toda a sua complacência!

Saudo-te, ó "Pão santo da vida eterna!" Subiste ao céu, para lá seres a comida dos anjos e preparares a nós o banquete divino, que nos há de saciar! Pão de Deus, faze também de mim um pão, santo como tu, puro e imaculado como tu!

Saudo-te, ó "cálice da vida eterna!" Vem, extingue a sede de minha alma! Vem, leva-me à fonte da vida! Amen.

A 2ª ORAÇÃO DEPOIS DA CONSAGRAÇÃO:

“Dignai-vos lançar um olhar propício...”

Esta segunda oração recomenda a Deus a oferta do altar, recordando os sacrifícios que lhe foram mais gratos na Lei antiga: o de Abel, de Abraão e de Melquisedec, rei de Salém.

A oração é de facil compreensão. Esboçamos apenas sua significação, visto ser já do conhecimento de todo cristão que Abel, Abraão e Melquisedec foram e são considerados na Igreja como figuras legítimas do sacrifício de Jesus Cristo.

E, de feito, figura do sacrifício de Cristo é Abel que oferece o que de melhor tem em seu rebanho e as primícias dos seus frutos, representando assim Jesus Cristo, o primogênito dentre seus irmãos, morto por Caim, isto é, pelos pecadores.

Figura do sacrifício de Cristo é Abraão, que lembra no seu Isaac o Calvário, onde morreu o Filho de Deus, aos golpes da humanidade culpavel.

Figura do sacrifício de Cristo, e a mais misteriosa de todas, como também a mais perfeita, é o sacrifício de Melquisedec; basta lembrar o que dissemos no inicio desta obra sobre o sacrifício da Nova Aliança.

* * *

Que outro sacrifício, que outra hóstia poderia ser a Deus mais cara, mais aceita e mais grata do que este sacrifício santo de Cristo, esta hóstia imaculada do Filho?

Se já o sacrifício de Abel mereceu olhares complacentes de Deus; que olhares de complacência não merecerá o sacrifício de Cristo!?

Se grato e aceito foi a Deus o sacrifício que Abraão lhe queria oferecer, imolando seu único filho Isaac, deixaria de ser grato e aceito ao Pai celeste o sacrifício de Cristo, imolado realmente

na cruz, sobre o monte Calvário!? Se a oferta de Melquisedec feita de pão e vinho arrebatou o coração do Pai, só por ver nisto a figura do sacrifício, que seu Filho unigênito lhe ofertaria no tempo prefixado, não o arrebataria agora que se efetuou a realização do figurado!

* * *

Eis, Padre eterno, em que se firma a minha confiança e esperança! Eis aquí este pão! eis este cálice! Pai deste sacerdote eterno, elevo-o hoje para vós; rogo-vos queirais pousar nele os olhos de misericórdia, e aceitá-lo benignamente em expiação dos meus pecados!

Padre, eis que aquí jaz diante de vossos olhos divinos o "sacrifício santo!" Ele é infinitamente maior que o de Abel, de Abraão, e de Melquisedec. Não passam estes de figuras apagadas deste sublime sacrifício real e verdadeiro.

Ó sacrifício santo, hóstia imaculada, também em vós contemplo, e ponho meus olhos nos do meu Deus! Amo-vos; submeto-me a vós pela fé; espero em vós e consagro-vos o meu amor. Tornai-me santo; tornai-me puro; exornai-me, enfim, destas fascinadoras virtudes, a cuja vista nem o próprio Pai pode deixar de me amar e de pousar em mim olhares de complacência! Amen.

A 3ª ORAÇÃO DEPOIS DA CONSAGRAÇÃO:

"Humildemente vos suplicamos, Deus..."

Repisamos agora uma oração, cujo entendimento, no dizer do papa Inocêncio III, é quasi impossível; e isto só por causa daquele "santo anjo" a quem se incumbe de levar a oferta à presença da divina majestade. Muito se tem dito e escrito sobre este "santo anjo" e ao que lógica e naturalmente se relaciona com ele.

O que se pede a Deus nesta terceira oração é que queira aceitar a vítima divina; mas o modo como a Igreja quer que se faça, exige mais ampla explicação. Deixemos a palavra a Bossuet, que se exprime da seguinte forma: “Para ser bem entendida esta prece, diz ele, e para eliminar todas as dificuldades, que se pretendem nela suscitar, importa não perder nunca de vista que as coisas de que se fala são em verdade o corpo e o sangue de Jesus Cristo, — mas este corpo e este sangue estão relacionados conosco, com os nossos votos e as nossas orações. E’ tudo isto que compõe a oferta, que nós queremos tornar animadamente grata a Deus, tanto pelo lado de Cristo, que é o oferecido, como pelo lado dos cristãos que oferecem e que com ele se oferecem. Que se poderia fazer de melhor, por conseguinte, do que voltar-se aos côros dos anjos e pedir ao anjo que preside à oração, bem como aos mais, seus santos companheiros na bem-aventurança, para que o nosso dom suba de pronto e com maior aceitação até ao altar celeste, levado em tão boa hora e apresentado por tão feliz companhia?” Como se vê, não é preciso recorrer às estiradas disputas que se originaram entre os sábios, que vêem não sei que de extraordinário neste “santo anjo” e neste “altar celeste”. O caso é simples. Tanto o “santo anjo” como o “altar celeste” são alusões ao texto apocalíptico, que reza assim: “Apareceu um outro anjo, e postou-se sobre o altar, com um turíbulo de ouro na mão; deram-se-lhe muitos perfumes para oferecer com as orações de todos os santos, sobre o altar de ouro que está diante do trono (de Deus); e o fumo dos perfumes, em junção com as orações dos santos, subiu da mão do anjo, diante de Deus” (Apoc 8, 3-5).

E que isto se entendia assim, ao menos no tempo de Tertuliano, está fora de dúvida. Este censura

os fiéis que ficavam sentados durante a santa Missa, propondo-lhes como modelo o anjo da oração que ainda se conservava de pé, — Angelo adhuc orationis astante. Por isto este “santo anjo” não significa Jesus Cristo ou Espírito Santo como querem alguns. E o “altar celeste” de que fala são João no Apocalipse toma-se em sentido místico; e entende-se, segundo uns, a Deus mesmo que recebe e se compraz do sacrifício da cruz, comemorado e reproduzido na santa Missa; segundo outros, entende-se a humanidade glorificada de Jesus, “semper vivens ad interpellandum pro nobis”.

* * *

Ainda umas palavras a respeito das rubricas concernentes a esta oração.

Mal principia esta prece, o celebrante se inclina profundamente. E’ a posição de suplicante.

Em seguida apoia as mãos juntas sobre o altar, figura de Cristo, afim de mostrar que tudo o que faz, fá-lo com Cristo, em quem se apoia.

Antigamente em muitas igrejas, em vez de se apoiar sobre o altar, cruzavam-se os braços sobre o peito, como ainda continuam a fazê-lo os cartuxos e os dominicanos.

Junto às palavras “para que todos os que participamos deste altar. . .” (deste altar real), o sacerdote o beija, afim de significar que se deve participar com a boca à comunhão da vítima que está sobre o altar.

Para acentuar mais e mais esta participação, beijava-se o altar em diversos pontos, o que se dava em muitas igrejas, como nas de Verdun, de Viena e do Delfinado.

* * *

Uma observação importantíssima: Esta oração é principalmente para os fiéis que estão para comun-

gar. O texto é assaz claro. Relendo-o, ver-se-á, num relance de olhos, que o que se quer é a união, e a união mais íntima possível entre o homem e Deus; mas onde se poderá realizar mais estreitamente esta união, que na sagrada comunhão, onde a oferta feita a Deus é por nós assimilada? Quem não vê que nenhuma outra coisa aperfeiçoará esta união com Deus como a comunhão eucarística com Cristo, sacerdote e vítima de seu sacrifício? Quem não vê que esta comunhão é fonte de todo o bem? Sim, é impossível que o Pai dos céus nos abandone, vendo-nos uma única coisa com o seu Filho, com a sua carne e com o seu sangue, e não nos cumule de toda a benção celeste e de graça. Por esta e mais razões não se deveria faltar nunca à comunhão quando se assiste à santa Missa.

* * *

Oração misteriosa e admirável, que deve ser proferida muitas e muitas vezes pelos nossos lábios nesta hora santa!

Não é mediante esta que pedimos humildemente ao Pai todo-poderoso que se digne aceitar a nossa oferta das mãos do seu anjo? E quem quer que seja este anjo do Senhor, Miguel, o príncipe dos coros celestes, ou Gabriel, a força de Deus e arauto dos mistérios de Jesus, ou ainda o anjo da guarda, que de modo especial nos assistirá nesta hora da Missa, dirigamo-nos confiantes e modestos a ele, suplicando-lhe queira levar ao trono da divina majestade os nossos votos e rogos conjuntamente com as divinas oferendas, em que Deus tem posto toda a sua complacência!

* * *

Ah, não queiramos descurar este momento! E' aquí que se pede com despacho certo e infalível tudo quanto daqui a pouco nos pode ser outorgado

mediante a união com Deus pela sagrada comunhão. E' aqui que nos serão dispensados todos os merecimentos, que Cristo nos conquistou na cruz e os distribue desde o altar sagrado. E' aqui que Cristo exerce mais de perto o officio de mediador entre Deus e o homem. E' aqui, finalmente, que desempenha com plena efficácia o officio de sacerdote, pois que não só está com sua humanidade no céu, à dextra do Pai, mas também aqui sobre o altar, unindo desta forma constantemente a terra e o céu por essa corrente de ouro que se chama amor.

Ó sacerdote com o sumo sacerdote, pensas tu quanto deves nesta tua excepcionalíssima posição? E vós, fiéis, tendes para com o vosso sacerdote o respeito que nasce da fé?

Sacerdotes e fiéis, vinde, de mãos dadas, prostrar-vos ante Jesus e agradecer-lhe tamanhos favores!

A 4ª ORAÇÃO DEPOIS DA CONSAGRAÇÃO:

“Lembrai-vos, Senhor, também de vossos servos e servas...”

Já o havemos notado que antigamente concluia aqui o “Canon Missæ”, e que por vários motivos só posteriormente se originaram mudanças.

Destas alterações acessórias resultou que este “Lembrai-vos”, em favor dos fiéis defuntos passou para cá, quando antes seguia imediatamente a segunda oração em que se faz o memento dos vivos.

* * *

A que século remonte este “memento dos mortos”, não é possível precisar. O fato é que muitos manuscritos anteriores ao século XI o ignoram. Outros, fundados em dados positivos, afirmam que já

existia no século VIII, mas que não figura nos manuscritos, porque a oração era recitada só em Missas simples e não nas cantadas.

Mas, seja o que fôr, consta com certeza que o uso de se rezar na Igreja pelas almas dos defuntos parte dos tempos apostólicos. E nem admira, visto que a Igreja adotou sempre o que era santo e pio nas sinagogas dos judeus. E um desses usos pios foi a oração pelos mortos.

De resto é são Crisóstomo que o atesta: “E’ de tradição apostólica o uso de comemorar os defuntos nos grandes mistérios”.

Sto. Agostinho diz: “A Igreja universal, em conformidade com a tradição, sói orar e oferecer, em sufrágio dos que morreram, a comunhão do corpo e sangue de Jesus Cristo, comemorando-os no altar durante o sacrifício, na passagem em que se costuma fazer”.

* * *

A Igreja, portanto, não celebra uma Missa sequer, sem rezar por todos os cristãos vivos ou mortos. Que verdade consoladora também para aqueles pobres cristãos que talvez não tenham quem lhes sufrague a alma! Ah, morrer na comunhão dos santos, tem deveras vantagens! Que boa mãe a Igreja, que não cessa de rezar por todos os que um dia entraram em seu seio e nele morreram!

“A estes, Senhor”, isto é, aos vivos, que ainda peregrinam neste vale de lágrimas, “e a todos os que descansam em Jesus Cristo”, isto é, que morreram na graça, “concedei o lugar do refrigério, de luz e de paz”, lá onde já não há lágrimas, nem gemidos nem aflições.

Pode-se desejar coisa melhor; e pode-se fazer coisa melhor pelos amados?

* * *

Aprendamos deste espírito altruístico da Igreja a pensar na triste sorte dessas almas penadas que já não se podem valer a si mesmas.

Vêde-as envoltas nessas rubras chamas de tantos quadros que pendem das paredes de casas cristãs; vêde-as, resignadas, sim, mas de braços ao alto em atitude de quem pede uma esmola, na extrema necessidade! Demos uma esmolinha às santas almas do purgatório!

* * *

Dia virá, cristão, e talvez não ande longe, que lá te encontrarás a arder, a sofrer e a penar! O prudente, o sábio se prepara. Mas que melhor preparação para ti do que orar pelas almas do purgatório? E como o poderás fazer melhor, do que assistindo e mandando assistir às santas Missas em intenção delas? Melhor ainda farás mandando rezar santas Missas para que os seus frutos possam ser aplicados em primeira intenção pelas santas almas do purgatório. Se há alma que lhe ficará eternamente grata, esta será, sem dúvida, a que tu livraste dos tormentos indizíveis do purgatório.

Ou não sabes que é doutrina aceita pela maior parte dos teólogos que, se a alma no purgatório não pode impetrar para si, pode impetrar para ti? Oh, entra, entra neste doce e salutar contrato e reza!

A 5ª ORAÇÃO DEPOIS DA CONSAGRAÇÃO:

“Tambem a nós, pecadores...”

Esta é uma das mais lindas orações, em que a modéstia e a humildade se salientam em todo o seu esplendor cristão.

E na verdade; acabamos de rezar pelas almas atormentadas do purgatório; mas como os seus horrores nos espantam e nos confessamos réus de

tantas e tantas faltas, pecados veniais e, quiçá, também mortais confessados, mas não de todo expiados, não acabamos aquí, e sim assaltamos a Deus para lhe extorquir a grande mercê em nosso favor, a mercê de ficarmos inteiramente livres das chamas do purgatório assim que no dia, em que formos chamados desta para a outra vida, nos queira admitir imediatamente na companhia de seus santos apóstolos e mártires.

Confessamo-nos pecadores, e é por isso que, ao impetrarmos tão seleta mercê, não alegamos os nossos merecimentos, mas sim os de nosso Senhor Jesus Cristo. E' justamente nisso que se manifesta a nossa humildade. Rezando, por conseguinte, esta oração com os sentimentos em que está inspirada, não podemos deixar de esperar o perfeito deferimento da nossa petição; porquanto Deus não despreza um coração contrito e humilde.

* * *

O autor desta bela e comovente oração é o papa Símaco (498-514). E' a ele ao menos que se deve atribuir o figurar ela na liturgia da santa Missa. No mais é certo que este papa foi um grande venerador dos mártires.

E' bem interessante chamar aquí a atenção para a enumeração dos santos citados e para a classe dos mesmos. São a continuação do elenco dos santos enumerados na 3ª oração antes da Consagração; mas o que mais nos interessa é serem enumerados com certa ordem.

Que sejam só mártires os enumerados não admira, pois, nos primeiros séculos, a Igreja não incluía na santa Missa a classe de santos confessores. Só a Virgem abriu nisto exceção porque, embora não mártir no sentido próprio da palavra, o é de certo modo como quem participou do martírio do

Filho, Jesus, donde a invocação de "Rainha dos mártires".

Ocorre na oração uma gloriosa falange de quatorze mártires da fé: sete homens e sete mulheres, que são assim distribuídos: um diácono, santo Estevão; um apóstolo, são Matias; um discípulo, são Barnabé; um bispo, santo Inácio; um papa, santo Alexandre; um sacerdote, são Marcelino; um exorcista, são Pedro, — das sete mulheres: esposas, santa Perpétua e santa Felicidade; virgens, santa Ágata, santa Lúcia, santa Inez, santa Cecília e santa Anastásia. (N. B. Parece que foi o papa são Gregório Magno que acrescentou os nomes destas virgens). Que formosa e rica coroa em torno da sagrada mesa!

* * *

Há aqui uma única rubrica que reclama explicação.

Ao proferir as palavras: "Tambem a nós pecadores", o celebrante levanta a voz de maneira que possa ser ouvido pelos fiéis.

E' a única vez em todo o "Canon Missæ" que faz ouvir a sua voz para logo depois silenciar novamente. E por que isto? No antigo "Sacramentário Romano" da Abadia de Bec, se lê: "Quando os subdiáconos, que continuaram prostrados atrás do altar desde o "Sanctus", perceberem o "Tambem a nós pecadores", erguerão a fronte e irão a preparar os vasos (cálices)". Colhe-se disso que a voz alta nesta altura só servia de sinal. Hoje, porém, que não se conhece semelhante cerimônia, deve-se encontrar outro motivo mais plausível; e achamo-lo nisto, que o celebrante quer chamar a atenção dos fiéis, incitando-os mais uma vez à contrição, como se fôra o "Confiteor", donde o acompanhar as palavras inteligíveis com uma batida de mão no peito.

* * *

Senhor, vinde, vinde por Cristo com a vossa graça também a mim! Pai, suspiro por vós; e aguardo a satisfação dos meus anseios, “da multidão das vossas misericórdias”. Invoco-vos também a vós, ó apóstolos, mártires e santas virgens, em meu auxílio! Amen.

A 6ª ORAÇÃO DEPOIS DA CONSAGRAÇÃO:

“Por quem, Senhor, produzís...”

E’ quasi certo que entre esta e a oração precedente se recitava uma prece para obter bens terrestres: trigo, vinho, óleo, etc.

Admitido isto, comprehendê-se facilmente esta VI oração, compreende-se o que sejam estes bens, que o sacerdote quer ver criados, santificados, vivificados, abençoados e concedidos aos homens, por Deus. Sabemos outrossim que a IV e a V oração, postas depois da Consagração, estavam, antigamente, antes; ora, na colocação atual levam-nos a crer, com o P. Paulo Cagin, que a 6ª oração, de que nos vamos ocupando, formava a conclusão do “Canon Missæ” e que seguia, conseguintemente, à terceira oração, onde se faz a comemoração das “ofertas”, qualificadas na nossa oração com o substantivo “bens”.

Desta explicação, que nos parece mais óbvia, pode-se concluir, tão bem como daquela outra, o uso de benzer alimentos, em certos dias, nesta parte da santa Missa, sem que se deva forjar nova fórmula de prece.

Sabemos o costume antigo de os fiéis collocarem sobre o altar as ofertas de pão e vinho; ora, nem todas as ofertas eram de pão e vinho; outras havia que se destinavam a receber uma simples benção sacerdotal; mas eram ofertas, e, como tais, eram recomendadas à benção divina. Que mais na-

tural que o celebrante impetrasse a benção de Deus para estas ofertas, que deveriam servir ao corpo. depois de a ter pedido para as ofertas do pão e vinho, que deveriam servir à alma?

Dirimida esta dificuldade, uma palavra nos resta por dizer a propósito desta benção que antigamente se dava aos produtos, durante a Missa.

* * *

O costume de lançar a benção sobre os alimentos em certos dias do ano e nesta parte da Missa, subsistiu por largo tempo. Benzia-se no sábado santo uma compota de leite e mel para os catecúmenos; na festa de Páscoa, um cordeiro; no dia da ascensão, os novos cereais; no dia de são Sixto, as primícias da uva; na quinta-feira santa, o óleo da extrema unção, como é ainda hoje costume.

O cardinal Bona observa a este respeito: “Tal era o sentir dos nossos maiores, que quiseram ver realizadas todas as benções, todas as funções sagradas e eclesiásticas, todas as ministrações dos sacramentos, durante o santo Sacrificio; é que compreendiam ser a santa Eucaristia o complemento e a perfeição de todas as demais benções. Acreditavam que, se se tratava de concluir um tratado, de fazer uma reconciliação, de oferecer qualquer dívida ao Senhor, de excomungar um hereje, de anunciar as festas dos santos ou outras solenidades, de impôr jejuns, se se precisava recitar ladainhas, reconciliar penitentes, ordenar clérigos, consagrar bispos e reis, conferir a crisma, se devia efetuar tudo sob a proteção da Eucaristia: acreditavam que, sem o santo Sacrificio, não se podia fazer e executar nada que valesse”.

“Não tardou, porém, que aos poucos fossem avançando a tibieza e a ignávia, que acabaram de separar muitos desses ritos da santa Missa, com o

pretexto que, do contrário, se prolongaria demais o Sacrifício. Chegou-se até a querer a comunhão depois da santa Missa, vindo isto a lançar grande confusão nos ritos eclesiásticos; porquanto as orações que diz o celebrante depois da comunhão são próprias para os fiéis comungantes”.

Mau grado esta tibieza, alguns ritos se fazem, ainda hoje em dia, só na santa Missa, como sejam a ordenação dos clérigos, a consagração dos bispos, a benção dos abades e abadessas, a consagração das virgens e a dos reis, a profissão monástica, a benção nupcial e, enfim, a consagração do crisma e do óleo santo na quinta-feira santa.

* * *

Chegados a este ponto, há uma boa série de rubricas, que o sacerdote deve cumprir, enquanto pronuncia as palavras: “Por ele, com ele, nele, a vós, ó Deus, Padre onipotente, em unidade do Espírito Santo, toda honra e glória”.

* * *

A oração tem evidentemente sua origem do texto de são Paulo: “Ex ipso et per ipsum et in ipso sunt omnia, ipsi gloria, in sæcula” (Rom 15, 36). Por meio de Jesus, verdadeiro mediador entre Deus e os homens; com Jesus, igual a seu Pai; em Jesus, consubstancial a seu Pai, este Pai onipotente é honrado e glorificado sempre. O Espírito Santo, inseparável dum e doutro, coopera nesta divina ação.

* * *

E qual poderá ter sido a origem dos cinco sinais da cruz que ocorrem nesta parte da oração? Consta certamente que antes do século XI não estavam em uso as cinco cruzinhas.

Originaram-se do fato seguinte: Havia antigamente, e já o notamos atrás, o uso de se fazer a

elevação das sagradas espécies justamente aqui, para indicar, aos que quisessem comungar, que se preparassem. A elevação fazia-se com o cálice e a hóstia simultaneamente, pousando a hóstia na orla da boca do cálice. Esta cerimônia se guardou por muito tempo; mas aos poucos introduziu-se o costume de levar a hóstia de uma à outra orla, por tres vezes, cada vez que se dizia “Por ele, com ele, nele”; donde resultou naturalmente, ao depois, a idéa de se traçarem tres sinais da cruz; e isto ficou até aos nossos dias, mas com a diferença de que não se deve tocar a orla do cálice com a hóstia e nem com o cálice à mostra ao povo.

Isto pelo que diz respeito aos tres primeiros sinais. Quanto aos dois seguintes no “Deus Padre † onipotente” e “Espírito † Santo”, que são feitos atualmente entre o celebrante e o cálice com a hóstia, em honra do Pai e do Espírito Santo, faziam-se antigamente, em honra do Pai, em cima do cálice, mas fora dele; e em honra do Espírito Santo, ao pé do cálice, querendo expressar com isso a sublime economia da redenção do gênero humano, e a processão das tres Pessoas.

Semelhante disposição das tres Pessoas divinas podemos ver em muitos quadros e santinhos em que o Padre eterno, no alto, sustenta o Filho crucificado, e, ao pé deste, o Espírito Santo em forma de pomba. Que sublime significação não encerram todos estes sinais!

* * *

Resta a última rubrica, cuja explicação é de alguma importância. Feitos os sinais da cruz, o celebrante levanta um tantinho o cálice com a hóstia entre os dedos, pronunciando as palavras: “toda honra e glória”, para em seguida depor o cálice e a hóstia no corporal; ajoelha, levanta e canta:

“Por todos os séculos dos séculos”. A que responde o acólito ou o côro: “Amen”.

Antes do século XII, a rubrica mandava que o arcediogo levantasse o cálice e a hóstia, enquanto o celebrante tocava aquele de um lado e a esta do outro, ao menos durante a época em que se encostara a hóstia na borda da boca do cálice. Depois que com ela se faziam as cruces, o arcediogo deixou de intervir. Mantinha-se nesta posição levantada até findar a fórmula toda, isto é, depois do “Por todos os séculos dos séculos”.

* * *

O sacerdote, acabada a 6ª oração, sempre em voz submissa, rompe de súbito o silêncio, entoando o “Per omnia sæcula sæculorum”, ao que responde o côro em peso: Amen.

E’ este o final da sublime súplica eucarística. Isto compendia, em sua breve fórmula, o fim do sacrificio que acaba de ser oferecido: agradecer a Deus tres vezes santo, pela sua grande glória, pela que possui em si mesmo; pela que manifestam as suas obras, e particularmente a obra do Verbo Incarnado Redentor, pelos seus merecimentos, adquiridos e applicados aos homens: a salvação do gênero humano operada por Jesus Cristo, com Jesus Cristo e em Jesus Cristo, canta toda a honra e glória ao Senhor.

Note-se que o uso de separar esta conclusão do que lhe precede não é senão do século XVI, prescrito definitivamente pelo papa são Pio V; porque antes, como já notamos, esta era pronunciada quando ainda o celebrante conservava o cálice e a hóstia levantados, o que ainda observam os cartuxos.

O “Amen” que remata esta soleníssima oração do “Canon Missæ” é quiçá o mais solene que possui a liturgia romana. E’ a única palavra que em todo o “Canon” introduz o povo na grande oração. E’

o ato de fé por excelência no mistério da grande ação agora finda.

S. Justino no século II, são Dionísio no III, santo Agostinho e santo Ambrósio exaltam inebriados de júbilo a exclamação grandiosa de “todo este povo presente”.

Cantemos o nosso “Amen”, o “Assim seja”, como verdadeiros sacerdotes e hóstias de Deus!

* * *

Com que sublimes e consoladoras verdades temos topado nesta oração! Consolador é saber que temos o nosso Deus tão perto de nós; o Deus hóstia e o Deus sacramento, o Deus que satisfaz por nós e o Deus que se dá em alimento a nós; o Deus que tudo pode e que a todos ama; o Deus que cria todos os bens por meio de Cristo, que no-los mereceu; o Deus que santifica todos os bens, elevando-os acima do material e impuro, purificando-os no fogo do amor trazido à terra por Jesus; o Deus que tudo vivifica com a vida da sua vida, que visita por meio do Filho a terra morta e a ressuscita” — “visitasti terram et inebriasti eam”; — o Deus que abençoa os amados de Jesus e os recebe em sua graça e amizade, em sua filiação divina em vista dos merecimentos de Jesus, o Deus, finalmente, que nos recebe a oferta em expiação, em reparação e em redenção dos homens de boa vontade.

* * *

Ah, como reprimir este grito: “A vós, ó Deus, toda honra e glória?” Como ficar frio e insensível na ocasião da oferta deste “Pão da vida eterna e deste cálice da salvação perpétua?”

Como continuar pecadores e impuros no momento da recepção da sagrada comunhão? Eis aquí, o santo dos santos, que está destinado para os santos!

Como não convocar todas as criaturas visíveis e invisíveis a se unirem comigo, e em voz uníssona

prorrromper neste: "A vós, ó Deus, toda honra e glória?!"

Como não fazer e ser tudo isto, quando a santa Missa entoa seu cântico final, porque acabada em sua essência?

Acabada, sim, porque a obra da redenção acabou de ser renovada; e os santos do céu prostraram-se diante do divino Cordeiro, rejubilam na presença do preciosíssimo sangue, que é a causa de sua bem-aventurança; as almas do purgatório, senão de todo livres das penas, bem prontas estarão a serem dentro em breve libertadas delas; o sangue de Cristo refrigera-lhes as dores, e a muitas, purificadas já, levou sem dúvida à pátria da luz e da paz; a Igreja militante, finalmente, ficou mais e mais purificada e corroborada pelo imenso benefício da graça do perdão e pela doação de infinitos bens espirituais e corporais.

E como deixaria isto de ser título de honra e glória para o Pai?

* * *

Ó Deus uno e trino, como vos poderemos, pobres mortais, agradecer tamanhos favores?

Bem o sabemos que assim como não vos podemos satisfazer devidamente pelas ofensas, assim não podemos agradecer pelos benefícios; por isso, como Cristo, vosso Filho, se dignou satisfazer por nós pelas ofensas, não deixará de agradecer por nós pelos benefícios.

Eia, pois, Pai, por Cristo, vosso Filho, recebei, em agradecimento e em expiação, este corpo e sangue imaculado; com Cristo vos dirigimos o sacrificio de agradecimento e expiação; e em Cristo permití que fiquemos, cresçamos e morramos neste mundo para vivermos no outro em paz e felicidade.

A vós, Pai, a vós, Filho, e a vós, Espírito Santo, honra e glória sempiterna!

A estrutura interna da santa Missa

VI PARTE

O BANQUETE SACRIFICIAL

A tercelra parte principal

O Pai nos dá, em troca, das nossas dádivas, seu Filho na sagrada comunhão; e assim se realiza o que são Paulo ensina: Nós estamos em Deus e Deus está em nós.

A estrutura externa da santa Missa

VI PARTE

O BANQUETE SACRIFICIAL

A tercelra parte principal

Orações com o mais

- 1. Idéa geral. — 2. O “Pater noster”. — 3. O “libera nos”. — 4. O “Agnus Dei”. — 5. A oração que precede ao beijo-amplexo da paz. — 6. Mais duas preces antes da comunhão. — 7. A comunhão: 1° A comunhão do sacerdote; — 2° A comunhão dos fiéis.**

1. Idéa geral

Agradecidos e reconhecidos pelo que o Pai eterno nos fez, passamos a ver de como o Pai nos dá seu Filho na santa comunhão; e de como nós estamos em Deus e Deus em nós.

E' este o assunto desta VI Parte da santa Missa, que se resume nestas palavras evangélicas: "Partiu o pão e deu-o aos seus discípulos, dizendo: tomai e comei dele todos".

E' a Parte em que a criatura faz a troca do amor com o Criador. E' a Parte em que ocorrem as preces preparatórias e as preces de agradecimento por ela.

A hora da ceia se avizinha; caminhamos para a mesa de Deus. Avancemos, pois, unidos na caridade cristã, sem o que não poderemos prelibar o "Sacramento da unidade cristã".

Oh! a caridade! a unidade! Atendamos a estas duas coisas no decurso da exposição, porque são o "principium movens" de tudo o que segue.

2. O "Pater noster"

Se nos guiássemos pelo "Missal romano", estaríamos tentados a dizer que ainda não se deu a interrupção do "Canon Missæ", porquanto deixamos dito que o "Canon Missæ" se denomina Canon, precisamente porque é constituído de orações, fórmulas e rubricas regularmente inalteráveis. Ora, ao observador superficial poderia parecer que isto se passa nesta VI Parte, isto é, que as preces e rubricas sejam imutáveis em todas as Missas; mas o caso é outro.

Antes de tudo, as ditas preces e rubricas sofrem de fato alterações, e além disto, se bem se considera, a "grande oração" consagradora do "Canon Missæ" está finda.

O que segue, portanto, é uma ação à parte e peculiar, tanto assim que os teólogos a consideram apenas como parte "integral" do Sacrifício da Missa. Isto posto, prossigamos no nosso caminho.

* * *

Deixamos interrompido o andamento da santa Missa, no "Canon Missæ" com o "Omnis honor et gloria" — toda honra e glória — e com a explicação do final solene. "Por todos os séculos dos séculos", ao que o povo respondeu: "Assim seja", ratificando assim o "Canon" e tudo o que o sacerdote disse e fez.

O celebrante ajunta as mãos e prossegue cantando:

"Oremos: Instruidos com os salutareis preceitos e formados nas lições divinas, ousamos dizer:

Padre nosso que estais nos céus; santificado seja o vosso nome; venha a nós o vosso reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu; e pão nosso de cada dia nos dai hoje; e perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; e não nos deixeis cair em tentação". E os cantores respondem: "Mas livrai-nos do mal".

* * *

Como todos sabem, o autor do "Pater noster" é o próprio Jesus Cristo (Mt 6, 9). A inclusão desta prece divina na santa Missa, segundo são Jerônimo, foi ordenada por Jesus mesmo. Tem esta asserção em seu favor o testemunho de todos os santos Padres que precederam a são Gregório Magno. Sto. Agostinho afirma que quasi todas as Igrejas (dioceses), seguindo a ordem de Jesus: "Sic orabitur" — rezareis assim, — recitam no fim da santa Missa o "Pater noster". E, de feito, se consultarmos as liturgias antigas, em todas elas veremos figurar o "Pater noster".

Mas foi só são Gregório Magno que prescreveu se collocasse logo depois do "Canon Missæ". E' este o lugar que lhe convinha.

O costume, porém, de rezar o "Pater noster" em comum, isto é, o sacerdote com o povo, parece ter

sido o predominante antigamente; tanto assim que ainda hoje vigora na Igreja grega. Parece que na Igreja romana estava em uso até ao papa são Gregório Magno; porque a partir desse tempo começou a prevalecer o uso de só o celebrante recitar ou cantar o "Pater noster"; conquanto conste que em muitas regiões só após largos decênios vingou. Assim na França e na Espanha.

Entretanto, nem na Igreja Latina ficou o povo excluído, de todo, de rezar o "Pater noster" na santa Missa; porque ainda hoje subsiste a rubrica que manda ao povo, respetivamente ao acólito, dizer as últimas palavras: — "Mas livrai-nos do mal".

Na liturgia mozarábica o povo responde a cada verso desta maravilhosa oração dominical: — "Amen" — só ao verso "o pão nosso de cada dia nos dai hoje" — ajunta: "Porque sois Deus".

* * *

Em que apreço foi tida esta oração dominical (do Senhor) em todos os tempos, a liturgia o diz. Exponhámo-lo.

A liturgia honra a récita do "Pater noster" com a prefaçãozinha: "Exortados com os salutarees preceitos e instruídos nas lições divinas, ousamos dizer:..."

E' fórmula que nos vem dos tempos mais remotos. A esta alude são Cipriano (século III); e dela nos fala explicitamente são Jerônimo; e se encontra, posto que expressa em outras formas, em todas as liturgias.

De composição diversa é ela nas liturgias ambrosiana, galicana, mozarábica e maronítica; esta última é tão diversa que há para cada dia outra. (N. B. Este fato já é contra os que cuidam ser esta VI Parte a continuação do "Canon Missæ", só porque no Missal romano assim o deixa supor; pois

nem sempre houve e nem há fórmula fixa da prefaçãozinha).

Se, portanto, lemos na prefaçãozinha “ousamos dizer”, é quanto basta para formarmos uma idéa do apreço em que era tida a oração.

Não menos concorre o lugar em que foi posto o “Pater noster” na santa Missa, para concebermos o grande apreço e respeito que lhe votaram sempre os maiores.

Por dupla razão foi o “Pater noster” inserido por são Gregório neste lugar da Missa.

Primeiro, por sua origem divina. Merecia ser posto em relevo; mas onde se poderia obter isto melhor do que depois do “Canon Missæ”? Não vimos que o “Canon” é a mais digna e a mais solene das orações litúrgicas? Que pensamento grandioso, inspirado, pois, o de são Gregório, que quis o “Pater noster” logo depois desta oração, para com ele apoiá-la, confirmá-la, engrandecê-la, e, em certo modo, santificá-la!

Depois por seu conteúdo. Tais e tão evangélicos são os pensamentos do “Pater noster” que nenhuma outra oração poderia dispor o Pai, tão eficazmente, a ouvir e a deferir as nossas petições.

E, na verdade, como deixaria o Pai de nos ser propício e de nos escutar com benevolência, quando lhe dirigimos a prece aprendida do Filho, depois de lhe haveremos comemorado a dolorosa paixão?

Não é no “Pater noster” que ressalta toda a lei moral evangélica? Não é isto mesmo que viu Tertuliano, quando qualificou o “Pater noster” de — *Breviarium totius evangelii*? — O compêndio de todo o evangelho? Mas, visto que o Evangelho é a doutrina da caridade, mais que em nenhum outro lugar, se mostra nesta parte da Missa, por ser a da comunhão, a da entrega recíproca do homem a Deus e de Deus ao homem, que outra oração te-

ria quadrado melhor aqui do que o "Pater noster"? Não é nele que se pede: "Perdoai-nos as nossas dívidas (pecados) assim como nós perdoamos aos nossos devedores" (aos que nos ofenderam)? Não podia a Igreja, em seu vigário, o papa são Gregório, escolher melhor lugar para o "Pater noster" do que este.

Outros fatos litúrgicos efetuados durante a recitação do "Pater noster" fazem salientar a estima e a santidade desta oração dominical.

Antigamente era a preparação para a santa comunhão feita durante o "Pater noster". Enquanto era ele formulado, vinham se aproximando os comungantes. Para notificar ao público que se tratava da "Comunhão", punha-se o subdiácono no último degrau do altar, de patena levantada.

Outro fato particular de Lião e Viena, é que o celebrante levantava bem alto a santa hóstia ao proferir o verso: "Assim no céu como na terra". O fim era indicar que estas espécies vinham do céu; e as tornava a pôr sobre o altar dizendo "terra", afim de designar que desciam para cá com o fim de tornarem-se alimento dos homens.

Mais. As palavras "Perdoai-nos", batia no peito para confessar-se pecador e pedir perdão a Deus. Dí-lo santo Agostinho em uma de suas prédicas. Confirmam-no alguns Missais. Era o momento de confundir-se diante de Deus, visto que se ia avizinhar do santo dos santos.

Por tudo isto, devemos concluir que a oração dominical, já em si divina, se torna ainda mais divinamente grande e sublime quando recitada ou cantada no santo sacrifício da Missa. Não é por nada que o grande santo Agostinho, acostumado a penetrar até ao fundo das coisas, afirma que o "Pater noster" tem, sobretudo durante a santa Missa, o poder de perdoar os pecados veniais.

Que admira que os santos ascetas, escritores e doutores tenham dado do “Pater noster” explicações tão profundas e tão amplas?!

Sentimo-nos impelidos a reproduzi-las aqui; mas os limites a que se circunscrevem estes apontamentos no-lo vedam.

* * *

Cristão, clérigo ou sacerdote, o que te posso aconselhar aqui é que, se ainda não te resolveste a apreciar, a estimar e a amar o “Pater noster” do que dele deixamos dito, então, atira-te ao estudo e à contemplação demorada dele em tuas meditações quotidianas, e sirva-te de guia a obra magistral de De Ponte.

3. O “Libera nos”

Prossigamos. Ao “mas livrai-nos do mal” do povo, o sacerdote acrescenta, em voz baixa “Amen”; e continua rezando: “Livrai-nos, Senhor, vos pedimos, de todos os males passados, presentes e futuros; e pela intercessão da bem-aventurada e gloriosa sempre Virgem Maria, Mãe de Deus; e dos bem-aventurados vossos apóstolos Pedro e Paulo e André e de todos os santos, dai-nos propício a paz em nossos dias, para que, ajudados com o auxílio da vossa misericórdia, sejamos sempre livres do pecado e seguros de toda perturbação. Pelo mesmo nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que convosco vive e reina em unidade do Espírito Santo Deus. Por todos os séculos dos séculos.

Responde o povo, respetivamente o acólito: “Amen”.

Torna o sacerdote: “A paz do Senhor seja sempre convosco”.

A resposta do povo: “E com o vosso espírito”.

* * *

Para não acumular as rubricas, que são aqui muitas, desviemo-nos um tanto do nosso plano traçado, como já, por outro motivo, nos apartamos dele na exposição do "Canon Missæ".

Neste "Libera nos" há duas partes, que é mister distinguir para evitar confusão: a primeira vai até "... seguros de toda perturbação"; a segunda, o resto.

A primeira parte.

Quando o celebrante vai para o fim com a récita ou canto do "Pater noster", o subdiácono, que deixamos desde o começo do "Sanctus" ao pé do altar, com a patena envolta nas extremidades do véu e alçada à altura dos olhos, sobe ao altar, e põe-se ao lado do diácono; este lhe toma a patena, que, por seu turno, depois de purificada, entrega ao celebrante; este a toma com a mão direita entre os dedos indicador e médio, conservando-a em pé sobre o altar, enquanto formula o "Libera nos" até "... de todos os santos". Aquí o celebrante se persigna com a patena, beija-a e coloca nela a sagrada hóstia, que até este momento estava sobre o corporal.

* * *

Do tempo da composição desta paráfrase ao "mas livrai-nos do mal", só sabemos que figura nos mais antigos "Sacramentários", particularmente no "Gelasiano" e nos "Ordines Romani", que são dos primeiros séculos da Idade Média.

E' oração fixa no Missal Romano, desde quasi o começo, mas variada nas liturgias galicana e visigoda.

E' oração que qualificamos de paráfrase, porque não passa de uma interpretação, de um desenvolvimento e de um simbolismo no dizer dos liturgistas, do último verso do "Pater noster": "mas li-

vrai-nos do mal". De fato, o que no "Libera nos" se pede é a preservação de todos os males passados, presentes, futuros, males da alma, particularmente dos pecados; é a concessão da paz, dessa paz que vem do alto e que é para esta vida.

Parece estranho que nesta paráfrase se invoque, além dos apóstolos Pedro e Paulo, o irmão de Pedro, santo André; mas a história nos dá a explicação. Como sabemos, era permitido primitivamente, segundo os "Ordines Romani", ajuntar a enunciação de quantos santos se quisesse; e são Gregório, a quem coube fixar a fórmula, conservou no "Libera nos" o nome de santo André, já por ser irmão de são Pedro, já por ser seu especial Protetor, em cuja honra ergueu um mosteiro no monte Célio.

* * *

Mas como se explica nesta paráfrase o sinal da cruz com a patena e o beijo que se lhe dá?

O sinal da cruz com a patena tem também sua explicação na história; porquanto é provável que estava em uso a rubrica de fazer o sinal da cruz ao se pronunciar a fórmula clássica: "Pelo mesmo nosso, etc.". Mas visto que esta fórmula passou a servir para acompanhar a fracção do pão, deve o sinal da cruz preceder para honrar a santíssima Trindade; e como se achou mais natural fazer primeiro o sinal da cruz e dar depois o ósculo, a Igreja fixou-lhes este lugar.

O fato de se usar da patena para se fazer o sinal da cruz é natural, visto que o sacerdote a tem na mão direita desde o começo do "Libera nos".

O caso de se beijar a patena provém daí que esta foi sempre considerada como sinal e instrumento de paz. Que mais natural, portanto, do que dar à patena o ósculo de paz, no momento de se proferir o "dai-nos a paz?"

Igrejas houve que, lembradas do nome que o apóstolo deu a Cristo: “a nossa paz”, prescreveram se tocasse com a patena a hóstia antes de lhe dar o beijo.

A segunda parte.

“**A fracção da hóstia**”. — Beijada a patena e terminada a primeira parte da paráfrase, coloca o sacerdote a hóstia sobre a patena; descobre o cálice; faz a genuflexão; levanta-se; toma a hóstia, e, segurando-a por cima do cálice com ambas as mãos, a divide pelo meio, dizendo: “Pelo mesmo nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho”.

* * *

O celebrante parte a hóstia em duas partes iguais. Esta ação é proveniente do rito judaico, observado na última ceia por Jesus. Jesus consagrou o pão e dividiu-o, distribuindo-o entre os seus discípulos. Estes imitaram-no, pois receberam a esse respeito ordem do próprio Jesus: “Fazei isto em memória de mim”. Daí é que se lê nos Atos dos Apóstolos, que todos os domingos se congregavam estes e os fiéis para repartir a Eucaristia e dela se alimentarem. E foi este rito tão religiosamente guardado e praticado na Igreja primitiva que veio a se chamar “a fracção do pão”.

Mas não tardou vir o tempo de se querer ver um sentido místico no rito.

E’ de fé que Jesus está todo inteiro na hóstia e todo em cada parte em que esta seja dividida; por isso uns místicos compraziam-se em contemplar neste pão dividido o corpo de Jesus atassalhado (metafóricamente) dos sofrimentos causados pelos nossos pecados; outros viam um simbolismo mais místico, se assim podemos dizer, donde o dividirem já em quatro, como os da Igreja Oriental;

já em nove, como os da liturgia mozarábica, que assim dispunha para recordar os nove diferentes estados de Jesus Cristo (a encarnação, natividade, circuncisão, transfiguração, paixão, morte, ressurreição, glória e reino).

* * *

O celebrante não só divide a hóstia em duas partes, mas separa uma partezinha da metade da hóstia, que segura na mão esquerda, depois de ter posto a outra metade, que tinha na mão direita, sobre a patena. Enquanto exerce esta cerimônia, pronuncia esta oração: "Que convosco vive e reina em unidade do Espírito Santo Deus". O celebrante, enquanto diz as últimas palavras "em unidade...", deposita sobre a patena a outra metade da hóstia de que desprende o cantinho; e, pegando o cálice por baixo da copa, com a mão esquerda e com a direita a particulazinha por cima da boca do cálice, canta: "Por todos os séculos dos séculos".

Depois de ter ouvido o "Amen" do côro, prossegue, traçando tres vezes o sinal da cruz, com a particulazinha sobre o cálice, e cantando: "A paz † do Senhor seja † convos†co". Ao que responde o côro: "E com o vosso espírito".

Deixa então cair a particulazinha da hóstia no cálice, dizendo: "que esta união e consagração do corpo e sangue de nosso Senhor, Jesus Cristo, nos sirva para a vida eterna. Amen".

* * *

Em torno do dito, há dois pontos que merecem a nossa especial atenção por seu valor histórico, doutrinário e místico, que se resumem em duas palavras: "A paz..." e "A união"; ou seja: "O amplexo litúrgico" e "A mistura da particulazinha com o sangue de Cristo no cálice".

Consta historicamente que todas as rubricas hoje em vigor, nas fórmulas acima transcritas, existiram sempre; mas não sempre executadas no lugar e nas fórmulas atuais do Missal romano. Assim as tres cruces feitas na fórmula: "A paz † do Senhor, etc.", eram feitas antigamente, segundo se lê no "Ordo Romanus", na fórmula: "Esta união, etc."; quando se pronunciavam as tres palavras: "consagração (= benção) do corpo e sangue".

Da mesma forma o rito da fracção do pão era antigamente precedido do ósculo da paz. O ósculo dava-se pronunciando a fórmula: "A paz do Senhor seja sempre convosco". Já vimos que hoje temos nisso um processo de todo oposto. Mas que foi que transtornou assim a ordem? Um fato muito digno de nota.

Vigorava antigamente o costume, em Roma, de se consagrar uma hóstia, que se guardava para a adoração do Pontífice no dia seguinte. Era ela exposta sobre o altar antes do "Introitus". O Pontífice, que a devia consumir, deitava-a no cálice, proferindo a fórmula: "A paz do Senhor seja convosco", acompanhando-a com as tres cruces. Está claro que, operando isto nesta parte, houve de passar a fracção da hóstia para outro lugar, isto é, para o momento da comunhão. Quando, porém, ficou abolido o primeiro costume, passou o segundo ao lugar dele; e fez-se a fracção da hóstia antes de se dar o ósculo da paz.

Dissemos que ao deitar o papa a hóstia no cálice dizia: "A paz do Senhor, etc.". Ora, era o momento em que o arcebispo devia dar o ósculo da paz ao primeiro bispo, este por sua vez ao seguinte, e assim sucessivamente pela ordem, até chegar ao povo (os homens entre si e as mulheres entre si).

Observam alguns "Sacramentários" que logo depois de "A paz do Senhor" beijava o sacerdote o altar e a patena para buscar a paz e dá-la.

Quanto à "União" ou mistura da particulazinha com o sangue de Cristo no cálice, temos a observar o seguinte: "Se a liturgia romana, sempre mais sóbria no misticismo do que a oriental, não quis ver na fracção do pão outra coisa do que o primitivo valor, isto é, o da divisão do pão para se distribuir entre os fiéis; tratando-se da mistura da particulazinha com o sangue de Cristo, deu-lhe uma mística e profunda significação. Ouçamos antes algo da origem desta rubrica; depois do seu sentido místico.

Para que se diga já: a origem anda envolta em um véu escuro. Tentemos removê-lo quanto possível.

E' fato notório que nos primeiros séculos comungavam todos os fiéis debaixo das duas espécies; ora, devido à grande massa de comungantes, era frequente o caso de virem a faltar as espécies sagradas do vinho, isto é, o sangue puríssimo de Cristo. Conveio-se, por isso, em que se deitasse no cálice vinho não consagrado, à medida que o consagrado ia diminuindo. Mas, e aquí bate o ponto, com o vinho se punha uma partícula de hóstia consagrada para com ela consagrar de qualquer modo o vinho (não se trata evidentemente de transubstanciação do vinho).

Cuida-se, portanto, poder admitir, sem medo de errar, que é esta a origem do rito da mistura da particulazinha com o sangue de Cristo.

Ademais confirma-nos nesta fé o fato de que, assim em Roma como na França, reinava no tempo de são Gregório Magno o uso de todos os fiéis comungarem na sexta-feira santa; e doutro lado consta como certo que nesse dia não se consagrava, isto é, não se dizia Missa.

Mas que comunhão era essa?

Muito simples. Consagrava-se na quinta-feira santa a hóstia como se faz hoje, e guardava-se para o dia seguinte; e como não havia vinho consagrado na véspera, ordenava-se, como reza o mandato do Concílio de Orange, que se fizesse a mistura da Eucaristia com o vinho — *Calix admixtione Eucharistiæ consecrandus* (Can. 17). E não é isto mesmo que faz hoje o sacerdote na sexta-feira santa? Não deita ele também a partículazinha da hóstia consagrada no vinho não consagrado?

Posto que a prova não seja perentória, é todavia tão persuasiva que, na falta de melhor, podemos concluir ser daqui o rito da mistura da partículazinha com o sangue de Cristo; e isto tanto mais por ser a Igreja tão ciosa na conservação dos usos antigos adotados ora nesta, ora naquela parte da Missa, donde provém, não raro, a obscuridade de diversos ritos.

* * *

Do dito descobrimos duas misturas de hóstias consagradas em vinho consagrado e de hóstias consagradas em vinho não consagrado.

A primeira mistura de hóstias consagradas em vinho consagrado sobreviveu, é o que se faz em todas as santas Missas, deitando no cálice uma part das tres em que foi dividida a hóstia; desapareceu a que se fazia com a hóstia consagrada na véspera para ser adorada e consumida pelo **Pontífice** no dia seguinte.

A segunda mistura de hóstias consagradas em vinho não consagrado sobreviveu só para as funções religiosas e litúrgicas da sexta-feira santa.

* * *

Qual o sentido místico ou teológico desta mistura? Querem alguns autores ver nela uma consagração recíproca do corpo e sangue de Cristo.

Outros pretendem poder sustentar que a mistura e a consagração das duas espécies exprimem a idéa: "Que o corpo e o sangue de nosso Senhor Jesus Cristo misturados e consagrados (= abençoados) contribuam para o aproveitamento espiritual de todos que os recebemos". Em conclusão parece que uns e outros querem dizer o que ensina a teologia. Ouçamos brevemente a explicação.

Os teólogos com os célebres liturgistas vêem na reunião do corpo e sangue do Senhor o símbolo da sua ressurreição gloriosa. E na verdade, que outra coisa se dá na santa Missa pela "Consagração", senão a realização do ato essencial do sacrifício? Mas em que consiste o ato essencial do sacrifício? Na alteração da vítima.

Ora bem, não é isto que temos pela consagração das duas espécies em separado? A morte se faz com a separação do corpo e do sangue. Eis aquí o que se dá com a consagração: Cristo é nela figurado como a vítima que morre; digo, figurado, porque a morte de Cristo é aquí somente mística não real; assim que fica de pé a verdade dogmática e definida pelo Concílio Tridentino, que o corpo de Cristo na Eucaristia não pode subsistir sem o sangue e sem o corpo.

A consagração, portanto, do pão e vinho em separado, diz morte, e a sua união diz vida, diz ressurreição.

O rito, portanto, da mistura da partículazinha com o vinho consagrado diz ou figura a ressurreição, a vida gloriosa de Cristo. A espécie do pão assimilando a do vinho, e vice-versa, ensina-nos a unidade do corpo e do sangue no corpo vivo e glorioso de Jesus Cristo.

E por que não nos será também permitido ver nesta fusão das duas espécies a expressão da unidade eclesiástica? Por que haveríamos de excluir

este consolador e corroborante simbolismo? Poderíamos encontrar um simbolismo mais expressivo do que esta mistura e fusão íntima das espécies eucarísticas, para a unidade da Igreja? Não é aqui que a Igreja quer ensinar-nos de como devemos realizar a aspiração de Jesus: "Que sejamos todos um"? Que a Igreja possa dizer: "Meu coração e minha alma"?

* * *

"A paz do Senhor seja sempre convosco". Eis aqui o incoercível e ardentíssimo anseio que outra como hoje fez pulsar o coração e latejar o peito da sempre extremosa Mãe, a Igreja católica!

Paz! Ah, a paz do céu! Esta paz que só é possível quando nascida do amor. Este amor, que só é verdadeiro, quando fôr de Cristo.

Amar é fazer reinar a paz. Procure-se o amor e achar-se-á a paz.

* * *

Ó cristãos, quão pouco procuramos o amor, o amor puro, perfeito, divino! E não cessa Jesus, o sumo sacerdote, de pregar o amor: "Amái-vos uns aos outros; sêde um coração e uma alma; cerrai fileira em volta do amor mútuo; carregai recíproamente o peso da vida!" Pois eis que vem Jesus, o amor, que nos deve abrasar.

Possível que na hora em que o sacerdote, de hóstia erguida a gotejar sangue de um Deus, derramado para regar o amor na terra, possa um cristão recusar-se a fazer as pazes com os seus inimigos, que continue com pretenção como estas: "Só se Fulano me paga a dívida! Só se Sicrano me restitue a fama! Só depois de me vingar do Fuão! Só quando desaparecer da face da terra Beltrano!?" Possível? Mas isto seria horripilante.

E todavia quantos cristãos não haverá que se aproximam da sagrada mesa com estes e quiçá peiores pensamentos e rancores!

* * *

Ah, Senhor, dai paz, dai amor, dai graças e dai virtudes à vossa santa esposa, a Igreja! Dai-lhe todo o bem para que sirva para a vida eterna! Livrai-a de todo o mal, pelos merecimentos de vossa sagrada vida e morte e ressurreição gloriosa. Amen!

4. O "Agnus Dei"

Interrompemos o andamento das rubricas, lá onde o celebrante lançou a partezinha da hóstia no cálice e recitou a prece: "que esta união, etc."

No fim desta oração cobre o cálice com a pala; faz a genuflexão; reergue-se; e, inclinado sobre o santíssimo Sacramento, de mãos postas e batendo-se tres vezes no peito, diz com voz inteligivel: "Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós". "Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós". "Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, dai-nos a paz".

Nas Missa de defuntos não se diz: "tende piedade de nós"; mas sim: "Dai-lhes descanso"; e na terceira vez se acrescenta: "sempiterno".

* * *

A origem desta prece é por todos sabida: E' de são João Batista "Eis o Cordeiro de Deus, eis quem tira o pecado do mundo" (Jo 1, 20).

O que a Igreja fez, foi modificá-la na forma que acabamos de ler. E' tão popular, porque do santo Sacrifício passou às ladainhas. Mas, se consultarmos a história, encontramos a fórmula pela primeira vez no "Sacramentário" de são Gregório.

Nem se sabe ao certo se o "Agnus Dei" foi repetido na santa Missa sempre tres ou mais vezes; porque, a concluir dos "Ordines Romani", parece provavel que até ao século XI era repetida até ao fim da fracção do pão, cerimônia que antigamente era assaz longa.

Nem era sempre só o sacerdote que recitava o "Agnus Dei", porque existe uma prescripção do papa Sérgio I (678-701) a qual ordenava que fosse cantado pelo clero e povo; e isto durou até ao século XII, conforme se deduz dos liturgistas do tempo, que nos referem que o "Agnus Dei" era canto reservado à "Schola Cantorum". Só muito depois os bispos recitavam-no no altar com os seus ajudantes.

Nem se creia que o "Agnus Dei" terminava sempre do mesmo modo, que hoje. Nesta parte sofreu modificações, porque até ao século X ou XI os tres "Agnus Dei" acabavam todos com o "Miserere nobis". Só deste tempo em diante é o último "Miserere nobis" substituido pelo "Dona nobis pacem — dai-nos a paz". E porque a Igreja nada faz ou altera sem motivo, parece haver nisso influido, segundo uns, o "ósculo", que, como o notamos, passou, por este tempo, a dar-se nesta parte da Missa; segundo outros, e com eles o papa Inocência III, as desordens então reinantes na Igreja.

Com a introdução do "Dai-nos a paz", foi necessário dar outra fórmula ao "Agnus Dei" das Missas de defuntos; porque nestas não se dá o ósculo da paz. Inventou-se então o "Dona eis requiem" — dai-lhes o descanso — para o primeiro e segundo "Agnus Dei"; e repete-se no terceiro, ajuntando: "sempiterno".

* * *

Se inquirirmos a origem e o motivo da rubrica, que prescreve se bata no peito cada vez que se principia o "Agnus Dei", ou se acaba, encontramos a

origem, segundo o informe de Ivão Carnutense (XI sec.), no fato de que antigamente o sacerdote conservava as tres partes da hóstia na mão, e as contemplava dizendo o "Agnus Dei", e batendo-se, ao pronunciá-lo, tres vezes no peito para honrar as tres partes da hóstia.

O motivo das tres percussões é a dor e compunção, que naturalmente desperta o "Agnus Dei".

Diga-se de passagem que os dominicanos se afastam tambem neste ponto da liturgia romana porque não batem no peito.

* * *

Parece até mania: torna-se a pedir a paz do Senhor, do Cordeiro de Deus. A paz é necessária; mas bem sabe a Igreja que não será possível, sem haver obtido antes o perdão dos pecados. Pede-se por isso ao Cordeiro imaculado o perdão dos pecados, dizendo: "Tende piedade de nós", e bate-se no peito.

Pede-se a paz! E' que a hora da comunhão se vem aproximando cada vez mais. Parece que a Igreja, como Mãe extremosíssima, ande sempre receosa pelos filhos que, porventura, tivessem a deploravel fraqueza de comungar sacrilegamente. Ela os retém; demora-lhes o passo; insta que se purifiquem, que se ponham em amizade com Deus: "Cordeiro de Deus, etc."

* * *

Sim, tende piedade de nós, ó Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo! Perdoai-nos, para que possamos avizinhar-nos e beber da torrente das delícias, e comer do pão da vida e não da morte.

Perdoai-nos, Cordeiro imaculado! Oh! ouví-nos os rogos como foram os das gloriosas falanges daqueles santos que formam coroa em torno de vós lá na mansão da glória!

Perdoai-nos, Cordeiro divino, já que tomastes sobre vós todos os pecados e os expiastes na cruz! Perdoai-nos, Cordeiro de Deus; é a vossa esposa predileta que vo-lo pede!

Perdoai-nos, Cordeiro sem mácula, para que puros nos aproximemos da santa mesa, e formemos convosco um só corpo. Amen.

5. A oração que precede o beijo-amplexo da paz.

Dito o "Agnus Dei", e observadas as rubricas que lhe dizem respeito, o celebrante continua a pôr em execução as rubricas que seguem e a formular a oração que precede o ósculo da paz.

De mãos juntas e descansadas sobre o altar, um tanto inclinado, diz em voz baixa:

"Senhor Jesus Cristo, que dissestes aos vossos apóstolos: a paz vos deixo, minha paz vos dou; não olheis para os meus pecados, mas para a fé da vossa Igreja, e dignai-vos de dar-lhe a paz e união, segundo a vossa vontade, vós, ó Deus, que viveis e reinais por todos os séculos dos séculos. Amen".

O celebrante oscula então o altar e comunica a paz ao diácono, dizendo: "A paz seja contigo"; ao que este responde: "E com o teu espírito".

(N. B. Em Missas de defuntos cai fora tudo isto: tanto a oração como também o ósculo; nas Missas não cantadas cai só o amplexo).

Não queremos enfadar o leitor com novas reflexões ascéticas sobre a idéa da paz; limitamo-nos a lhe fornecer uns dados históricos a que atrás só aludimos, agrupando-os em torno de tres perguntas: 1) O ósculo a quem? 2) O ósculo para que? 3) O ósculo, em que?

1) O ósculo, a quem?

E' de todos sabido que hoje não se dá a paz às pessoas mediante um ósculo, e sim mediante um

amplexo, o amplexo litúrgico, bem diferente do leigo ou civil, como é a todos notório; não assim antigamente: beijavam-se os objetos e as pessoas.



“A paz seja contigo”

Primeiro beijava-se e beija-se o altar. O altar representa Jesus Cristo; é a paz de Deus-Homem,

que o sacerdote recebe beijando o altar. Depois beijava-se, e já não se beija, a hóstia, uso muito em voga em diversas igrejas (dioceses) da França até ao século XIII; em outras igrejas beijava-se o cálice ou o corporal; em outras, o cálice e o corporal sucessivamente; em outras, o cálice e a pala; em outras, finalmente, beijava-se o missal na cruz posta à sua margem. Os dominicanos beijavam e beijam a borda do cálice e o instrumento da paz (osculatórium, tábuazinha) que o diácono^a apresenta ao celebrante, o qual a beija, dizendo: “Pax tibi et Ecclesiæ sanctæ Dei” — paz a ti e à santa Igreja de Deus. Releva transcrever aquí as palavras, que o rito ambrosiano ordena se profiram ao beijar o altar e a cruz do missal: “Paz no céu; paz sobre a terra; paz a todo o povo; paz aos sacerdotes da Igreja; a paz de Cristo e de sua Igreja esteja sempre conosco!”

Subsistiu no rito romano só o beijo que se dá ao altar.

2) O ósculo, para que?

O beijo da paz dado na Missa não é senão o símbolo daquela caridade que deve congregar e abraçar a todos que se acercam da mesa eucarística. Mas que ele vise outros fins, mais ou menos explícitos, consta dos diversos ritos. Assim, por exemplo, os orientais e o rito mozarábico dão o beijo da paz, antes da “Præfatio”. Mesmo em Roma, no século II, e em outros lugares, dava-se antes do “Offeritorium”. Ora, é certo que se visava, com a introdução do beijo nesta parte da Missa, o fim de os fiéis se reconciliarem antes de participar do santo Sacrifício, consoante às palavras do Mestre: “Se o teu irmão tem algo contra ti, deixa a dádiva ao pé do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão” (Mt 5, 24).

Mas, para generalizar o sentido do ósculo da paz, resolveu-se já no século V, ao menos na Igreja Latina, pôr o ósculo da paz lá onde se pronunciava a "Paz do Senhor seja sempre convosco"; e mais tarde a pô-lo depois do "Agnus Dei"; e por fim, depois da oração de que aqui tratamos.

3) O ósculo em que?

Consta historicamente que até ao século XIII o ósculo da paz dava-se nos lábios. São de são Cirilo de Jerusalém as palavras a este respeito: "Este ósculo é uma reconciliação; por isso é santo".

Que são Paulo alude a este ósculo quando manda: "Saudai-vos mutuamente com o ósculo santo", parece fora de dúvida.

E o "osculum caritatis" de são Pedro, não será o mesmo? Mas com o decorrer dos tempos sofrem os tradicionais costumes; e outras modas entram a tomar posse do campo. O ósculo dos lábios foi no século XIII definitivamente eliminado e substituído pelo das faces. Mas mesmo este encontrou seus inconvenientes, e inventaram-se logo após os instrumentos da paz chamados "osculatorium" — a "tábula pacis", o "marmor deosculandum", o "crucifixo" e as "imagens". Estes objetos, depois de beijados pelo sacerdote, passavam a ser beijados pelos mais.

Nem isto pegou; porque os fiéis foram arrefecendo aos poucos na fé, de modo a já não entenderem o símbolo do ósculo da paz. Desta maneira resultou o amplexo atual como sinal litúrgico, que só é efetuado entre os clérigos ou os membros do côro, e isto só em Missas solenes.

Dá o amplexo da paz o celebrante ao diácono, este ao subdiácono, que, por sua vez, o dá ao ceremoniário, e deste passa aos mais.

Quem o dá estende os braços sobre os daquele que o recebe, dizendo: "Pax tecum" — "a paz seja contigo". Ao que responde o outro com leve inclinação de cabeça: "E com o vosso espírito".

Tambem aquí os dominicanos divergem um pouco do ceremoniário comum. Quem leva a paz ao côro pode ser, além do subdiácono, o segundo acólito, que, por si ou por outro cantor, o faz passar por todos os cantores, dizendo: "Pax tibi et Ecclesiæ Sanctæ Dei". — Paz a ti e à santa Igreja de Deus. — Quem o recebe não responde nada.

* * *

Rematemos o assunto, notificando que esta cerimônia, quer executada pelo ósculo, como antigamente, quer pelo amplexo, como hoje, não se realiza em Missas de defuntos e nos tres últimos dias da semana santa.

Nesta oração e rubrica da paz, aparece mais uma vez a insistente admoestação da Igreja aos fiéis de tomarem parte ativa e direta na santa Missa com o sacerdote, sacrificando, como cosacerdotes, a Deus, a vítima divina, unidos todos pelos laços mais estreitos que haver possa: os da paz e caridade mútua.

* * *

"Pai santo", rezou Cristo na última ceia, "resguardai os que me destes, para que sejam um; para que sejam perfeitos na unidade; sejam um assim como vós, Pai, sois um em mim e eu em vós; tambem eles devem ser um em nós, afim de que o mundo acredite que me enviastes" (Jo 17, 11).

6. Mais duas preces antes da comunhão

Imediatamente depois de o sacerdote haver dado o amplexo da paz ao diácono, recita, um tanto inclinado sobre o altar, estas duas preces: "Senhor

Dedit ei sacerdos sanctifi-



catum panem 1 Reg XXI 6.



David et omnis domus Israël



ducebant arcam. II Reg. 6.

“Livrai-me por este sacrossanto corpo”

Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, que por vontade do Pai, cooperando o Espírito Santo, com vossa morte destes vida ao mundo, livrai-me por este vosso santissimo corpo e sangue de todas as minhas iniquidades e de todos os males; fazei que eu cumpra sempre os vossos preceitos e não permitais que eu jamais me separe de vós, que com o mesmo Deus Padre e o Espírito Santo viveis e reinais, Deus, por todos os séculos dos séculos. Amen”.

“Que este vosso corpo, Senhor Jesus Cristo, que eu, ainda que indigno, recebo, não seja para meu juizo e condenação; mas, pela vossa misericórdia, sirva de defesa à minha alma e ao meu corpo e de remédio aos meus males — vós que viveis e reinais com Deus Padre em unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amen”.

* * *

Instrutivo é saber como se originaram estas orações.

Foi-nos já proporcionada a ocasião de observar que o “Agnus Dei” era cantado e repetido tres e mais vezes, conforme o tempo que durava o ósculo da paz, que se dava ao público; ora, está visto que semelhante cerimônia retardava a prossecução do padre na Missa; porquanto devia esperar para, logo depois do ósculo da paz, distribuir a santa comunhão aos que a queriam.

Que faria, no entanto, o celebrante? Entregar-se-ia a divagações? Mas isto era indigno e criminoso em momento tão solene e santo! Deu-se, por isso, o que era para esperar: Os celebrantes tomariam o hábito de se entreterem em doces colóquios com o Deus-hóstia, dando cada qual asas à devoção. Compuseram-se fórmulas deprecatórias; e duas destas tiram daqui a sua origem: são as acima transcritas.

Mas parece contradizer esta origem, quando se lê no missal da Ilíria, escrito por Ratoldo, e no de Tours e em vários outros de outras dioceses, a oração: "Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, etc.", posta depois da "Comunhão"; e quando se lê nas Constituições Apostólicas antigas, que convidam o sacerdote a querer rezar uma oração que tem muito, em sua substância, com a última depois da santa comunhão. E quando se analisam bem as idéas das duas orações, nos sentimos obrigados a afirmar que, na verdade, quadram melhor depois que antes da santa comunhão.

Estes fatos não contradizem, em verdade, de forma alguma a origem designada; porque não repugna que as orações, compostas primitivamente para serem rezadas antes da comunhão, por particulares, fossem mais tarde aceitas por outras dioceses, onde passassem pelas transposições de lugares acima referidos.

Note-se, no mais, que havia muitas dessas fórmulas antigamente, das quais seleccionavam os bispos as que mais lhes agradassem. Daquí a variedade de fórmulas e variedade de disposições das mesmas nos missais das diversas dioceses.

Roma fixou, desde longos séculos, para o seu missal, as duas orações acima; e precisamente antes da comunhão. E são Pio V sancionou-as definitivamente no missal romano em 1570.

Do dito deduz-se que também estas são orações venerandas, consagradas por inúmeras gerações no decurso de muitos séculos. Que elas existiram já antes do século X é certo; porque as tem a Ordem de Ratoldo Corbiense do século X, e fala de modo particular da segunda prece, que era a única recitada, como também hoje, na sexta-feira santa.

* * *

Vem aqui muito a propósito uma breve observação. Terá o leitor notado que somente a partir das tres últimas preces o sacerdote pensa em si, para si; até lá ele reza e age em nome de todos os fiéis, de toda a Igreja católica — aparece o “nós” e não o “eu”.

E não vai nisso uma eloquentíssima lição da Igreja? Não quer ensinar-nos ela que o bem comum se há de preferir ao particular?

Dí-lo expressamente o bem-aventurado papa Inocêncio, escrevendo aos bispos Augustinho e Aurélio, onde se lê: “Asseguro-vos que tiramos muito maior proveito com as orações públicas, rezadas por todos, que com as orações rezadas particularmente por nós”.

Ah, quanto amavam os nossos maiores a coletiva fraternidade católica! Quão bem compreendiam eles o dogma da “Comunicação dos santos!” Quanto proveito tiravam disso!

* * *

Que coisa mais em nosso proveito particular poderíamos fazer nesta vida do que atender ao bem individual concomitantemente com o bem universal?

E’ prudência, e grande, olhar primeiro por si; mas é prudência maior que o cuidado próprio se procure no cuidado comum. Sim, quem se porta como a Igreja em sua liturgia, viva tranquilo, e espere confiante que verá despachado o pedido que dirigir a Deus particularmente por si! Quem dá tudo, pode ousar pedir alguma coisa. Eis por que põe a Igreja na boca do sacerdote estas orações justamente antes e depois da santa comunhão: o celebrante se deve preparar com sentimentos altruísticos para as grandes graças da comunhão!

Mas, cristão, não te recuses a rezar estas orações com o sacerdote, sobretudo se te preparas para receber Jesus-hóstia; porque elas encerram e tradu-

zem os sentimentos que nos dispõem a alimentar-nos do Pão celeste!

Não se pede aquí a grande e inestimavel mercê da perseverança final? Não se pede mais a união íntima com ele, união que se efetua com a fuga do pecado e com o apego inviolavel à lei de Deus? Não se pede a graça de concebermos o máximo horror à idéa de comungar sacrilegamente? Não se pede o favor de nos deixar avizinhar-nos com a humildade devida da mesa sagrada? Em uma palavra: Não se solicitam todos os frutos salutaes que nos é lícito esperar deste Emanuel que ansiosamente aguardamos em nossa pobre e miseravel "casa"?

* * *

Meu Senhor e meu Deus, não permitais que me separe jamais de vós!

Ai, não permitais que me fulmine o raio do anátema! Seria a infelicidade das infelicidades. Só o pensamento, Senhor, de estar separado de vós, me horroriza!

Separado de vós, é viver no inferno; ramo de videira separada do tronco e lançado ao fogo; é vida que virou em morte; alguma coisa que virou ao nada!

Separado de vós, Jesus, sou um miseravel nada; sou um morto; sou um ser inutil, sou um infeliz!

Meu Deus, que situação a minha, separado de vós!

Oh! hoje que vindes ao meu coração, ficai, ficai em mim, que ficarei em vós; e terei vida!

Jesus, morrestes para que eu vivesse; que há, pois, que me não seja lícito esperar de vossa bondade e misericórdia? — Não permitais que jamais me separe de vós!

7. A comunhão

Terminada a récita das duas orações, que acabamos de analisar, o celebrante ajoelha, reergue-se e diz: "Receberei o pão celestial e invocarei o nome do Senhor".

Depois, inclinando-se um pouco, toma entre o polegar e o indicador da mão esquerda as duas partes da hóstia e entre o indicador e o médio a patena; e, batendo tres vezes no peito com a dextra, pronuncia, elevando um tanto a voz, tres vezes, o que segue, com devoção e humildade: "Senhor, eu não sou digno, (prosegue quasi em segredo) que entreis em minha morada; mas dizei uma única palavra e minha alma será salva".

Depois de haver repetido por tres vezes esta fórmula, e traçando com a hóstia uma cruz perpendicular sobre a patena, diz: "O corpo de nosso Senhor, Jesus Cristo, guarde minha alma para a vida eterna. Amen". Dita esta súplica, inclina-se reverentemente, comunga as duas partes da hóstia, depõe a patena sobre o corporal; e, pondo-se direito, compõe as mãos; e entretém-se brevemente em íntimo colóquio com o santíssimo Sacramento. Descobre a seguir o cálice; ajoelha; levanta-se; ajunta os fragmentos da hóstia que porventura haja no corporal, com a patena; purifica com o polegar e indicador a patena sobre o cálice enquanto reza: "Que retribuirei ao Senhor por todos os benefícios que me tem feito? Tomarei o cálice da salvação e invocarei o nome do Senhor. Invocarei o Senhor, louvando-o; e serei livre dos meus inimigos". E isto recitando, pega no cálice com a dextra e traça com ele perpendicularmente uma cruz, dizendo: "O sangue de nosso Senhor Jesus Cristo guarde minha alma para a vida eterna!"

Isto dito, leva o cálice à boca e bebe todo o sangue com a particulazinha.

* * *

Estas são as palavras, estas as rubricas que acompanham o sublime e divino ato da comunhão do sacerdote!

A história destas orações.

Quanto às duas primeiras é o célebre Durando do século XIII que nos dá notícia.

Os "Ordines Romani" só prescrevem que o sacerdote reze aqui algumas orações, e nada mais.

A fórmula: "Receberei o pão celestial, etc." não é senão uma antífona fabricada à imitação do "Tomarei o cálice da salvação, etc." ao qual se opõe; tanto é isto verdade que o rito ambrosiano a completa com as mesmas palavras que acompanham o "Tomarei o cálice". Depois do "Senhor, eu não sou digno, etc." prescreve aquele rito que se diga: "Que retribuerei ao Senhor?... Receberei o pão celestial e invocarei o nome do Senhor".

A fórmula: "Senhor, eu não sou digno, etc." são palavras do centurião do Evangelho que pedira a Jesus a cura de um seu servo. E' fato por todos conhecido.

Consta que muitos missais antigos, em muitas dioceses, ignoram esta bela oração. Em outras igrejas, se era recitada, só o era a modo de devoção particular. Não é, pois, de estranhar que os dominicanos, conservadores acérrimos das tradições litúrgicas, não tenham nem hoje tão formosa prece, a não ser na conhecida fórmula antes de distribuir a sagrada comunhão aos fiéis.

O rito mozarábico, valendo-se, como julgo, da liberdade de se incluir qualquer oração que se quisesse, compôs esta: "Saudo-te, ó carne santíssima de Jesus Cristo, que és antes de tudo a minha suprema

doçura!" As mesmas palavras formula na recepção do preciosíssimo sangue: "Saudo-te, ó celestial bebida, que és, etc."

* * *

O sacerdote ao dizer as palavras: "O corpo de nosso Senhor, etc.", faz o sinal da cruz, conforme foi dito.

E' este sinal muito significativo, porque desperta um novo ato de fé em Jesus crucificado, cuja carne continua sempre viva e sempre servindo de sustento ao homem.

* * *

O sacerdote, depois de se recolher interiormente por alguns momentos, em celeste contemplação do alimento dos anjos, abstem-se de formular qualquer palavra. Logo depois em transportes de gratidão e reconhecimento, enquanto carinhosa e devotamente vai ajuntando os fragmentos da hóstia ou, no dizer dos gregos, as pérolas preciosas que houvessem podido cair no corporal, continua dizendo, os versos do salmo 115: "Que retribuirei ao Senhor, etc."

Terminados os tres versos do salmo, repete o sinal da cruz, mas desta vez, não com a hóstia e sim com o cálice sagrado, dizendo: "O sangue de nosso Senhor, etc.". Dito o que, bebe o santíssimo sangue.

Observem-se aqui as duas expressões que precedem nas fórmulas que o sacerdote pronuncia antes de receber a sagrada comunhão debaixo das duas espécies. São: "O corpo de nosso Senhor... o sangue... guarde minha alma para a vida eterna". A vida eterna; eis o grande fruto da Eucaristia! E' esta que o prepara! Dí-lo Jesus: "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue possui (não só possuirá) a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia" (Jo 6, 55). Lançada está a semente; germinará.

Atenda-se ainda à diversidade de rubrica, que têm os dominicanos: O rito destes prescreve ao sacerdote uma única fórmula na comunhão, ou melhor, em vez de repetir a fórmula na comunhão do corpo e na do sangue, a profere uma vez, dizendo: "O corpo e o sangue, etc."

Nisso são consequentes; porque a rubrica corresponde àquela da oblação da hóstia e do cálice que é feita também, segundo o rito deles, simultaneamente no "Offertorium".

* * *

Já foi dito que esta comunhão do sacerdote constitue segundo a sentença comum dos teólogos a parte integral, não essencial, da santa Missa. Daquí a prescrição para o sacerdote, que acaso deva interromper a Missa nessa altura, de continuar e acabar de rezá-la por si, e, não podendo, por outro sacerdote. A comunhão integra a santa Missa e a completa; porquanto o essencial do sacrifício, como ato de adoração, de agradecimento e de propiciação, está acabado; mas não como ato de participação; e por isso se deve integrar com o divino banquete, que consiste na doce familiariedade com a côrte celeste e na união do amor fraterno.

Disso se entende perfeitamente que uma Missa rezada ou assistida é quasi incompleta excluindo-se a comunhão. E se estamos convencidos que os fiéis são co-sacrificadores com o celebrante, facil é convencermos-nos que também eles, querendo completar o santo Sacrifício da Missa, deverão "nela" comungar.

Dissemos "nela", e não fora dela, secundando assim o desejo do Concílio Tridentino: "O sagrado Sínodo desejaria que os fiéis comungassem na Missa, a que assistem, não só espiritualmente, isto é,

com o desejo espiritual; mas sacramentalmente, para que se lhes possam outorgar, mediante este santíssimo sacrifício, frutos mais abundantes”.

2º A comunhão dos fiéis.

Depois de o celebrante haver comungado, continua a rubrica: “Se há quem queira comungar, dê-se-lhe a comunhão antes de fazer a purificação”.

Não havendo, empenhar-se-á cada cristão, tomando isto como ponto de honra, de receber o pão eucarístico todos os dias, quando possível, e neste ponto da santa Missa.



O cibório

Duas palavras sobre o andamento das rubricas e orações que acompanham a distribuição da sagrada comunhão, para passar em seguida a dar a esse respeito uns dados históricos.

Logo que o celebrante se dispõe a beber o santíssimo sangue, o ajudante ou o diácono recita em voz alta o “Confiteor”, findo o qual o celebrante abre a portinhola do tabernáculo, ajoelha e tira de dentro a píxide, descobre-a; ajoelha; levanta-se; vira-se para o público e reza o “Misereatur” e dá a absolvição recitando o “Indulgentiam”, orações todas já conhecidas e ponderadas por nós na I Parte da santa Missa.

Volta-se para as hóstias; ajoelha; levanta-se, e tomando uma entre o polegar e indicador da mão direita e segurando-a por sobre a patena ou píxide à vista do público, diz as mesmas orações que já estudamos: “Ecce Agnus Dei, etc.”. — Eis o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo!

Prosseguindo, reza tres vezes: "Senhor, eu não sou digno, etc.", e o acólito o acompanha tilintando 3 vezes a sineta. Dirige-se então aos que querem comungar.

Havendo muitos comungantes o celebrante pode ser ajudado na distribuição da comunhão por outros sacerdotes ou diáconos. A fórmula com que se dá a sagrada hóstia é a mesma que o sacerdote



"Eis o Cordeiro de Deus"

diz para si na ocasião de comungar: "O corpo de nosso Senhor, Jesus Cristo, guarde tua alma para a vida eterna. Amen".

Finda a distribuição, tudo torna aos respetivos lugares, e prossegue a santa Missa.

Façamos alto aquí; e perguntemos à história o que nos legou a esse respeito.

* * *

O que primeiro nos cai em vista é que o sacerdote comunga debaixo das duas espécies de pão e vinho. Isto nos poderia indispor agora, depois do que ouvimos sobre a nossa participação direta na oferta do santo Sacrifício.

E de fato, antigamente, até ao século XV, antes do Concílio de Constança (1414-1448), os fiéis leigos comungavam debaixo das duas espécies, ao menos em muitas igrejas, embora nos últimos séculos, a partir do XII, fosse diminuindo semelhante uso. No mais consta a história que mesmo nos primeiros tempos cristãos era dada a comunhão só debaixo das espécies do pão aos doentes, anacoretas e a quantos comungavam fora da santa Missa.

A ordem de os fiéis comungarem só debaixo da espécie de pão, ficando revogada qualquer disposição em contrário, partiu do Concílio Ecumênico de Constança e ficou definitivamente ratificada pelo Concílio de Trento. "Roma locuta, causa finita". Não é a nós que compete citar a juízo semelhante resolução, está visto.

Uma das razões por que a Igreja resolveu isto, foi o perigo evidente de expôr o santíssimo sangue a ser desrespeitado; porquanto o seu derramamento podia ser frequente. Acresce que a sociedade moderna tornou-se mais delicada e já não aguentaria receber o preciosíssimo sangue por um tubozinho que passou por boca de todos. Não pouco terá influido também o costume que se introduziu de comungar antes ou depois da santa Missa, onde não se podia, já naqueles tempos, dar a comungar o sangue. Finalmente dizem que muito concorreu para isto a festa do "Corpus Domini" — do corpo de Deus.

E' bem interessante ouvir como comungavam os fiéis, antigamente, debaixo das duas espécies.

Em Missas solenes celebravam todos os sacerdotes conjuntamente “concelebrantes” como ficou dito no princípio. Logo que o celebrante havia comungado dava o corpo e o sangue de Jesus Cristo debaixo das duas espécies aos sacerdotes que concelebraram com ele; os diáconos, que sempre eram bastantes, recebiam as espécies do pão das mãos do celebrante e as espécies do vinho das mãos dos sacerdotes assistentes; os subdiáconos e todo o povo recebiam o corpo de Jesus das mãos do celebrante e o sangue das dos diáconos. Todos os sacerdotes assistentes distribuíam o corpo do Senhor ao povo de fileira a fileira, juntamente com o celebrante. Os diáconos ofereciam o cálice aos fiéis, que sorviam do preciosíssimo sangue em pequena quantidade.

Na Idade Média usava-se um tubozinho de ouro ou prata para chupar o santíssimo sangue. E’ a isso que alude Tomaz Kempis no livro IV, capítulo 4º, versículo 19, do seu livro “A Imitação de Cristo”.

Por este tempo sofreu o rito da comunhão, debaixo das duas espécies, diversas mudanças. Em alguns Estados, como já se disse, vigorara o costume de deitar algumas gotas de vinho consagrado em uma grande quantidade de vinho não consagrado; e deste vinho comungavam os fiéis. Em outros lugares ainda, se dava a hóstia tinta no sangue de Cristo, como se faz ainda hoje em certos ritos orientais.

* * *

Há a resolver aquí um fato que parece não condizer com o uso da comunhão debaixo das duas espécies; e é que antes do século XV existia o costume de o ministro da Eucaristia apresentar a cada comungante um vaso com vinho ou água, de que sorvia para facilitar a deglutição da hóstia, e

uma toalhazinha com que se enxugava a boca ao depois.

Daí a pergunta: não comungava o fiel debaixo de duas espécies? E se as espécies de pão eram maiores e mais espessas do que as nossas hóstiazinhas, não era em compensação auxiliado pelo trago do sangue no seu amolecimento?

Por que então mais aquele vinho ou aquela água logo depois?

A explicação é muito óbvia. A hóstia era muito maior e feita de pão levedado, ao menos nos primeiros séculos; e sabe-se que tal pão fragmenta-se e seca mais que o pão asmo, de que são feitas as hóstias na Igreja Latina. Para, pois, não expôr o comungante ao risco de profanar o Sacramento Eucarístico, conveio-se em que, além do sangue de Cristo que se bebia em pequeníssima quantidade, se ajuntasse um trago de vinho ou água.

De mais a mais, vigora ainda hoje entre as famílias cristãs o louvavel costume de não comerem nada depois da comunhão, antes de ter tomado um pouco de água límpida.

Ainda hoje subsiste em parte o costume desta cerimônia. A Igreja não quis perder rito, cerimônia e rubrica herdada dos antepassados, como tivemos ocasião de ver no decurso deste trabalho, e por isto admite também esta nas ordenações, nas profissões religiosas dos monges, na comunhão da quinta-feira santa entre os cartuxos e os dominicanos.

* * *

Outro fato, não menos singular, era que naqueles tempos os fiéis comungavam pelas próprias mãos. O sacerdote depunha nas palmas das mãos a hóstia; as mulheres tinham aberto sobre a mão um pano branco, dominical, porque destinado a receber o corpo do Senhor — Domini.

Quando os fiéis recebiam a hóstia do padre, que dizia: "Corpus Christi" — Eis o corpo de Cristo! — respondiam: "Amen".

Este "Amen" podiam-no eles pronunciar com todo o sossego, porque não eram impedidos, como hoje o somos pela hóstia que já está sobre a língua. Resta todavia o vestígio deste costume; porque os ordenandos dizem no dia de sua ordenação o "Amen" antes de comungar.

Como acabamos de ver, antigamente a fórmula recitativa na entrega da hóstia era "Corpus Christi" — eis o corpo de Cristo! — e na entrega do cálice o "Sanguis Christi, calix vitæ" — "Sangue de Cristo, cálice da vida". A ambas se respondia com o significativo: "Amen!"

* * *

Existem outras divergências entre o rito atual e o antigo a respeito da comunhão dos fiéis.

Assim, por exemplo, naqueles tempos não se dizia o "Confiteor" ou a confissão como hoje, e, quanto parece, nem os "Misereatur" e "Indulgentiam", porquanto são de todo contra a índole da liturgia antiga semelhantes repetições de preces na santa Missa.

A causa destas inovações nos tempos posteriores foi o ter-se introduzido o costume de distribuir a sagrada comunhão fora da santa Missa, tanto para os doentes, como para os não doentes.

Entende-se, pois, que estas orações ditas fora, se insinuassem insensivelmente nesta parte da santa Missa. Mas o que não pegou foi a benção, que se costumava dar depois da comunhão, quando dada fora da Missa; e isto pelo motivo de ser dada no fim dela; distribuindo-se, porém, no princípio da Missa ou fora dela, a comunhão é ainda hoje rematada com a benção do sacerdote.

* * *

Houve em alguns lugares, e isto se diga para consolação dos pobres e dos que se escandalizam, houve já o costume de comungar de pé no chão.

* * *

Quem depois do exposto não se sente avivado e entusiasmado pela sagrada Eucaristia?

Quem não se resolve a comungar todas as vezes que lhe é dado assistir à santa Missa?

Quem compreendeu que é útil comungar todos os dias sacramentalmente em uma Missa e espiritualmente em outras, este resolveu a questão, tão agitada, da comunhão frequente e quotidiana.

Quem, finalmente, se torna apóstolo da comunhão quotidiana, pode alimentar a esperança de fazer reviver os gloriosos séculos IV e V da era cristã.

* * *

Cristãos, clérigos ou leigos, sou a hora. Foi Pio X que em 1905 tocou com trombetas angélicas o rebate. Foi ele que divisou largas brechas nos fortes da Igreja de Cristo. O inimigo prosseguia em suas desastrosas e destruidoras arremetidas.

Foram tentados com muito pouco êxito diversos estratagemas bélicos e várias armas de guerra, de que dispõe a Igreja. Mas eis que Pio X volta aos primeiros séculos da Igreja; desenterra a arma das armas, a couraça inamolgável sempre luzidia, a arma da "comunhão frequente, quotidiana". Arma com isto milhares e milhões de "Cruzados Eucarísticos".

Hoje, que, como nos primeiros séculos do cristianismo, se debate a Igreja em meio de uma nova sociedade paganizada, não se podia senão voltar àqueles tempos e restaurar os seus usos e costumes genuinamente cristãos.

Foi em 1890, que o Padre Pitra, mais tarde cardinal de Auchin, descobriu a bellissima inscrição funerária de Pettoño do século III, em que se convidam, debaixo do símbolo de peixe, que é Cristo Eucaristia, os batizados a venerar como se deve o dom de Deus e dele se nutrir: "Ó geração divina do peixe celeste, recebe com o coração cheio de respeito a vida imortal dentre os mortais, nas águas divinas. Desta forma refocilarás tua alma nas ondas da sabedoria eterna que dispensa os tesouros. Recebe o alimento, doce como o mel, do Salvador dos santos (cristãos). Come segundo a tua fome; segura o peixe em tuas mãos".

Ah, sacerdotes; ah, cristãos, voltemos aos primeiros séculos dessa fé viva; desse amor entranhado, dessa esperança inconcussa!

O Pai da cristandade falou. Armemo-nos e arme-mos os vindouros, a geração do "peixe celeste", com a "comunhão quotidiana!"

* * *

Deus, ó grande Deus! Possível que, nós, os cristãos, não tenhamos em maior apreço e veneração ao vosso Filho? Possível que clérigos e leigos fiéis não suspirem com maiores ânsias pela união com o vosso Filho? Possível que sejamos tão pouco cuidadosos por nós e pela esposa de vosso Filho? Possível que a voz do vosso vigário na terra não seja atendida por tantos e tantos cristãos? Perdão! Senhor!

A estrutura interna da santa Missa

VII PARTE

A DESPEDIDA

Partimos como filhos de Deus, com Jesus e como Jesus, para os nossos trabalhos.

A estrutura externa da santa Missa

VII PARTE

A DESPEDIDA

Orações com o mais

- 1. As abluções. — 2. A antífona da comunhão. — 3. A “post-communio”. — 4. O “Ite, Missa, est”. — 5. O “Agradavel vos seja”. — 6. O último ósculo. — 7. A bênção. — 8. O último evangelho.**

1. As abluções

Assim o sacerdote como os fiéis alimentaram-se já das carnes imaculadas da vítima divina. Entraram com isso plenamente nas disposições de Jesus Cristo. Consumou-se o Sacrifício; e já não resta senão que o amante agradeça ao amado.

Depois que tudo tornou aos respetivos lugares, o ajudante deita vinho no cálice enquanto o sacerdote reza: “Fazei, Senhor, que com coração puro conservemos o que com a boca acabamos de rece-

ber e que esta dádiva temporal se torne para nós remédio sempiterno”.

E' esta a Iª ablução. Segue a segunda: O ajudante deita vinho e água no cálice, enquanto o celebrante reza: “Que o vosso corpo, Senhor, que comí e o sangue que bebí, se unam às minhas entranhas e fazei que não fique em mim a menor mancha de culpa, depois que me têm fortalecido tão puros e santos Sacramentos; vós que viveis e reinais por todos os séculos dos séculos. Amen”.

Por fim passa a enxugar os dedos com o sanguinho; toma o líquido; purifica os lábios e o cálice com o sanguinho e compõe o cálice (o celebrante mesmo, em Missas simples; o subdiácono, nas solenes).

* * *

Estas orações com as duas abluções remontam à antiguidade, posto que não se lhes possa precisar a época; mas o fato é que os “Ordines Romani” mais antigos, Amalário (século IX) e o Micrólogo, trazem-nas, sem, porém, referir as rubricas, isto é, o modo de como se efetuavam as abluções.

A esse respeito temos uns dados que parecem falar em favor da opinião que era o diácono que praticava a ablução antes do século XII; deste século em diante, porém, praticava-as o celebrante mesmo e pelo modo hoje em uso.

Quanto às Ordens religiosas, é certo que praticaram pelo modo que fica dito, como ainda se lê nas “Usanças” da abadia de Cluni e de Citeaux.

Mais não se sabe a respeito da primeira ablução ou purificação do cálice e dos dedos.

Quanto à segunda ablução, parece que antigamente, isto é, antes do século XIII, se fazia só com água, e sobre um cadinho. Assim que já não se pode falar em ablução do cálice, mas só dos dedos.

Quando, porém, depois do século XIII, não se purificavam os dedos na primeira ablução, mas, sim, na segunda, praticava-se esta, de começo, sobre o cálice, e só com vinho, e o vinho era bebido; a que seguia, era ainda sobre o cálice, mas só com água, a qual não era bebida, mas entornada em um copo para, depois da santa Missa, deitá-la no "lavatorium" ou "sacrarium".

Hoje o sacerdote faz a segunda ablução com vinho e água, o que depois bebe. Mas a prática antiga não foi de todo eliminada, porque sabe-se que o bispo, em missa pontifical, lava mais uma vez os dedos, depois das duas abluções sobre um cadinho do lado da Espístola.

De tudo isto colhe-se que houve bem pouca uniformidade antigamente neste ponto; e sacerdotes houve que creram poder dispensar a segunda ablução dos dedos, já que era mais que suficiente a que se faz no lavatório depois da santa Missa.

Quanto à oração que acompanha a 1ª ablução, sabe-se que é muito antiga. Dela temos notícia pelos Sacramentários Leoniano e Gelasiano. O próprio Micrólogo a menciona.

Entretanto, são quasi todos unânimes em afirmar que a oração se fazia depois da comunhão, mas não durante a ablução, tanto assim que várias das nossas "Postcomuniones" exprimem sentido idêntico ao desta oração. E não o confirma o fato de ainda hoje, na quinta-feira santa, tomar esta oração o lugar da "Postcommunio"?

Observe-se que os dominicanos têm, em vez de "a dádiva temporal", o "corpo e sangue do Senhor"; e terminam com a palavra: "Amen".

* * *

A oração que acompanha a 2ª ablução era destinada primitivamente a agradecer a Deus pelo benefício da santa comunhão.

Investigando-lhe a idade, deduzimos dos dados históricos que ela deve ser do século XII ou ainda dos posteriores; porque o *Micrólogo* não nos dá dela notícia. Contudo Martène defende que o antiqüíssimo "*Missale Gothicum*", antes de Carlos Magno, já tem a oração, que ficou sendo interpretada e desenvolvida em livros litúrgicos antigos.

* * *

Que orações tão próprias para serem ditas depois da comunhão! Este agradecimento litúrgico deve agradar a Deus, mais que qualquer outro. E' Jesus que o exprime pelos lábios da sua santa esposa, a Igreja: que louvores, que petições são equiparáveis aos dela?

Basta reler a primeira oração, para sentir-lhe toda a eficácia!

Basta reler a segunda, para ver que sublimidade de pensamentos se encerra nela!

O sacerdote relembra a Deus, na primeira, que recebemos a santa comunhão puros; e ousa pedir-lhe por isso que nos seja remédio para os nossos males.

Pede na segunda que a virtude do Sacramento se apegue às entranhas espirituais da alma que são a memória, a inteligência e a vontade, para que sejam sempre puras e santas.

* * *

Lição santa e salutar nos dá nisto a Igreja! Estas purificações são o símbolo das abluções que devemos fazer em nossos corações depois da recepção de Jesus-hóstia.

Quantos defeitos, quantas manchas, quanto idolozinho de amor próprio, não conspurcam os nossos corações mesmo ainda depois da comunhão! Tudo isto há de ser purificado com a comunhão. Não ponhamos empecilho à ação eucarística do bom Jesus!



“A ablução”

Não é suficiente acabar com os pecados mortais, com a sujidade maior; é necessário, para sentir toda a eficácia da comunhão, despir-nos também de certos apegozinhos que retardam, quando não

desviam, tantas graças que Jesus estaria disposto a nos dispensar!

* * *

Ah, Senhor, dai que com espírito puro vos recebamos, e com espírito puro vos aguardemos para outra recepção!

Fazei que sintamos os efeitos salutareos desse remédio divino!

Fazei que sempre vos sirvamos de coração puro, de alma cândida e de corpo intato! Amen.

2. A antífona da comunhão

Prosseguindo na Missa, dirige-se o Padre ao lado da Epístola, onde lê a antífona da comunhão.

Só poucas palavras a respeito, já que disso tratamos largamente na antífona do "Introitus".

Como no "Introitus", assim aqui, a antífona não é senão o começo de um salmo, que primitivamente era cantado até ao fim.

Chama-se "antífona da comunhão", porque esta, como o salmo todo, eram cantados pelo côro na ocasião da distribuição da comunhão entre o povo. Finda a distribuição, um subdiácono avisava ao côro, por meio do sinal da cruz, que entoasse o "Gloria Patri" que sói seguir à antífona, como vimos na do "Introitus". Terminado o "Gloria Patri", repetia-se a antífona como também ainda se dá no "Introitus". Hoje, porém, ou, antes, desde o século XI, não se pode bem precisar o motivo, ficou eliminado o canto do salmo, do "Gloria Patri" e o da repetição da antífona; seja porque passou a vigorar o costume de distribuir a santa comunhão de preferência nas Missas simples; seja porque se a distribuía fora da santa Missa, motivos estes que levaram os fiéis a perder em grande parte a noção

reta e sã da sagrada comunhão e afrouxar na sua frequente recepção.

Hoje canta-se em Missas solenes só a antífona; e só esta é recitada pelo celebrante.

* * *

Do dito confirma-se mais uma vez a necessidade de insistir e de por em prática o antigo e avoengo costume de comungar durante a santa Missa, no lugar indicado.

E por que não? Não estamos já a presenciar a ressuscitação da “comunhão quotidiana”?

Não estamos a ver os tempos da florescência cristã?

* * *

Quão agradável e salutar aos comungantes ouvirem e compreenderem aqueles tão sublimes pensamentos salmódicos que tanto falam ao coração e ao entendimento!

3. A “Postcommunio”

Rezada a antífona, volta o celebrante ao meio do altar, beija-o; e virado para o público, diz: “O Senhor seja convosco”. A resposta do côro: “E com o vosso espírito”.

Torna ao livro, em que canta a oração, dita “Postcommunio”, por seguir depois da comunhão, chamada também, por antigos liturgistas, “Complenda” ou “Oratio ad complendum” — oração para terminar, — porque, de fato, com esta terminava a santa Missa. Alguns intitulam “Ultima benedictio”, “Ulterior benedictio”; mas esta designação parece atingir antes outra fórmula, que vem logo depois da “Postcommunio”, que hoje figura ainda durante a Quaresma e que se intitula “Oratio super populum” — “oração sobre o povo”, — que aliás é considerada pela Igreja como outra “Postcommunio”.

Sendo, porém, que para cada Missa há “Postcommuniones” diferentes, citemos, a modo de exemplo, uma “Postcommunio” e uma “Oratio super populum”. É da Missa da quarta-feira das cinzas: Aquí encontramos tres “Postcommuniones” e uma “Oratio super populum”; mas contentemo-nos com uma “Postcommunio” que soa assim: “Dispensem-nos, Senhor, o auxílio necessário os sacramentos que acabamos de receber, para que vos sejam agradáveis os nossos jejuns e contribuam para o nosso saneamento. Pelo Senhor nosso Jesus Cristo que convosco vive e reina em unidade do Espírito Santo Deus, por todos os séculos dos séculos”. O côro responde: Amen”.

A “oratio super populum” deste dia é: “Humilha a cabeça diante de Deus”. “Atendei, Senhor, benignamente, aos que se inclinam diante da vossa Majestade, para que, alimentados do divino manjar, sejam sempre nutridos dos auxílios celestiais. Pelo Senhor nosso, etc.”.

Note-se que, apesar de esta oração levar o título de “super populum” — sobre o povo — o celebrante não se vira para a pronunciar sobre ele; apenas o diácono (e isto se em ofício serve o “Diaconatus”) diz ao povo, antes de o celebrante começar a oração, as primeiras palavras: “Humilha as vossas cabeças diante de Deus”.

* * *

Segundo Amalário e João diácono eram as “Postcommuniones” e a “Oratio super populum” recitadas em todas as Missas do ano; e constituíam o termo da Missa; assim que não vinha a benção do sacerdote que hoje se dá depois do “Ite, Missa est”.

Mas quando são Gregório Magno cortou fora a “Oratio super populum” para todas as santas Missas do ano, conservando-a só para as Missas da

“Quaresma”, e, mais tarde, cortada ainda nos dias dominicais, originou-se o que sabemos. A bênção dada ao povo foi introduzida por outra forma.

* * *

Não nos escape o motivo que induziu a são Gregório Magno a introduzir estas mudanças. O que viu na “Oratio super populum” foi aquela constante petição de misericórdia e proteção divina. Ora, isto recorda tão sensivelmente o fim da paixão de Cristo, que cuidou dar-lhe este carater especial de solenidade, reservando-a para o tempo da Quaresma.

* * *

Admiravel a Igreja em todas as suas medidas! O cristão não a poderá admirar quanto baste. Mas o que importa, é que corresponda a tão sábias diretivas e a tão salutaes sugestões.

E as “Postcommuniones!” Que fórmulas sublimes e extraordinárias de agradecimento a Deus pela recepção do pão dos anjos! Como se vê nelas compendiada a doutrina teológica sobre a Eucaristia! Que poderosas não hão de ser estas orações rezadas pelo sacerdote, representante de Cristo, em prol de todos os que acabaram de comungar!

Cristão, que tantas vezes te atormentas, por não saber de como agradecer a Deus a graça da comunhão, olha para o celebrante e diz:

“Senhor Jesus, eis que vos digo tudo o que o vosso representante vos diz neste momento! Considerai minhas as palavras que ele formula! Jesus, graças, perdão! Vosso sou na vida e na morte! Amen.

4. O "Ite, Missa est"

Acabadas as "Postcommuniones", fecha-se o Missal.

O celebrante vai ao centro do altar, oscula a pedra sagrada e volta-se para o povo, dizendo: "Ite, Missa est". — Findou a Missa, ide-vos. (Em Missas solenes canta-o o diácono).

* * *



"Ite, Missa est"

Qual a origem do "Ite, Missa est?"

Já notamos que alguns cuidam originar-se da interpretação que se pode dar ao "est", **ha, principia**, daí a ordem aos catecúmenos: "ide-vos, que a Missa já principiou, e isto antes do "Offertorium", onde começa propriamente o Sacrifício.

Entretanto, outros, abstraindo disto, passam aos dados históricos, apontando nos "Ordines Romani" e nos "Escritos Patrísticos" o "Ite, Missa est" pos-

to depois da "Postcommunio" já no século VIII. Têm-no aqui também os gregos, expresso pela palavra "apólisis", que diz "ação da retirada".

Os santos Padres do século IV falam desse envio da assembléa, sem todavia especificar se entendiam o envio dos catecúmenos ou dos cristãos em geral. Parece contudo que aludam ao segundo.

Mas, seja como fôr, o certo é que desde o século VIII dirigia-se o "Ite, Missa est" aos fiéis no fim da Missa, tanto assim que depois dele não seguia mais oração alguma: a benção, o último Evangelho foram ajuntados mais tarde, como veremos.

Verdade é que as fórmulas da despedida eram diversas no Ocidente e Oriente. No Oriente se diz ainda hoje: "In pace procedamus!" — Vamos em paz! — Ao que responde o povo: "In nomine Domini". — Em nome do Senhor.

No Ocidente, além da fórmula "Ite, Missa est", estavam em uso outras, segundo o carater solene da Missa ou menos solene, segundo a frequência numerosa ou menos numerosa de fiéis. Assim é que encontramos para os casos solenes e de grande concurso de povo, a fórmula mais em uso: "Glória a vós, ó Cristo, nosso Deus, nossa esperança, glória a vós!"

Há outras nas "Constituições Apostólicas", como: "Ite in pace" — ide-vos em paz.

Mas a fórmula mais comum sempre foi o "Ite, Missa est", ao que respondia o povo: "Deo gratias", — graças a Deus.

Desta alternção da fórmula "Glória a vós, ó Cristo, etc". com o "Ite, Missa est", este entrou a ter foros de solene, de um quê de grandioso e alegre, sobretudo quando cantado.

Que resultou daqui? O fato hoje em vigor: Desde o século XI em diante o "Ite, Missa est" não se

diz, nem se canta em Missas que não têm “Gloria in excelsis”.

Como, pois, não há “Gloria in excelsis” nas Missas de defuntos, no advento, e da setuagésima até páscoa; nas Missas do “Proprio de Tempore”, nas “Quatro Têmporas” e nas vigílias e em uma que outra Missa votiva, também não podia haver o “Ite, Missa est”.

Que é que se inventaria então em vez do “Ite, Missa est?”

Para as Missas de defuntos se diz: “Requiescant in pace” — que descansem em paz. (N. B. Parece que o “Requiescant in pace” é uma abreviação da fórmula: “Fidelium animæ per misericordiam Dei requiescant in pace” — que as almas dos fiéis defuntos descansem em paz por misericórdia de Deus. (Callewaert, Collat. Brug., X, pg. 440). Para as outras se diz: “Benedicamus Domino” — bendigamos ao Senhor. — A resposta a este é: “Deo gratias”, àquele: “Amen”. O “Ite, Missa est” é dito pelo padre, ou cantado pelo diácono em Missas solenes, voltado para o povo; os outros dois, ditos ou cantados, de olhos fitos para o tabernáculo.

* * *

Não será ocioso notar que o “Ordo Romanus, I”, n. 21 manda que o diácono não diga o “Ite, Missa est”, sem antes receber ordem do pontífice (padre).

Em Verdun, tomando todo o significado desta ordem, cumpria-se um rito comovedor: o diácono ajoelhado recebia do sacerdote o “Ite, Missa est”. beijava-lhe a cásula, respondia “Deo gratias”; levantava-se e cantava voltado para o povo: “Ite, Missa est”. O diácono, portanto, é o porta-voz do sacerdote neste momento; e por isso vira-se, como o faria o sacerdote, para o público.

* * *

Palavra tão curta! Expressão tão breve, e de tanta significação! Quem o diria, se a história silenciasse?

Oh! deveras, grato se mostrará todo cristão, que se preza de o ser, para com os nossos antepassados liturgistas e para os modernos que ultimamente não pouparam e não poupam esforços afim de coleccionar, dispor e apresentar ao público fiel, tantas e tão belas lições, que são verdadeiras pérolas, por que chegamos a amar, a apreciar e a aproveitar o que temos de mais precioso na santa religião católica, apostólica, romana: a santa Missa!

Cristão, a gratidão é uma bela virtude! O reconhecimento anima! O louvor aos que o merecem suaviza os trabalhos!

5. O "Placeat tibi" — Agradavel vos seja

Cantado o "Ite, Missa est", respectivamente o "Benedicamus Domino" ou o "Requiescat in pace", o celebrante se inclina sobre o altar e de mãos postas e descansadas sobre o mesmo, diz em voz baixa: "Agradavel vos seja, Trindade santa, a oferta da minha vassalagem; e fazei que este sacrificio, oferecido por mim, posto que indigno aos olhos da vossa Majestade, vos seja aceito, e que, por vossa misericórdia, seja propício para mim e para todos aquelles por quem o oferecí. Por Cristo nosso Senhor. "Amen".

* * *

Dissemos acima que a santa Missa antes do século IX acabava com o "Ite, Missa est". E de feito nem os Sacramentários gelasiano e gregoriano, nem os mais antigos "Ordines Romani" fazem menção de outras orações depois do "Ite, Missa est" com a sua resposta "Deo gratias".

Quem nos relegou por primeiro a oração: "Agradavel vos seja, etc." foi o Sacramentário de Amiens no século IX.

Seguiram-se outros, escritos no século X, trazendo a oração. Diversos Missais desta época a trazem; e o Micrólogo, c. 22, a põe no lugar atual da Missa, assim que, pelos fins do século XI, tem foros litúrgicos em toda a Roma.

No mais, todos os Missais escritos antes do século XVI limitam-se a apontar a oração como coisa que se deve rezar acabada a santa Missa. E, de feito, o carater desta oração é de feitio que deveu ser antigamente rezada pelo celebrante sem a participação do povo: tão individual é ela! Mas, na confecção definitiva do Missal romano, sob o papa são Pio V, a oração recebeu o carater litúrgico de todas as outras.

* * *

Em verdade, se bem se medita, esta oração quadra como poucas neste lugar de honra. Exprime bela e substanciosamente a ação de graças pelo que Deus se dignou fazer por todos os fiéis com a santa Missa e sagrada comunhão. Ou não é verdade que, recordando a oração da oferta "Suscipe Sancte Pater", — aceitai, Padre santo, — forma um admiravel epílogo da santa Missa?

Oração, deveras intensa e substanciosa, em que o sacerdote fala em seu nome e no de todos; em que compendia a universalidade de suas intenções e recapitula os fins do sacrificio: adoração, agradecimento, propiciação, impetração!

* * *

Tambem aqui, que coisa melhor fará o cristão que comunga, do que unir-se ao sacerdote de Deus e dar ações de graças com ele? Não que queira condenar com esta insistência outras práticas piedosas;

ao contrário, estas podem ser até necessárias para quebrar a monotonia a que estão sujeitos muitas vezes os homens, quando repisam um e mesmo assunto; mas para inculcar que não se deve perder nunca de vista que, em tese, nada pode substituir as preces litúrgicas, quando rezadas com o celebrante.

6. O último ósculo

Depois desta oração, inclina-se o celebrante sobre o altar e imprime o último ósculo na pedra sagrada.

No decurso da santa Missa foram vários os beijos que o celebrante deu no altar.

O altar, já o dissemos, simboliza Cristo, é a "ara crucis". Cristo jaz sobre ele. E' a Cristo que se dá o beijo; e o dá o sacerdote para testemunhar o seu amor e respeito a Cristo, representado pelo altar, como fez logo ao começar a santa Missa; mas então era o ato de saudação na entrada, agora é o da despedida; é a despedida daquele que o sacerdote representou no sacerdócio, que ele recebeu e distribuiu na sagrada comunhão; é o beijo da despedida com que quer selar de algum modo as petições que foram feitas no decurso do santo Sacrifício, beijo que nunca poderá deixar, nem mesmo nas Missas de penitência e de luto. Cairá a bênção nas Missas de defuntos, mas não o beijo.

* * *

Não há falta a chorar, causada por certos beijos?

Não há respeitos humanos de que te arrependas por deixares de beijar a cruz do crucificado?

Em que pé está a tua devoção para com os objetos sagrados?

Respeitaste o altar do Senhor como merece?

7. A bênção

Dado o beijo ao altar, de olhos levantados, ao começo, acompanhados, depois, da elevação dos braços, seguidos da composição das mãos e inclinação da cabeça para a cruz, diz o celebrante: "Que vos abençoe o onipotente Deus", e vira-se para o



"A bênção"

público, faz o sinal da cruz uma vez em posição perpendicular, dizendo: "Padre, Filho e Espírito Santo".

Resposta do acólito: "Amen".

* * *

Perguntando à História a respeito desta bênção litúrgica, ela nos responde que antes do século X não se conhecia, fora a bênção que o Pontífice soia dar aos bispos, sacerdotes e fiéis, quando se retirava do altar entrando na sacristia.

A única bênção então em voga foi a que se dava entre o "Pater noster" e a "Comunhão", sobre o que já discorreremos. Mas a partir do século X e XI alguns bispos preferiram dá-la nesta parte da Missa. Roma não demorou a imitá-los. Inventaram-se, então, novas fórmulas de bênção, que se generalizaram e foram adotadas por todos os bispos do século XIII e continuam a subsistir até hoje. Ei-las: "Sit nomen Domini benedictum, etc... Adjutorium nostrum... etc..., Benedicat vos omnipotens Deus..."

Esta bênção, porém, era reservada aos bispos; só aos poucos se foi introduzindo também entre os simples sacerdotes, e já pelo século XII se tornara geral.

Entenderam, entretanto, alguns sacerdotes que ao menos na fórmula da bênção haviam de distinguir-se dos bispos. Por isso encontram-se várias espécies de fórmulas; mas não tardou a intervir a autoridade suprema para pôr ordem a esse respeito. Alguns sacerdotes davam a bênção com a fórmula ainda hoje em uso: "Que vos abençoe o onipotente Deus, Padre e Filho e Espírito Santo".

Os dominicanos adotaram a fórmula: "Que a bênção de Deus onipotente, Padre e Filho e Espírito Santo desça sobre vós e permaneça sempre "convosco".

Hoje é só aos bispos e mais prelados permitido usar as fórmulas solenes acima apontadas.

Em muitos lugares era introduzido o costume de os simples sacerdotes fazerem tres sinais de cruces em nome das tres Pessoas da santíssima Trindade, mas em geral se contentavam com um único sinal.

Prefixada a uniformidade por Pio V, ficou assentado que os sacerdotes fizessem as tres cruces só em Missas solenes; mas o papa Clemente XIII,

modificando isto, prescreveu que aos simples sacerdotes era permitido só um sinal e formulassem as palavras sem canto, reservando os tres sinais e a benção cantada exclusivamente aos bispos, como quem só tem direito de abençoar o povo. Assim ficou.

* * *

Cristão, quando chegas a esta altura da santa Missa e reparas no sacerdote que levanta os olhos e os braços para o céu, pensa que ele faz isto para pedir de Deus a licença de derramar realmente a benção sobre ti.

E quando vês o celebrante que se volta para o povo, olha-o como a Cristo que em sua infinita bondade e misericórdia vem abençoar-te a ti e aos teus queridos. Ah, então, folga, rejubila! E' a benção do céu que vem sobre ti para confirmar-te no bem e corroborar em ti as graças do santo Sacrifício.

* * *

Meu Jesus, sacerdote eterno, vítima divina, a cruz com que o vosso representante me abençoa me dispense todas as graças que redimiram os homens! Amen.

8. O último Evangelho

Lançada a benção, encaminha-se o sacerdote para o lado do Evangelho, onde, de mãos postas, diz: "O Senhor seja convosco". Resposta do acólito: "E com o vosso espírito".

Depois prossegue dizendo: "Início do santo Evangelho segundo são João"; e acompanha esta frase com o sinal da cruz, traçado sobre o altar com o dedo polegar, persigna-se depois a si mesmo; para acabar compõe as mãos, enquanto diz: "No principio era o Verbo, e o Verbo era com Deus, e o

Verbô era Deus. Ele era no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e nada do que se fez, foi feito sem ele. Estava nele a vida e a vida era a luz dos homens, e a luz resplandece nas trevas, mas as trevas não a compreenderam. Houve um homem, enviado por Deus, cujo nome era João. Este veio para dar testemunho da luz, afim de que todos cressem por meio dele. Ele não era a luz, mas era para dar testemunho da luz. Era a luz verdadeira, que ilumina a todo homem que vem a este mundo. Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Mas a todos que o receberam deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, que crêm em seu nome. Que não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade de varão, mas de Deus. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós (genuflexão), e nós vimos a sua glória, glória como de Filho unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade”.

Responde o acólito: “Demos graças a Deus”.

* * *

Uma palavra sobre a história deste Evangelho.

E’ certo que antes do século XIII não entrava este Evangelho como parte integrante da Missa, ao menos nem os Sacramentários, nem os antigos “Ordines Romani”, nem os livros das “Usanças”, de Citeaux ou Cluní, nem finalmente os missais anteriores ao século XIII se referem a este Evangelho. Só depois, pelo século XIV, foi recitado por uns na sacristia, enquanto se desparamentavam; por outros ainda no altar, mas em voz baixa e para si.

Não demorou, porém, que o povo, sobretudo as mulheres, requeressem se pronunciassem tão lindas

e divinas palavras em voz alta. Isto se fez; e o costume se generalizou em toda a Igreja dentro em breve.

E' bom insistir que a integração deste Evangelho no fim da santa Missa é devida à piedade toda particular dos fiéis leigos. Estes chegavam a lê-lo no campo sempre que desabava uma borrasca, para obter a mercê do céu sobre as plantações ameaçadas de ruína.

Havia fundadores de benefícios eclesiásticos que punham como condição essencial o compromisso de se ler este Evangelho no fim de todas as Missas. Outros faziam questão que o sacerdote recitasse esta parte do Evangelho sobre o néo-batizado.

Compreende-se agora a "vox populi, vox Dei". Compreendeu-o o papa Pio V, que tornou esta leitura obrigatória e uniforme.

* * *

Observe-se que de quando em vez se lê, em lugar do Evangelho de são João, um trecho de outro Evangelho. Neste caso vigora a rubrica de se fazer a cruz, não sobre o altar, mas sobre o livro, e de se dizer, não "Início do santo, etc.", mas "Sequência do santo Evangelho, etc."

A razão de prevalecer outro Evangelho provém daqui, que, encontrando-se duas Missas no mesmo dia, se pode ler das duas a mais solene, na qual todavia não se pode omitir o Evangelho da menos solene, se este fôr próprio da festa.

* * *

Este trecho do Evangelho de são João, como o Evangelho todo, em sua adorável profundidade, é como um compêndio dos principais mistérios da nossa fé.

Que admira que aquela pessoa, de que fala santo Agostinho, desejasse ver escrito este Evangelho em letras de ouro em todas as Igrejas?

Que admira que inspirasse uma devoção de todo especial nos fiéis dos tempos antigos?

* * *

Oh! quanto fôra para desejar que os cristãos de hoje possuíssem uma maior devoção pelos Evangelhos que encerram a palavra divina! Por certo que se absteriam de vez dessas leituras insípidas, quando não deshonestas e imorais.

Oxalá começássemos desde agora a ler a sagrada Escritura, e não tardaríamos a lhe consagrar o mais decidido entusiasmo, porque nela há tudo que possa satisfazer o homem inteiro, a todas as suas qualidades morais e intelectuais!

* * *

Senhor Jesus, eis o nosso sincero "Deo gratias". Sim, nossos corações e nossas almas estão repassados do mais profundo reconhecimento para convosco agora que estamos para vos abandonar.

Voltamos agradecidos aos nossos trabalhos manuais. Saimos, despedimo-nos dos celebrados augustos mistérios. Tornamos às casas, para tornarmos à Missa nos próximos dias. Nada nos falta, Senhor, por hora, e o que nos resta por fazer é aproveitar, o mais que possamos, das graças e lições que nos dispensastes por vossa infinita munificência; é dizer-vos que sabemos que para vós o

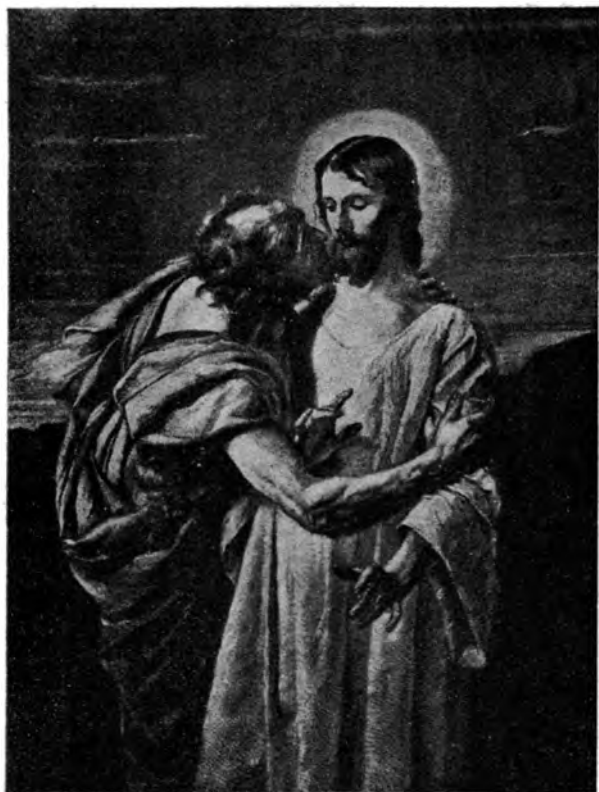
nosso melhor agradecimento, por tudo que nos fizestes, consiste em levarmos vida conforme aos ensinamentos que nos deixais do alto da cruz!



“Aos nossos trabalhos manuais”

Ó Senhor, graças ainda por me terdes mostrado a grandeza desta liturgia, que, apartando-nos da

terra, nos aproxima tanto do céu e do santo dos santos! O celebrante se une à côrte celeste, à Virgem das virgens, a Jesus, o sumo sacerdote, para



"Não sejas Judas"

vos agradecer, glorificar e cantar agora e por toda a vida de exercício sacerdotal. Amen.

AS ORAÇÕES FINAIS

Dito o “último Evangelho”, desce o celebrante do altar e se ajoelha no primeiro degrau e reza com o povo três Ave-Marias, uma Salve Rainha e as duas orações seguintes:

OREMOS:

Sac.: Deus, refúgio nosso e fortaleza, olhai propício pelo povo que a vós brada; e pela intercessão da gloriosa e imaculada Virgem Maria, Mãe de Deus, do bem-aventurado são José, seu castíssimo esposo, dos vossos bem-aventurados apóstolos, são Pedro e são Paulo e de todos os santos, ouvi benigno e misericordioso as súplicas que vos dirigimos pela conversão dos pecadores e pela liberdade e exaltação da santa madre Igreja. Pelo mesmo Cristo nosso Senhor.

Resp.: Amen.

Sac.: São Miguel arcanjo, defendei-nos no combate e resguardai-nos da malícia e ciladas do demônio! Suplicantes, imploramos, que Deus o reprima; e vós, ó príncipe da milícia celeste, a satanaz e aos outros espíritos malignos que andam no mundo para a perdição das almas, pela virtude de Deus, precipitai-os no abismo do inferno.

Resp.: Amen.

Segue a invocação repetida tres vezes:

Sac.: Sacratíssimo Coração de Jesus!

Resp.: "Tende piedade de nós".

* * *

O que deu origem a estas orações foram os assanhados e infernais ataques que iam recrudescendo de dia em dia pelo declinar do século XIX, movidos pelo racionalismo e modernismo contra os sacrosantos dogmas católicos e contra os mais sagrados princípios da moral cristã.

Daquí se entende aquella enérgica petição: "A satanaz e aos espíritos malignos precipitai-os no abismo do inferno".

Foram ditadas pelo Sumo Pontífice, Leão XIII, conservadas por Pio X e definitivamente sancionadas e prescritas para toda a Igreja por Bento XV.

O decreto da Sagrada Congregação dos Ritos de 23 de novembro de 1887 ordena que as ditas preces sejam recitadas immediatamente depois do "último Evangelho".

Por decreto de 19 de junho de 1911, baixado pela Congreg. dos Ritos, podem-se deixar as orações finais nas Missas votivas solenes e na Missa votiva não solene do Sagrado Coração de Jesus, rezada na primeira sexta-feira de cada mês.

A 20 de junho de 1913, amplou a dita Congregação esta exceção, estendendo a faculdade de omitir as orações também depois das Missas rezadas (não cantadas), se nelas se realizam os atos solenes da primeira comunhão, da comunhão geral, da recepção da crisma, da colação das Ordens, do matrimônio e da exposição do santíssimo Sacramento e de mais outras práticas excepcionais, de carater solene.

Í N D I C E

Preâmbulo	5
Introito ad Altare Dei	7
O sumo sacerdote	10

Tu es sacerdos in æternum

1— O grande passo para o sacerdócio	21
2— Alter Christus	24
3— O sacrificio	28
4— O sacrificio da Nova Aliança	30
5— O santo sacrificio da Missa	32
6— A Eucaristia-Sacramento	33

Paramentando-se

Paramentando-se	37
1— O amicto	37
2— A alva .	40
3— O cingulo	42
4— O manipulo	43
5— A estola	44
6— A casula	45
7— A dalmática	48
8— A sobrepeliz	49

As cores dos paramentos

1— O branco	52
2— O encarnado ou vermelho	52
3— O verde	53
4— O roxo	53
5— O preto	54
6— O róseo	54

Coisas do culto divino

1— A casa de Deus	57
2— Na casa de Deus	62
3— A pia da água benta	62
4— A aspersão — Caldeirinha com o hissopo	64
5— O canto-chão ou Gregoriano (cantoria)	66

6—O incenso — Naveta	70
7—O turíbulo	71
8—O altar (fixo, movel e portatil)	72
9—O tabernáculo	75
10—As toalhas	76
11—O corporal com a bursa	77
12—A pala	78
13—O purificadorio	78
14—O manutégio	79
15—O cálice com o véu	80
16—A vela com o castiçal	81

Ao pé do Altar

A santa Missa em geral	85
A divisão da santa Missa	92

I Parte — A oração preparatória

1—Idéa geral	97
2—O sinal da cruz	100
3—O “Introito”	102
4—O “Judica me, Deus”	104
5—O “Gloria Patri”	108
6—O “Adjutorium nostrum”	111
7—O “Confiteor” do celebrante	113
8—O “Misereatur”	118
9—O “Confiteor” dos fiéis	119
10—O “Aufer a nobis”	123
11—O “Oramus te”	127

II Parte — O officio divino deprecatório

1—Idéa geral	131
2—O celebrante incensa o altar	131
3—O “Introitus”	136
4—O “Kyrie eleison”	139
5—O “Gloria in excelsis”	143
6—O “Dominus vobiscum”	153
7—A “Oratio” ou “Collecta”	155

III Parte — O officio divino doutrinal

1—Idéa geral	161
2—A “Epístola”	161
3—O “Gradualis”, o “Versus Alleluia”, o “Tractus” e a “Sequentia”	167
4—O “Evangelium”	170
5—O “Credo”	180

4—A oração da oferta da água	
5—A oração da oferta do vinho	212
6—A incensão do Altar	219
7—O “Lavabo”	223
8—O “Suscipe, Sancta Trinitas”	228
9—O “Orate, Fratres”	231
10—A “Secreta”	235

V Parte — O santo sacrificio

A segunda parte principal

1—Idéa geral	242
2—A “Præfatio” e o “Sanctus”	243
3—O “Canon Missæ”	250
4—Do “Canon Missæ” em geral	259
5—Do “Canon Missæ” em particular	268
6—A Consagração	287
7—Depois da elevação	295

VI Parte — O banquete sacrificial

A terceira parte principal

1—Idéa geral	315
2—O “Pater noster”	316
3—O “Libera nos”	321
4—O “Agnus Dei”	331
5—A oração que precede ao ósculo — amplexo da paz	334
6—Mais duas preces antes da comunhão	338
7—A comurção	344

VII Parte — A despedida

1—As abluções	357
2—A antifona da comunhão	362
3—A “Postcommunio”	363
4—O “Ite, Missa est”	366
5—O “Placeat tibi” — Agradavel vos seja	369
6—O último ósculo	371
7—A benção	372
8—O último Evangelho	374
Orações finais	380